

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

ANA LUISA ZANIBONI GOMES

**Quem fala com o povo:
caminhos da radiodifusão comunitária
na cidade de São Paulo**

São Paulo
2014

ANA LUISA ZANIBONI GOMES

**Quem fala com o povo:
caminhos da radiodifusão comunitária
na cidade de São Paulo**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação.

Linha de Pesquisa: Comunicação e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Adilson Odair Citelli.

São Paulo
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gomes, Ana Luisa Zaniboni
Quem fala com o povo: caminhos da radiodifusão
comunitária na cidade de São Paulo / Ana Luisa Zaniboni
Gomes. -- São Paulo: A. Gomes, 2014.
250 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências
da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes /
Universidade de São Paulo.
Orientador: Adilson Odair Citelli
Bibliografia

1. Radiodifusão comunitária 2. Comunicação popular 3.
Perfil das rádios comunitárias em São Paulo 4. Programação
radiofônica 5. Rádio educativo I. Citelli, Adilson Odair
II. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

GOMES, Ana Luisa Zaniboni. **Quem fala com o povo: caminhos da radiodifusão comunitária na cidade de São Paulo.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico este estudo aos comunicadores populares que batalharam e ainda lutam por vez e voz nesta nossa cidade dos mil povos. Mas ofereço, especialmente, àqueles que, em algum momento e por algum motivo, desistiram de brigar por suas rádios e ficaram no meio da estrada. Só agora entendo: foi cansaço, tristeza ou mesmo descrença no poder público. Com altivez, foi preciso lidar com o que ainda lhes restara de decência.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Adilson Citelli, pelo acolhimento e orientação;

À Profa. Dra. Maria Immacolata Vassallo de Lopes e à Profa. Dra. Cícilia Maria Krohling Peruzzo, pelas avaliações e importantes sugestões apresentadas na Banca de Qualificação;

À Profa. Dra. Maria Cristina Palma Mungiolli, pela oportunidade de participar como estagiária do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) da disciplina *Linguagem Verbal dos Meios de Comunicação I*, do curso de graduação em Educomunicação;

Aos colegas Helena Corazza, Sandra Pereira Falcão, Maria do Carmo Souza de Almeida, Michel Carvalho da Silva, Eliana Nagamini, Elisangela Rodrigues da Costa, Cláudia Bredarioli e Rogério Pellizari de Andrade, pelas muitas trocas e experiências de bem estudar em grupo;

Aos funcionários do Centro de Comunicações e Artes (CCA) e do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM), pelo suporte de todas as horas;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de pesquisa nos dois últimos anos deste percurso acadêmico;

À equipe da OBORÉ, nas pessoas de Fátima Lima e João Paulo Brito, pela prontidão e incentivo, e em especial à Cristina Thomaz Cavalcanti, pela colaboração inestimável na pesquisa de campo;

Ao Carlos Guena, produtor e artista gráfico, pela criação dos mapas e vinhetas de identificação das emissoras, e pelo apoio à editoração;

Ao Ricardo Paoletti e Tatiana Vitta, pela ajuda nas traduções;

Ao meu círculo de queridas amigas, pela compreensão, pela torcida, pelo afago;

À minha mãe, Judith Maria Zaniboni Gomes, companheira, apoiadora incondicional e guardiã de minhas escolhas;

Ao meu pai, José Anchieta Gomes Filho (*in memoriam*), pelo incentivo sem limites e pelas lições de franqueza e lealdade, que tanto me marcaram;

Aos meus irmãos José Anchieta Gomes Neto, Paulo Ricardo Zaniboni Gomes e Antonio Marcos Zaniboni Gomes, pela convivência alegre e solidária que conseguimos construir e preservar em nossas vidas;

Ao Sergio Gomes, pela capacidade de sonhar – o possível e o impossível -, e sempre seguir em frente.

Ó mundo tão desigual
Tudo é tão desigual
O, o, o, o
De um lado este carnaval
De outro a fome total
O, o, o, o

Gilberto Gil, Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone

Levar à consciência os mecanismos que tornam a vida dolorosa, inviável até, não é neutralizá-los; explicar as contradições não é resolvê-las. Mas, por mais cético que se possa ser sobre a eficácia da mensagem sociológica, não se pode anular o efeito que ela pode exercer ao permitir aos que sofrem que descubram a possibilidade de atribuir seu sofrimento a causas sociais e assim se sentirem desculpados [...]; fazendo conhecer amplamente a origem social, coletivamente oculta, da infelicidade sob todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e as mais secretas.

Pierre Bourdieu

RESUMO

GOMES, Ana Luisa Zaniboni. **Quem fala com o povo: caminhos da radiodifusão comunitária na cidade de São Paulo.** 2014. 250 f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Nosso estudo recupera o percurso de emissoras comunitárias na cidade de São Paulo a partir de suas legalizações, buscando, especificamente, os procedimentos adotados por suas equipes para definir e organizar a sua programação, para se relacionar com os seus ouvintes, para resolver suas questões de sustentabilidade financeira e ainda refletir se na emissora há lugar para Educação. Exercitamos formas diferenciadas de analisar as grades de programação dessas emissoras, aqui compreendidas como recursos que guardam informações múltiplas e que podem ser reveladores do tipo de trabalho que desenvolvem. Tivemos como pressuposto o fato de que, se consideradas em seus propósitos e nas formas como são concebidas, planejadas e organizadas, as ofertas de programação de uma emissora revelam a identidade dessa rádio e podem também desvelar as competências comunicativo-educativas que priorizam em sua trajetória. Assim, considerando as afirmações de Roldão (2006) e Peruzzo (2011) de que a caracterização de uma emissora está no seu uso e nos conteúdos que gera, nossa constatação partiu da análise de três aspectos: conteúdos de programação da emissora, grau de interlocução com o ouvinte e forma pela qual expressa o seu compromisso com os rumos da comunidade. Na prática, percebemos uma emissora com pouco espaço de participação do ouvinte, fôlego e entusiasmo reduzidos para mudanças e com sérios problemas de sustentação financeira. Os apoios culturais, única forma de aportar recursos de patrocinadores ou anunciante, são regulados por orientações bastante restritivas. Legalizadas, ainda não ousam buscar modelos e formatos diferenciados de programação, tampouco imprimem gestões mais democráticas na condução de suas equipes em nome da lei da radiodifusão comunitária, que precisam respeitar para não perderem a autorização de funcionamento. Neste contexto contraditório, nos orientou um sistema de hipóteses no qual a grande maioria das emissoras de baixa potência em operação na cidade já está sem fôlego em função das restrições que comprometem sua sobrevivência e que estão impostas na lei que as regulamentou. Percebemos também que cada emissora criou um jeito de marcar presença no cenário da radiodifusão e está forjando uma nova identidade, ainda em construção.

Palavras - chave: Radiodifusão comunitária. Comunicação popular. Perfil das rádios comunitárias em São Paulo. Programação radiofônica. Rádio educativo. Comunicação e Educação.

ABSTRACT

GOMES, Ana Luisa Zaniboni. **Who talks to the people: the community broadcasting way in the city of São Paulo.** 2014. 250 f. Thesis (Ph.D.) – Escola de Comunicações e Artes, University of São Paulo, São Paulo, Brazil, 2014.

Our study recovers the path of community radio stations in São Paulo from its legalization, specifically seeking the procedures adopted by their teams to define and organize your schedule, to relate to their listeners, to solve their issues of financial sustainability and also reflect if there is a place for education on the radio station. We have exercised different ways of analyzing the programming grids of those stations, here understood as resources that keep multiple kinds of information and may reveal the type of work they develop. We presuppose the fact that, if considered in its purpose and the ways they are designed, planned and organized, offers of a station programming reveal the identity of this radio and can also reveal the communicative and educational skills that prioritize in its path. Considering the claims of Roldão (2006) and Peruzzo (2011) that the characterization of a station is in its use and the content it generates, our findings came from analysis of three aspects: the station's program content, degree of dialogue with the listener and the way in which he expresses his commitment to the direction of the community. In practice, we find a station with little space for the participation of the listener, with reduced enthusiasm for change and with serious problems of financial support. Cultural supports, the only way to provide resources for sponsors or advertising, are regulated by quite restrictive guidelines. Legalized radio stations, do not dare to seek models and differentiated programming formats yet, nor have more democratic management in the conduct of their teams on behalf of the law of community radio broadcasting, which must respect not to lose the license to operate. In this contradictorily context, we were guided in a system of hypotheses in which the vast majority of low power stations operating in the city is already breathless if you considered the restrictions that compromise their survival and that are imposed in the law that regulated them. We also saw that each station has created a way to be present at the scene of broadcasting and is forging a new identity, still under construction.

Keywords: Community radio broadcasting. Popular communication. Profile of community radios in Sao Paulo. Radio programming. Radio education. Communication and Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Emissoras comunitárias legalizadas na cidade de São Paulo.....	55
Quadro 2	Dados recuperados das emissoras no 2º semestre de 2013: pesquisa documental, visitas <i>in loco</i> e entrevistas	64
Quadro 3	Programação da Rádio Águia Dourada FM	71
Quadro 4	Programação da Rádio Cantareira FM	85/86
Quadro 5	Programação da Rádio Everest FM	103/104
Quadro 6	Programação da Rádio Heliópolis FM	117/118
Quadro 7	Programação da Nova Paraisópolis FM	135
Quadro 8	Programação da Rádio Star Sul FM	149

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Localização geográfica das rádios comunitárias com autorização para operar no município de São Paulo, identificadas na tabela pelo nome de suas associações mantenedoras	18
Figura 2	Localização geográfica da amostra de pesquisa: onze rádios comunitárias que operam no município de São Paulo. Em laranja, as seis emissoras com as quais conseguimos concluir a pesquisa	57
Figura 3	Rota para o Jardim Ângela, zona sul de São Paulo	66
Figura 4	Front page do site da Águia Dourada [www.aguiadouradafm.com.br] ..	72
Figura 5	Rota para a Rua Jorge Pires Ramalho, 71, na Brasilândia	79
Figura 6	Front page do site da Rádio Cantareira [www.radiocantareira.org]	84
Figura 7	Divulgação do programa Meu Caro Amigo (Cantareira FM)	87
Figura 8	Divulgação do programa semanal Megafone (Cantareira FM)	87
Figura 9	Divulgação do boletim sobre poesia no programa Megafone	87
Figura 10	Detalhe do site em que aparece, em destaque, a campanha de arrecadação de fundos para a manutenção da Cantareira FM	92
Figura 11	Rota para a Avenida do Oratório nº 6022, na Vila Prudente	96
Figura 12	Front page do site da Rádio Everest [www.everestfm.com.br]	102
Figura 13	Rota para a Rua Paraíba, 76, Vila Heliópolis, no Sacomã	110
Figura 14	Website da Rádio Heliópolis [www.radioheliopolisfm.com.br]	124
Figura 15	Rota para a Rua Ernest Renam, 1366, na Vila Andrade	128
Figura 16	Website da Rádio Nova Paraisópolis [www.radionovaparaopolis.org/]	134
Figura 17	Logomarca da Nova Paraisópolis - a voz da comunidade	138
Figura 18	Rota para a Av. João Barreto de Menezes, 715 – Vila Santa Catarina	142
Figura 19	Front page do site da Star Sul [www.starsulfm.com.br]	151

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Fachada da Rádio Águia Dourada, Parque Figueira Grande, Jardim Ângela	67
Foto 2	Glaysson Reis e Teca Magalhães no estúdio da Águia Dourada FM ...	68
Foto 3	No ar, o programa de forró de raiz de Felisberto Ribeiro	73
Foto 4	Recado da direção da Águia Dourada aos comunicadores: Não é permitido expressar opiniões próprias sobre qualquer religião ou preferência política na programação da emissora	75
Foto 5	Coordenadora da Rádio Cantareira, Juçara Zottis, no estúdio da emissora	80
Foto 6	Sede da Rádio Cantareira FM, na Vila Isabel, Brasilândia	81
Foto 7	Fachada da Rádio Everest FM, na zona leste de São Paulo	97
Foto 8	Maria Rita Paes Falcone no comando da programação da Everest FM ...	98
Foto 9	Um dos estúdios da Everest FM, que comporta até dez convidados sentados	98
Foto 10	Logomarca da emissora Everest FM 87,5	106
Foto 11	Entrada do bairro de Heliópolis. Foto de Gil Felix / Globo.com / Ação Cidadania	108
Foto 12	Área recentemente reurbanizada de Heliópolis, com projeto do arquiteto Ruy Ohtake	108
Foto 13	Gerô Barbosa coordenou importantes mobilizações na época em que a Rádio Heliópolis foi fechada, em 2007, e reabriu em caráter experimental como rádio educativa	109

Foto 14	Reginaldo José, o Régis, coordenador geral da Rádio Heliópolis FM ...	110
Foto 15	Sede da Rádio Heliópolis durante reforma	111
Foto 16	Danilo Barreto, o Mano Zóio: herdeiro de Rappin Hood, comanda o programa Revolução Rap há mais de uma década na comunidade	120
Foto 17	A sede da Nova Paraisópolis FM está localizada no andar superior do prédio da Associação de Moradores	128
Foto 18	Joildo Barreto no estúdio principal da Nova Paraisópolis	129
Foto 19	Osmar Ribeiro, diretor da Rádio Star Sul FM, na Vila Santa Catarina ...	143
Foto 20	A sede da Rádio Star Sul fica no andar superior do prédio da Avicultura e Casa de Umbanda Jurema	144
Foto 21	Junto das imagens de Yemanjá e de Jesus Cristo, o mascote da loja, o galo indiano Juvenal, transita pelo estabelecimento, pela rádio e é conhecido de todos que passam por ali	145
Foto 22	Delegado participativo do orçamento municipal na gestão da Prefeita Marta Suplicy (2000-2004), Sr Osmar atuou também como Juiz de Paz durante quatorze anos. Hoje, cuida do seu comércio e dirige as atividades beneficentes da rádio	150
Foto 23	O superintendente da Anatel em SP, Everaldo Gomes Ferreira, explica a destruição dos equipamentos apreendidos pela Polícia Federal. Ao fundo, a então vice-prefeita Alda Marco Antonio e o prefeito Gilberto Kassab. Foto de Lucas Krauss	156
Foto 24	Rolo compressor destruiu 17 mil discos e cds, 750 transmissores, 70 antenas e dezenas de computadores e aparelhos de som. Foto de Lucas Krauss	157

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 COMUNICAÇÃO, RÁDIO E EDUCAÇÃO.....	23
1.1 Comunicação e Educação	23
1.2 Rádio e Educação	30
1.2.1 <i>Rememorando vínculos</i>	32
1.3 As rádios de baixa potência no contexto da comunicação alternativa, populár e comunitária	36
1.4 A questão das rádios comunitárias, hoje	39
2 ABERTAS PARA BALANÇO.....	44
2.1 Breve contexto	44
2.2 Assunto e problema de pesquisa	47
2.3 Hipóteses	47
2.4 Objetivos gerais, específicos, teóricos e práticos	49
2.5 Referencial teórico	50
2.6 Metodologia de pesquisa	54
2.6.1 <i>Delimitação do Universo e Amostra</i>	54
2.6.2 <i>Técnicas de Coleta de Dados</i>	56
2.6.3 <i>Sobre a Descrição e a Interpretação dos Dados</i>	60
3 REFAZENDO O PERCURSO DA PESQUISA	62
3.1 Detalhamento do processo de pesquisa	62
3.2 Descrevendo os dados	64
3.2.1 <i>Rádio Águia Dourada FM</i>	65
3.2.2 <i>Rádio Cantareira</i>	78
3.2.3 <i>Rádio Everest</i>	94
3.2.4 <i>Rádio Heliópolis</i>	107
3.2.5 <i>Rádio Nova Paraisópolis</i>	126
3.2.6 <i>Rádio Star Sul FM</i>	140
3.3 Interpretando os dados	152
3.3.1 <i>Compromissos com a comunidade</i>	162
3.3.2 <i>Relacionamento com ouvintes e aferição da audiência</i>	166
3.3.3 <i>Ofertas de programação</i>	174
3.3.4 <i>A rádio na internet</i>	179
3.3.5 <i>Um espaço educador</i>	184
3.3.6 <i>Questões de sustentabilidade</i>	189
CONCLUSÃO	193
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	199
ANEXOS	208

INTRODUÇÃO

Carlo Levi (1956), pintor, ensaísta e escritor italiano, imortalizou a expressão *Il futuro ha un cuore antico* - frase que nos inspira a apresentar o cenário desta pesquisa e a perspectiva que nela adotamos: revisitar a linha do tempo através da qual se institucionalizou o serviço de radiodifusão comunitária na cidade de São Paulo e por ela caminhar até os dias atuais.

Ao nos abrir, consentidamente, suas portas, e se deixarem acompanhar em algumas de suas atividades cotidianas, tivemos a oportunidade de compreender um pouco mais a trajetória dessas pequenas emissoras. E de conhecer suas lutas por sobrevivência frente aos muitos desafios - atuais e os que ainda estão por vir - em um contexto socioeconômico, político e tecnológico que, de forma silenciosa e insidiosa, se modifica muito rapidamente. Até quando essas rádios sobreviverão? Entende Alfredo Bosi que “no coração de cada homem do povo convivem uma resignação fundamental e uma esperança sempre renascente.” (BOSI, 2010, p.326).

No Brasil, a gênese das emissoras de pequeno alcance remonta à década de 1970, com o fenômeno das rádios livres e experiências populares de comunicação - como os serviços de alto-falantes, o rádio-poste ou a rádio corneta. Para Gisela Ortrivano (1985), as rádios livres eram vistas inicialmente como uma atividade juvenil em busca de um meio próprio de expressão, dados os baixos custos e as facilidades tecnológicas para a montagem dos equipamentos e transmissores de FM. Destaca Cicília Peruzzo (1998) que a utilização de sistemas de alto-falantes em postes respondia a algumas necessidades importantes dos movimentos populares da época, como transmitir programas e ter meios mais eficientes de mobilização. Vale lembrar que o movimento das rádios livres protagonizou lutas importantes por alterações no então Código Brasileiro de Telecomunicações - o que abriu possibilidade para que as emissoras alternativas, de pequeno alcance e que não buscavam publicidade comercial, passassem a utilizar esse novo tipo de exploração do rádio.

Oficialmente, a radiodifusão comunitária passou a existir como um serviço público regular no país a partir da Lei 9.612, assinada pelo então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, e por seu Ministro das Comunicações, Sergio Motta, em 19 de

fevereiro de 1998¹. Dez anos, portanto, de promulgada a Constituição que assegurou ao povo brasileiro, no bojo da redemocratização do país, seu direito à livre manifestação de ideias e opiniões, sem qualquer restrição, e reconheceu a importância da participação da sociedade civil na formulação, execução, acompanhamento e fiscalização das políticas públicas.

A legislação em vigor define a rádio comunitária como um serviço de radiodifusão sonora que atua em frequência modulada, baixa potência e alcance restrito. Sua área de cobertura é limitada ao raio de, no máximo, mil metros contados a partir da antena instalada. O equipamento de transmissão, obrigatoriamente certificado pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), opera com potência máxima de saída de 25 watts. Trata-se de uma pequena estação de rádio que tem como objetivo proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades.

Pela lei, a programação diária de uma emissora comunitária deve estimular tudo o que possa contribuir para o desenvolvimento da comunidade, sem discriminação de raça, religião, sexo, convicções político-partidárias e condições sociais, dando oportunidade à manifestação das diferentes opiniões sobre um mesmo assunto.

O texto oficial também define que a execução desse tipo de serviço está restrita às fundações e associações sem fins lucrativos, legalmente constituídas e registradas, com sede na comunidade. Seus dirigentes devem ser brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos, maiores de 18 anos, ali residentes e domiciliados.

A entidade candidata-se a uma autorização para operar uma rádio comunitária através de encaminhamento de formulário de demonstração de interesse ao Ministério das Comunicações, em Brasília. Se houver canal disponível para a localidade, o Aviso de Habilitação é publicado no Diário Oficial da União e a solicitante deve entregar todos os documentos dentro do prazo estabelecido. A autorização é concedida por dez anos,

¹ A Lei que instituiu o Serviço de Radiodifusão Comunitária no Brasil foi regulamentada pelo Decreto 2.615/98 e suas atividades definidas conforme a Norma Complementar 002/98 e Portaria 83 de 19/07/99. Em fevereiro de 2002, a Lei foi alterada com a finalidade de aumentar o prazo de outorga para 10 anos e autorizar renovações por igual período. O Serviço de Radiodifusão Comunitária ganha novos contornos através da Norma Complementar 001/2004 e Portaria nº 448, de outubro de 2005. Toda a legislação pode ser consultada no site do Ministério das Comunicações, acessando < <http://www.mc.gov.br/rc/lei/>>.

podendo ser renovada por igual período. Cada entidade pode receber apenas uma autorização e está proibida de transferi-la a terceiros.

O Ministério das Comunicações e a Anatel advertem que uma rádio comunitária não pode ter fins lucrativos nem vínculos de qualquer tipo com partidos políticos ou instituições religiosas. Ressaltam também que a instalação e o funcionamento de uma estação de rádio, sem a devida autorização, é crime federal, punido com prisão dos responsáveis e apreensão dos equipamentos. Tal penalidade é aplicada não somente ao proprietário da estação clandestina, mas a todos que, direta ou indiretamente, estejam a ela ligados - instaladores, vendedores, fabricantes de equipamentos ou mesmo anunciantes.

Dado importante a considerar neste nosso estudo é que desde que a lei da radiodifusão comunitária entrou em vigor no país, em 1998, a cidade de São Paulo e outros dez municípios vizinhos (Arujá, Itapevi, Itapetereca da Serra, Osasco, Santo André, São Bernardo, São Caetano, São Lourenço da Serra, Taboão da Serra e Vargem Grande Paulista) só foram contemplados com Aviso de Habilitação em dezembro de 2006, mesmo depois de a Anatel ter designado, em 2004, o canal 198 para esse serviço na capital. Antes disso, nenhuma dessas rádios funcionava em caráter legal.

A primeira rádio legalizada na cidade foi a da comunidade de Heliópolis, em agosto de 2007, para fins educacionais e em caráter experimental. (GOMES, 2007a). Em dezembro de 2008, nova portaria ministerial autorizava o funcionamento de mais trinta e três pequenas emissoras. Em julho de 2010, um ano e meio após o anunciado oficial, outras vinte e duas rádios² já estavam autorizadas a operar.

² Associação Cultural Comunitária Everest (Jardim Ângela, zona leste); Associação Cultural Comunitária Ternura de Perus (Jardim Adelfiore, zona oeste); Associação Cantareira (Vila Isabel, zona norte); Associação Cidadã (Vila Polopoli, zona oeste); Associação Comunitária de Comunicação e Cultura do Tucuruvi (Vila Mazzei, zona norte); Associação Cultural Amigos do Brooklin (Cidade Monções, zona sul); Associação Cultural Comunitária Asa Dourada (Jardim Marquesa, zona sul); Associação Cultural Comunitária da Paz (Jardim Moraes Prado, zona sul); Associação Cultural Comunitária do Imirim (Santa Terezinha, zona norte); Associação Cultural Comunitária Inteira Ação (Chácara Belenzinho, zona leste); Associação Cultural Comunitária LBR (Cidade D´Abril, zona oeste); Associação Cultural Comunitária Liberdade (Parque Savoi City, zona leste); Associação Cultural Comunitária Zona Sul (Parque São José, zona sul); Associação Cultural Rádio Comunitária Tiradentes FM (Chácara Santa Etelvina, zona leste); Associação de Difusão dos Amigos de Vila Alpina (Vila Alpina, zona leste); Associação e Movimento Comunitário Beneficente Educativa Cultural Saúde FM (Vila Água Funda, zona sul); Associação Mensagem de Esperança (Bom Retiro, centro); Sociedade Cultural Cívica Brasileira (Limão, zona norte); Associação Cultural Comunitária Princesa Isabel (Vila Princesa Isabel, zona leste); Associação Cultural Rádio Livre

Entretanto, onze delas ainda esperavam liberação de seus processos pelo Congresso Nacional³. (GOMES, 2010). Os avais foram ocorrendo ao longo do segundo semestre de 2010 e durante todo o ano de 2011. Do quadro atual da radiodifusão comunitária na cidade de São Paulo constam, portanto, trinta e quatro emissoras comunitárias legalizadas. (Figura 1). É neste cenário que transitamos.

Nesse sentido, a possibilidade de acompanhar, através desta pesquisa, as operações que deram suporte à construção de suas identidades enquanto veículos de comunicação, foi de fundamental importância para discutir, de forma crítica e relativizada, o papel cultural, educativo e simbólico dessas vozes cravadas nas periferias da maior cidade do Brasil. Tal acompanhamento também nos ajudou a recuperar uma história marcada por perdas e ganhos, encontros e desencontros, avanços e retrocessos. Dos desbravadores desses caminhos, muitos desistiram, outros insistiram. Quem são os que falam hoje com os moradores das franjas de nossa cidade? Falam sobre o quê? Como estão organizadas, como se sustentam e de que tratam as suas programações?

Importante aqui destacar de onde nos chegam essas questões e por quê se transformaram em tema de investigação. Em pesquisa de mestrado que defendi no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM – USP), em 2007, alguns dados secundários ajudaram a delinear, à época, a estrutura de programação de 19 rádios comerciais e 59 comunitárias em 77 municípios de 17 estados do Brasil. (GOMES, 2007b). Tais informações foram referenciadas a partir de três indicadores: horário de funcionamento da rádio, gênero de programas oferecidos aos ouvintes e percentual de ocupação de cada uma das atrações no quadro total da programação da emissora.

Comunitária Studio 100 FM (Pirituba, zona oeste); União de Moradores e do Comércio de Paraisópolis (Vila Susana, zona sul) e Associação Cultural de Radiodifusão de Vila Dalila (Vila Guilhermina, zona leste).

³ De acordo com as informações monitoradas e sistematizadas pela OBORÉ (www.obore.com) a partir da base de dados do Serviço de Radiodifusão Comunitária do Ministério das Comunicações, em 6 de julho de 2010, são elas: Associação Brasileira de Qualificação e Ensino Pró-Rádio (Vila Monumento, Zona Sul); Associação Casa da Cidade (Sumarezinho, Zona Oeste); Associação Cultural Comunitária Milênio (Itaim Paulista, Zona Leste); Associação Cultural Comunitária Pró Desenvolvimento Infantil de Parelheiros (Chácara São Silvestre, Zona Sul); Associação Cultural Comunitária Star Sul (Vila Santa Catarina, Zona Sul); Associação de Comunicação Comunitária Alvorada do Bairro Pedreira (Vila dos Andradas, Zona Sul); Associação Rádio Comunitária Caminho para a Vida (Jardim Pérola II, Zona Leste); Associação Videomaker do Brasil (Vila Regina, Zona Oeste); Comunidade Spicilegium Dei de Amparo Social e Cristão (Jardim Belém, Zona Leste); Organização dos Moradores de Pirituba (Vila Pirituba, Zona Oeste) e União Social do Jardim Santana e Adjacências (Vila Rosaria, Zona Leste).

Rádios comunitárias legalizadas na cidade de São Paulo

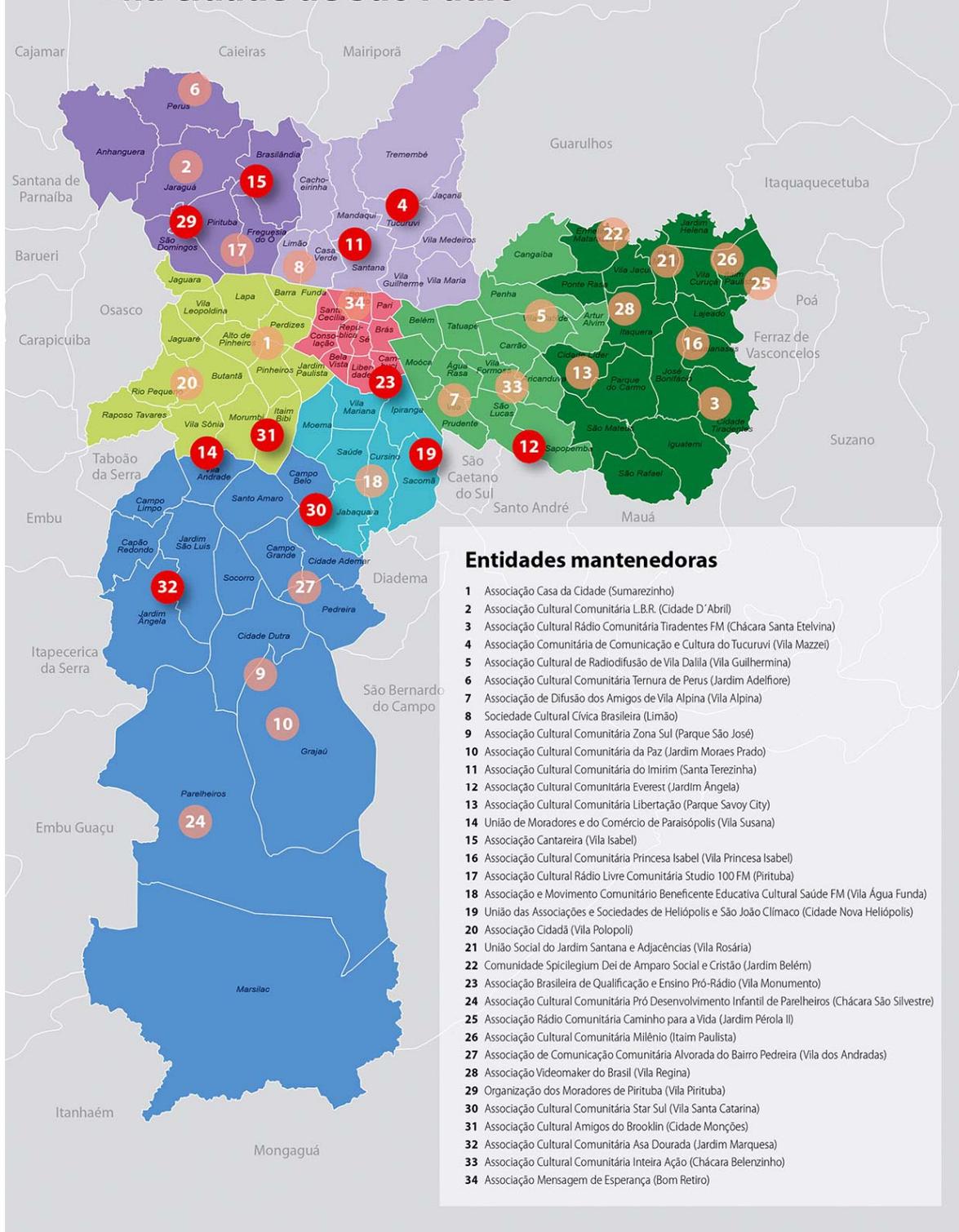


Figura 1: Localização geográfica das rádios comunitárias com autorização para operar no município de São Paulo, identificadas na tabela pelo nome de suas associações mantenedoras. Fonte: Serviço de Radiodifusão Comunitária do Ministério das Comunicações / Prefeitura Municipal de São Paulo – Infocidade / OBORÉ.

Devidamente analisadas, tais informações, de caráter preliminar, apontavam um rádio que operava, em média, 17 horas diárias, das quais 60% dedicadas à música, 30% aos programas de variedades e 10% ao jornalismo. Neste último caso, o único horário noticioso de 34% das emissoras brasileiras era proveniente da retransmissão obrigatória do programa A Voz do Brasil, de segunda a sexta-feira, em rede nacional.

... um ouvinte sintonizado em tempo integral em uma rádio comunitária invariavelmente ouvirá mais de dez horas de música sertaneja, jovem guarda, forró e brega, com grande possibilidade também de passar várias horas embalado ao som de hinos evangélicos e sermões religiosos. Notícia jornalística mesmo esse ouvinte só terá através das oficiais, uma vez que grande maioria dessas emissoras tem nos 60 minutos da Voz do Brasil o único espaço dedicado ao noticiário. Mas esse ouvinte terá ali mais chance de passar um recado ao vivo ou reclamar dos problemas da sua rua ou do seu bairro. Poderá conhecer as ofertas de empregos na sua região, saber das reuniões de sua associação, atualizar-se com as fofocas do mundo artístico, ouvir o resumo das novelas ou acompanhar as simpatias quentes para aquele dia. Terá chance de ouvir programas institucionais produzidos por sindicatos de trabalhadores rurais e urbanos, por postos e unidades de saúde, conselhos comunitários de segurança, conselhos tutelares e associações de moradores, programas recreativos e educacionais para o público infantil, conversas com adolescentes e espaços dedicados aos grupos e bandas locais. Poderá ouvir dicas de pechinchas e permutas, piadas, leitura de textos literários e poesias, conselhos veterinários para animais domésticos, boletins das atividades das escolas divulgados ao vivo por seus professores e informações dos poderes locais como câmaras, prefeituras e secretarias municipais. (GOMES, 2007b, p. 129-130).

Outro aspecto importante revelado no estudo acima citado dizia respeito à questão das habilidades gerais e específicas para lidar com o veículo: um em cada três comunicadores do rádio nunca tinha feito curso algum - nem na área radiofônica nem em assuntos de interesse jornalístico ou geral - desde que começou a atuar, profissional ou voluntariamente, nos microfones de alguma emissora. Ao comentar as dificuldades cotidianas, os entrevistados referiam-se à falta de conhecimento para organizar uma programação, produzir conteúdos e trabalhar com as novas tecnologias. Comunicadores comunitários relataram dificuldades na área jurídica e técnica, com ênfase na sustentabilidade e organização de programação.

Uma das sugestões então apontadas pela banca examinadora, a título de pesquisas futuras, foi um estudo de maior fôlego concentrado em grades de programação - proposta que aqui se cumpre parcialmente não apenas para destacar o trabalho cotidiano de rádios comunitárias que operam em solo paulistano, mas investigar de que forma os responsáveis pela condução dessas rádios estariam respondendo ao desafio concreto de organizar a programação da emissora do bairro e de mantê-la no ar, conferindo-lhe identidade própria.

Cumpramos esclarecer que a motivação para este tipo de estudo baseado em conteúdos e repertórios não é recente. Suas raízes estão nas questões da formação – conceito aqui empregado não como sinônimo de erudição ou conhecimento especializado, e sim de outras formas de ensino/aprendizagem que colaboram no desenvolvimento do espírito crítico e forjam homens autônomos e emancipados, como sugeriam Benjamin e Adorno. (BOLLE, 1997, p. 9-34).

Mas há também um aspecto pessoal e afetivo igualmente mobilizador que aqui, pessoalmente, me permito compartilhar, lembrando do que dizia Gramsci, que só investigamos de verdade o que nos afeta: grande parte de minha atuação profissional esteve ligada a atividades de comunicação voltadas a trabalhadores, tanto do meio urbano quanto rural, lideranças comunitárias e movimentos populares. (GOMES, 2001; 2003; 2007a; 2007c). Nessas realidades onde imperam outras palavras e outros modos de comunicar, o rádio tem papel ímpar, pois no mundo de pouca escrita o tempo de ouvir e de falar é muito importante.

Por isso, é também a partir de um coração antigo que pulsa no presente e está antenado no futuro que tentamos igualmente explorar e aqui compreender os tempos possíveis dessas emissoras - outrora locais, hoje mundiais por conta dos novos recursos tecnológicos e do acesso à internet. Nesse macro contexto, como lidar com os conteúdos, pensando não só a tarefa cotidiana desenvolvida pelos radialistas nos microfones das emissoras, mas o variado universo digital a que muitos ouvintes têm acesso, incluindo as redes virtuais sociais?

Sabemos que, especialmente em territórios com várias interfaces, como o da Comunicação, a troca de saberes e experiências é um processo social, cultural, político, econômico e, atualmente, sobretudo, técnico. Temos especial interesse em focar episódios em que Comunicação e Educação se encontram, podendo gerar novas formas de ver e

entender o mundo, ressignificando a *práxis* cotidiana e tudo o que dá sentido a ela. Essas rádios também se compreendem como espaços educadores? Nelas, há lugar para a Educação⁴?

Um exemplo significativo é a reflexão que faz Adilson Citelli (2006) ao discutir as relações entre Comunicação e Educação emanadas do discurso verbal – essência, matéria prima da mídia rádio, nosso objeto de estudo. O autor considera que a linguagem verbal – a palavra em interação de mão dupla com a cultura – compõe códigos complexos que ajudam a promover um novo *sensorium* e ainda tem papel fundamental, mesmo em uma sociedade que parece toda ela ancorada na imagem. Para o pesquisador, a linguagem verbal continua desempenhando papel determinante nas relações intersubjetivas, na constituição das sociabilidades, nas manifestações emotivas, nas experiências cognitivas e nos processos que irão resultar na própria construção de muitos produtos visuais que nos cercam, seja televisão, rádio, jornal, internet, híbridos ou multiplataformas.

Neste contexto, defendemos, como Citelli (2010), o rádio como um espaço pertinente para alguns diálogos possíveis entre Comunicação e Educação, o que resgata, inclusive, a vocação que marca o início das suas transmissões no Brasil. Também reconhecemos o potencial educativo dos veículos de comunicação, especialmente os de expressão popular e comunitário, tal como analisa Peruzzo (2002). E entendemos, como na reflexão de Baccega (2011), que os meios de comunicação em geral, assim como a escola e a família, comportam-se como agências de socialização, ou seja, de formação e construção da cidadania. Por isso, as rádios comunitárias estão aqui tratadas como espaços potencialmente educativos que dialogam com suas comunidades a partir de valores que se expressam, sobretudo, em suas programações. De fato, a pesquisa de campo nos ajudou a compreender como esse processo se opera e se manifesta, no cotidiano.

⁴ Referimo-nos aqui à educação informal, termo atribuído à educação desenvolvida fora dos estabelecimentos de ensino ou que ocorre sem planejamento curricular, em espaços da vida cotidiana, como em atividades culturais, na família ou em grupos de interesses comuns. Segundo Maria da Glória Gohn (2006), vão desde as contidas num planfeto de rua, numa notícia de televisão, numa manchete de jornal, num cartaz de propaganda num ônibus, até informações orais não estruturadas. A autora refere-se a outros dois tipos de educação - a educação não formal, constituída por todos os processos educativos não curriculares, mas estruturados, tais como cursos, conferências etc, e a formal, estruturada nos currículos escolares. “Fundamentalmente aprendemos nesses três tipos de educação, mas, cada vez mais, a educação não- formal e a informal têm uma grande importância neste processo.” (GOHN, 2006).

As páginas a seguir procuram, portanto, ordenar histórias, teorias e práticas. Há nelas um fio condutor. O Capítulo 1 revisita bibliografias, procura sistematizar conceitos e aproximar os estudos teóricos que animam as inter-relações Comunicação e Educação às reflexões sobre o rádio e sua face comunitária e educativa. Também contextualiza a rádio comunitária na perspectiva da comunicação alternativa, popular e comunitária e no cenário sociopolítico nacional, fixando a problemática vivida por seus protagonistas no território fisicamente delimitado da cidade de São Paulo – o objeto em cena. O Capítulo 2 apresenta a proposta teórica e metodológica da pesquisa propriamente dita, que persegue o objetivo de investigar rádios comunitárias que funcionam na cidade de São Paulo. Para tanto, nosso interesse direto está em saber a trajetória percorrida por essas emissoras após a legalização, principalmente como estão resolvendo questões importantes como sustentabilidade e organização de seus conteúdos de programação. O retrato e percurso de cada uma das emissoras pesquisadas aparecem, em detalhes, nos dados sistematizados do Capítulo 3. Já no Capítulo 4 apresentamos nosso objeto de estudo analisado e interpretado sob o prisma científico - ponto alto a que toda pesquisa almeja quando amadurece e cumpre a parte a que se propôs no avanço do conhecimento.

Esperamos que os propósitos e resultados deste trabalho que aqui relatamos contribuam, de fato, com uma nova visão do papel dessas pequenas emissoras na ressignificação do mundo real e simbólico das comunidades a que servem. Oxalá sobrevivam por muito tempo e continuem fazendo história.

1 COMUNICAÇÃO, RÁDIO E EDUCAÇÃO

1.1 Comunicação e Educação

Citelli & Costa (2011) apontam que estudos relatando experiências de aproximação entre os campos da Comunicação e da Educação remontam às décadas de 1930 e 1940 e derivam das inquietações da sociedade frente à expansão dos meios de comunicação de massa no século XX.

Proposições e reflexões teóricas sobre essa inter-relação já eram discutidas nos Estados Unidos, nos anos 1930, com o surgimento da televisão. Na Europa, especialmente na Itália e antes mesmo da passagem para os anos 1920, a perspectiva gramsciana de hegemonia política reposicionava o papel educativo, formativo e cultural da comunicação ao discutir a natureza e a função dos grupos sociais e cunhar conceitos como intelectual orgânico, comunicador integral e organizador da cultura. (DEL ROIO, 2006; GRAMSCI, 1991).

Na França também dos anos 1920, motivado pela proposta pedagógica de construir uma escola moderna, democrática e politicamente voltada às classes populares, o educador Célestin Freinet recorreu ao uso da comunicação impressa como forma de estimular a expressão oral e escrita dos alunos. Para ele, o jornal não era apenas uma atividade manual ou o mero resultado de um trabalho, mas o centro da vida escolar. Freinet foi um importante teórico da questão ensino-aprendizagem. Entendeu que a escola, para se modernizar, deveria trabalhar em conjunto com as outras situações de aprendizado da vida diária para formar cidadãos capazes de modificar, com ações concretas, o momento histórico da humanidade. Assim, soube unir as experiências e as expectativas do cotidiano, transformando tudo em um novo método de aprender e ensinar. (FREINET, 1977; 1996).

Nesta mesma época, no Brasil, a situação de baixa escolaridade da população espalhada por um território geograficamente diverso e extenso já eram alvo de preocupação de cientistas como Edgard Roquette-Pinto (1884-1954). Coube a ele uma das primeiras iniciativas concretas de introduzir Educação na Comunicação, marcadamente na radiofônica, ao reconhecer o aspecto educativo dos meios de massa já no começo dos anos 20. Com seus colegas cientistas da Academia Brasileira de Ciências (ABC) fundou, em 20 de abril de 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro – oficialmente considerada a

primeira emissora a operar em caráter regular no país. Roquette-Pinto também concebeu uma estação de rádio voltada especialmente para as escolas municipais - a Radioescola Municipal PRD-5. Inaugurada em 1934 sob coordenação do educador Anísio Teixeira, sua programação assumiu o formato de aulas, de acordo com os conteúdos curriculares da escola primária, o que permitiu o estabelecimento de uma relação dialógica entre emissora e ouvinte e a criação de uma didática diferenciada para o ensino no rádio. (FERRARETTO, 2008; RIBEIRO, 2009).

As proposições filosóficas de Roquette-Pinto ao pensar o rádio na educação dos brasileiros foram marcantes e decisivas, inclusive para o avanço desta nova tecnologia que iria modificar profundamente a sociedade brasileira do século XX. Formado em Medicina e, décadas mais tarde, responsável pela cadeira de Antropologia do Museu Histórico Nacional, Roquette-Pinto participou da expedição de 1912 às selvas do Mato Grosso e da Amazônia, junto com Cândido Rondon. Isso lhe permitiu uma visão mais real do espaço físico do Brasil e o fez pensar no rádio como o meio necessário para um projeto de educação e integração nacional: para ele, o rádio seria “a escola dos que não têm escola, o jornal de quem não sabe ler, e o mestre de quem não pode ir à escola”. (PRADO PIMENTEL, 2004).

Importante destacar que no quadro geral dos países latinoamericanos, a forte tradição de busca de dispositivos políticos e sociais voltados a uma educação libertadora e democratizadora facilitou a adoção de práticas educativas e comunicativas populares, especialmente através dos meios audiovisuais. Neste continente, os lugares de reflexão e intervenção de uma nova prática metodológica expressa na relação de mútua colaboração entre Comunicação e Educação foram se constituindo, durante o século XX, por estudos teóricos emanados especialmente de autores como Mario Kaplún, Paulo Freire e Jesús Martín-Barbero.

Argentino com vasta produção intelectual desenvolvida a partir de meados dos anos 1940 em países como Uruguai, Venezuela, Peru e Equador, Mario Kaplún (1923-1998) defendeu, praticou e refletiu sobre a comunicação grupal, popular e emancipadora, por ele denominada Comunicação Educativa. Refere-se, assim, a uma comunicação que não é tão somente um instrumento midiático e tecnológico, mas, antes de tudo, um componente pedagógico que forma a competência comunicativa dos educandos. (KAPLÚN, 2011).

Sempre aprimorando e sistematizando um método de educação através da comunicação, Kaplún organizou ideias, metodologias e incursões na teoria e na prática de promover a educação através da mídia. Concebeu a figura do comunicador educativo responsável por desenvolver ações comunicativas em espaços educativos – os chamados ecossistemas comunicativos. (KAPLÚN, 1985). Ainda hoje, suas reflexões inquietas são essenciais em toda e qualquer incursão teórica que se pretenda transdisciplinar nos campos da Comunicação e da Educação.

Nos anos 1960, envolvido com questões de alfabetização, formação profissional e cidadania, o educador pernambucano Paulo Freire reconhecia o caráter político da educação, assim como a unicidade do processo educativo-comunicativo: para ele, promover educação é fazer comunicação. (FREIRE, 2001).

Freire iluminou o caráter dialógico dos processos comunicacionais ao reafirmar a concepção da educação para os meios como atividade inerente aos programas de alfabetização e de educação popular. Em suas reflexões e práticas político-pedagógicas, defendia a educação autêntica, libertadora e transformadora, construída a partir dos princípios da dialogicidade, e entendia que “o mundo social e humano não existiria como tal se não fosse um mundo de comunicabilidade fora do qual é impossível dar-se o conhecimento humano” (FREIRE, 2002, p. 65).

O caráter amplo e permanente da formação política do ser humano também foi um tema recorrente no pensamento de Paulo Freire. Ao considerar o importante papel da educação e dos processos pedagógicos na conquista de uma sociedade mais justa e democrática, o educador destacava a necessidade de atuar no desenvolvimento da consciência transformadora. Para ele, a educação, como ato de conhecimento e como prática de liberdade é, antes de mais nada, conscientização, e seu valor está na busca de informações que promovam o progresso da sociedade em benefício da vida humana. (FREIRE, 2003).

Teórico e principal representante da Escola Latinoamericana de Comunicação, o colombiano Jesús Martín-Barbero aportou grande significado à relação entre Comunicação, Educação e Cultura, com estudos e pesquisas produzidos a partir do início dos anos 1960. Com suas buscas sobre a questão da cultura e o lugar ocupado por ela no

campo maior da comunicação, tem dado grande contribuição aos estudos da área a partir do conceito das mediações culturais e da valorização das culturas do nosso continente.

Para Martín-Barbero, as inovações no campo da comunicação recolocam à educação desafios e compromissos que não devem ser menosprezados se o que se pretende é a construção da cidadania. Ao adotar o jovem como o tema de suas mais recentes preocupações e reflexões teóricas, discute que à comunicação e à educação cabem não só entender e interpretar as atuais formas de ver, entender e estar no mundo, mas criar sociabilidades para ajudar no desenvolvimento de sujeitos autônomos. (MARTÍN-BARBERO, 2011).

Avançando para o final dos anos 1990, chegamos a Ismar de Oliveira Soares que, ao pesquisar as práticas integradas da educação e da comunicação na América Latina, considerou que as transformações profundas nas Ciências Humanas vinham acarretando a eliminação das fronteiras, dos limites, das autonomias e das especificações dos diversos campos do conhecimento. Seus estudos demonstrariam que a inter-relação Comunicação Social e Educação ganhava uma densidade própria e se afigurava como um campo de intervenção social específico vivenciado em quatro áreas concretas: na Educação para a Comunicação; na área das Mediações Tecnológicas na Educação, na área da Gestão Comunicativa e na Reflexão Epistemológica.

A partir do neologismo criado por Mario Kaplún e da teoria educacional centrada na comunicação dialógica e participativa de Paulo Freire, reconhecidos como precursores do campo, Soares (2011, p.13) define a Educomunicação como uma “práxis social, originando um paradigma orientador da gestão de ações em sociedade. Não pode ser reduzida a um capítulo da didática, confundida com mera aplicação das TIC’s”. Tampouco se limita às práticas e metodologias de ensino, mas visa a “ações que produzem o efeito de articular sujeitos sociais no espaço da interface comunicação/educação” (Soares, 2011 p. 11).

Chamamos de Educomunicação o conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Tem como essência a intencionalidade

educativa e como meta o pleno exercício da liberdade de expressão dos atores sociais (SOARES, 2002a, p.16).

Soares enfatiza o papel social da Educomunicação, especificamente no que diz respeito à relação entre jovens, educação e práticas educacionais. Explica que a perspectiva central da interação comunicação e educação é colaborar na formação cidadã e contínua do educando, seja ela praticada dentro ou fora da instituição escolar. De fato, os espaços educativos aqui mencionados referem-se não apenas à escola ou instituições educacionais em geral, mas também a outros lugares de aprender, ligados aos processos informais e não formais:

“ Por ecossistema comunicativo, define-se a organização do ambiente, a disponibilização de recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de fato comunicacional. No caso, a família, a comunidade educativa, um centro cultural, ou mesmo uma emissora de rádio ou tevê, podem criar diferentes tipos de ecossistemas, envolvendo seus participantes e suas audiências, convertendo-se em objeto de planejamento e acompanhamento.” (SOARES, 2013, p. 186).

A Educomunicação segue em processo de consolidação com desafios em várias frentes, tais como na formação de profissionais através de cursos regulares, em nível de graduação, de especialização e pós-graduação, e na validação do campo junto aos órgãos financiadores de projetos e pesquisas. (Soares, 2002a, 2002b). Em artigo recente sobre os desdobramentos do novo campo, o autor esclarece as aplicações e interfaces sociais, culturais e políticas nas quais a Educomunicação vem trilhando, na atualidade:

“ Dada a complexidade do fenômeno e sua condição epistemológica interdisciplinar e levando em conta os diferentes pontos de partida das pessoas nele interessadas, têm-se forçosamente distintos caminhos sendo percorridos, formando uma teia de sentidos. É por isso que se reafirmou a condição emergente do novo campo da educomunicação e defendeu-se um diálogo permanente entre os que trabalham sob denominações como “comunicação/educação”, “media educação”, “mídiaeducação”, “mídias na educação”, “educomídia”, entre outros. Em alguma encruzilhada destas trilhas, estas denominações e experiências se encontram, sobretudo, em benefício da sociedade – em especial da juventude – para a qual se prestam estes serviços”. (SOARES, 2013, p. 193-194).

Em Citelli (2011) localizamos algumas outras abordagens que estão dando corpo e forma ao diálogo entre Comunicação e Educação, e que buscam conceituar, discutir e

problematizar essa inter-relação. Uma delas considera que a vulnerabilidade aos apelos midiáticos pode influenciar na formação de hábitos socialmente negativos; outras entendem que fatores culturais, sociais e contextuais podem relativizar o poder dos veículos de comunicação. Uma terceira abordagem reconhece os meios de comunicação como criadores de consensos e legitimadores de sentidos. Em comum, tais vertentes referem-se a formas de apreensão do mundo e evidenciam a necessidade de a Educação ampliar o diálogo com sistemas discursivos gerados fora de seus espaços tradicionais.

Mesmo orientados ao longo do tempo por inflexões distintas – pois originados de diferentes realidades sociais e culturais -, muitos dos estudos que envolvem a relação Comunicação e Educação são marcados por um compromisso emancipador. (CITELLI, 2010). Hoje, contribuições de estudiosos como Mikhail Bakhtin, Raymond Williams, Guillermo Orozco Gómez, Néstor García Canclini e David Buckingham, por exemplo, ligadas à perspectiva dialógica, aos estudos de recepção e à teoria das mediações, oxigenam e vivificam as pesquisas voltadas a compreender os diálogos entre a ação comunicativa e o ato educativo.

Um aspecto importante apresentado em Peruzzo (2002) e que corrobora o pensamento central deste trabalho é o potencial educativo dos veículos de comunicação, especialmente os de expressão popular e comunitário.

O potencial educativo implícito nos veículos de comunicação, sejam eles de pequeno ou grande alcance, é muito significativo. Por isso mesmo, são bens públicos e não privados e representam uma conquista da humanidade enquanto instrumentos capazes de democratizar, de forma ágil, interessante e com fidedignidade, a informação, a cultura e o conhecimento, do senso comum ao científico. (PERUZZO, 2002).

Em artigo onde defende a contribuição das rádios comunitárias na ampliação dos espaços educativos informais e voltados ao exercício da cidadania, a autora destaca aspectos desses veículos que explicitam relações entre Comunicação e Educação.

Os veículos de comunicação produzidos por setores organizados das classes subalternas, ou a elas organicamente ligados, acabam por criar um campo propício para o desenvolvimento da educação para a cidadania. As relações entre educação e comunicação se explicitam, pois as pessoas envolvidas em tais processos desenvolvem o seu conhecimento e mudam o seu modo de ver e relacionar-se com a

sociedade e com o próprio sistema dos meios de comunicação de massa. Apropriam-se das técnicas e de instrumentos tecnológicos de comunicação, adquirem uma visão mais crítica, tanto pelas informações que recebem quanto pelo que aprendem através da vivência, da própria prática. Por exemplo, a seleção de notícias que a pessoa se vê obrigada a fazer na hora de montar o noticiário na rádio comunitária, bem como os demais mecanismos que condicionam o processo de produzir e transmitir mensagens com os quais se depara cotidianamente, lhe tiram a ingenuidade sobre as estratégias e as possibilidades de manipulação de mensagens pelos grandes meios de comunicação de massa. Ela passa a conhecer as possibilidades de seleção das mensagens, os conflitos de interesses que condicionam a informação ou a programação, a dinâmica do mercado publicitário, além da força que tem um veículo de comunicação, tal como o rádio, o jornal, a televisão etc. (PERUZZO, 2002).

Nessa mesma linha de pensamento, Citelli (2006) refere-se ao potencial comunicativo do rádio como fortemente relacionado não apenas à audição, acionada nos ouvintes pela linguagem verbal oralizada, mas por sua capacidade de evocar imagens e imaginação. No rádio, uma verdadeira rede de sentidos é desencadeada a partir dos jeitos e das formas de uso das palavras faladas: elas se movimentam de acordo com o tipo de interação com o público que a emissora busca atingir. Chegar à sintonia pretendida entre locução e audição, ou seja, encontrar a linguagem adequada aos propósitos dos seus programas, depende do arranjo que a emissora consegue estabelecer entre circulação (analógico, digital, internet), gênero predominante dos programas de sua grade (musical, humorístico, jornalístico, esportivo), conteúdos e tipo de público no qual está focado (jovem, adulto, local, nacional). Todo este circuito é regido por procedimentos de adequação da estrutura linguística e de esquemas de argumentação e persuasão.

Lembra ainda o autor que a pluralidade de códigos e signos em trânsito nos meios de comunicação exige que nos debruçemos sobre o conceito de campo de significação, definido a partir das condições particulares de produção e circulação da informação. Significa que quando os meios de comunicação fazem circular palavras verbalizadas – como é o caso do rádio - elas não apenas se realinham tecnicamente de acordo com o suporte de transmissão, mas evocam novas reflexões e entendimentos tanto por parte da produção como das audiências. De fato, esses campos de sentidos resultam da riqueza de cruzamentos permitida pela linguagem híbrida e complexa dos meios de comunicação e das mediações que combinam múltiplos e variados elementos de natureza cultural, social ou etária, por exemplo.

Em suma, diz Citelli (2006) que o lugar de onde falamos vincula-se, de forma direta, aos estudos comunicacionais e, dentro deles, procura entender os constituintes linguísticos como instâncias singulares que permitem e censuram, dizem e calam, promovendo, pelo jogo da linguagem, a construção dos sentidos. E se conhecimento e compreensão animam um mesmo campo semântico, a construção dos esquemas compreensivos, interpretativos e a ativação das sensibilidades para as linguagens da comunicação têm, na educação pensada em seu sentido amplo e exercitada em ambientes formais, informais e não formais, lugar de relevância.

Em se tratando de discutir a relevância da ação pedagógica desenvolvida externamente aos processos educativos formais, como por exemplo, em ambientes da comunicação, Cicília Peruzzo (2011) igualmente destaca que, no percurso variado do rádio educativo no Brasil, a educação formal tem presença significativa, tal como os programas de alfabetização de adultos, ensino básico e supletivos. Mas a educação informal também se manifesta com a chegada das rádios populares e comunitárias e “revertem-se em experiências participativas que herdam os pressupostos dialógicos da educação.” (PERUZZO, 2011, p. 943).

1.2 Rádio e Educação

Ao indagar sobre quais são as faces do rádio educativo no Brasil, Peruzzo (2011, p. 947) localiza ao menos cinco momentos de sua história, desde a sua origem, oficializada em 1922. Para a pesquisadora, o que determina a caracterização como rádio educativo são os usos e os conteúdos por ele gerados e difundidos. Nesta análise, o rádio nasce para colaborar com a educação e a instrução do povo sob a forma jurídica de entidades associativas mantidas por sócios. Em seguida, seu caráter educativo e público é assumido e controlado pelo estado, para então passar a emissora educativo-cultural, mantida por organizações da sociedade civil e universidades. Outra etapa se inicia com a chegada das emissoras comunitárias mantidas por associações comunitárias com fins educativos e culturais, e experiências de cunho pedagógico voltadas ao uso das mídias na escola, dentre elas o rádio. Um novo momento seria o rádio educativo na perspectiva da cibercultura.

Também a radialista e pesquisadora Marlene Blois (2003) propõe uma análise histórica da evolução do rádio educativo no Brasil em torno de seis momentos - desde a sua fase

pioneira, cujo marco é a inauguração da Rádio Sociedade, em 1923, até a desativação do Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (SINRED), em 1995, etapa em que, segundo a autora, entram em cena as rádios comunitárias e as tecnologias de transmissão via web:

- Fase Pioneira - advento da radiodifusão no país com a inauguração da Rádio Sociedade, em 20 de abril de 1923, estendendo-se, até 1928, com a criação de Rádio -Escolas.
- Segunda Fase - entre 1929–1940, consolidando a ideologia inicial com a implantação das Rádio-Escolas e a criação das primeiras redes educativas, ao mesmo tempo em que o rádio delineava sua forma de atuação e abria caminhos para mudanças.
- Terceira Fase - entre 1941–1966, tendo como característica a interiorização e extensão da ação do eixo Rio–São Paulo, o que possibilitou a consolidação e a diversificação de sua ação educativa, criando novos impulsos para mudanças.
- Quarta Fase - entre 1967-1979, quando o rádio educativo foi marcado por ações centralizadoras de utilização do rádio para fins educativos pelo Estado. Criação de centros produtores regionais e a introdução de uma postura científica norteando todas as fases do processo de ofertas educativas via rádio.
- Quinta Fase - iniciada em 1979, assinalou a conjugação de meios massivos à Educação e se consolidou com a inauguração de FM educativas, com a interação das emissoras em um sistema e novos espaços se abrindo para a atuação do rádio.
- Sexta Fase - iniciou em 1995 com o término das ações do SINRED. Consolida o compromisso de radialistas com a Educação, ampliando-se as ofertas radiofônicas educativas, agora também pelas rádios comunitárias. Surgem as emissoras educativas na Internet.

Segundo Blois (2003, p.3-4), 72 canais de rádios educativas tinham sido outorgados até 1995. Em 2010, Cunha (2010, p. 12-13) localiza 56 rádios vinculadas a universidades operando no país, das quais 31 de instituições privadas, 20 de universidades federais e cinco de universidades estaduais. Em dezembro de 2013, consultamos o site do Ministério das Comunicações e este apontava 203 emissoras de rádio educativas licenciadas e 4.556 rádios comunitárias em funcionamento regular. Vale lembrar que as rádios educativas são concessões destinadas a universidades, a fundações ligadas a empresas privadas ou públicas ou ainda a governos nas esferas federal, estaduais ou municipais.

Neste cenário, uma questão se reapresenta de forma importante: a conceituação de rádio educativo não é algo dado *a priori*. Relembrando Peruzzo (2011, p. 947), o que determina a caracterização são os usos e os conteúdos gerados e difundidos.

Nessa mesma lógica, a jornalista e pesquisadora Ivete Cardoso do Carmo Roldão discute sobre as possibilidades do rádio educativo e os desafios para dar qualidade à sua programação, e defende “que a conceituação de rádio educativa não deve ter como referência, apenas, forma de concessão, mas, principalmente, a construção da programação, o conteúdo”. (ROLDÃO, 2006, p.9). Para a pesquisadora, que dirigiu a Rádio Educativa de Campinas entre 2001 e 2004 e tinha como preocupação e desafio construir uma programação à altura dos princípios do rádio público e educativo, ainda são raras as emissoras que trabalham com esse objetivo: a maioria das educativas limita-se a simplesmente entreter e informar os ouvintes, ao passo que nas comerciais - onde impera o interesse mercadológico - o ouvinte é consumidor em potencial e não cidadão. (ROLDÃO, 2006, p.1).

Parece importante o aceno feito às rádios comunitárias quanto ao seu papel educativo, que entendemos como potências a serem ainda exploradas. Se o diferencial das emissoras, de fato, é o que ofertam para os seus ouvintes, podemos considerar que a programação que levam ao ar é a maior definidora de sua característica e de sua identidade. Nesse sentido, alguns dados da pesquisa que relataremos em capítulo próximo nos permitiram avançar nesta discussão e contribuir para novos debates.

Voltando, porém, às trilhas percorridas pelo rádio educativo e às diversas faces que adquiriu ao longo dos quase cem anos de operações em nosso país, propomos aqui retomar o histórico no qual se apoiaram Blois (2003), Roldão (2006) e Peruzzo (2011) para melhor compreender a estreita relação do veículo com as questões educacionais.

1.2.1 Rememorando vínculos

Já citamos que o início das experiências com o rádio no Brasil datam dos anos 1920 e que registros de seus primeiros empreendimentos são marcados pela perspectiva educativa e cultural. A documentação histórica do período confere à Rádio Sociedade do Rio de

Janeiro o pioneirismo nas operações regulares de radiodifusão no país, tornando-se um dispositivo moderno de educação e cultura. Constavam de sua programação cursos de literatura inglesa e francesa, lições de italiano, música clássica, recitais de poesia e conferências literárias e científicas - conteúdos sofisticados para a perspectiva socializante e popular a que se pretendia imprimir ao rádio (MOREIRA, 1991; FERRARETTO, 2008). Esse momento histórico foi assim recuperado por Maria Elvira Bonavita Federico no clássico *História da Comunicação – Rádio e TV no Brasil*:

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro nasceu a 20 de abril de 1923, tendo sido fundada na Academia Brasileira de Ciências da qual os fundadores faziam parte. A 19 de maio foi instalada na Escola Politécnica e funcionou depois na Livraria Científica Brasileira à Rua São José, 114. Posteriormente, veio a fixar-se na Casa Guinle, à Av. Rio Branco, 109; ali ocupou várias salas do sexto andar onde dispunha de salas de leitura, biblioteca, laboratório etc. Nessa ocasião, seu estúdio ocupava o último andar e estava equipado com um transmissor Telefunken. (...) No primeiro número da revista Rádio, evidencia-se que as atividades radiodifusoras realmente efetivadas em 1923 foram as transmissões realizadas da Praia Vermelha no equipamento da Western e cedido pela Cia. Radiotelegráfica Brasileira nos intervalos dos serviços telegráficos. Na data de sua publicação, em outubro de 1923, se planejava ainda uma possível programação que deveria compor-se de notícias de interesse geral, conferências literárias, artísticas e científicas, números infantis, poesias, música vocal e instrumental. Os números musicais, segundo a edição, contavam com os maestros Luigi Biloro e Álvaro de Oliveira, enquanto os concertos eram organizados pelo crítico musical e sócio da entidade Dr. Rodrigues Barbosa. Para as conferências populares de ciência, literatura e arte, a Rádio Sociedade previa convites para as melhores e mais consideradas personalidades mundiais (prêmios Nobel, por exemplo). (FEDERICO, 1982, p. 35-36).

De fato, o rádio no Brasil nascia como um meio de elite e não de massas. De acordo com a pesquisadora Gisela Ortriwano, pioneira nos estudos de rádio no Brasil, “sem estrutura financeira que possibilitasse o seu desenvolvimento, as primeiras emissoras - denominadas clubes ou sociedades - eram formadas pelos idealistas que acreditavam nas potencialidades do novo meio e mantidas com mensalidades pagas pelos que possuíam aparelhos receptores, já que a legislação da época não permitia anúncios pagos. (ORTRIWANO, 1985, p.14). Para Sonia Virgínia Moreira, “o protagonismo dos cientistas na determinação do caráter educativo da Rádio Sociedade inspiraria o modelo adotado pelas outras estações no ciclo inicial de dez anos do rádio brasileiro.” (MOREIRA, 2003, p. 44).

Moreira (2002) ainda destaca que o caráter inclusivo e universal das propostas de Roquette-Pinto de trabalhar a divulgação científica a partir de ações educativas foi vital para incentivar a formação de uma rede de mídia educativa no país. Para a pesquisadora, o pioneirismo do cientista está no fato de que ele defendia a difusão do conhecimento, uma missão não tão fácil de ser realizada no Brasil, no início do século XX. E não é pequeno o elenco de iniciativas que resultaram - direta ou indiretamente - desse empreendedorismo altruísta de Roquette-Pinto. Nos anos 20, além de organizar a Rádio Sociedade, garantindo uma programação inteiramente voltada aos ditames da ciência, cultura e educação, concebeu o projeto da Rádio-Escola Municipal PRD-5 para irradiar aulas às escolas públicas do Rio de Janeiro por meio do rádio.

No início de suas operações, em 1934, a programação era construída pela equipe de professores a partir da grade curricular da escola primária, o que gerou uma metodologia própria de ensino a distância: as aulas eram enviadas antecipadamente pelo correio e os alunos encaminhavam suas lições à emissora através de cartas, telefonemas ou mesmo pessoalmente. (MOREIRA, 2002; RIBEIRO, 2009). Composições e resumos de aulas preparados pelos alunos eram tratados ao microfone pelos professores. Documentos oficiais e discursos de posse de antigos diretores registram que a programação da PRD5 foi igualmente inspirada nas experiências da pioneira Rádio Sociedade, do Quarto de Hora Educativo da Confederação Brasileira de Radiodifusão e nos estudos colhidos em diversos países sobre a radiodifusão educativa sistematizados pelo educador Ariosto Espinheira na obra *Rádio e Educação*. Em 2002, a PRD5 foi rebatizada de Rádio Roquette-Pinto AM 630 Mhz. Em 2007, foi inaugurada a Roquette-Pinto FM, atual 94,1FM. (RIBEIRO, 2009).

Vale lembrar que a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro passou a se chamar Rádio MEC (AM 800 khz) ao ser doada, em 1936, para o então Ministério da Educação e Saúde do governo Vargas com a condição de que permanecesse fiel ao seu tema cultural e educativo, sem vinculação comercial, política ou religiosa. (AVELAR, 2004). No ano seguinte a esta doação é criado o Serviço de Radiodifusão Educativa - voltado à produção permanente de peças e projetos educativos e culturais para o meio radiofônico. Destaca Sonia Virgínia Moreira (1991) que é deste contexto que passam a surgir, na década de 1940, novas experiências radiofônicas educativas como a Universidade no Ar, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, irradiando cursos de letras, ciências, didática e pedagogia; o

projeto educacional das Escolas Radiofônicas em ondas médias desenvolvido por Ribas da Costa e apresentado no livro Educação Fundamental pelo Rádio, editado em 1956, e os cursos básicos do SIRENA - Sistema de Rádio Educativo Nacional (1957 a 1963) patrocinados pelo Ministério da Educação, onde 47 emissoras de rádio atuavam no projeto de combate ao analfabetismo.

Constam dessas experiências a criação, em especial, de duas estratégias distintas de alfabetização em massa no país, como o Movimento de Educação de Base (MEB), fundado em 1961 por D. Eugênio Salles, sob orientação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com forte atuação nos movimentos de educação popular nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, e o Projeto Minerva, criado em 1970 para atender os desafios do governo militar de responder aos problemas de desenvolvimento do país.

Destacamos que o MEB, da Igreja Católica, foi o responsável pela criação de escolas radiofônicas que combinavam alfabetização com conscientização para promover mudanças de atitudes, utilizando, para isso, animadores populares. Uma experiência considerada inovadora, que deu um salto de qualidade no sistema educativo através do rádio nos anos sessenta. A criação do Projeto Minerva pelo governo federal, na década seguinte, tinha outra perspectiva. Eram programas de 30 minutos de cunho informativo-cultural e educativo, com transmissão obrigatória por todas as emissoras do país. Era uma forma, de acordo com Ferrareto (2000, p.162), de o governo dar uma espécie de resposta aos movimentos de educação popular anteriores ao regime militar, como o MEB ou iniciativas baseadas no método Paulo Freire. Para o pesquisador, além da visão tecnicista e anti-democrática, o fato de ter a produção regionalizada, concentrada no eixo sul-sudeste e distribuição centralizada, fez com que o Projeto Minerva não conquistasse a população. Além do mais, os programas, de transmissão obrigatória em rede nacional via rádio e televisão, visavam a preparação de candidatos aos exames supletivos e tinham foco na instrumentalização para o trabalho.

Outra iniciativa marcante para o setor da radiodifusão educativa foi o SINRED, criado em 1982 para “divulgar as manifestações culturais de cada região do Brasil, promovendo o intercâmbio de informações, mostrando as raízes culturais e as novas produções regionais” (PRADO PIMENTEL, 2004, p. 79).

1.3 As rádios de baixa potência no contexto da comunicação alternativa, popular e comunitária

A chegada das rádios comunitárias neste cenário educativo radiofônico também carece de ser mais contextualizado. Acoradas nos processos de mobilização da sociedade brasileira por liberdade, nos anos de chumbo seguidos ao Golpe de 1964, essas experiências radiofônicas populares e comunitárias são expressão de um novo contexto comunicacional, lateral e alternativo aos grandes meios de massa.

Segundo Regina Festa (1986), tais fenômenos da comunicação alternativa e da comunicação popular manifestadas nas décadas de 1970 e 1980 tipificam a luta dos movimentos sociais e políticos pela reconquista dos espaços democráticos negados pela ditadura militar (1964 a 1985). Coube a esses veículos e espaços não-tradicionais o papel revelador “dos acontecimentos ocorridos nos círculos de poder, no interior da sociedade civil e entre os movimentos populares”. (FESTA, 1986, p.16).

No começo dos anos 1970, os meios de comunicação de massa estavam sob rigorosa censura e recebiam extraordinários incentivos econômicos e fiscais, favorecendo uma rápida modernização de suas instalações. O pior entrave ideológico que a ditadura militar impôs à sociedade civil, através da imprensa, foi o de definir e estabelecer a temática e as áreas do discurso social. Ou seja, os grandes meios basicamente direcionavam a discussão da sociedade civil tanto através da negação da informação quanto da permanente explicitação de interesses políticos e econômicos da classe dominante.

O termo imprensa alternativa é de domínio comum da sociedade brasileira e identifica um tipo de jornal tablóide ou revista, de oposição, dos anos 1970, cuja venda era feita em bancas ou de mão em mão. Eram publicações de caráter cultural, político e expressavam interesses da pequena burguesia e dos trabalhadores. Nesses espaços os grupos de oposição ou frentes políticas emitiam uma corajosa condenação ao regime político. (FESTA, 1986, p.18).

Por sua vez, a comunicação popular nasce no Brasil a partir dos movimentos sociais, mas sobretudo da emergência do movimento operário e sindical tanto na cidade quanto no

campo (1970 a 1978). Muitos outros movimentos adotaram a comunicação como processo de transmissão e participação na informação através de um trabalho coletivizado, privilegiando a cultura, o imaginário, o humor, as festas, a música, as expressões populares. As produções audiovisuais ganharam novo dinamismo, adaptadas às conquistas do próprio avanço das forças populares.

Como contraponto à concentração de emissoras em sistemas de exploração comercial e ao monopólio de controle do Estado surgem no Brasil, na década de 1970, as rádios livres que “procuram abrir possibilidades para uma apropriação coletiva dos meios e apresentam uma mensagem alternativa cujo objetivo é atingir não mais as grandes massas mas as minorias e os grupos socialmente marginalizados”. (ORTRIWANO, 1985, p.34). Também chamadas de clandestinas ou piratas, elas existiram desde o início da radiodifusão mas ganharam impulso político a partir dos anos 1970, associados aos movimentos libertários especialmente em países como Itália e França.

Peruzzo (1998, p. 241) refere-se à possibilidade de a primeira rádio livre ter sido uma emissora sindical que foi ao ar na Áustria, em 1925. Registra também que vem da Inglaterra a expressão rádio pirata: para burlar o controle oficial e promover produtos de grandes empresas transnacionais, algumas emissoras (como é o caso da Rádio Merkur FM, em 1958) faziam suas transmissões a partir de barcos que navegavam fora dos limites de suas águas territoriais.

Na América Latina, as experiências de rádios livres são das décadas de 1970 e 1980 e estão ligadas à educação e emancipação social e política dos povos latino-americanos. Neste contexto estão as rádios guerrilheiras em Cuba e El Salvador, as rádios mineiras bolivianas (entidades coletivas e de propriedade dos sindicatos) e as rádios revolucionárias nicaraguenses (PERUZZO, 1998, p. 215-240).

No Brasil, as rádios livres surgem como contraponto à concentração de emissoras nas mãos de grupos empresariais e rebeldia ao monopólio do Estado como concedente. Defendem a apropriação coletiva dos meios e apresentam uma mensagem alternativa “para atingir não mais as grandes massas mas as minorias e os grupos socialmente marginalizados” (ORTRIWANO, 1985, p. 34).

Os alto-falantes também são utilizados como rádios do povo desde os anos de 1970 em várias partes do continente latino-americano por associações e movimentos que, não podendo operar emissoras convencionais em razão das limitações impostas pelo sistema de concessão de canais e pelas condições econômicas, valem-se desse instrumento para transmitir programas e satisfazer, assim, algumas de suas necessidades de comunicação (PERUZZO, 1998, p. 159-161).

A instalação de cornetas ou alto-falantes em topos de postes e ligados a um sistema de som com gravadores surgiu da necessidade de meios mais eficientes de mobilização popular dada a limitação dos panfletos e de outros materiais escritos. Em alguns relatos de experiências comunitárias são também referidos como rádio-poste ou rádio-corneta. Datam desta época o início das transmissões em baixa potência, também denominadas rádios comunitárias.

Considerando o percurso da lei que instituiu o serviço de radiodifusão comunitária, em 1998, Cicília Peruzzo (2006) propôs uma classificação a essas pequenas rádios em cinco tipos básicos: 1) Emissoras eminentemente comunitárias, sem fins lucrativos, cujos participantes respondem por todo o processo comunicativo, da programação à gestão. Sustentam-se de apoio cultural, contribuições de sócios, doações e recursos arrecadados mediante a realização de festas e veiculam anúncios comerciais e prestam serviços de áudio a terceiros; 2) Emissoras prestadoras de alguns serviços comunitários, sob o controle de poucas pessoas que as utilizam como meio de sobrevivência e que, em geral, também são seus donos. Sua finalidade maior é a venda de espaço publicitário. 3) Emissoras estritamente comerciais, com programação similar às das emissoras convencionais, sem vínculos diretos com a comunidade local. 4) Emissoras de cunho político-eleitoral, ligadas a candidatos a cargos eletivos e partidos políticos. 5) Emissoras religiosas, vinculadas a católicos e evangélicos, sustentadas por suas mantenedoras ou pela venda de espaço publicitário, com programação estritamente religiosa ou alternada por programas de caráter educativo, informativo e cultural.

Contudo, a autora recomenda flexibilidade nessa classificação, ressaltando o fato de que uma rádio verdadeiramente comunitária é facilmente reconhecida pelo trabalho que desenvolve. Sua programação é de interesse social e vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, ajuda na ampliação da cidadania, na democratização da informação,

aprimora a educação informal e o nível cultural dos ouvintes, permite a participação ativa e autônoma das pessoas. (PERUZZO, 2007, p. 69).

Há casos históricos em que mesmo faltando um ou outro desses aspectos em uma rádio esta consegue prestar bons serviços à comunidade onde se insere. Há rádios que facilitam mais o acesso à programação. Outras, embora sejam conduzidas por pessoas comprometidas com a melhoria da “comunidade”, não têm tradição de facilitar o envolvimento amplo de representantes das organizações locais na gestão. Há também emissoras de caráter religioso ou ligadas a universidades que se revelam como comunitárias em seus princípios e nas práticas cotidianas. Há programas de conteúdo comunitário dentro de emissoras comerciais que se valem da participação autônoma de cidadãos e de organizações locais. Em razão dessa diversidade, há que se ter cuidado na classificação. (PERUZZO, 2007, p. 70).

Peruzzo (2009b, p. 144) também faz referência às novas e variadas práticas que estão atualizando as formas de comunicação de segmentos subalternos da sociedade na era do ciberespaço e da convergência multimídia de base interativa. Segundo a pesquisadora, os elementos principais que as caracterizam “estão no processo, nas práticas sociais, nas relações que se estabelecem, e não no tipo de veículo utilizado, nem em outra característica qualquer (linguagem, propriedade, formato) tomada isoladamente.”

1.4 A questão das rádios comunitárias, hoje

A existência de uma rádio comunitária nos dias atuais é cercada de questões críticas como sustentabilidade financeira, produção de conteúdos, organização da programação, vínculos estabelecidos com a comunidade, capital humano e, principalmente, dificuldades de legalização (GOMES, 2007c).

Nas grandes cidades, muitas dessas emissoras estão instaladas em áreas periféricas, com grandes extensões territoriais e enorme população de baixa renda. Na maioria das vezes, nesses locais, os movimentos sociais estão presentes há décadas e contabilizam conquistas importantes em áreas como segurança, saneamento, transporte, moradia, saúde e educação. Entretanto, fatores como crescimento populacional, gradativo deslocamento humano para áreas ainda mais periféricas, acesso restrito às informações sobre os direitos

sociais fizeram ressaltar a lentidão do poder público em responder às demandas básicas dessa camada da população. Essas brechas foram sendo ocupadas por grupos religiosos diversos, com cultos, reuniões e eventos que acabaram por reorganizar os interesses e os hábitos de vida da população, especialmente das periferias, no entorno desses templos.

Muitas rádios comunitárias legalizadas na cidade de São Paulo, por exemplo, são ligadas às igrejas evangélicas de origem pentecostal – Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Congregação Cristã do Brasil e Igreja Universal do Reino de Deus – grupos que adquiriram forte influência política e um grande esquema de comunicação voltado especialmente à população mais vulnerável economicamente, inclusive com representação em câmaras de vereadores e de deputados, nas esferas de poder estadual e federal.

Ainda sob esse aspecto, vale ressaltar que o Censo Demográfico de 2010 acusou forte expansão das religiões evangélicas no país, que atraíram 16 milhões de fieis em dez anos e hoje somam 42,3 milhões da população, com forte presença entre jovens, especialmente mulheres em idade reprodutiva. Segundo análise do sociólogo Ricardo Mariano (2012), os dados do Censo também reiteram o crescimento do pentecostalismo na base da pirâmide social: 64% dos pentecostais ganham até um salário mínimo, 28% recebem entre um e três salários e 42% tem ensino fundamental incompleto.

Outro aspecto da questão da radiodifusão comunitária em geral, também contextualizada para a cidade de São Paulo, e que nos parece fundamental aqui ressaltar, é que, mesmo legalizadas, essas rádios continuaram marginalizadas e estigmatizadas enquanto veículos de comunicação.

Elas são legalmente proibidas de veicular publicidade comercial, só podem receber apoio cultural de entidades localizadas na área de cobertura do serviço. Isso significa que, para cumprir a lei, a rádio comunitária só está autorizada a veicular uma mensagem institucional em que não podem ser citados bens, produtos, preços, condições de pagamento, ofertas, vantagens e serviços que, por si só, promovam a pessoa jurídica patrocinadora. As únicas informações que podem ser veiculadas são o nome, o endereço físico e eletrônico e o telefone.

As agências de publicidade, especialmente as que administram as verbas das campanhas sociais dos governos, ainda tratam as chamadas “mídias alternativas” com certa restrição - e nisso incluem-se as rádios comunitárias. Por não disporem de um método de aferição de resultados ou comprovação de audiência compatível às características desses meios, evidentemente diferente dos demais, em especial dos de grande porte, são consideradas cota de responsabilidade social e seu custo de veiculação adquire caráter simbólico.

Um outro aspecto está ligado ao hábito da informalidade. Até há pouco, raras emissoras comunitárias estavam habilitadas a emitir recibos de pagamento ou outro comprovante de valor fiscal por alguma prestação de serviço. Na grande maioria das vezes, o funcionamento de uma emissora está ancorado em equipes atuando em regime de voluntariado ou escambo, ou seja, troca de serviços, favores ou até mesmo prestígio. No território do bairro, a emissora assume o papel de instância de solidariedade que dá suporte à população local na sua vida cotidiana; para as lideranças políticas, funciona como força auxiliar ou interlocutora; para os moradores, é entendida – e usada – como despachante ou porta-voz. Tem para todos os gostos.

Apesar do cotidiano desmobilizador – expressão tão bem utilizada pelos pesquisadores Adilson Vaz Cabral e Eula Cabral (2010, p. 254) em análise acurada dos efeitos da digitalização do *dial* no subsistema comunitário, que “tende a determinar a extinção das emissoras comunitárias e de muitas pequenas e médias rádios comerciais” – as rádios seguem em busca de sobrevivência.

A convocação da I Conferência Nacional de Comunicação (Confecom), realizada em Brasília, de 14 a 17 de dezembro de 2009, foi reconhecida politicamente pelos movimentos da sociedade civil ligados à luta pela democratização e pelo acesso aos meios de comunicação como o primeiro gesto afirmativo da disposição do governo federal em discutir a elaboração de uma política pública para o setor das Comunicações que atendessem às demandas da sociedade brasileira.

O evento foi permeado de disputas e negociações exigidas pelos grandes conglomerados de comunicação com vistas, sobretudo, a inibir a definição de um marco regulatório nacional. Reuniu 1.684 delegados na capital federal, dos quais 40% representando a sociedade civil organizada, 40% o setor empresarial e 20% o setor público. A exemplo das

demais conferências convocadas pelo poder executivo federal nas áreas sociais, a Confecom foi precedida por conferências municipais e estaduais. Das 663 propostas então aprovadas e registradas no *Caderno da 1ª Conferência Nacional de Comunicação*⁵, cerca de vinte delas são relativas às rádios comunitárias e referem-se, respectivamente, a políticas de incentivo e a questões técnicas.

Dentre as proposições notadamente ligadas às políticas de incentivo estão a criação do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Radiodifusão Comunitária, dos Conselhos de Comunicação nos âmbitos federal, estaduais e municipais, políticas para criação de núcleos comunitários de comunicação visando fornecer os aparatos técnicos e instrumentais para que a sociedade construa, socialize e discuta suas próprias pautas e produções, além de inventivos à formação de rede locais e regionais de comunicação como forma de difundir o conteúdo produzido nas regiões.

No que tange às questões técnicas, as principais propostas são mudanças na legislação para permitir aumento no número de canais para no mínimo três (na faixa de 88 a 108 MHz), aumento de potência das comunitárias levando em consideração características da comunidade, condições técnicas do local e especificidades como topografia e densidade populacional e abertura de aviso de habilitação nacional permanente, com prioridade para as regiões não atendidas pelo serviço e agilização dos procedimentos de outorgas. Incluem-se nesta lista propostas para que haja destinação de publicidade pública às emissoras comunitárias, permissão de veiculação de publicidade institucional e de utilidade pública e fim da cobrança de direitos autorais sobre músicas pelo Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD).

De fato, até agora muito pouco saiu do papel e não há quase nada para comemorar. Recentemente, em dezembro de 2013, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) decidiu que os direitos autorais provenientes da reprodução pública de obras artísticas são devidos, independentemente da obtenção de lucro por quem a executa. Ou seja, rádio comunitária deve pagar por direitos autorais. A decisão tem origem em um recurso impetrado pelo ECAD contra uma rádio comunitária, que não pode mais executar obras musicais sem

⁵ Caderno da 1ª Conferência Nacional de Comunicação. Publicação do Ministério das Comunicações disponível em http://www.secom.gov.br/sobre-a-secom/publicacoes/confecom/confecom-14_10_2010.pdf

autorização e pagamento dos direitos autorais. Com a decisão do STJ, o ECAD também deve ser ressarcido dos valores que deixaram de ser recolhidos.

Como se vê, a questão da sustentabilidade é central e assume um novo rosto a cada momento. As lamentações, por parte das emissoras, que continuam lutando por um lugar ao sol, não param. Há, contudo, que buscar formas de enfrentar as muitas tempestades que ainda estão por vir. E, assim, tentar alargar o futuro.

2 ABERTAS PARA BALANÇO

2.1 Breve contexto

No mais novo retrato do Brasil divulgado em novembro de 2011 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), perto de 8,5% dos atuais 190.755.799 brasileiros recenseados em 2010 ainda vive na extrema pobreza, com renda familiar per capita inferior a setenta reais mensais⁶. Grande parte dessa gente se instalou em áreas rurais, mas não só: onze milhões e 400 mil pessoas moram em áreas urbanas e em algum dos 6.329 aglomerados irregulares existentes no país.

Nesses chamados “aglomerados subnormais” – termo técnico adotado pelo IBGE para designar um conjunto de ao menos 51 domicílios reunidos em favelas, comunidades, mocambos, palafitas, grotas, baixadas, vilas ou invasões – vivem 6% da população brasileira. A idade média desses moradores é 28 anos, um terço deles tem menos de quinze anos. Dos maiores de quinze, são analfabetos 8, 4%. Metade da população tem renda mensal de 370 reais e 70% dos moradores se declaram pretos ou pardos⁷.

Para o jornalista e analista político José Roberto de Toledo (2011), o relatório do IBGE sobre a favelização das metrópoles brasileiras revela o tamanho e as características da desigualdade que ainda reina no país. O mapeamento de cada uma das mais de seis mil comunidades espalhadas pelo Brasil mostra, na análise de Toledo, que dentro de uma mesma cidade há enormes diferenças entre as favelas, mesmo entre as de mesmo porte, sendo que nem sempre as piores condições de infraestrutura estão nas grandes comunidades. Enquanto em alguns aglomerados a maior necessidade é por esgoto, em outros a população luta por água encanada ou ainda pela coleta de lixo.

Os grandes números indicam que uma em cada três moradias de favelas do país não tem condições sanitárias adequadas - o serviço mais precário dos aglomerados – e que a oferta de energia elétrica é praticamente universalizada (99,7% dos domicílios), mas uma em

⁶ O Estado de S. Paulo, de 22 de dezembro de 2011. Caderno Metrópole, página C4. “Ocupações têm indicadores melhores que área rural”, de Luciana Nunes Leal e Felipe Werneck.

⁷ O Estado de S. Paulo, de 22 de dezembro de 2011. Caderno Metrópole, página C4. “Estudo indispensável para qualquer candidato em 2012”, de José Roberto de Toledo.

cada quatro moradias (27,5%) ainda recorre aos chamados “gatos”, a captação informal de eletricidade.

Vale destacar que a Região Sudeste, a mais rica do país, concentra 49,8% dos 3,2 milhões de domicílios particulares em aglomerados subnormais (23,2% em São Paulo e 19,1% no Rio de Janeiro). Os dados denunciam que só na capital de São Paulo vivem um milhão e 300 mil pessoas nos 1.020 aglomerados concentrados nas periferias e áreas limites com outros municípios. Oficialmente, São Paulo abriga 11.253.503 habitantes – 98% é população residente urbana instalada na sede municipal. Isso significa que, nos dados do IBGE, um em cada dez moradores da capital vive em alguma das suas mil e vinte favelas.

Desde a divulgação do relatório do IBGE sobre as submoradias no Brasil, temas ligados ao déficit habitacional vem provocando intensos debates e variadas pautas na grande mídia. Na edição de 28 de novembro de 2011, o jornal O Estado de S. Paulo dedicou página inteira sobre o assunto na sessão *Discussões Urbanas - Os Desafios da Metrópole*⁸. A matéria, assinada pelo repórter Rodrigo Brancatelli, utilizou dados oficiais e índices adotados pela Prefeitura de São Paulo (diferentes dos do IBGE) para apontar que a maior cidade do hemisfério sul e a mais rica da América Latina mantinha 994.926 famílias (cerca de três milhões e meio de pessoas) vivendo em situações de risco, em áreas precárias ou em terrenos irregulares.

De acordo com os dados apurados pelo repórter, um terço dos paulistanos reside em favelas, cortiços, loteamentos e conjuntos irregulares e outros assentamentos que desafiam a política habitacional da capital.

“Nos últimos anos, as ocupações se adensaram, barracos ganharam andares, áreas verdes foram ocupadas, mananciais foram invadidos, e mais pessoas foram empurradas para as submoradias. Para se ter ideia, 60% das favelas ocupam terrenos que seriam destinados a praças e parques públicos.” (BRANCATELLI, 2011).

⁸ O Estado de S. Paulo, de 28 de novembro de 2011. Caderno Cidades / Metrópole, página C8. “Por que SP ainda tem 2.627 favelas?”, de Rodrigo Brancatelli.

Em editorial, o jornal Folha de S. Paulo, edição de 26 de dezembro de 2011⁹, destacou os números do IBGE e lembrou que a grande migração campo-cidade ocorrida no final dos anos 1960 e 1970 provocou o inchaço das favelas por conta do rápido crescimento econômico do país.

“ A falta de instrução, de acesso a trabalho e de reforma agrária no passado provocou a migração em massa. O crescimento inflacionário e a ausência de reforma urbana concentraram os migrantes nas favelas e assemelhados. A quase inexistência de políticas de regularização das propriedades urbanas, o descaso com o planejamento das cidades, seu inchaço e a degradação dos antigos centros, a falta de transporte adequado, tudo isso contribuiu para a perenização desse tipo de ajuntamento, a favela -algo tão característico do Brasil que o termo em português é conhecido de cidadãos mais informados de outros países. (...) Os "aglomerados subnormais" decerto degradam a vida e as perspectivas dos brasileiros aí residentes, embora não caracterizem por si só a pobreza. Dão conta, isso sim, da incapacidade do país de planejar e executar a tardia integração de todos os seus habitantes à vida civilizada.” (FOLHA DE S. PAULO, 26/12/2011).

Duas favelas paulistas constam do ranking dos dez maiores aglomerados subnormais do Brasil, segundo o Censo 2010 do IBGE. Com 42.878 habitantes, Paraisópolis, na zona sul de São Paulo, é considerada a maior da cidade e a oitava do país. Heliópolis, também na zona sul, aparece em segundo lugar, com 41.118 habitantes, ocupando o 10º lugar no ranking nacional. Ambas têm 100% dos domicílios abastecidos com rede de água e coleta de lixo. Também em ambos os casos, cerca de 20% das suas residências ainda não dispõem de saneamento adequado ou medidor de energia individual. Em tempo: dos 1.020 aglomerados precários de São Paulo, 302 possuem menos de 50% de saneamento adequado. Desses, só 37 contam com população superior a duas mil pessoas.¹⁰

Mas há ainda outro dado comum a Paraisópolis e Heliópolis: ambas guardam na memória uma história que viveram juntas pelo direito a ter meios próprios de comunicação - conquista recente de uma luta antiga de instalar uma rádio de baixa potência na comunidade.

⁹ Folha de S. Paulo, edição de 26 de dezembro de 2011. Caderno Opinião, p. A2 – Editoriais.

¹⁰ Folha de S. Paulo, edição de 22 de dezembro de 2011. Caderno Cotidiano, p. C6 . “País tem 11 milhões de pessoas em favelas”, de Antonio Góis e Denise Menchen.

2.2 Assunto e problema de pesquisa

Considerando o marco legal que viabilizou a existência de emissoras de baixa potência no quadro dos serviços de telecomunicações e de radiodifusão no Brasil, como, de que forma e sob quais condições essa miríade de pequenas emissoras está se consolidando enquanto espaço comunicativo e educativo? Como estão se sustentando economicamente? Do que tratam as suas programações? Que tipo de ouvinte querem atrair? Esse tipo de rádio é, de fato, mais uma alternativa para contrariar os grandes meios de comunicação? Pelo que, de fato, essas rádios estão mobilizadas?

Tal questionamento é pertinente. Temos notado que a grande maioria das emissoras de baixa potência em operação no Brasil perdeu o fôlego que antes da legalização as animava em função das restrições formais que comprometem sua sobrevivência. Falamos aqui da sustentação financeira da emissora: os apoios culturais, única forma permitida de aportar recursos de patrocinadores ou anunciantes, são vinculados a regras bastante leoninas. O anunciante precisa estar sediado na área da comunidade atendida pela emissora. Propagandas ou publicidades comerciais estão proibidas. Outro dado importante e revelador é que muitas dessas emissoras, agora legalizadas, repetem modelos e formatos de programação de rádios comerciais e imprimem gestões pouco democráticas na condução de suas equipes.

Nossos questionamentos, de caráter amplo e abrangência nacional, voltam-se, neste estudo, para o território circunscrito da cidade de São Paulo e foram investigados a partir da amostra de pesquisa com as emissoras legalizadas no município, em 2010.

2.3 Hipóteses

Em uma investigação, a função do conjunto de hipóteses é ligar a teoria à prática e, assim, orientar o desenho e a estratégia da pesquisa. Para Lopes (2001), as hipóteses se originam da problemática teórica e conceitual do objeto e se constituem em *hipóteses teóricas da investigação*, ou seja, em *hipóteses de trabalho*.

Para Orozco Gómez (1997), a produção de conhecimento nas Ciências Sociais, especialmente no campo da Comunicação, avançou consideravelmente nas duas últimas

décadas. Tal fato deu vazão a novas possibilidades metodológicas que, mantendo o equilíbrio entre rigor e criatividade, compreendem a atividade da pesquisa como uma aliada não só do entendimento do mundo, mas da sua transformação. Trata-se de produzir um tipo de conhecimento reconhecido na esfera acadêmica e útil também fora dela.

Neste cenário, a perspectiva da pesquisa qualitativa destaca-se por possibilitar atenção mais aguda aos variados aspectos do objeto de estudo, associando elementos informativos e contextualizadores desse objeto com a finalidade de compreendê-lo de forma mais integral e profunda. Mais que *verificar*, o esforço é o de *compreender*, e esta é uma das muitas marcas que diferenciam o método quantitativo do qualitativo – debate não superado que envolve disputas, em vários níveis, entre as grandes áreas do conhecimento pela legitimidade do fazer científico. Segundo Orozco Gómez (1997), a perspectiva metodológica qualitativa conquistou seu lugar nas pesquisas científicas a partir dos anos 1990 ao lutar contra a visão positivista, as estatísticas e todas as outras lógicas quantitativas na produção de conhecimento.

Conduzida pela perspectiva qualitativa, reconhecemos a importância de elementos ordenadores na construção e reconstrução permanente tanto do próprio objeto desta pesquisa quanto do processo investigativo e dos pressupostos teóricos que a orientam.

Quando pensamos no rádio comunitário, referimo-nos a um espaço de formação onde o ouvinte é um sujeito que não apenas ouve, mas também fala. O conteúdo da programação é planejado de forma a fazer sentido para o ouvinte e o percurso cotidiano dessa emissora decorre, necessariamente, de uma escolha consciente. Mas, na prática, percebemos uma emissora com pouco espaço de participação do ouvinte, fôlego e entusiasmo reduzidos para mudanças e com sérios problemas de sustentação financeira, limitando-se a cuidar do básico, e nada mais. Os apoios culturais, única forma de aportar recursos de patrocinadores ou anunciante, regem-se por orientações bastante restritivas.

Legalizadas, não ousam buscar modelos e formatos diferenciados de programação, tampouco imprimem gestões mais democráticas na condução de suas equipes em nome da lei da radiodifusão comunitária, que precisam respeitar para não perderem a autorização de funcionamento.

Neste contexto, configuramos um sistema de hipóteses que pode ser assim definido:

Percebemos que a grande maioria das emissoras de baixa potência em operação na cidade de São Paulo perdeu o fôlego que as animava em função das restrições formais que comprometem sua sobrevivência e que estão impostas na lei que as regulamentou. As rádios estão enfrentando sérias dificuldades que, nesta fase, dizem respeito, especialmente, à sua sustentação financeira. Ressentem-se também da falta de apoio governamental, nos vários níveis de poder, principalmente pelo fato de não estarem incluídas formalmente nas campanhas publicitárias oficiais dos governos, em âmbito federal, estadual e municipal, compromisso assumido por vários gestores públicos e que ainda não se realizou.

Percebemos também que, fruto das circunstâncias e das novas situações vividas no período de legalização, cada emissora criou um novo jeito de marcar presença no cenário da radiodifusão e está forjando uma nova identidade, ainda em construção. Nesse sentido, considerando que os fatores que determinam a caracterização de uma emissora são os usos e os conteúdos que ela gera e difunde (PERUZZO, 2011, ROLDÃO, 2006), entendemos ser possível analisar essa rádio comunitária tendo em vista a sua programação a partir de três aspectos: (1) *Definição dos conteúdos* - como os conteúdos são definidos, organizados e por que se optou por esta forma de programação; (2) *Grau de interlocução* - qual o tipo de interlocução que a emissora mantém com os seus ouvintes e de que forma isso é avaliado, na prática; (3) *Nível de compromisso* - como a emissora expressa o seu compromisso com os rumos da comunidade.

2.4 Objetivos gerais e específicos, teóricos e práticos

Este estudo tem como objetivo geral recuperar o percurso das emissoras comunitárias que passaram a ter vez e voz na cidade de São Paulo a partir de suas legalizações. Como objetivos específicos a pesquisa se propõe a: (1) localizar os procedimentos adotados pelas equipes das emissoras para definir e organizar a sua programação; (2) identificar como cada emissora se relaciona com o seu ouvinte e entender como acontece tal interação, (3) verificar a maneira pela qual a emissora está resolvendo a sua sustentabilidade financeira e (4) prospectar, a partir de uma reflexão com os comunicadores, se na emissora há lugar para Educação.

Teoricamente, pretende-se exercitar meios e formas diferenciadas de analisar, com maior precisão, as grades de programação de emissoras de rádio, em especial as comunitárias. São recursos que, se bem registrados, guardam informações múltiplas e podem ser reveladores do tipo de trabalho que desenvolvem. Consideradas em seus propósitos e nas formas como são concebidas, planejadas e organizadas, as ofertas de programação de uma emissora revelam a identidade dessa rádio e podem também desvelar competências comunicativo-educativas que priorizam em sua trajetória. Na prática, a intenção é colaborar com as discussões sobre formação que invadem a área da comunicação popular, especialmente no que se refere à supervalorização do papel das novas tecnologias no quadro das habilidades desejáveis ao bom desempenho cotidiano de comunicadores e radialistas.

2.5 Referencial Teórico

É basilar na comunidade científica o entendimento de que o ato de pesquisar envolve habilidades técnicas e destrezas diversas, referindo-se, sobretudo, a um exercício político e ideológico. No contexto dessas produções, as boas práticas sugerem que pesquisadores explicitem suas escolhas e apontem o lugar em que se colocam ao abordarem os seus objetos de estudo. (LOPES, 2001).

Nesse sentido, quando o sociólogo Octávio Ianni (2000) discorre sobre as perspectivas e referências teóricas que interpretam e explicam a realidade social, destaca que

A perspectiva teórica em que se coloca a análise estabelece as condições e as possibilidades da comparação. Seria possível dizer que cada teoria da realidade social implica não só a eleição de evidências como também a eleição de parâmetros lógicos de interpretação: dado e significado, descrição e análise, explicação e compreensão, parte e todo, sincronia e diacronia, quantidade e qualidade, passado e presente, singular e universal. (IANNI, 2000, p.15-17).

Nesta pesquisa, a interpretação e a explicação da realidade social assentam-se na visão materialista e dialética da história, pois é tal olhar que nos permite entender a sociedade como resultado da transformação da natureza pelo homem – sujeito ativo e atuante na sua própria transformação. Os aspectos histórico e econômico dessa visão do mundo, assim como o conjunto das concepções sobre os problemas, o método e as categorias da

economia política, sobre o desenvolvimento econômico da sociedade e muito particularmente da sociedade capitalista, foram conceituados, fundamentalmente, nas obras de Marx e Engels.

(...) na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. (MARX e ENGELS, 1983, p. 301).

Para Ianni (2000), as reflexões de Marx sobre a realidade social tinham caráter comparativo e se organizavam de modo a desvendar as formas de apropriação e dominação que teciam a realidade social. No contexto do capitalismo, onde a burguesia articulada à propriedade privada é a classe social dominante, é que se “desenvolvem as forças produtivas, compreendendo capital, tecnologia, força de trabalho, divisão do trabalho social, mercado, planejamento e violência estatal” (IANNI, 2000, p.20).

Plekhanov (1978), que discorreu sobre os princípios fundamentais do materialismo dialético, entendeu que a interpretação materialista da história tem, sobretudo, um valor metodológico tanto por indicar as causas que determinam, no curso da evolução humana, as relações mútuas que os homens estabelecem entre si, quanto por iluminar a explicação do procedimento ao qual é preciso ater-se para descobrir quais são essas causas e trabalhar sobre elas. Neste contexto em que é o *ser* que determina o *pensar*, os homens se comunicam não como simples pessoas, mas como sujeitos de uma determinada classe social, dentro de condições desiguais em um sistema de dominação:

As relações jurídicas e políticas engendradas por uma dada estrutura econômica exercem uma influência decisiva sobre toda a psicologia do homem social. Marx diz: ‘sobre as diferentes formas da propriedade, sobre as condições sociais de existência, vem-se erigir toda uma superestrutura de sensações, ilusões, maneiras de pensar, de conceber a vida, todas diversas e singulares em seu gênero (PLEKHANOV, 1978, p.38-39).

Refletindo sobre a natureza desta nossa pesquisa, sobre o território geopolítico em que se assenta e as discussões no âmbito específico da comunicação e da cultura popular que pretende abordar, entendemos que especialmente as teorias das mediações dos estudiosos latinoamericanos nos ajudam a sinalizar questões que ainda são centrais nas pesquisas em

comunicação no Brasil. Por isso, quando ordenamos as linhas teóricas e buscamos autores que, pela profundidade, pertinência e atualidade de suas proposições, pudessem contribuir de forma significativa na compreensão da essência deste nosso trabalho, reconhecemos em tais estudos nossos pilares teóricos e metodológicos.

Sendo assim, passamos a discutir alguns elementos ordenadores a serem observados no processo de construção e operacionalização de nossa pesquisa.

Em texto modular para compreender os rumos das pesquisas em Comunicação, particularmente no continente latinoamericano, Lopes (2011) apontou para a necessidade de renovação, fazendo interagir, em novas bases, a pesquisa acadêmica crítica com os projetos de intervenção dos movimentos sociais na região. Sinalizou para a criação de estratégias teórico-metodológicas capazes de potencializar os estudos de educação para os meios – que eram, à época, o arcabouço teórico da grande maioria dos projetos de caráter educativo e de mobilização social.

Lopes apontou que, na América Latina, os estudos de educação para os meios surgiram nos anos 1980 vinculados às discussões sobre cultura popular e sob o manto dos estudos críticos. Tinham como foco a perspectiva da dominação ideológica da indústria cultural, aliada à concepção essencialista da cultura popular – motivo pelo qual propunham combater os grandes meios de comunicação construindo sistemas informativos alternativos e paralelos. Ao longo da década, tais investigações passaram a incorporar experiências educativas com receptores e em espaços socialmente determinados. Para tanto, foram fundamentais as contribuições teóricas latino-americanas como as mediações e as hibridizações.

A obra de Antonio Gramsci também contribuiu enormemente nas análises e discussões acerca da cultura na sociedade de classes ao apoiar-se em conceitos como cultura hegemônica e culturas subalternas. (LOPES, 2001). Ao enfatizar que a classe hegemônica precisa se reproduzir e se renovar cotidianamente, Gramsci justifica a adoção de alianças políticas que permitam a composição e a negociação entre as classes e, conseqüentemente, acertos e modos de convivência entre as culturas.

Para afirmar que a maneira de sentir e pensar das classes populares é refletida em seus discursos e nas suas práticas, Gramsci mergulhou em busca do entendimento do mundo das chamadas classes subalternas e reconheceu nelas uma convivência não harmoniosa, mas não necessariamente conflitiva com outras culturas e ideologias. Localizou, isto sim, uma relação que considerou desnivelada e dominada, fato que o leva a defender que o estudo das culturas deve sempre apontar para estratégias de construção da hegemonia e ser feito de modo relacional, não como algo isolado em si mesmo.

Importante refletir que uma vez assentado no paradigma materialista - como é o caso deste nosso estudo - o trabalho do pesquisador é buscar no campo histórico-social as relações estruturais de seu objeto por meio dos princípios da contradição. A ele também caberá promover a interconexão dos vários elementos envolvidos no fenômeno, permitindo o surgimento de um novo conhecimento, uma nova faceta do objeto.

A adoção da perspectiva qualitativa como método de investigação e análise corrobora o entendimento de que a explicação dos fenômenos nas ciências sociais não está no acontecimento em si, mas na perspectiva dialética em que o fato surge, se alimenta e circula. Nesse sentido, as reflexões mantidas no âmbito das relações entre cultura, meios de comunicação e sociedade avançaram consideravelmente, do ponto de vista qualitativo, com o conceito de mediação disseminado por Jesús Martín-Barbero.

A partir da obra de Gramsci, Martín-Barbero reitera o entendimento da cultura como um campo de luta e disputa dos sentidos e se propõe a discutir a forma como o público recebe a mensagem, como se apropria dela, criando e recriando os seus próprios significados. Tece também considerações acerca do popular, cujos estudos não se restringem ao que é produzido culturalmente pelas massas, mas também àquilo que consomem, dentro da complexidade e atualidade do mundo urbano. Ao localizar que na América Latina desenvolveu-se um tipo de investigação sobre os processos de construção do massivo a partir das transformações nas culturas subalternas, compreendeu que a comunicação convertera-se em espaço estratégico para pensar os bloqueios e as contradições que dinamizavam as sociedades latinoamericanas.

Por reconhecer a cultura como a maior mediação de todos os processos sociais, Martín-Barbero defende que, em pesquisas qualitativas no âmbito da comunicação, o tema das

mediações deve ser compreendido e analisado tendo em vista o *contexto* em que se estabelecem as relações entre os componentes de um processo investigativo.

De fato, Martín-Barbero vocalizou uma ruptura e um deslocamento do foco do estudo da comunicação para o pólo da recepção a fim de tentar revelar uma nova percepção sobre o popular. Redirecionou o estudo dos "meios" para o "lugar" e, dessa forma, passou a entender o bairro como o grande mediador entre o universo privado da casa e o mundo público da cidade. Desde então, para o pesquisador, o bairro é o lugar onde são produzidos os sentido do popular-urbano e onde se forja a nova identidade do popular.

Assim, o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais. (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 270).

2.6 Metodologia de pesquisa

Ao reconhecer que a investigação de caráter qualitativo é um processo de decisões metodológicas, esta pesquisa assume o Modelo Metodológico (Lopes, 2001) como referência. A autora recomenda observância e rigor não só no uso adequado dos instrumentos de pesquisa, mas também na sustentação de todas as decisões tomadas pelo pesquisador no processo de desvelamento de seu objeto de estudo.

Nas pesquisas empíricas, as técnicas de amostragem são utilizadas para delimitar o universo da investigação. Portanto, é o objeto e sua problemática que devem nortear o uso dessas técnicas, assim como apontar as vantagens e desvantagens de cada uma. Lopes entende que, longe de constituir uma forma neutra e controlada de elaboração de dados, as técnicas de amostragem, coleta e seleção “supõem um conjunto de retenções e de exclusões, as quais são tanto mais perniciosas quanto mais permanecem inconscientes.” (LOPES, 2001, p. 144-145).

2.6.1 Delimitação do Universo e Amostra

Neste estudo, o *universo* da pesquisa são as 34 emissoras comunitárias legalizadas no município de São Paulo. (Quadro 1).

Emissoras comunitárias legalizadas na cidade de SP (34)	
<i>Status referente ao 2º semestre de 2011</i>	
Zona Norte (4)	
1.	Associação Cantareira (Vila Isabel)
2.	Associação Comunitária de Comunicação e Cultura do Tucuruvi (Vila Mazzei)
3.	Associação Cultural Comunitária do Imirim (Santa Terezinha)
4.	Sociedade Cultural Cívica Brasileira (Limão)
Zona Sul (11)	
1.	Associação Brasileira de Qualificação e Ensino Pró-Rádio (Vila Monumento)
2.	Associação Cultural Comunitária Pró Desenvolvimento Infantil de Parelheiros (Chácara São Silvestre)
3.	Associação Cultural Comunitária Star Sul (Vila Santa Catarina)
4.	Associação de Comunicação Comunitária Alvorada do Bairro Pedreira (Vila dos Andradas)
5.	Associação Cultural Amigos do Brooklin (Cidade Monções)
6.	Associação Cultural Comunitária Asa Dourada (Jardim Marquesa)
7.	Associação Cultural Comunitária da Paz (Jardim Moraes Prado)
8.	Associação Cultural Comunitária Zona Sul (Parque São José)
9.	Associação e Movimento Comunitário Beneficente Educativa Cultural Saúde FM (Vila Água Funda)
10.	União de Moradores e do Comércio de Paraisópolis (Vila Susana)
11.	UNAS - União das Associações e Sociedades de Heliópolis e São João Clímaco (Heliópolis)
Zona Leste (11)	
1.	Associação Cultural Comunitária Milênio (Itaim Paulista)
2.	Associação Rádio Comunitária Caminho para a Vida (Jardim Pérola II)
3.	Comunidade Spicilegium Dei de Amparo Social e Cristão (Jardim Belém)
4.	União Social do Jardim Santana e Adjacências (Vila Rosaria)
5.	Associação Cultural Comunitária Everest (Jardim Ângela)
6.	Associação Cultural Comunitária Inteira Ação (Chácara Belenzinho)
7.	Associação Cultural Comunitária Libertação (Parque Savoy City)
8.	Associação Cultural Rádio Comunitária Tiradentes FM (Chácara Santa Etelvina)
9.	Associação de Difusão dos Amigos de Vila Alpina (Vila Alpina)
10.	Associação Cultural Comunitária Princesa Isabel (Vila Princesa Isabel)
11.	Associação Cultural de Radiodifusão de Vila Dalila (Vila Guilhermina)
Zona Oeste (7)	
1.	Associação Casa da Cidade (Sumarezinho)
2.	Associação Cultural Comunitária Ternura de Perus (Jardim Adelfiore)
3.	Associação Videomaker do Brasil (Vila Regina)
4.	Associação Cidadã (Vila Polopoli)
5.	Organização dos Moradores de Pirituba (Vila Pirituba)
6.	Associação Cultural Comunitária LBR (Cidade D´Abril)
7.	Associação Cultural Rádio Livre Comunitária Studio 100 FM (Pirituba)
Centro (1)	
1.	Associação Mensagem de Esperança (Bom Retiro)

Quadro 1 - Emissoras comunitárias legalizadas na cidade de São Paulo.

A amostra foi selecionada a partir das rádios com licenças definitivas e /ou provisórias de funcionamento [expedidas até 31 de dezembro de 2011] e que nos permitiram visita *in loco* para constatar seu funcionamento e/ou preparo para ir ao ar.

Trata-se, portanto, de uma técnica de amostragem não-probabilística, onde não cabe a interferência estatística, já que não foi possível conhecer a probabilidade que cada

emissora tinha de ser selecionada para fazer parte da amostra. “Neste caso, a amostra é dita significativa ou de representatividade social (não-estatística), e os métodos de tratamento dos dados são qualitativos.” (LOPES, 2001, p. 145).

Do universo de 34 emissoras, onze delas mantiveram-se disponíveis para a pesquisa (em vermelho) e seis (em laranja) delas seguiram conosco até o final da investigação, como demonstra a Figura 2.

2.6.2 Técnicas de Coleta de Dados

As técnicas de coleta ou observação de dados variam de acordo com a natureza da pesquisa e são determinadas pela maneira com que integram a estratégia da investigação. Nas pesquisas sociais empíricas, a etapa de observação é realizada por meio de técnicas ditas de observação direta e de observação indireta, mas normalmente combinadas em função dos propósitos da pesquisa, que exigem diversos tipos de dados. (LOPES, 2001, p. 146).

Considerando que a perspectiva qualitativa possibilita o uso de instrumentos e métodos que permitem explorar o objeto de estudo em seu contexto sem reduzi-lo ou limitá-lo em sua variedade e a uma única perspectiva, três técnicas, em especial, foram aqui propostas: pesquisa documental, visita *in loco* e entrevista em profundidade.

A *pesquisa documental* compreendeu levantamento do histórico da emissora e informações gerais sobre o bairro onde a rádio está instalada - o que de imediato estabeleceu a relação de importância mútua entre o veículo e a comunidade local. Na visita *in loco*, o que se pretendeu foi, essencialmente, conhecer as instalações e o funcionamento da emissora, assim como a sua equipe, verificando como os radialistas se preparam para a tarefa de atuar, cotidianamente, nos microfones da emissora. No caso das entrevistas, por tratar-se de uma conversa de condução livre – portanto, prenhe de possibilidades, a chance de ser mais completa seria maior, ao mesmo tempo, mais exploratória e dirigida a situações da vida e do repertório do entrevistado. (OROZCO GÓMEZ, 1997, p. 107).

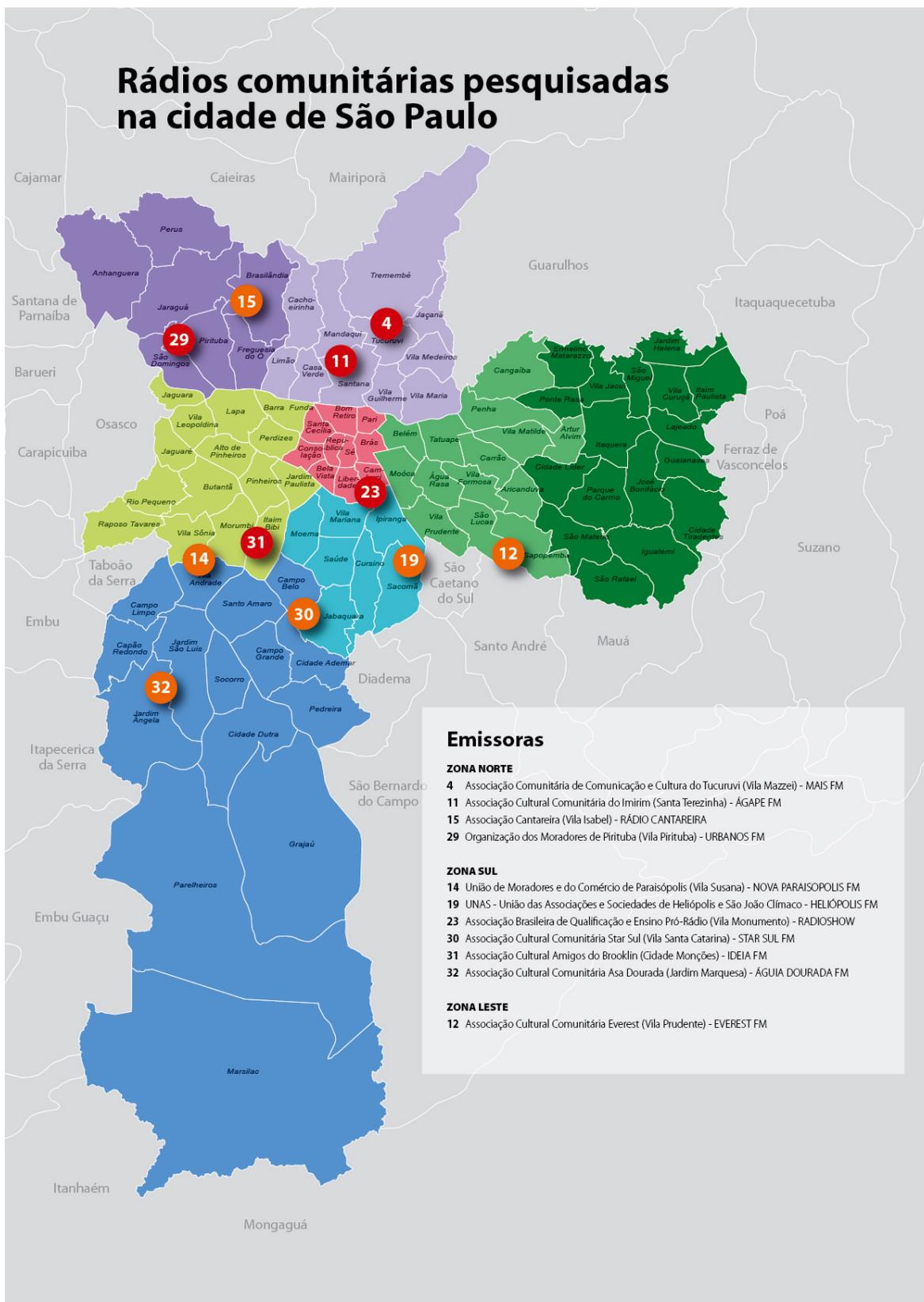


Figura 2 - Localização geográfica da amostra de pesquisa: onze rádios comunitárias que operam no município de São Paulo. Em laranja, as seis emissoras com as quais conseguimos concluir a pesquisa. Fonte: Serviço de Radiodifusão Comunitária do Ministério das Comunicações / Prefeitura Municipal de São Paulo - Infocidade / OBORÉ.

Ao tratar de entrevistas em profundidade, referimo-nos, sobretudo nesta pesquisa, aos estudos de Ecléa Bosi (2007). Ela nos ensina que a riqueza e a diversidade do mundo social podem chegar até nós pela memória e que cada ser humano tem o seu jeito e o seu modo próprio de lembrar, o pode ser percebido e compreendido no momento da narração de sua própria vida. Segundo a autora, o vínculo de amizade e confiança construídos com os entrevistados e o desejo de compreender as vidas reveladas nos depoimentos viabilizaram o seu percurso metodológico frente às limitações decorrentes do método da observação participante para a compreensão plena de uma dada condição humana: “entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido.” (BOSI, 2007, p. 90).

Em sua obra *Memória e Sociedade* (2007), Bosi recorre a vasto suporte teórico para analisar, interpretar e descrever as narrativas, buscado em autores como Henri Bergson, Maurice Halbwachs, Frederic Charles Bartlett, Willian Stern e em obras de fôlego dedicados aos temas da velhice e do processo narrativo como as de Simone de Beauvoir e Walter Benjamin.

De Bergson, a autora destacou referências ao princípio central da memória, que para o autor está ligado à conservação do passado e sobrevive tanto chamado pelo presente, sob a forma de lembranças, quanto em si mesmo, em estado inconsciente. De Halbwachs, a atenção da autora recaiu sobre o princípio de que o que rege a atividade da memória é a função social exercida pelo sujeito momento em que é provocado a lembrar. De Bartlett, Bosi enfocou a assimilação e a criação social de novos símbolos a partir de outras interações sociais grupais. E de Stern, a autora destacou que as percepções recuperadas podem passar por um período de latência, desaparecer da consciência e reaflorescer, se provocadas. (BOSI, 2007, p. 43-68).

Destaca também a autora algumas especificidades desses pesquisadores. Ao observar experiências ligadas à percepção, Henri Bergson¹¹ (1959 apud BOSI, 2007, p. 43-53) opõe a maneira de como se constitui o universo das lembranças ao do das percepções e ideias. Estabelece dois processos distintos para esses estímulos: um que relaciona imagem do corpo e ação (esquema motor) e outro que relaciona imagem do corpo e representação (esquema perceptivo). Ambos, porém, dependem de um mesmo esquema corporal que

¹¹ BERGSON, Henri. *Matière et mémoire*, in Henri Bergson, **Oeuvres**. Paris, PUF, 1959.

vive no presente imediato e nele se realimenta. Berson ainda explica que a percepção não é mero resultado de uma interação do ambiente com o sistema nervoso mas toda percepção está impregnada de lembranças. E que pela memória, o passado vem à tona, mistura-se com as percepções imediatas e as desloca para ocupar todo o espaço da consciência. Com isso, ele mostra a liberdade e a espontaneidade da memória, em oposição aos esquemas mecanicistas que a conservam adormecida. Ou seja, toda lembrança existe em estado latente antes de ser atualizada pela consciência. Quando solicitada, a consciência colhe e escolhe, dentro do processo psíquico, tudo o que costuma ficar à sombra em estados infraconscientes.

Herdeiro na tradição da sociologia francesa, Maurice Halbwachs relativiza a distinção entre memória e percepção defendida por Bergson e propõe tratar a memória enquanto fenômeno social. (Halbwachs¹², 1956 apud BOSI, 2007, p. 43-67). Ele volta-se ao estudo não da memória em si, mas dos “quadros sociais da memória”, realçando a iniciativa que a vida atual do sujeito toma ao desencadear o curso da memória. Para o sociólogo, a memória não é sonho e sim trabalho: lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir as experiências do passado com imagens e ideias de hoje. Ao pesquisar a forma com que o passado é reconstruído, o autor verifica que o instrumento socializador da memória é a linguagem, que reduz, unifica e aproxima o sonho, a imagem lembrada e as imagens atuais no mesmo espaço histórico e cultural. Para ele, no interior das lembranças trabalham noções gerais veiculadas pela linguagem – logo, institucionalizadas – cujo caráter objetivo e transubjetivo faz com que as imagens resistam e se transformem em lembranças.

Frederic Charles Bartlett, que estudou a construção social da memória, admite a existência de um *contínuo* que vai da simples assimilação à criação social de novos símbolos a partir de outras interações sociais grupais. Para ele, a memória das pessoas depende deste longo e amplo processo no qual o que é retido é o que mais significa. (Bartlett¹³, 1932 apud BOSI, 2007, p. 64-68).

Para William Stern, as percepções podem passar por um período de latência durante o qual desaparecem da consciência, mas reafioram se provocadas por motivos diversos. Para ele, há um fundo ininterrupto que permite a reanimação de uma imagem antiga. A unidade

¹² HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris, PUF, 1956.

¹³ BARTLETT, Frederic. **Remembering**. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.

pessoal conserva intatas as imagens antigas, mas pode alterá-las conforme as condições concretas do seu desenvolvimento. Ou seja, a memória poderá ser conservação ou elaboração já que está a meio caminho entre o instinto (repetição) e a inteligência (inovação). (Stern¹⁴, 1957 apud BOSI, 2007, p. 67-68).

No caso das entrevistas que realizamos com radialistas de emissoras comunitárias, já nos alertara Ecléa Bosi que enfrentaríamos resistências de vários níveis, dificuldades naturais de uma evocação: no trajeto dessas e de outras tantas reflexões e lembranças a que nos propuséssemos enfrentar junto com o nosso depoente, decorressem todos os tipos de turbulência. Tal assertiva já pudemos observar em nosso pré-teste, no final de 2011 (Anexo 1) . Tanto nas falas dos radialistas quanto na escuta preliminar de algumas das programações dessas rádios, nos deparamos com alguns conflitos, interdições e limitações cotidianas, tais como descontinuidade de programação (fora do ar ou alteração de programação sem explicação alguma), falta de retorno às nossas ligações para continuar a pesquisa, dificuldades no agendamento das visitas etc. Tais indícios reforçaram, à época, a necessidade de reorientar todo o questionário a fim de os perfis aos quais nos referíamos pudessem ser construídos a partir de respostas coerentes, com categorias de análise bem definidas, como as que passamos a adotar na versão final deste trabalho. (Anexo 2)

2.6.3 Sobre a Descrição e a Interpretação dos Dados

De acordo com o Modelo Metodológico, as fases de descrição e de interpretação dos dados da pesquisa referem-se a operações metodológicas de análise bastante particulares: “a descrição faz a ponte entre a fase de observação dos dados e a fase da interpretação e, por isso, combina igualmente em suas operações técnicas e métodos de análise.” (LOPES, 2001, p. 149).

Uma descrição é feita através de uma *análise descritiva* a partir de procedimentos técnicos de organização, crítica e classificação dos dados coletados (como tratamento estatístico, tabulações, relações e cruzamentos e categorização, por exemplo). E é seguida de *procedimentos analíticos* que organizam as informações a partir das lógicas de descrição demandadas pelas técnicas de coleta de dados. Estas, por sua vez, respondem de modo

¹⁴ STERN, William. **Psicologia general**. Buenos Aires: Paidós, 1957.

coerente aos propósitos da pesquisa, traduzindo, na prática, o movimento de circularidade presente em todo e qualquer processo investigativo empírico.

Considerando que nesta pesquisa foram utilizadas, em especial, técnicas de observação direta (*visitas in loco*) e indireta (*pesquisa documental e entrevistas em profundidade*), descrição dos dados foi assim organizada: os registros das entrevistas foram transcritos na íntegra e passaram por análise interpretativa; dos registros escritos da observação participante foram destacados as referências aos tipo de programação referido pelos radialistas, com especial atenção às formas de planejamento e preparo dos programas. Dados complementares desta pesquisa foram as grades de programação sistematizadas, assim como o histórico das emissoras e as informações sobre os bairros e distritos da cidade, organizadas a partir da análise documental.

A fase da explicação ou interpretação – etapa da análise e onde a pesquisa atinge a condição própria de cientificidade – envolveu a teorização dos dados empíricos dentro da perspectiva teórica adotada no início da pesquisa. Como nas Ciências Sociais cada um dos três principais métodos de interpretação lida com problemas teóricos e empíricos próprios e diferenciados, foi o quadro teórico de referência que forneceu os métodos interpretativos de análise pelos quais os dados foram explicados. (LOPES, 2001, p. 151-152).

Fundada que está no método dialético, a lógica interpretativa desta pesquisa está no campo histórico-social. Portanto, buscou as relações estruturais do fenômeno que estuda no todo social por meio dos princípios da contradição. Considerando o apoio teórico de Raymond Williams, no contexto da abordagem marxista a prática da análise rompe com o procedimento habitual de isolar o objeto para descobrir os seus componentes: “temos que descobrir a natureza de uma prática e então suas condições”. (WILLIAMS, 2005, p. 223-224).

3 REFAZENDO O PERCURSO DA PESQUISA

3.1 Detalhamento do processo de pesquisa

Neste capítulo, dedicamo-nos a refazer o percurso da pesquisa não apenas para situá-la no tempo e no espaço cotidiano da cidade, mas como forma de esclarecer determinadas decisões e procedimentos nela adotados que não estavam previstos no seu planejamento. Destacamos também que, dada a quantidade de dados e informações coletadas, optamos por apresentá-las sob a forma de um capítulo específico, do qual também constam as etapas analíticas e interpretativas dos resultados.

Em termos de cronograma, reportamo-nos diretamente ao primeiro semestre de 2012, que foi totalmente dedicado a produzir o Relatório de Qualificação, apresentado à banca de avaliadores no final de junho do mesmo ano. Com isso, além de organizar a parte teórica e metodológica deste estudo, consolidando o capítulo específico da tese, também foram redigidos os textos teóricos da revisão bibliográfica sobre Comunicação e Educação, Comunicação popular, comunitária e alternativa e todo o capítulo referente à conceituação, ao histórico e estado da arte das rádios comunitárias no Brasil e, em particular, na cidade de São Paulo.

No segundo semestre de 2012, além de refinar os aspectos teóricos e metodológicos que constavam do Relatório de Qualificação, iniciamos as leituras recomendadas pela banca e retomamos o contato com as rádios para definir a amostra definitiva de pesquisa.

Como já citado, do universo de 34 emissoras, onze delas mantiveram-se disponíveis para avançar conosco na investigação. Com isso, uma série de providências foram necessárias a fim de buscar e organizar os dados de cada uma delas – referimo-nos aqui à etapa da *pesquisa documental*, que compreendeu levantamento de informações básicas sobre a emissora: dados cadastrais, documentos oficiais e histórico da rádio, dados do bairro e / ou distrito em que opera, programação atualizada, equipe, site na web etc.

As informações foram coletadas em acervos das próprias Associações mantenedoras e sites das emissoras; da Associação dos Notários e Registradores do Estado de São Paulo – ANOREG; do Ministério das Comunicações, Portal Infocidade / Prefeitura Municipal de São Paulo; Secretaria Municipal das Subprefeituras; Instituto Datafolha / DNA Paulistano; Bairro Vivo /Câmara Municipal de São Paulo; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Escritório Modelo D. Paulo Evaristo Arns / Núcleo de Práticas Jurídicas da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP e arquivo / fototeca da OBORÉ.

Uma vez sistematizados, os dados nos possibilitaram descrever alguns dos cenários em que essas rádios atuam: nos informaram sobre as condições reais do território em que estão instaladas, nos indicaram pistas de sua origem, como e em que condições foram criadas, além da maneira de como se dão a conhecer na web. Tais informações nos facilitaram a preparação da etapa seguinte (2013), quando aconteceram as visitas *in loco* e as entrevistas com os coordenadores das rádios aqui estudadas.

As visitas às emissoras foram adiadas por diversas vezes pois a grande maioria localizava-se em regiões periféricas da cidade, áreas que estavam, em 2012, sob toque de recolher e alvo de ocupação policial militar devido ao embate entre PCC (Primeiro Comando da Capital, facção criminosa) e Polícia Militar. Há relatos de que as emissoras ficavam fora do ar à noite por motivos de segurança. As próprias coordenações das rádios protelaram as entrevistas, agendadas para agosto de 2012, em função do clima tenso em suas regiões, situação que só se publicizou após as eleições municipais (setembro) e rapidamente se estendeu para a Grande São Paulo e interior paulista. Frente à pouca perspectiva de mudança deste quadro a curto prazo, o *deadline* da pesquisa de campo foi prorrogado de dezembro de 2012 para março de 2013.

Tal adiamento acarretou atrasos no cronograma da pesquisa, principalmente na etapa de análise dos dados em função da transcrição do material coletado em entrevistas. Assim como ocorrera em 2012, muitos agendamentos foram suspensos por diversas ocasiões. Em alguns casos, as entrevistas só foram confirmadas no segundo semestre de 2013. Nesse período, revisitamos seis emissoras para entrevistas complementares com seus diretores e enfrentamos o fechamento voluntário de duas rádios (Ágape FM e Mais FM), o que fez com que excluíssemos ambas da análise, já em andamento. (Quadro 2).

Emissora	Pesquisa documental	Escuta	Entrevista	Visita <i>in loco</i>
Show FM	SIM	SIM	SIM	NÃO
Cantareira FM	SIM	SIM	SIM	SIM
Mais FM [<i>excluída</i>]	<i>SIM</i>	<i>Fechada</i>	<i>Fechada</i>	<i>Fechada</i>
Ideia FM	SIM	SIM	SIM	NÃO
Águia Dourada FM	SIM	SIM	SIM	SIM
Ágape FM [<i>excluída</i>]	<i>SIM</i>	<i>Fechada</i>	<i>Fechada</i>	<i>Fechada</i>
Everest FM	SIM	SIM	SIM	SIM
Star Sul FM	SIM	SIM	SIM	SIM
Urbanos FM	SIM	SIM	SIM	NÃO
Heliópolis FM	SIM	SIM	SIM	SIM
Nova Paraisópolis FM	SIM	SIM	SIM	SIM

Quadro 2 – Dados recuperados das emissoras no 2º semestre de 2013: pesquisa documental, visitas *in loco* e entrevistas.

Neste período, também depuramos o texto da tese e pudemos refinar o capítulo teórico do rádio educativo no Brasil, o que aportou mais significado e densidade ao trabalho. Tivemos também que refazer toda a análise das grades de programação, que se alteraram no decorrer dos semestres.

Com este quadro explicativo preliminar, passamos, então, a relatar o que nos foi contado e o que conseguimos apurar de seis emissoras pesquisadas: Rádio Águia Dourada FM, do Jardim Ângela, zona sul de São Paulo; Rádio Cantareira FM, da Brasilândia, zona norte; Rádio Everest FM, da Vila Prudente, zona leste; Rádio Heliópolis FM, do Sacomã, zona sul; Rádio Nova Paraisópolis FM, da Vila Andrade, zonal sul, e Rádio Star Sul FM, da Vila Santa Catarina, também zona sul da cidade.

Quanto às demais rádios, com exceção das duas emissoras fechadas (Ágape FM e Mais FM), as demais não nos receberam para as visitas e para a continuidade das entrevistas: Show FM, Ideia FM e Urbanos FM.

3.2 Descrevendo os dados

3.2.1 Rádio Águia Dourada FM



Foi no dia primeiro de agosto de 2010, na frequência de 87,5 e prefixo ZYU 836 que a Águia Dourada FM entrou no ar para sua primeira transmissão “legal” no Jardim Ângela, região do Guarapiranga. Após ter solicitado ao Ministério das Comunicações a liberação de uma concessão para desenvolver o projeto da emissora de rádio comunitária em 1994, o empresário do ramo de panificação há mais de 30 anos, o mineiro José Alves Magalhães Filho, obteve a licença para operar a rádio em dezembro de 2008. O fato foi divulgado no Diário Oficial da União.

Apenas um ano depois recebia a sua carta de autorização de funcionamento, assinada pelo então Ministro das Comunicações, Hélio Costa. Consta da documentação a data de 17 de dezembro de 2009. A atual diretora da rádio, a enfermeira Maria Aparecida Magalhães, a Teca, filha de Zé Alves, também preside a Associação Cultural Comunitária Asa Dourada. Ela lembra que entre a rádio ter sido criada e a sua oficialização foram pelo menos três visitas da Polícia Federal. *Todas as vezes eles levaram tudo, todos os nossos equipamentos. Depois que a rádio foi oficializada, eles devolveram, mas tudo quebrado,*

uma coisa pra lá e outra pra cá. A gente conseguiu se recuperar, mas foi muito difícil. Só quem tem muita vontade mesmo e sonha muito com isso, senão desiste no meio do caminho, como várias pessoas desistiram. Na nossa época, foram muitas, muitas rádios comunitárias que tentaram começar. Faziam reuniões, iam pra Brasília, aquela galera toda junta para tentar. A maioria desistiu no meio do caminho. Só o seu José Alves mesmo, que é firme e forte, que queria porque queria, acabou conseguindo a concessão. Mesmo a gente já nem acreditava mais que ia conseguir, pois é uma batalha muito difícil.

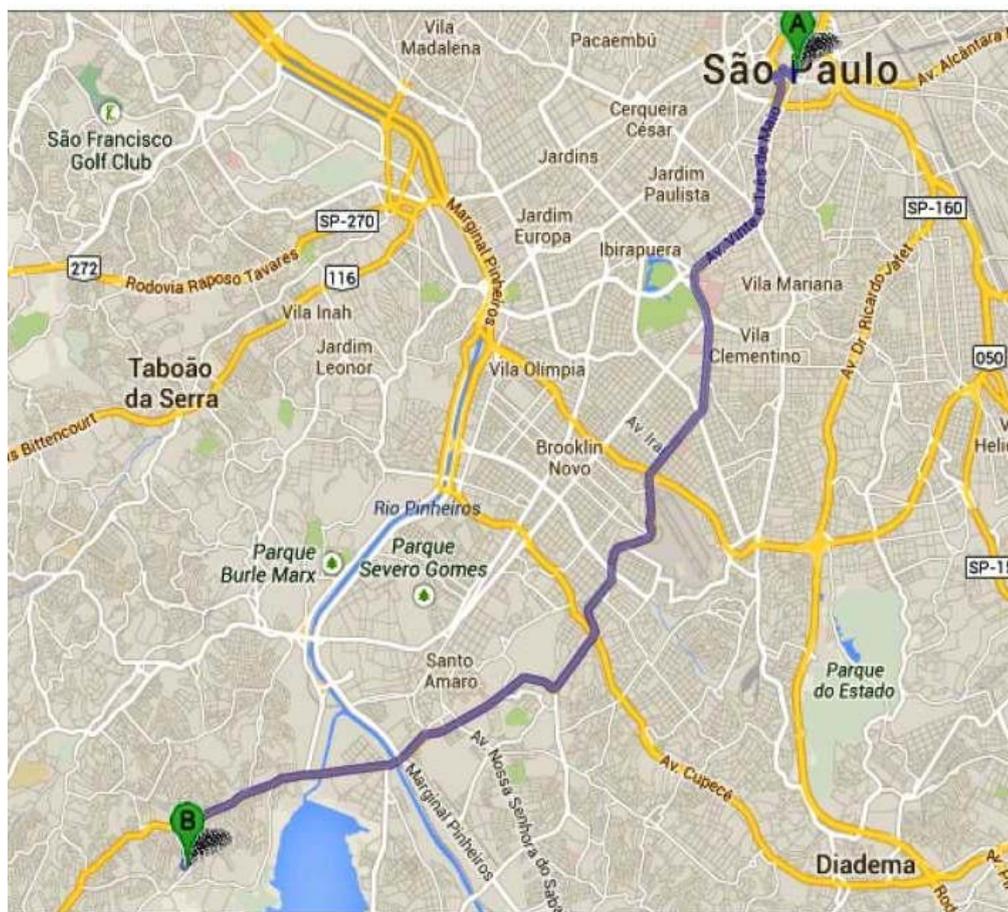


Figura 3 - Rota para o Jardim Ângela, zona sul de São Paulo. O ponto partida é a Praça da Sé.

Para chegar à sede da rádio, é preciso seguir até a região do Guarapiranga. Preferi fazer o percurso de ônibus: do Terminal Santo Amaro, peguei o ônibus 6028-10 – Jardim Riviera. Tive a indicação para descer, cerca de 50 minutos depois, no ponto do Supermercado Ricoy, altura 3400 da Estrada do Guarapiranga. Depois de caminhar cerca de cinco quadras a pé, estava na porta da rádio.



Foto 1 - Fachada da Rádio Águia Dourada, no Parque Figueira Grande (Jardim Ângela).

A Teca me recebeu acompanhada do assistente geral da rádio, Glaysson Reis. Tudo ali era azul e branco, limpinho, e cheirava a café passado na hora. Esta visita durou cerca de duas horas e meia.

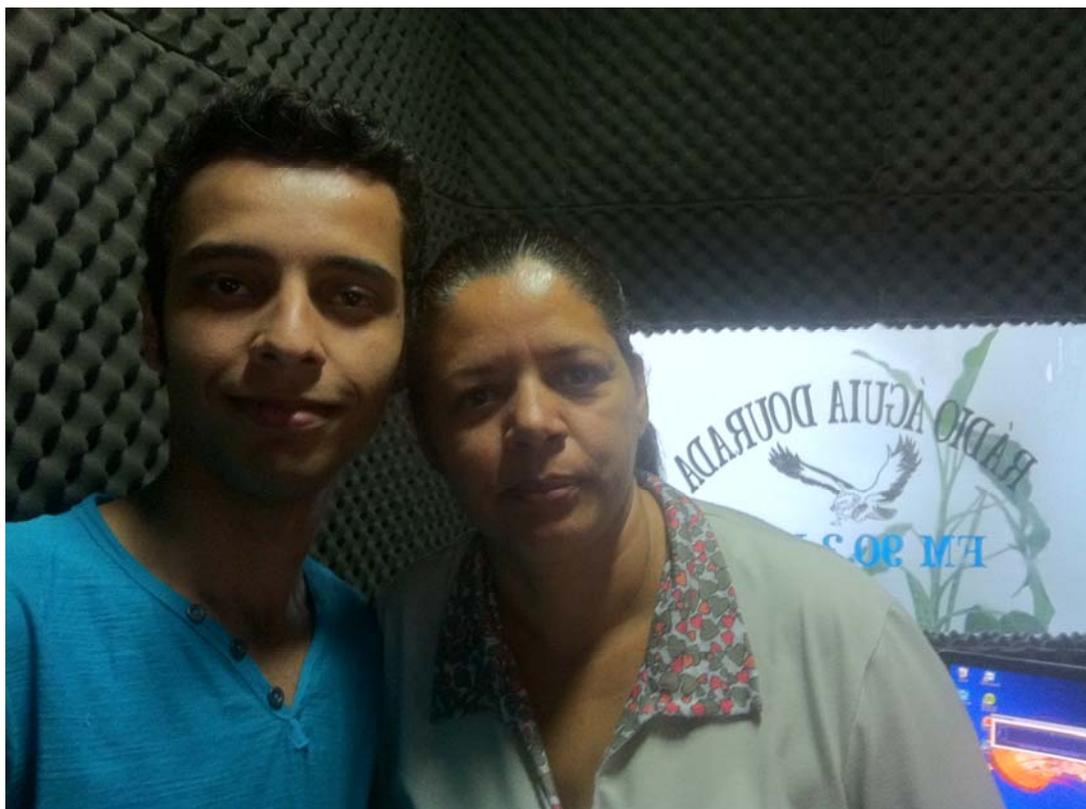


Foto 2 - Glaysson Reis e Teca Magalhães no estúdio da Águia Dourada FM.

Teca começou a conversa falando do seu pai. *Sempre foi um sonho do meu pai montar uma rádio comunitária prá tá ajudando as pessoas. Ele é de Canaã, Minas Gerais, e veio para São Paulo quando tinha 18 anos. Eu tinha seis meses e minha mãe veio grávida da minha irmã. Antes da emissora, ele mexia com eventos, o Frank Aguiar foi o meu pai que lançou, viajando pra baixo e pra cima com ele e fazendo esses shows aí. Mesmo sem a emissora, ele já conseguia fazer esse trabalho fora, de doar cadeiras de rodas, cestas básicas para as pessoas carentes da região.*

Cerca de 300 mil pessoas vivem nos 87 mil domicílios e nas 85 favelas do Jardim Ângela. Com mais de doze mil analfabetos, a região tem 40 km² e nela estão instalados dois centros educacionais unificados (CEU Guarapiranga e CEU Convite ao Sol), além de três bibliotecas públicas e dezenove unidades básicas de saúde (UBS). O distrito abriga 35 escolas estaduais e 39 unidades escolares municipais, das quais quinze são creches, doze são centros de educação infantil (CEI) e doze são escolas de ensino fundamental (EMEF). O Jardim Ângela já foi considerado o local mais violento do mundo pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1996. Sempre estampada no noticiário, a criminalidade parecia uma sina para os moradores. Com apoio de entidades sociais e a criação de um sistema de

policiamento comunitário, os residentes uniram forças e, junto com as autoridades, estão reduzindo o problema nos últimos anos.

Nós estamos centralizados aqui nessa região há muito tempo, a gente conhece praticamente todo mundo. Eu falo, se eu vou sair pra trabalhar, eu tenho que sair pelo menos uma hora antes porque se eu não sair, eu não consigo subir a rua da minha casa porque todo mundo quer conversar comigo, enfatiza Teca. Aproveito o gancho e pergunto a ela como surgiu a rádio. Eu estava chegando um dia do meu plantão, na minha casa, e eles estavam montando os equipamentos na garagem da casa, uma garagem fechada, meu pai com um rapaz que é o locutor oficial da rádio ABC, o Toni Vieira, e aí eu passei e ele falou ah, vem aqui no microfone e fala aí. Na época, era a rádio Manchester, estava operando em caráter experimental. Eu falei – eu? Não vou fazer isso nunca! Não, mas tem que falar, oras, porque a gente tem que sair com o carro para ver como está chegando o sinal por aí e tal, e é só um teste. Com isso, estou há 16 anos experimentando... Foi assim que surgiu a nossa emissora.

Teca também começou carreira no radialismo com a pequena rádio da garagem: *a partir desse momento, eu ficava na emissora das quatro da manhã à meia-noite. Eu dormia embaixo do balcão, que era toca-disco ainda. Tinha um LP branco, Sunshine Band, que tinha nove minutos de música. Todo dia eu adorava tocar essas músicas, que era o horário que eu dormia lá embaixo. E assim fomos levando, fomos começando, sentindo a aceitação do nosso público. Até uma vez eu saí e fiquei olhando – gente, como é que pode, eu tenho as fotos! – tinha uma faixa no meio da rua escrito “nossa locutora Teca Magalhães, da Rádio Águia Dourada FM. Eu falei gente, mas o que é isso? Entrei numa loja e a moça me pediu um autógrafo e eu nunca mais queria sair de casa. Então, a aceitação no bairro foi muito legal. E poder ajudar as pessoas é muito bom.*

Pergunto como anda a mantenedora, a Associação, e ela me diz que, *na realidade, a gente montou em 1998 para conseguir mais fácil a autorização da emissora. E assim a gente tá indo, um ajudando o outro em busca de..., acho que cada um tem o nosso dom... Eu trabalho em hospital há 25 anos, então, né, você sabe, quem trabalha em hospital tá ali pra ajudar o ser humano. Meu pai sempre gostou de ajudar o próximo, então, o sonho dele era ter uma rádio para conseguir ajudar ainda mais porque tudo isso ele já fazia antes de ter a rádio.*

Ao todo, na Águia Dourada FM atuam vinte pessoas. São três gerentes, dos quais um operador. Quando alguém tem uma proposta de programa, encaminha para a direção – Teca Magalhães, enfermeira nutróloga, diretora da rádio; Glaysson Reis, desenvolvedor de sites e aplicativos, assistente geral da emissora, e José Alves, criador da rádio e primeiro presidente da Associação. *A gente sempre vê qual é a proposta do programa, se é uma programação que não vai ofender ninguém, se é uma proposta adequada e dentro daquilo que a gente busca, né. A orientação da rádio comunitária é abrir espaço para todo mundo, mas a gente tem que ter um certo rigor para saber qual o profissional que vai falar. A gente sempre conversa juntos para decidir sobre a programação – eu, o Glaysson e o meu pai. A gente nunca decide uma coisa sozinho.*

Também pergunto sobre quais são os grandes problemas do bairro e se a rádio tem tratado desses assuntos na programação. Ela responde que são vários, com destaque para o *transporte e a habitação*. Glaysson me mostra a lista de programas - *temos programas que discutem com os ouvintes melhorias e soluções, que são encaminhadas para a Subprefeitura...*

Quando pergunto à Teca sobre como construíram a programação da Águia Dourada, ela me responde que a primeira tentativa foi mesclar horários. Ela e Glaysson explicam:

A rádio trabalha 24h. Começa às sete da manhã com Bom Dia, Alegria. Das sete às onze, um programa de variedades, com música e informação, sertanejo contemporâneo – passa Daniel, Zezé de Camargo, tem horóscopo, informações locais da região, notícias. Esse programa tem muita participação. Depois às onze tem Amor, eterno amor. É um programa romântico que a gente pensou no pessoal que está almoçando nos restaurantes da região, uma coisa mais tranquila. Depois tem o Pagodeando, que é o que está tocando agora, um programa mais agitado. Depois tem o É Hora de Música, sessenta minutos só de música, sem intervalo, músicas atualizadas do momento, como Claudinha Leite, Fernando e Sorocaba, samba, é bem diverso. Depois tem o programa do Felisberto, que é um programa mais raiz, sertanejo, que começa agora às três e vai até às cinco. Depois tem o Comitativa Universitária, que eu faço [Glaysson], que é o forró universitário, atendo o ouvinte no ar, é bem interativo. Eu gosto de interagir não só aqui, mas puxar o pessoal para a internet para aprender a conhecer o nosso site, o nosso Facebook, os vídeos que temos no Youtube, são coisas em que o pessoal vai ver a rádio funcionando na internet.

Fala que eu te escuto

Programação | Águia Dourada FM

SEGUNDA A SEXTA

- 00:00** Ultra Passado - o melhor dos anos 70, 80 e 90
- 02:00** Madrugada 87
- 03:00** Programação normal
- 04:00** Sertanejo Classe A
- 06:00** Roberto Carlos Especial
- 07:00** Bom Dia Alegria – Jhota Oliveira
- 11:00** Amor, Eterno Amor – Teca Magalhães
- 13:00** Pagodeando
- 14:00** É Hora de Música
- 15:00** Programa Felisberto Ribeiro – Felisberto Ribeiro
- 17:00** Comitiva Universitária – Glayson Reis
- 18:00** Oração – Pe Valdo e Glayson Reis
- 19:00** Voz do Brasil - EBC Transmissão Nacional
- 20:00** Programação normal
- 21:00** Românticas Águia Dourada
- 23:00** Doutrinas da Fé – Pr Alexandre

SABADO

- 00:00** Ultra Passado - o melhor dos anos 70, 80 e 90
- 02:00** Madrugada 87
- 03:00** Programação normal
- 04:00** Sertanejo Classe A
- 06:00** Roberto Carlos Especial
- 07:00** Programação musical
- 08:00** Sábado Especial – Cecílio de Carvalho
- 10:00** Cidadania Legal – Carlos Roberto Moraes
- 13:00** Pagodeando
- 14:00** É Hora de Música
- 15:00** Sul Gospel – Cida Silva
- 17:00** Falando com Deus – Pra. Neide Gomes
- 18:00** Programação normal
- 22:00** Programação evangélica – Missionária Dina

DOMINGO

- 00:00** É Hora de Música
- 01:00** Madrugada 87
- 02:00** Programação normal
- 03:00** Sertanejo Classe A
- 05:00** Programação normal
- 10:00** Forro do Pajeú - João Cardoso
- 12:00** Chega Mais - Cleber Brito
- 14:00** Programa Relembrando – Felisberto Ribeiro
- 16:00** Novo Dia – Rocha Mattos
- 18:00** Hora Maluca – JP Craveiro
- 20:00** Programação normal
- 22:00** Ultra Passado – o melhor dos anos 70, 80 e 90
- 23:00** Românticas Águia Dourada

Quadro 3 – Programação da Rádio Águia Dourada FM

Figura 4 – Front page do site da Rádio Águia Dourada FM [www.aguiadouradafm.com.br]

Nesse momento, Teca e Glaysson me conduzem ao estúdio ao lado e me apresentam o radialista Felisberto Ribeiro. Mostram que todos os pedidos de música podem ser feitos pelo site da rádio. *A pessoa manda o nome, email, a música e o alô dela, clica em enviar e pronto, assiste o programa pelo site www.aguiadouradafm.com.br porque há uma câmara que fica no estúdio e o ouvinte também vê tudo.* A rádio é quase uma TV também.

Glaysson continua: *Bom, depois do meu programa, tem a oração das 18h, com o padre Valdo, e às 19h tem A Voz do Brasil, e depois só música. Como não é locutor fixo, a programação é mista. Das onze à meia noite tem o pastor que vem fazer a programação*

no estúdio. Depois disso é tudo no automático até às sete da manhã. Aí recomeça. Aos sábados, já muda algumas coisas. Com o a gente diz, tem que abrir pra todo mundo: tem evangélico, tem padre.

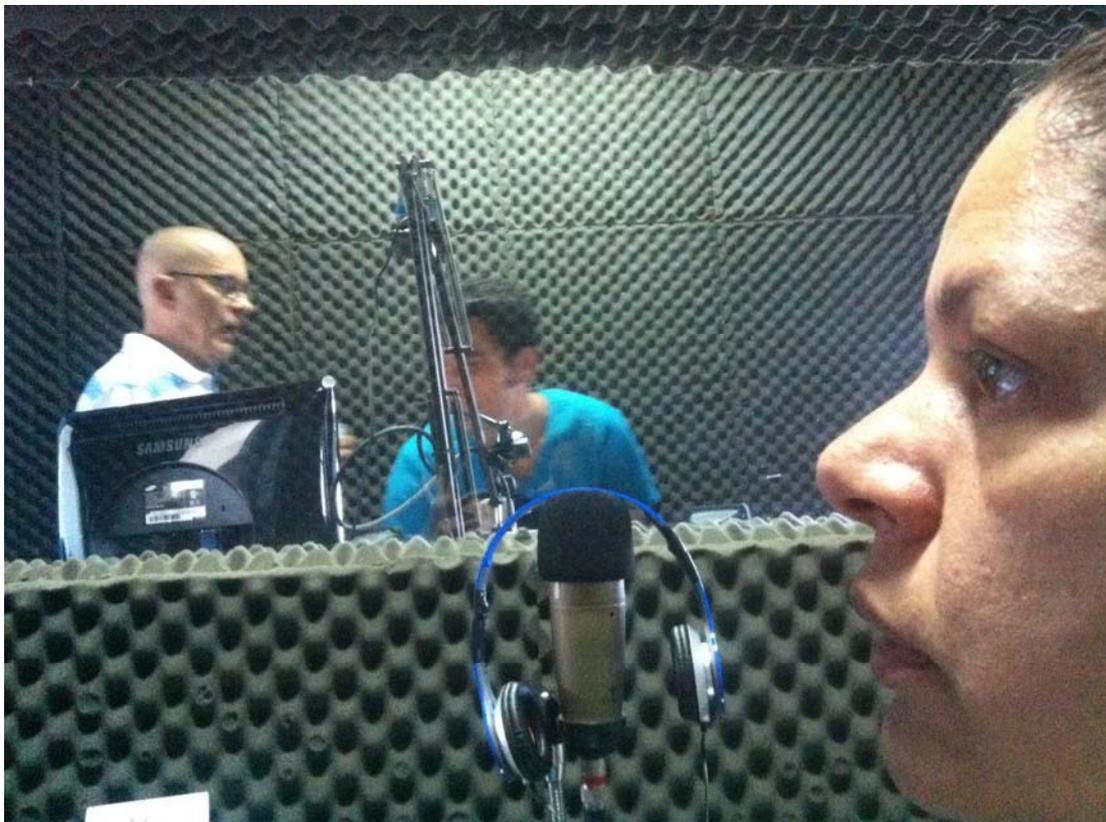


Foto 3 – No ar, o programa de forró de raiz de Felisberto Ribeiro.

Agora é Teca quem assume a explicação: Domingo também é diferente. Tem o forró do Pajeú. Veja, o Forró do Pajeú, por exemplo, é um programa que eu particularmente não gosto. É um programa regional, é forró, bem nordestino mesmo, mas eu fico aqui atendendo o telefone e o telefone não para. Ele tem os ouvinte dele, fala do feijão de corda, os apoios que ele consegue são de coisas da região norte, nordeste, são essas pessoas que anunciam. Como diz o ditado, o que seria do abacaxi se todos gostassem da melancia, né?

Pergunto para a Teca se os ouvintes da rádio, além de ouvir, também falam. Ela, enfaticamente, me diz: *Sim! Na Rádio Águia Dourada os ouvintes tem canais participação e interação constante.* Insisto: mas, de que maneira esses ouvintes falam, são ouvidos ou atendidos? *Eles são atendidos por telefone, site e rede sociais em geral, retruca.* E avança, entendendo meu olhar interrogativo... *Tem um programa, o Cidadania Legal, que*

passa aos sábados, que aborda muito assunto comunitário e é bem educativo, mesmo porque estimula o cidadão a buscar nossos direitos. Sempre chamamos advogados, pessoas da sociedade, que possam trazer algum assunto que ele é especializado para poder estar abordando. Nesse programa, as pessoas participam bastante através de email, pelo site, redes sociais. E se no momento do programa alguém ficou com dúvida, depois a equipe entra em contato e esclarece. É um programa realmente voltado a tirar todas as dúvidas que a comunidade tem. Nesse sentido, posso dizer que a rádio está sintonizada com os problemas da comunidade.

Pergunto como estão conseguindo se manter. Ambos, Teca e Glaysson, respondem que com dificuldades. A maior é a financeira e estão enfrentando isso *com doações de amigos que acreditam na rádio.*

Diz Teca que o grande sonho deles é ter apoios para manter a rádio com as próprias pernas. *Desde que recebemos nossa legalização, a gente tenta trabalhar sempre dentro da rotina que foi estabelecida pela lei. A gente já teve colegas que disseram ah, vamos aumentar a potência desse transmissor porque nós vamos pegar na loja lá em Santo Amaro e vai ser melhor pra gente porque vamos ter mais apoio. Eu disse não, gente, tem tanto lugar para explorar aqui na nossa região, porque a gente vai trabalhar ilegal, buscando uma potência maior se a gente não pode fazer isso? Então a gente prefere trabalhar sempre na legalidade, trabalho honesto é sempre melhor. Nós temos alguns comerciantes da região que nos apóiam, que estão com a gente desde a época que nós não éramos legalizados. Então temos essa boa equipe que está com a gente desde o início com o apoio cultural.*

Quanto custa manter a rádio, mês a mês? Teca diz que ainda não fizeram esse levantamento... *Se a gente fosse pagar aluguel, água, luz e telefone - porque meu pai é que cede isso para nós, o prédio é dele. Pra ser sincera, a gente nunca fez essa conta. Tudo o que tem aqui foi a gente que trouxe, é doação de nós mesmos. Tem essa árvore de natal que eu trouxe de casa e fiquei sem árvore, todos trabalhamos de forma voluntária, temos outros trabalhos fora daqui. Por exemplo, eu sou enfermeira no Hospital São Luiz, então parte da minha vida também é aqui. A condução eu pago do meu bolso, cada um que vem*

pra rádio traz uma coisa, tudo doação, esse levantamento na ponta do lápis a gente ainda não fez.

E os apoios culturais? Vocês tem muitos?, pergunto. A diretora, então, me conta a sua sina, igual a de tantas outras emissoras... *A gente não pode cobrar por comerciais. Os apoios culturais que temos do comércio da região, a gente não pode falar que eles aceitam cartão de crédito, não podemos falar que eles tem os melhores preços da região, nada disso pode ser falado no ar. É muito limitado. Pra você ter idéia, tivemos que recorrer de uma multa porque a pessoa que estava no ar falou assim “ aceitamos todos os cartões de crédito”. Eles estão fazendo essa fiscalização. Estou aqui com a multa de mil e vinte e oito reais. Engraçado que em outras rádios que a gente visita, porque a gente terceiriza a produção de vinhetas, chamadas, e boa parte delas estão falando isso nos apoios e não foram multados. Bom, recorreremos e recebi essa resposta – advertência e multa também porque atrasamos o horário da transmissão do programa A Voz do Brasil, entrou dezoito segundos atrasado. É muito complicado para a nossa sobrevivência, isso é uma coisa para as pessoas que gostam do que fazem...*



Foto 4 – Recado da direção da Águia Dourada aos comunicadores: Não é permitido expressar opiniões próprias sobre qualquer religião ou preferência política na programação da emissora.

Passei a perguntar, então, sobre a audiência da rádio, com interesse em saber como eles avaliavam essa questão. Foi Glaysson quem me explicou: *eu avalio a participação por telefone e por internet. Por internet é possível fazer um levantamento mais preciso, né, tipo quantos ouvintes a gente consegue por minuto. E às vezes comentário, né? A gente vai passando na rua e sabe que o pessoal está ouvindo a rádio. Mas por quantidade de pessoas é difícil de fazer essa pesquisa. Nossa região tem 800 mil habitantes, nem todo mundo ouve a rádio, mas eu trabalho com uma estimativa de cinco mil ouvintes por minuto. O pessoal aqui é fiel. Tem uma programação agora que vai começar às três da tarde, sertanejo raiz, o pessoal é ouvinte de carteirinha. A gente já conhece esse ouvinte, ele vem na rádio e traz até presente pra gente. O locutor atende o ouvinte no ar, já tem a lista de pessoas que fazem pedidos de música. O ouvinte de rádio comunitária gosta de uma programação ao vivo em que ele possa falar, onde ele liga e participa. Ele não gosta de nada mecanizado, de uma programação que grava e joga no ar, ele gosta de participar. E dá microfonia mesmo porque ele está com som alto, ele manda beijos, essas coisas.*

Ponderei que, se a rádio agora está na internet, se eles tiveram que mudar a programação para se adaptar a um novo público, um público maior que o da comunidade. Queria entender como eles lidaram com esse processo nesses quatro anos, onde muita coisa mudou.

Teca me responde que o público da internet é mais jovem e que, portanto, os pedidos de músicas são outros. E que para conseguir atender esse novo ouvinte, às vezes é mais difícil: *Outro dia ligou pra cá uma mulher de outro estado e pediu uma música, acho que chamava Rosas, cantada por um cantor peruano, se não me engano. E pra eu conseguir essa música? Precisei pesquisar na internet um tempão, baixar, converter, mas ela queria ouvir aquela música porque era a música que marcou o casamento dela. Então, vamos procurar a música, oras. E aí as pessoas te cobram mas porque está na internet.*

Queria ouvir o Glaysson. Talvez me desse mais pistas ou argumentos mais sólidos para essa questão. Digo isso porque, momentos antes, quando perguntei que tipo de ouvinte a rádio queria ter, ambos me disseram que nós, *da Rádio Águia Dourada, queremos ouvintes que participem e divulguem os nossos trabalhos dentro da nossa região.* Diz, então, ele: *Aconteceu bem no começo, quando eu entrei aqui na rádio, eu recebi email que*

dizia olha, você tem que tomar cuidado com a programação porque essa rádio tá indo pro mundo todo, ela não é mais uma rádio de bairro, ela é além de uma rádio de bairro. Ela já tá uma rádio profissional, é uma coisa que a gente tem que tomar cuidado em algumas coisas. Qualidade, de boas rádios comunitárias que tá no ar, a gente tá entre elas. Em termos de qualidade, de gravação de spots, de produção, pelo menos a rádio aqui não deixa a desejar a nenhuma rádio não.

Pedi, então, que fizessem uma reflexão sobre o papel da rádio para as pessoas do bairro e se eles achavam que a Águia Dourada era local de educação. Teca tomou logo a palavra: *Acho que a rádio é um lugar cem por cento de educação. A gente tem que estar educando as pessoas que estão lá fora. As pessoas tem que ter informação. Eu mesma sou locutora do programa Amor eterno amor, mas falo de pressão alta, do diabetes, da água, dos malefícios do refrigerante. Se coca-cola fosse bom não usava pra desentupir pia! Então assim, a gente passa essas informações. Hoje no meu trabalho recebi um monte de gente com pressão alterada e então falo disso no ar. Vamos falar de queimadura se sol, de gente que corta limão e sai no sol e aí vai encher a mãozinha de bolha – tem gente que não sabe, oras, então eu falo. Sabe, eu acho que um dos melhores meios de educação é uma rádio porque tem pessoas que confiam na Teca Magalhães e lá fora, elas vão ouvir o programa para saber as informações que eu estou trazendo hoje. Quem confia no Roberto Moraes vai ouvir o programa dele todo sábado às dez da manhã para saber com quem ele vai conversar. A gente já conseguiu fazer um link ao vivo com o Prefeito Haddad dentro do Terminal Guarapiranga aqui uma vez, falando sobre condução. Outra vez, quando ele estava inaugurando uma UBS aqui na região também. Outro dia teve um evento no Hospital do M’Boi Mirim e a rádio foi cobrir, então é informativo. Teve cortes de cabelo pra comunidade e a gente foi lá fazer ao vivo. Outro dia, fui ao CEU Guarapiranga agendar uma consulta de hidroginástica pra minha mãe e vi uns formulários da Secretaria da Saúde sobre castração de animais. Aí pedi para levar e divulgar porque era no colégio aqui do lado, de graça, é uma informação importante pra população, ninguém sabe dessas coisas.*

Por fim, refiro-me ao relacionamento da rádio com as outras emissoras comunitárias de São Paulo. Ambos são categóricos em afirmar que, com as dificuldades em utilizar a mesma frequência (87,5Mhz), são poucas emissoras que querem manter contato. Teca e Glaysson referem-se a problemas na abrangência e interferências constantes dentro do

bairro, vindo de outras antenas, o que atrapalha a audiência, pois os ouvintes não conseguem ter um sinal de qualidade, e dificulta também a obtenção de apoio cultural para a manutenção de suas atividades.

3.2.2 *Rádio Cantareira FM*



De qualquer estação do metrô, chega-se ao Largo Ana Rosa ou à Barra Funda. Dali saem ônibus para a Vila Brasilândia. O trajeto dura pouco mais de uma hora. No Ana Rosa, o ônibus ideal é o 975-A-10.

De acordo com a Secretaria Municipal das Subprefeituras, nos 21 km² do Distrito da Brasilândia moram cerca de 265 mil pessoas. A região conta com 23 escolas estaduais e 37 municipais, das quais sete creches, treze centros de educação infantil (CEI), dezesseis escolas de ensino fundamental (EMEF) e uma unidade de educação de jovens e adultos

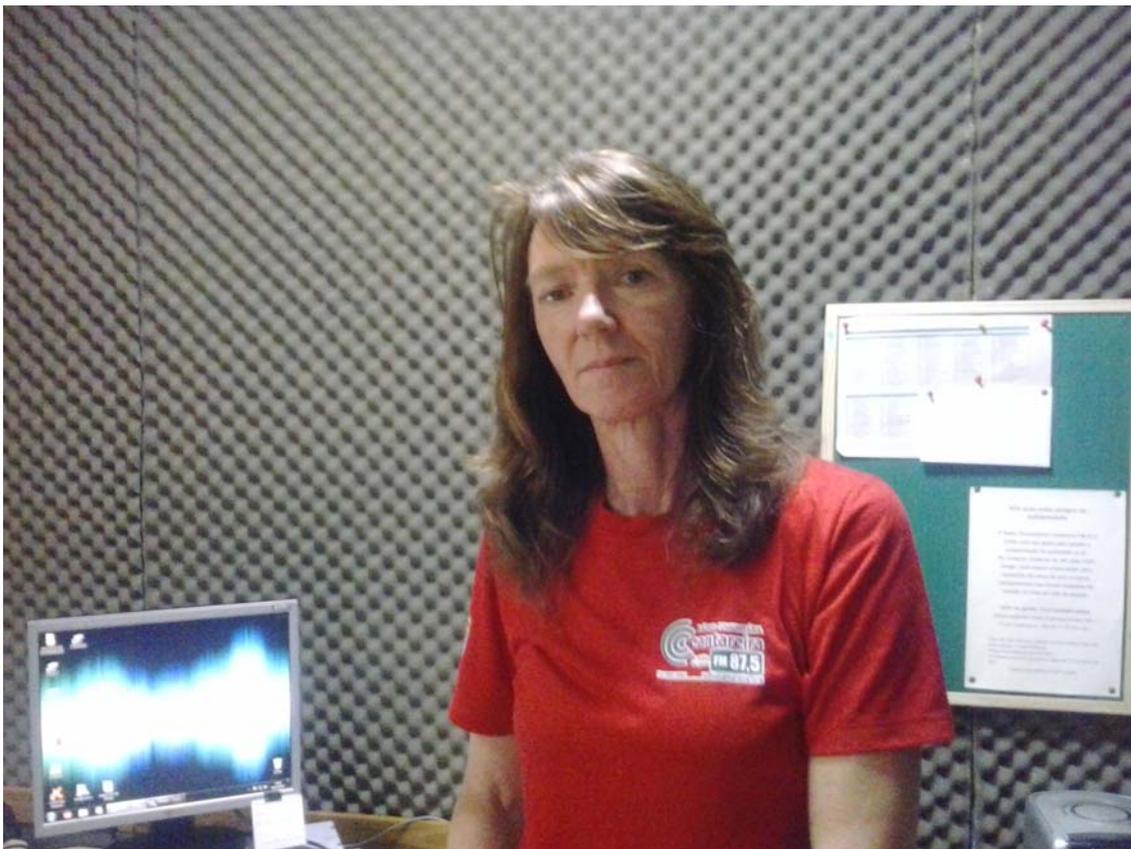


Foto 5 – A coordenadora da Rádio Cantareira, Juçara Zottis, no estúdio da emissora, na zona norte de São Paulo.

A Rádio Cantareira foi criada em abril de 1995, por iniciativa de Cilto Jose Rosembach, José Eduardo de Sousa, Cláudio Trudelli e lideranças das comunidades da paróquia Imaculada Coração de Maria, no Jardim Vista Alegre, que precisavam de meios locais e acessíveis de se comunicar com o povo. A montagem da rádio durou quase seis meses, com reuniões periódicas junto à população e representantes de entidades da região. Ao entrar no ar pela primeira vez, em setembro de 2008, a Cantareira FM passou a ser um ponto de referência de comunicação popular.

Foi grande o empenho para que o projeto desse certo. Mas então vieram as dificuldades e os desafios. Um deles foi a manutenção financeira da rádio em meio às comunidades pequenas e quase sem estrutura. A outra foi garantir, minimamente, a formação das equipes de comunicadores. Não bastassem essas questões, começaram as perseguições da Polícia Federal. Foram muitos anos de luta, muitas caminhadas, manifestações, diversas caravanas a Brasília exigindo o fim da repressão e a tão esperada regulamentação.

Finalmente, a autorização de funcionamento da Cantareira FM foi publicada no Diário Oficial da União em 17 de dezembro de 2009, onze anos e meio depois de a Associação ter solicitado, formalmente, a regularização da emissora junto ao Ministério das Comunicações. Mas para entrar oficialmente no ar foi necessário aguardar que os deputados e senadores votassem pela aprovação da licença, o que ocorreu apenas em maio de 2010. Um mês depois, ao receber a última aprovação - a do Senado Federal - é que as comunidades da Brasilândia puderam celebrar a volta da Cantareira FM 87,5. A festa de inauguração oficial da emissora da Vila Isabel foi num domingo, 18 de julho de 2010.



Foto 6 – Sede da Rádio Cantareira FM, na Vila Isabel, Brasilândia.

Quando indagada sobre os problemas da sua comunidade, Juçara fala com propriedade que é a violência, principalmente no que tange a roubos, assaltos a residências e estabelecimentos. Elenca mais uns cinco ou seis itens: *uso de álcool e drogas, transporte público de péssima qualidade, atendimento à saúde básica, ausência de saneamento básico, ausência de áreas verdes e quase não há praças.*

Diz que a rádio tem tratado muito desses temas, especialmente no programa Comunidade em Foco, que é diário e com apresentadores rotativos (ela apresenta às quintas-feiras, das dez ao meio-dia). Os problemas são pautados e lideranças e moradores participam. Em alguns casos, são acionados os representantes do poder público para entrevistas em estúdio ou gravadas por telefone.

A pergunta foi feita para averiguar se, de fato, a rádio está sintonizada com os problemas do bairro. A resposta foi bem interessante:

Geralmente, quem traz os problemas do bairro para a rádio são os ouvintes. Por exemplo, ano passado tivemos um problema de água aqui na região, nas partes altas dos morros, no Paulistano, no Guarani, no Damasceno, no alto do Elisa Maria. A Sabesp fechava o abastecimento de água e quando abria a região ficava sem água até 15 dias. Ligava e fechava e acabava a água. Aí a gente fez esse debate aqui na rádio. Aí chamamos a Sabesp e cada dia se convocava um bairro para conversar. Então eles mesmos se ligavam, eles mesmos se organizavam, e fizeram uma grande manifestação aqui na entrada do Elisa Maria. Choveu de gente. Veio Polícia, veio Exército, foi feio o negócio. Foi feio. Mas a gente tentava fazer o pessoal da Sabesp dizer por que a situação estava desse jeito. E colocava os ouvintes pra perguntar o motivo disso. Então, a gente nunca vai resolver o problema, mas pedir, a gente pede. Esses dias mesmo, eu falava no ar sobre o roteiro do Cata Bagulho nesse final de ano. Liguei pra cá um ouvinte pedindo para eu ligar na Prefeitura e pedir para o Cata Bagulho passar também no Damasceno. Eu falei não, olha, o telefone da Prefeitura tá aqui, se organizem numas dez pessoas, liguem pra lá e peçam que o Cata Bagulho passe no Damasceno também. Porque a gente tem que emponderar as lideranças, e não fazer por elas, não é? É um pouco esse o sentido. Agora, algumas coisas a gente pode fazer. Tem um programa aqui à noite chamado Magia Musical. Eles entrevistam bandas de pagode, de sambas e queriam fazer uma ação cidadã no programa e vieram falar comigo. Aí eu falei mas que tipo de ação? Ah, a gente queria que o grupo que viesse ser entrevistado trouxesse uma cesta básica para ser doada a alguém necessitado. Conheço uma entidade em Perus ligada à Pastoral do Menor que está precisando de comida. Eles tem cerca de 500 crianças lá e precisam de ajuda. Então, toparam: todas as cestas que chegam via entrevistados no programa seguem para Perus. Então, é uma coisa bem coordenada. Também tem esse lado. Ano passado, a gente fez uma campanha para uma mulher que teve o barraco dela todo queimado no Elisa Maria. A gente fez uma campanha no ar e o pessoal mandou tijolo, telha, ficou no ar direto. Então, a gente faz a nossa parte que é comunicar, entendeu?

Queria saber mais sobre os ouvintes da Cantareira. A pergunta seguinte incidiria sobre a maneira como esses ouvintes falam, são ouvidos ou atendidos na rádio. Segundo a Juçara, a rádio mantém diversos canais de participação. Ao vivo, presente no estúdio, pelo

telefone, pelo skype, e-mail e cartas. Uma vez por mês acontece o encontro dos comunicadores e dele participam pessoas da comunidade que colaboram na avaliação da programação. Indagada sobre o tipo de ouvinte a rádio quer ter, a coordenadora responde que o ideal é ter ouvintes que interagem com a programação da emissora, que estejam envolvidos com as lutas por melhoria e justiça social, que potencializem o debate sobre a comunicação popular alternativa. *Temos ouvintes que têm esse lado cidadão, e temos ouvintes que só escutam a rádio mesmo, e que acham até bacana, mas que não conseguem interagir nessa questão social. Acho que o desejo da rádio comunitária é ter uma gama de ouvintes mais cidadãos. Um pessoal que possa interagir e colaborar com a programação. Acho que esse é o desejo que a gente tem. Já temos esse público, mas ele é muito tímido. É um desafio – interagir não só com música mas também com participação social mesmo, né?*

Avançamos sobre a questão da audiência, fato ainda pouco pesquisado no meio das rádios comunitárias e envolto em certa aura de que toda a comunidade é ouvinte cativa, o que sabemos que não é. Os critérios ainda porosos adotados pela direção das pequenas emissoras para falar sobre sua abrangência confunde-se com o conceito de audiência. Cada uma tem uma noção e cria o seu próprio jeito de medir. Queríamos entender como a equipe da Cantareira lidava com essa questão. A pergunta foi direta: Vocês conseguem saber quantas e que tipo de pessoas ouvem a rádio, Juçara?

Pergunta difícil essa... Muita gente ouve a rádio mas não liga pra cá.

Por quê, como você sabe? *Porque nós andamos na comunidade. Temos inserção no entorno aqui, nas diversas áreas. Temos um projeto de alfabetização de jovens e adultos aqui, com cerca de trezentos educandos nas salas de alfabetização. Eles ouvem a rádio, mas não ligam para a rádio. Nós sabemos que eles ouvem, são pessoas de mais idade, mas eles não ligam para a rádio. A gente vai nas comunidades, às vezes nas celebrações, pois a gente participa muito aqui, e aí o pessoal brinca: ah, ouvimos aquele chamado tá tá tá tá. Eu digo - quantos ouviram? Eles levantam o braço e muita gente ouviu, muita gente, mas eles não tem essa cultura de ligar e falar na rádio. Então, a gente sabe que tá ouvindo, mas medir audiência por quem está ligando, não. A gente não consegue saber.*

RÁDIO COMUNITÁRIA
cantareira
FM 87,5

A rádio do povo

INICIAL NOTÍCIAS PROGRAMAÇÃO LOCUTORES VÍDEOS FOTOS RECADOS ANUNCIE CONTATO

Galera do ESPORTE

Futebol, Esportes Olímpicos, Histórias, Curiosidades e Agenda Esportiva Regional

Ao vivo, todo domingo, das 19h às 21h
segundas-feiras, às 22h

Apresentação **Daniel Gomes**
Apoio **William Douglas e Lidiane Lessa**

MENU

- » Inicial
- » Notícias
- » Locutores
- » Vídeos
- » Programação
- » Fotos
- » Promoções
- » Eventos
- » Enquetes
- » Recados
- » Contato

DESTAQUES

Série 'De olho na história' destaca Vila Carolina

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

- 02/10/2012 - Articulista da Cantareira problematiza caracterização da classe média
+ continuar lendo
- 28/09/2012 - Mudanças nas pesquisas, debates e polêmicas marcam 12ª semana da corrida eleitoral
+ continuar lendo
- 22/09/2012 - Shows em Perus, cinetério, café cultural, dança e teatro no fim de semana na per
+ continuar lendo

AGORA NA RÁDIO

Programação Normal Playlist

RECADOS

Ofereço próxima musica para todos ouvintes Um grande abraço para Manoel Neco Silva Parabens pelo programa.. Bete...
Elisabete - Ferraz de Vasconcelos-sp/SP

Oi Neco Silva, tudo bem cara? Estava pensando o quanto era bom o lugar que eu morava, o nosso Jardim Guarani, estou muito triste com essa onda de violência que vejo pelos meios de comunicação (rádio...

REDES SOCIAIS

Acompanhe-nos através de suas redes sociais favoritas:

ENQUETE

Nenhuma enquete ativa para exibir!

PUBLICIDADES

Associação Cantareira

Missões

Pascom brasilândia

Crack, é possível vencer

PRÓXIMOS EVENTOS

Nenhum evento encontrado!

<http://www.radiocantareira.org/>[08/11/2012 12:35:35]

Figura 6 – Front page do site da Rádio Cantareira FM [www.radiocantareira.org].

Fala que eu te escuto

Programação | Cantareira FM

SEGUNDA

00:00 - Madrugada Cantareira
07:00 - Informações da Região
07:30 - Boletim Informativo
08:00 - Cantareira Musical
10:00 - Comunidade em Foco
12:00 - Reflexão do meio dia
12:05 - Boletim Informativo
12:30 - Musical da 87
13:00 - Então Foi Assim?
14:00 - Megafone
16:00 - Mistura Musical - Nono Medeiros
17:00 - Forró do Povo - Nono Medeiros
18:00 - Espaço das Comunidades
19:00 - Voz do Brasil
20:00 - Sertanejo Bom D+ - Nono Medeiros
22:00 - Galera do Esporte - Daniel Gomes

TERÇA

00:00 - Madrugada Cantareira
07:00 - Informações da Região
07:30 - Boletim Informativo
08:00 - Cantareira Musical
10:00 - Comunidade em Foco
12:00 - Reflexão do meio dia
12:05 - Boletim Informativo
12:30 - Musical da 87
13:00 - Então Foi Assim?
14:00 - Megafone
18:00 - Espaço das Comunidades
19:00 - Voz do Brasil
20:00 - Magia Musical - Guina Rigatti
22:00 - Um toque a + - Elisangela Silva

QUARTA

00:00 - Madrugada Cantareira
07:00 - Informações da Região
07:30 - Boletim Informativo
08:00 - Cantareira Musical
10:00 - Comunidade em Foco
12:00 - Reflexão do meio dia
12:05 - Boletim Informativo
12:30 - Musical da 87
13:00 - Então Foi Assim?
14:00 - Musical da 87
16:00 - Forró do Povo
17:00 - Mistura Musical
18:00 - Espaço das Comunidades
19:00 - Voz do Brasil
20:00 - Toque Saudade - Neco Silva
22:00 - Brasilândia Encanta - Zé Eduardo, Roze Santos e Edgar

QUINTA

00:00 - Madrugada Cantareira
07:00 - Informações da Região
07:30 - Boletim Informativo
08:00 - Cantareira Musical
10:00 - Comunidade em Foco
12:00 - Reflexão do meio dia
12:05 - Boletim Informativo
12:30 - Musical da 87
13:00 - Então Foi Assim?
14:00 - Musical da 87
18:00 - Espaço das Comunidades
19:00 - Voz do Brasil
20:00 - Amizade Aberta - Anderson Brás
22:00 - Meu Caro Amigo - Gilberto Cruz

SEXTA

00:00 - Madrugada Cantareira
07:00 - Informações da Região
07:30 - Boletim Informativo
08:00 - Cantareira Musical
10:00 - Comunidade em Foco
12:00 - Reflexão do meio dia
12:05 - Boletim Informativo
12:30 - Musical da 87
13:00 - Então Foi Assim?
14:00 - Samba na Brasa
18:00 - Espaço das Comunidades
19:00 - Voz do Brasil
20:00 - La voz de América - Edwin Soria
22:00 - Meu Caro Amigo - Gilberto Cruz

SÁBADO

00:00 - Madrugada Cantareira
08:00 - Nas ondas do rádio - Marcos Augusto de Souza
10:00 - Meu Caro Amigo - Gilberto Cruz
12:00 - Reflexão do meio dia
12:05 - Brasilândia Encanta - Zé Eduardo, Roze Santos e Edgar
14:00 - Sintonia Cultural - Anilson Brito
16:00 - Oficina Instrumental - Antonio Carlos e Waldir
18:00 - Espaço das Comunidades -
19:00 - Tempos Dourados - Luiz Sebrían

DOMINGO

00:00 - Madrugada Cantareira
08:00 - De Volta ao Passado
10:00 - Alegria Geral - Alberto dos Anjos e Thiago Jardim
12:00 - Reflexão do meio dia
12:05 - Forró do Povo - Jorge Santos
14:00 - Mistura Musical - Jorge Santos
16:00 - Um Toque A+ - Elisangela Silva
17:00 - Nos Tempos da Jovem Guarda - Edvaldo dos Santos
19:00 - Galera do Esporte - Daniel Gomes

Quadro 4 - Programação da Rádio Cantareira FM.

Rádio Cantareira Fm
entrevista:

19/10
(Sáb)

10:00
às
12:00

Ouçal!

Grupo
Matéria
Rima

Ao Vivo

é
Brasa!

art
MM

Apresentação:
Gilberto
Cruz

Participe:
11 3923-2480

Programa Meu Caro Amigo
www.cantareirafm.org

Figura 7 – Divulgação do programa Meu Caro Amigo (Cantareira FM).

Programa
Megafone

Onde o povo tem voz

Toda Segunda-feira – das 14 às 16
Pela Rádio Cantareira FM 87,5
www.radiocantareira.org

Figura 8 – Divulgação do programa semanal Megafone (Cantareira FM)

Boletim
Poesia é da hora

A partir das
17:00

No
Programa
Megafone
(novembro 2013)

05/11
12/11
19/11
26/11

Todas as
terças

Locutor:
Carlos
Galdino

Tel:
3923-2480

Com:
Marah
Mends

Rádio Cantareira
www.radiocantareira.org

Figura 9 – Divulgação do boletim sobre poesia no programa Megafone

Explica Juçara que a Cantareira FM funciona 24 horas. Das oito às dez da noite com programas ao vivo, geralmente nos finais de semana, de duas em duas horas. Durante a semana, todas as noites, das oito às dez, com programas ao vivo, e também todas as manhãs, das oito ao meio-dia. O das oito às dez é sertanejo e o das dez ao meio-dia é um programa que se chama Comunidade em Foco, sendo que cada dia ele é apresentado por uma pessoa diferente – na segunda é Ana Tércia, na terça é Daniela, na quarta é Fátima, na quinta é própria Juçara e na sexta é o Zé Eduardo.

E como é o Comunidade em Foco, Juçara? É um programa aberto pra comunidade, as pessoas vem e participam e é ao vivo. Nós temos às segundas-feiras à tarde um programa ao vivo que vai até às 18h e aí entra um gravado e depois entra A Voz do Brasil. Sexta-feira o dia inteiro é programa ao vivo. Temos de manhã cedo o sertanejo, depois um programa chamado Samba na Brasa, só de sambas de São Paulo, e depois um programa nordestino de forró apresentado por um jovem, o Márcio, que é só forró pé de serra. A gente tem uma programação boa, são só algumas horas da semana que não tem programa ao vivo.

E quando não tem programa ao vivo? Quando não tem a gente produz, a gente não deixa só musical, não. Por exemplo, nas terças, que não tem programas ao vivo à tarde, a gente passa um programa da Pastoral da Criança, tem meia hora de programete e depois tem música ligada à Pastoral e dicas – isso na terça e na quinta. Nas quartas à tarde a gente reprisa o Samba na Brasa. Nós temos quatro programas que vão ao ar aos sábados que é Meu Caro Amigo, Oficina Instrumental, Brasilândia Encanta, que é ao meio-dia, e no domingo ainda tem Um toque a mais, que são dicas de saúde que a gente faz reprise ao vivo durante a semana. Então, só temos algumas horas mesmo que não é ao vivo.

Nosso interesse direto, agora, era saber como a programação da rádio tinha sido definida. Juçara esclareceu que o grupo sempre teve como princípio que, para ter um programa de rádio, primeiro era necessário passar por um processo de formação. Muitos dos atuais comunicadores passaram por esses cursos. Terminado o módulo de produção de programas, os interessados montam um piloto e apresentam o projeto na reunião mensal, com todos os comunicadores. Lá o grupo apresenta e defende a proposta, fala o que vai fazer. *A gente questiona, sugere também, reconstrói às vezes o projeto, e aí é aprovado,*

passando pelo nosso diretor de operações, que dá uma olhada, vê se está de acordo com a parte técnica, e fica no ar um mês. Todos os comunicadores avaliam e o próprio grupo que propôs também avalia se está dando certo. A gente não aceita nenhum programa que não passe pela avaliação do grupo. Então, às vezes, as pessoas ficam até chateadas, mas quando a gente sente que a pessoa chega e não tem esse espírito comunitário, a gente sugere que eles fiquem namorando um tempo um programa. Você encosta num programa com o qual você se identifica mais, você ajuda, conhece o projeto, vem pras reuniões, compõe a equipe, e depois sim assume um programa. Tem uns que apresentam o seu projeto e depois ficam com a gente. Outros percebem os compromissos, pois precisam estar muito presentes na rádio, seguir uma linha editorial, mas aí desaparecem. É um pouco assim que funciona a aceitação de programas aqui na rádio.

Sobre critérios para a montagem da equipe, Juçara esclareceu que é participar dos cursos de formação. São três temas que a rádio oferece: o de locução, o de programas (aborda a questão da legislação, orientações sobre o que pode e o que não pode ser transmitido) e o curso de edição de áudio com o software utilizado na emissora. *Isso porque quem vem fazer programa com a gente tem que se virar, os próprios comunicadores têm que fazer a sua técnica e fazer o programa ir para o ar. Então, o pessoal tem que aprender. É um pouco sofrido no início, mas depois que aprendeu, fica saboroso.* Atualmente, são 24 programas apresentados ao vivo e cerca de 40 pessoas integrando a equipe fixa da rádio.

Perguntamos se alguém fazia algum controle sobre o conteúdo geral da programação. Ela responde que é preciso confiar nos comunicadores e por esse motivo é que oferecem a formação. *A gente dá sempre aquela vigiada, acompanha, chama a atenção - olha, o que você falou, você poderia ter falado diferente. Isso reforça, vamos dizer, a linha musical nossa. A gente tem um critério de não rodar músicas, por exemplo, que agridem a mulher, que fazem apologia às drogas, essas coisas, e sim pensar em músicas que contribuam na formação, que levem um pouco a questão cultural para a gente possa ter um outro horizonte musical. Inclusive isso é um conflito até aqui porque os outros ouvintes ligam e pedem uma música brega, que tem um monte de gírias, e aí alguns comunicadores já conseguem avançar e dialogar com o ouvinte, pá pá pá pá e mostrar o que aquela música diz, até toca um pouquinho e consegue dialogar com o ouvinte. Outros ainda não alcançaram esse estágio e então dizem assim: a gente não toca essa música aqui!. Então, tem todas essas questões implicadas. E isso acaba sendo sempre um problema nas nossas*

reuniões porque tem que tocar essas músicas por causa da audiência. Então, a questão da audiência, do que tocar, do que rodar na rádio... Vira e mexe tem uns sertanejos, que a gente chama de 'sertanojos', né, eu falo disso aqui – vocês estão gastando música, vocês estão gastando espaço, estragando os nossos equipamentos pra tocar essa porcaria! Vocês não acreditam nos ouvidos da pessoas? Eu brinco assim. Nesse trabalho que a gente faz com toda a equipe, a gente costuma dizer que todo mundo é responsável pelo horário. Então, assim, se o colega do programa tal fez e eu escutei, eu vou ligar pra ele e vou conversar com ele. Nós já tivemos algumas questões mais problemáticas que acabou gerando uma espécie de coordenação que se encontra para resolver o assunto. Se não é esse o caráter comunitário, alguém vai mandar, e não é assim.

Para Juçara, a educação e a cultura perpassam a programação da emissora. *Vamos pegar como exemplo o programa “O Brasil Canta”. É um programa que traz para o rádio, aos sábados, os artistas, as pessoas da região. Ele não traz qualquer artista e sim pessoas que têm um trabalho que contribui na formação do povo. Tem a ver com a educação, isso na área musical. Agora, nós temos também todos os spots que a gente baixa sobre questões do meio ambiente, sobre a coleta coletiva de lixo, dos entulhos, então, também são coisas educativas que fazemos permanentemente. Até nossos bloquinhos que a gente tem de 25 em 25 minutos para executar a programação da rádio, dentro do bloquinho tem isso e o pessoal gosta. Esse é um critério que nós assumimos: para montar uma programação de duas horas, já tem vinte minutos comprometidos com os bloquinhos de informação que você tem que larga. E a gente garante com os comunicadores que eles têm que dar essas informações, ele não vem aqui só para tocar música. Então, basicamente, você tem hoje só um ou dois programas só musicais, que só toca ou oferece música. O pessoal traz conteúdos, notícias, coisas que acontecem no dia a dia...*

Outra coisa que a gente também orienta aqui é que a gente tem uma lista de sites e de portais que a gente favorece para que eles peguem notícias. Por exemplo, a gente tem aqui o jornalzinho da manhã, que é o Jornal da CUT, que fala das coisas de São Paulo e das nacionais também. A gente tem aqui coisas da Agência Radioweb, que são produzidas fora, da NP, da Adital, da Carta Maior. Então, quando eles querem dar notícia, que não fiquem ligados nos grandes jornais, mas se liguem nesses veículos e valorizem essas agências alternativas.

A questão agora era saber se o fato de a rádio estar presente também na internet [www.radiocantareira.org] os obrigou mudar o tipo de programação ofertado pela emissora. A análise de Juçara foi a seguinte: *Hoje tem muito internauta. E com essa coisa de smartphone então, os aplicativos para celular, é meio a meio, metade do pessoal ouve pela internet e metade ouve pelo computador mesmo. Aí a gente foi fazer uma estatística e a maioria dos que usam smartphone é jovem; os mais velhos ouvem pelo computador e muita gente ouve mesmo é pelo rádio. E tem assíduos ouvintes do Japão, da Argentina, uma galera do México, passou por aqui a juventude da Venezuela durante a Jornada Mundial, e aí esses jovens mandam recadinho pelo Face, pá pá pá pá. Tem aqui um pessoal de Portugal que mora no Morro Grande que faz assim: o pessoal deles em Portugal sintoniza a rádio na internet e o pessoal daqui manda recado pela rádio! O rádio serve de trampolim. Nos programas ao vivo, todos tem participação de ouvinte. Tem muita participação e eles fazem contato para pedir música e oferecer pra alguém. Esse é o ponto forte do ouvinte do FM. A Casa de Cultura da Brasilândia participa toda semana da nossa programação e também o Centro Cultural da Juventude do Cachoeirinha Ruth Cardoso, do Governo do Estado. Toda semana eles passam ao vivo a programação deles pela rádio. A gente tinha uma boa parceria com os CEUs, a gente gravava e punha no ar, mas agora é ao vivo e está muito difícil porque eles trocam muito o pessoal da Comunicação lá, então tá complicado fazer. Seria importante, mas tá difícil.*

Perguntamos quanto custou montar e quanto custa manter a rádio, mês a mês. A Associação investiu na rádio, nos últimos três anos, o equivalente a 48 mil reais, praticamente todo o recurso recebido de um projeto do governo federal, administrado pelo Ministério da Cultura - o Ponto de Cultura. *Então, montar uma rádio comunitária hoje, deixar ela redondinha, funcionando, você precisa hoje de uns vinte mil reais, sem contar o espaço físico, que você precisa ter ele montado. Eu fiz um orçamento outro dia para um projeto porque estamos pensando em apresentar. Se eu fosse pagar hoje todos os voluntários, uma ajuda de custo mínima para transporte, combustível para vir e voltar, alimentação, sem registro, sem CLT ou pagamento com nota fiscal, sem nada disso, a gente precisaria pelo menos de vinte vinte mil reais. Nós gastamos aqui hoje, com toda precariedade e todo esse trabalho voluntário, mil e oitocentos reais – isso quando não tem nenhum problema. Esse dinheiro é usado para pagar os dois meninos que ficam na técnica aqui pela manhã, despesa de internet, água, luz e limpeza. Não dá pra ter a rádio*

com menos que isso. Não tem como. Então, até agosto deste ano a gente se manteve com recurso do Ponto de Cultura. De lá para cá, a gente tá tentando usar o dinheiro reservado no caixa da entidade porque sabia que ia ficar sem recurso. E a gente tem também alguns colaboradores. Abrimos um banner no site e hoje temos oito pessoas físicas contribuindo mensalmente com o nosso projeto. Todo mês colocam dinheiro na nossa conta.



Figura 10 - Detalhe do site em que aparece, em destaque, a campanha de arrecadação de fundos para a manutenção da Cantareira FM.

Então, um pouco vem da instituição, e também o próprio pessoal da rádio está ajudando. Tem também a ideia de investir nos 'bem bolados', mas ainda não deu tempo pra fazer isso e não tem ninguém que faça isso.

Mas o que é um 'bem bolado'? Ela explica que 'bem bolado' é colocar na programação da internet o anúncio na íntegra e colocar na FM só o que é permitido, o apoio cultural. Por exemplo, se você tiver um plano de saúde que quer te apoiar, não temos como dizer para um Plano de Saúde que a Rádio Comunitária tem o apoio cultural do Plano de Saúde tal. Você tem que dizer que esse plano oferece, mas a rádio não pode fazer isso. Então você tem que ter outra alternativa, como por exemplo, você manda consultar detalhes no site. Isso é permitido. Quanto a eventos, não fizemos. Só fizemos uma rifa para comprar uma nova mesa de som. Conseguimos arrecadar a metade do preço da mesa e agora estamos correndo atrás para conseguir o resto.

Atualmente, a maior dificuldade para a direção da Cantareira FM é não poder ter propaganda: *é a questão do apoio cultura, de não poder passar aquilo que o cliente quer falar*, aponta Juçara. Outra grande dificuldade apontada por ela refere-se à falta de verbas públicas oriundas de propaganda oficial. *Eu estava vendo agora, o Governo do Estado de São Paulo vai gastar trinta e um milhões de reais em propaganda e não tem nenhum centavo destinado às mídias alternativas, às rádios comunitárias. Na Prefeitura de São Paulo, estamos desde julho numa maratona, de secretaria em secretaria, pra que seja destinado parte dos recursos que hoje são injetados diretamente na grande mídia, para as rádios comunitárias. Só agora tivemos uma pequena sinalização e a agência responsável pela comunicação da Câmara Municipal conseguiu duas rádios para veicular a campanha dos orçamentos participativos, em dezembro. O que eu sei até agora é que talvez a partir de fevereiro de 2014, outras rádios também consigam.*

À pergunta se ainda se relacionam com as outras rádios comunitárias de São Paulo, Juçara responde que não. Explica: *com os segmentos que estão aí a gente não comunga muito. As rádios que estão aí no entorno também a gente não tem uma afinidade de projeto cultural, então a gente não tem ligação. A gente tem ligação só com algumas rádios, com pessoas, com projetos, mas não temos uma articulação, um relacionamento. A gente tá tendo, sim, algumas coisas mais pontuais, por exemplo, esse trabalho na Câmara Municipal, que é garantir recurso para rádios comunitárias. A gente tem feito algumas comissões e visitado algumas secretarias e aí são diversos setores da sociedade que vão nisso. Da comissão que eu participo, a gente tem o pessoal de Heliópolis, o pessoal de Tremembé, que abriu, mas já fechou, tem uma rádio na zona leste que eu não me lembro o nome, então é muito diferente o que cada um quer. Mas aí tem um objetivo, é recurso para manter a rádio, e aí a gente não entra em detalhe sobre como é cada uma, a programação que tem cada uma, o segmento de cada uma. Essa rádio da zona leste, por exemplo, tem música evangélica dia e noite. Está na comissão, quer recurso também, ela têm direito, é uma rádio que foi legalizada pelo Ministério e Anatel, ué. Agora, se o Ministério e a Anatel não estão conseguindo acompanhar e fiscalizar a programação dela, é outra história. Então, assim, o relacionamento que temos com as outras emissoras é mais pontual, em vista de algo concreto.*

Juçara explica também quem é a sua nova turma. Organizada dentro do Fórum Paulista dos Pontos de Cultura, a equipe da Cantareira tem se aproximado mais de algumas rádios do interior paulista. *Aí já é um outro foco que é a questão mais cultural da rádio e é onde as coisas se afinam mais com a gente. Essa é a diferença, é um outro caminho. E com isso a gente tem um foco mais com as rádios ligadas à Abraço (Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária), que também são poucas as rádios que conseguem, ainda, manter um projeto comunitário, que tem uma entidade por trás para manter a rádio. São raros os grupos de pessoas que tentam sobreviver e sabem o que quer com a rádio...*

3.2.3 Rádio Everest FM



A primeira versão da Rádio Everest surgiu no início dos anos 1990, quando o metalúrgico Rui Mattos decide montar sua própria emissora, após carreira como locutor na Rádio ABC. Em 1999, já radialista, juntamente com Frei Rogério Domingues, Pároco da Igreja

de Nossa Senhora de Fátima, em Sapopemba, e mais um pequeno grupo de moradores do bairro, Rui Mattos funda a Associação Cultural e Comunitária Everest com o objetivo de obter uma concessão para o serviço de radiodifusão comunitária na região.

Em 2002, com a saúde seriamente abalada, Mattos se afasta da Associação e transfere sua gestão para Marco Antonio Paes. O projeto de instalação da rádio começa a dar seus primeiros passos com a abertura, em dezembro de 2006, do edital para a cidade de São Paulo. A autorização de funcionamento, mesmo, veio dois anos depois, publicada no Diário Oficial em 18 de dezembro de 2008. A licença definitiva, válida por dez anos, essa só foi emitida pelo Congresso Nacional em setembro de 2010. Nascia assim, oficialmente, a ZYU- 838 - Rádio Everest FM, a primeira rádio da Vila Prudente e Sapopemba.

O território da Vila Prudente concentra mais de cem mil pessoas em 10 km². São 36 mil domicílios e cinco aglomerados subnormais. Dos 87 mil habitantes com mais de quinze anos, 2.500 são analfabetos. A região abriga uma biblioteca pública, três unidades básicas de saúde (UBS) e 23 unidades escolares, das quais quatorze escolas estaduais e nove municipais: uma creche, quatro centros de educação infantil (CEI) e quatro escolas de ensino fundamental (EMEF).

A favela Vila Prudente, a mais antiga da cidade, continua no mesmo lugar. As indústrias perderam importância na economia da região, mas o comércio ganhou força e emprega 23% da população local. Os moradores da região sofrem com os congestionamentos causados pelo grande fluxo de veículos em ruas pequenas, com as calçadas esburacadas, poucas áreas verdes e falta de manutenção na iluminação.

A pesquisa DNA Paulistano (Datafolha, 2012) detectou que a questão da pavimentação de ruas e calçadas é referida por 21% dos moradores. Mas o problema principal ainda são os grandes vazios deixados pela saída das fábricas: os prédios desocupados geram insegurança e muitos deles foram transformados em cortiços.

A opção mais rápida para se chegar à zona leste é a integração metrô e ônibus. Na linha verde (Vila Madalena - Vila Prudente), descendo na estação final, Vila Prudente, e atravessando a Av. Prof. Luiz Ignácio de Anhaia Melo, basta pegar o ônibus 5142 e descer no último ponto da Avenida do Oratório. São cerca de 50 minutos de trajeto. Nesse ponto

de descida, há um pequeno centro comercial, altura 5.800 da Avenida. Então, é só contornar a esquina e seguir a Rua do Oratório até o nº 6022.



Figura 11 – Rota para a Avenida do Oratório, nº 6022, na Vila Prudente.

Em nossa visita à Everest FM, fomos recebidos por Maria Rita Paes Falcone, atual vice-presidente da Associação e diretora da rádio, e por Luzmarina Botelho (Marina), zeladora da emissora.

A rádio está instalada no primeiro andar de um prédio na Avenida do Oratório, em área de aproximadamente 130 m². Além de um estúdio de transmissão com 25m² e capacidade para acomodar dois locutores e até dez convidados, conta com espaço para mais uma cabine de gravação independente. O amplo espaço acomoda também a Administração da Associação e a Zeladoria.

Foi uma recepção calorosa, com suco, café e bolacha folhada. A entrevista foi concedida por Maria Rita, que ao mesmo tempo em que conversava conosco, conduzia a mesa de som e atendia as ligações dos ouvintes. Ao fundo, a programação musical ia seguindo, suave... por vezes, eu mesma me surpreendia com clássicos de bandas inglesas dos anos

80 que há tempos não ouvia, MPB, Jazz e alguns boleros que meu pai costumava ouvir no som do seu carro.



Foto 7 – Fachada da Rádio Everest FM, na zona leste de São Paulo.



Foto 8 – Maria Rita Paes Falcone no comando da programação da Rádio Everest FM.



Foto 9 – Um dos estúdio da Everest FM, que comporta até dez convidados sentados.

Maria Rita fez questão de mostrar as instalações e contar como foi que começaram a montar a rádio: *nós ficávamos os sábados e domingos aqui até nove, dez horas da noite. O que eu já cheirei de cola aqui, você não faz ideia. O dia inteiro, colando esse carpete. O Marco tem algumas aptidões maiores, ele gosta de marcenaria, então ele montou as mesas e a gente foi construindo isso aqui, pedacinho por pedacinho. O Marco trabalhava em uma empresa que substituiu os seus equipamentos por outros mais modernos e ele comprou e trouxe. Não são de última geração, mas fazem o serviço que precisamos. Então eu tenho duas salas, quatro computadores, mesa, cadeira, essas coisas.*

A emissora permanece no ar 24 horas por dia e mantém programação também na Internet (www.evererstm.com.br). A população do bairro pode participar da transmissão divulgando notícias, eventos e acontecimentos locais. Maria Rita explica: *temos programas ao vivo das oito ao meio dia, todos os dias. São cerca de seis horas de programação ao vivo por dia, na média. Entre meia noite e cinco da manhã fica sempre no automático, mas fica sempre a Luzmarina aqui, que é a zeladora da rádio e toma conta de tudo na parte da noite, durante a semana e aos sábados. Somos duas pessoas que tomam conta da rádio, ela e eu, que sou a diretora. Ao todo, são 18 pessoas que circulam na emissora, sendo que dois fazem funcionar a rádio e mais o Marco Antonio Paes, presidente da Associação e diretor geral.*

Pergunto como a rádio tem tratado de assuntos importantes da região em sua programação. Explica Maria Rita que a Everest FM costuma atuar em parceria com a administração pública e outras entidades regionais, tentando ajudar a população a solucionar problemas da região. Cita como exemplo a coleta de lixo, o Cata Bagulho, o transporte público, o cuidado com as calçadas, a iluminação e o atendimento do posto de saúde. A rádio faz o papel de ouvir as queixas e de repassá-las para que o poder público resolva. Também é praxe da direção da emissora promover os valores artísticos locais com apresentações e entrevistas de artistas ao vivo em seus estúdios.

Questiono de que maneira os ouvintes falam, são ouvidos ou atendidos na rádio. A resposta é imediata: *para falar com a Everest FM o ouvinte dispõe de quatro canais oficiais, duas linhas telefônicas de telefonia compartilhados (11 2702-8720 e 2702-8726) à disposição 24 horas por dia; um canal no site da emissora no ícone “fale conosco” e mais um canal via e-mail, o ouvinte@everestfm.com.br. Há ainda outro e-mail para uso*

comercial, mas que também pode ser usado: diretoria@everestfm.com.br. Todos esses canais estão à disposição do ouvinte 24 horas por dia e há sempre um responsável na sede da emissora, como solicita a lei que regulamenta a atuação das rádios comunitárias. Se necessário, eles podem entrar no ar em linha direta para expressar sua opinião, pedir música, mandar um recado etc.. Quando o recurso da linha direta não é utilizado, mas o fato exige, o ouvinte é atendido na hora.

A perspectiva do ouvinte, ponto importante da pesquisa, precisaria aparecer neste momento, já que Maria Rita refere-se ao cuidado em atender quem liga para a emissora. Indago, então, em que tipo de ouvinte a rádio Everest investe. Já mais pensativa, a diretora responde que investe nos ouvintes das classes B e C, que são maioria na região. Mas ouvintes de todas as classe sociais são bem vindos e importantes no contexto operacional da rádio porque nossa programação é eclética, feita para agradar a todos.

Pergunto se eles sabiam quem e quantos eram os ouvintes da rádio. Maria Rita diz que não tem como medir audiência. *Não, isso a gente não tem como saber. Não temos equipamento que meça isso, pelo menos a gente precisaria estar pagando e como não temos recurso nem para outras coisas, que dirá para essa pesquisa. A gente, mesmo manual, tem uma lista de pessoas que nos ligam por telefone e são pessoas fiéis. São pessoas que podem me ligar uma vez por semana, duas, três vezes por semana ou uma vez por ano. Então, a gente tem isso. Tem pessoas que ligam e dizem – olha, eu já ouço essa rádio há uns dois anos mas eu nunca liguei pra vocês, mas é que eu gosto tanto de ouvir porque tem o tipo de música que eu gosto. Então não é todo mundo que liga. Independente de gostar ou não, não tem como fazer. Então, medir a gente não consegue, mas tem uma quantia razoável, e é o que eu te falei, a gente tem pessoas que ouvem em uma empresa, no comércio, tem várias pessoas que ouvem no comércio, deixam ligado. Desses ouvintes fiéis, acho que somam uns trezentos. E depois temos os ouvintes da internet. Ontem mesmo eu tive aqui um seresteiro da região e ele tem a voz idêntica à voz do Nelson Gonçalves. Não é que ele imita, a voz dele é a voz do Nelson Gonçalves. Quando ele vem, é um desespero, o povo me liga o tempo todo. E por acaso esse seresteiro veio com a neta dele, e sem ninguém esperar, a neta pediu para cantar para ele e fazer uma homenagem pro avô. Nossa, foi uma emoção! Teve também uma dupla que veio tocar aqui, que tá começando, porque a gente procura dar oportunidade por grupos da região, né? E os patrocinadores deles são uma fábrica de alumínio e eles trouxeram um jogo de panelas*

para sortear. Então uma ouvinte da rádio, de 92 anos, que me liga três vezes por semana, ganhou e veio aqui buscar o seu brinde. A emoção foi grande porque nós nos conhecemos nesse dia. É bem legal!...

Pergunto sobre a programação da rádio. Segundo Maria Rita, a seleção tem como base a informação de interesse da comunidade e aborda temas como administração pública, saúde da família, vigilância sanitária, campanhas oficiais, educação, cultura e informação. Há anos a emissora trabalha em parceria com a Subprefeitura, Coordenação da Saúde e Vigilância Sanitária no sentido de solucionar alguns problemas da região e promove atividades culturais com artistas locais em seus estúdios. Sua diretoria atende solicitações de visitas à rádio feitas por escolas e grupos de estudantes para o desenvolvimento de projetos e trabalhos acadêmicos, incentivando atividades e práticas educativas no bairro.

A programação é formada por 27 programas diferentes ao longo da semana. Batucada Everest é um programa musical, fica no automático. O Bem Bolado é musical e é ao vivo, sempre tem informação, tem algum comentário, doação de sangue, esse tipo de serviço. Bonde Musical fica da meia-noite às cinco, é automático. Brasileiríssimo é ao vivo. Café Brasil e Siga Bem Caminhoneiro são programas de variedades, Musical Sertanejo e Rancho do JC são ao vivo, Cantando o Evangelho é ao vivo, é devocional. Tem também a Palestra da Fraternidade, que é uma transmissão ao vivo que a gente faz. O meu programa é Variedades Everest, tem música e comentários também.

Pergunto como trabalham os outros comunicadores, se eles apresentam e também operam os equipamentos e o telefone. *O pessoal que vem fazer o programa chega, entra, e faz. Nós ensinamos o pessoal a operar os equipamentos, mexer é muito simples, é apertar um botãozinho. Por exemplo, parece brincadeira, mas o JC, ele não quer aprender a mexer. Então tem uma briga dele todo sábado com a Marina, entendeu? Mas ele não aprende porque ele não quer. Eu já monto o programa para ele, ele escolhe as músicas que ele vai querer, ele passa pra mim e eu já monto e coloco na pastinha dele porque ele faz o programa no sábado. No sábado ele chega aqui, só que ele quer que a Marina fique junto com ele no estúdio, batendo papo! Aí eles começam a brigar e isso dá audiência. Entendeu? Então eles ficam o tempo todo brigando.*

24 horas no ar !!!

everest fm
87.5

O Ponto Alto da Comunicação !

ouvinte@everestfm.com.br

Nossos Telefones: (011) 2702-8720
(011) 2702-8726

HOME
PROGRAMAÇÃO
NOTÍCIAS
AO VIVO
FALE CONOSCO
GRÁFICO

Menu

- Home
- Programação
- Notícias
- Ao Vivo
- Fale conosco

Novo Programa

"GALERA NO AR"

4ª feira às 13:30h

Com alunos da E. E. Joaquim Braga de Paula

SYSTEM WEB

Desenvolvimento de
Web sites
Lojas Virtuais
Rádio Web
TU Web

Tel: (11) 2701-9047

TRABALHO / CARREIRA

A arte da guerra de Miyamoto Musashi

O japonês Miyamoto Musashi é considerado o maior samurai de todos os tempos. Ele nasceu em 1584 e criou um modelo de estratégia utilizado até hoje.

"Quando você alinge o caminho da estratégia, não haverá uma única coisa que não possa compreender – e verá o caminho em tudo".

Você provavelmente já ouviu falar no general chinês Sun Tzu. Há aproximadamente 2.500 anos, ele foi um profundo conhecedor de manobras militares, acumulou inúmeras vitórias, derrotou exércitos inimigos e escreveu a "A Arte da Guerra", inspiração para líderes e estrategistas corporativos antigos e atuais do mundo inteiro.

[LÊ MAIS...](#)

SAÚDE, BEM ESTAR & ALIMENTAÇÃO

Site vacinas que os adultos precisam tomar

Sarampo, pneumonia e outras doenças prejudicam a imunidade mesmo na idade adulta.

Ná hora de cuidar da própria saúde, muitos adultos negligenciam as campanhas de vacinação. Em todas as fases de nossa vida, porém, e estamos suscetíveis a infecções por vírus e bactérias que, se não tratadas, podem causar muitos problemas.

As doenças crônicas que se manifestam mais na vida adulta são fortes indicadores de que o indivíduo precisa se vacinar. "As pessoas que estão em grupos de risco, como as pessoas com mais de 60 anos ou a quem que têm doenças crônicas, devem sempre estar informadas sobre a vacinação", diz o infectologista Paulo Ozon, da Unifesp.

Existem vacinas tanto para bactérias como para vírus. No primeiro caso, a vacinação é feita para controlar surtos epidemiológicos e, para o caso dos vírus, a imunização normalmente dura a vida toda, sendo necessárias apenas algumas doses de reforço para garantir que a doença não vai mais voltar", diz Paulo Ozon. Confira sete tipos que merecem estar na sua carteira de vacinação.

[LÊ MAIS...](#)

CORDEL

NEGRINHO DO BASTORQUEO

Maria Miguel - Adaptação para o cordel.

A história é muito triste
No sul ela é conhecida,
Ela fala de um negrinho
E com nada é parecida,
É cercada de maldade
É uma vida destruída.

Era um menino pequeno
Fretinho como carvão,
Trabalhava na fazenda,
E tinha um mau patrão,
Sendo escravo do tal homem
Sofria judiação.

[LÊ MAIS...](#)

RECEITA

Salada de arroz 7 cereais e hortelã

Ingredientes:

- 10 Unidade(s) tomates-cereja
- 3 Pão-de-áçúcar
- 5 Xicara(s) água fervente
- 2 Xicara(s) arroz integral 7 cereais
- 1 Unidade(s) cebola média picada
- 1 Colher(es) de sopa azeite de oliva
- 1 Xicara(s) maionese Hoffmann's 0% colesterol
- 4 Colher(es) de sopa hortelã fresca picada

Modo de preparo:

Em uma panela grande, aqueça o azeite em fogo médio.

2. Doure a cebola.
3. Junte o arroz e refogue por 3 minutos.
4. Acrescente a água e o sal.
5. Cozinhe em fogo médio, com a panela semi-tampada por 10 minutos ou até secar.
6. Tampe a panela e reserve até esfriar.
7. Acrescente os tomates, a maionese 0% colesterol, e a hortelã e misture.
8. Coloque em uma travessa, decore com tomates cereja e folhas de hortelã.
9. Sirva em seguida.

Variação:

1. Se preferir junte meia xícara (chá) de rúcula cortada em cubos pequenos.

Rádio Everest FM - Todos os Direitos Reservados
Desenvolvido por Agência SW

Figura 12 – Front page do site da Rádio Everest FM [www.everestfm.com.br]

Há vários momentos religiosos na programação, né?... *Na nossa programação, passamos a missa católica e temos um programa evangélico. A única coisa que pedimos é que os programas religiosos sejam no horário noturno. Isso porque a gente tem algumas pessoas que deixam a rádio ligada em ambiente de trabalho, tem pessoas que deixam a rádio ligada em caixas de som na frente de lojas e fica tocando música o dia inteiro e programa o dia inteiro. Quando dividíamos a programação com outra emissora, tivemos problemas porque eles tinham a reza do terço várias vezes e então o pessoal desligava a rádio e aí depois não volta mais. Então, por esses dois exemplos, a gente preferiu deixar os programas religiosos para a parte noturna. Se bem que tem gente que liga e fala olha, eu tava ouvindo e tem músicas muito boas na madrugada. Então, independente disso, né, sempre tem quem ouça. Os porteiros do condomínio, que sempre ouvem nossa programação, ligam pra gente, então achamos por bem deixar assim.*

Fala que eu te escuto

Programação | Everest FM

SEGUNDA A SEXTA

00:00h	BONDE MUSICAL EVEREST
05:00h	DESPERTANDO C/ A VIOLA
07:00h	MUSICAL EVEREST
07:30h	SIGA BEM CAMINHONEIRO
08:00h	MUSICAL SERTANEJO
09:00h	BRASILEIRISSIMO
10:00h	VARIEDADES EVEREST
16:00h	BATUCADA EVEREST
18:00h	MOMENTO MARIANO
18:10h	PROG.TRANSIÇÃO
18:40h	MUSICAL EVEREST
19:00h	VOZ DO BRASIL

2ª FEIRA

20:00h	EM BUSCA DA PAZ
21:00h	CANTANDO O EVANGELHO

3ª FEIRA

17:00h	MOMENTO RESTAURAÇÃO
---------------	----------------------------

4ª FEIRA

20:00h	TRAJETÓRIA DE SUCESSO
21:00h	MOVER DE DEUS

5ª FEIRA	
17:00h	MOMENTO RESTAURAÇÃO
20:00h	MOMENTO DE LUZ
6ª FEIRA	
14:00h	CAFÉ BRASIL
20:00h	PALESTRA DA FRATERNIDADE
21:00h	MOVER DE DEUS
22:00h	BEM BOLADO
SÁBADO	
09:00h	NO RANCHO DO JC
11:30h	PROG. FÉ E ALEGRIA
13:00h	MUSICAL CLASSE M
DOMINGO	
24H	MUSICAL EVEREST

Quadro 5 – Programação da Rádio Everest FM

Pergunto qual o critério para a definição da programação da emissora. Ela me responde que *a princípio começou pelo gosto de cada um, em seguida começamos a ver pelos pedidos dos ouvintes. As pessoas ligavam e pediam certos tipos de música e a gente ia tirando as conclusões. Aqui na região, são músicas mais antigas. Acho que, na verdade, rádio tem um público não tão jovem. Acho que jovenzinho não é público de rádio, acho que público de rádio tem mais idade, principalmente os idosos. Os menininhos que ficam nos mp3 da vida, querem só música, né? Com relação aos programas, foram os locutores que vieram nos procurar com suas propostas e nós cobramos pelo espaço que eles ocupam na rádio. A decisão sobre o conteúdo geral dos programas é de responsabilidade de cada locutor. Desde que atenda os requisitos da Anatel e do Ministério das Comunicações, não damos palpite.*

Pergunto se a rádio está ajudando a melhorar a vida do bairro. Maria Rita me diz que, com certeza, está sim. Retruco: por quê? Ela reafirma: *porque quando alguém precisa de alguma coisa liga pra cá e a gente vai atrás. Antes a gente tinha um retorno mais rápido da nossa Subprefeitura. Então, algumas coisas a gente conseguia dessa forma, ligava pra Subprefeitura e procurava providenciar.*

A diretora confessa que, atualmente, tudo está mais demorado de conseguir na Subprefeitura, independentemente de quem peça. *Nós conseguimos um ponto de ônibus, coisa de dois anos atrás, cobertura de ponto de ônibus para a Praça do Samba que ainda não foi instalada. Já falei com vereador, com Subprefeitura, com o SPTrans. Agora, o vereador falou que já vai sair, que já estava na lista de prioridades deles.*

Quer dizer que a rádio é um poupatempo da população, uma despachante? Eu falo com a rádio e a rádio corre atrás pra mim. *É isso? É isso... uma vez veio uma ouvinte aqui que estava um problema de rato na casa das pessoas aqui da rua de baixo. Aí eu liguei pra lá e eles vieram e quem me contou foi a vizinha. Com três dias vieram, dedetizaram tudo aqui, tudo certo. Então, são contatos que a gente tem. Mas tem contato que a gente tem, mas tem problemas que nunca vão ser resolvidos, que é o problema de fila no posto de saúde, problema com a família, coisa que eu não posso fazer nada, não vou conseguir resolver. Temos um problema com a Unidade Básica de Saúde 1, que fica atrás de um mercado, na baixada. Então, fazer uma subida, para uma pessoa de idade, é bem complicado, é um lugar de saúde e pra chegar é difícil. Já falei com um monte de gente e tem que ter uma linha de ônibus que passe por ali. São coisas que ninguém fica sabendo, mas que são valorosas para a comunidade.*

Chega, então, a hora de perguntar se a Rádio Everest também é uma escola. Ela me responde assim: *A gente procura, na medida do possível, educar, falando mais sobre as coisas, como história, arquitetura, sobre os feriados, meio ambiente, lixo, cidadania. Só não tem mais porque não tenho mais ninguém que me ajude. Temos um projeto de formar estudantes de ensino fundamental e médio a mexer com rádio. Fizemos um acordo com uma escola particular aqui da região e começamos a trabalhar, mas os alunos desanimaram. Nosso projeto era ter gente especializada para ensinar esses alunos a pesquisar na internet nos lugares certos. Porque eles começaram a ver a rádio como uma obrigação. Na segunda e terça elas vinham para fazer pesquisa, na quarta para fazer a programação e na quinta para discutir os erros e na sexta para pensar o programa da semana seguinte. Começou a ficar maçante para eles.*

Deixei para o final da entrevista a pergunta sobre o custo mensal da emissora e as perspectivas de sustentação da rádio com as regras nada facilitadoras do apoio cultural. *Não tenho apoio cultural de ninguém. Quem mantém a rádio são os programas ao vivo.*

Eles pagam uma mensalidade pelo espaço que usam. O nosso custo mensal é cerca de dois mil reais. Além de referir-se à lei das comunitárias como impeditiva, reclama da falta de apoio das autoridades competentes no que tange à contratação de anúncios oficiais do poder público. Maria Rita repete sobre as dificuldades de contato com as atuais equipes da Subprefeitura, das Secretarias, além da morosidade do retorno para solicitação de entrevistas.

*Mas seu principal problema é, de fato, a sobrevivência financeira: **tínhamos uma parceria com um Centro Espírita aqui do bairro que tinha a intenção de divulgar a doutrina espírita. Nosso acordo era que eles pagavam o meu salário e o da Luzmarina. Como contrapartida, passávamos os programas deles na emissora. Mas essa parceria terminou esse mês e agora não sabemos como fazer. Conversei com algumas pessoas e estamos aguardando resposta. Alguma coisa tem que acontecer. O Marco não pode pagar os nossos salários do bolso dele todos os meses, entendeu. Porque temos aqui uma verba que é suficiente para pagar as despesas, mas se quebrar o ar condicionado ou o computador, a gente tem que falar com o Marco. Eu não tenho apoio cultural, aqui na região ninguém faz, como é que eu vou sobreviver? Na prática, a teoria não cabe, a lei não encaixa. Eu preciso vender espaço na programação. Por mais que isso me doa, já disse pro Marco que não posso ficar aqui de graça. E se eu não puder ficar, o Marco vai ter que fechar...***



Foto 10 – Logomarca da emissora Everest FM 87,5.

3.2.4 Rádio Heliópolis FM



O Distrito do Sacomã abriga cerca de 250 mil pessoas em 14 km² – uma das regiões mais populosas da cidade de São Paulo. Concentra 24 favelas e cerca de 80 mil domicílios formais. Há ali dois centros educacionais unificados (CEU Meninos e Parque Bristol), três bibliotecas públicas e nove unidades básicas de saúde (UBS). Dispõe de 51 equipamentos de educação formal, dos quais dezoito escolas estaduais e 33 municipais: oito creches, onze centros de educação infantil (CEI), treze escolas de ensino fundamental (EMEF) e uma unidade de educação de jovens e adultos (EJA).

Em Sacomã está Heliópolis, hoje a segunda maior favela do Brasil e da América Latina. As habitações são quase todas de tijolos e concreto, distribuídas por uma área de um milhão de metros quadrados, compondo um cenário caótico de ruelas tortuosas e becos sem saída, abrigando aproximadamente 125 mil pessoas - 90% delas de origem nordestina e metade com idade até 25 anos.

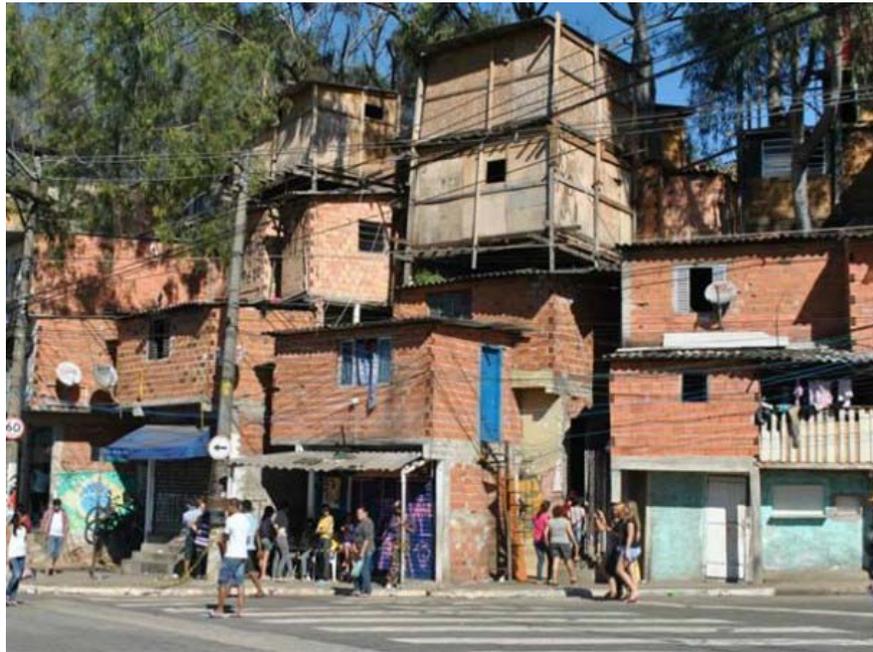


Foto 11 – Entrada do bairro de Heliópolis. Foto de Gil Felix / Globo.com / Ação Cidadania.

Segundo o Portal Infocidade, da Prefeitura de São Paulo, a maior causa de morte de jovens de 12 a 20 anos na região é o homicídio causado por brigas do tráfico de drogas. Por outro lado, um dos constantes desafios na vida dos jovens dali é o primeiro emprego. Apesar dos problemas, a favela segue crescendo num ritmo explosivo e a comunidade já conta com todo tipo de comércio em seu entorno. A reurbanização recente de parte da favela – agora já denominada Vila – trouxe novos ares para a região e é expressão da vitalidade econômica e financeira proporcionada à população de baixa renda pelos programas sociais instituídos pelo governo federal e realizados em parceria com o estado e o município.



Foto 12 – Área recentemente reurbanizada de Heliópolis, com projeto do arquiteto Ruy Ohtake.

A Heliópolis FM, criada e dirigida pela União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, a UNAS, desde 1992, também é expressão dessa vitalidade.

“A rádio surgiu da necessidade de informar e mobilizar a nossa comunidade. No dia oito de maio de 1992 inauguramos a Rádio Popular de Heliópolis, nome dado pela própria comunidade. Nossos equipamentos eram um transmissor, uma antena, uma mesa de som, um aparelho de cd, uma vitrola de tocar vinil, um microfone e várias cornetas espalhadas pela comunidade” conta Geronino Barbosa, o Gerô, ex coordenador geral da rádio e diretor da UNAS.



Foto 13 - Gerô Barbosa coordenou importantes mobilizações na época em que a Rádio Heliópolis foi fechada, em 2007, e reabriu em caráter experimental como rádio educativa.

Com a inauguração do Expresso Tiradentes, ficou muito fácil e rápido se deslocar até Heliópolis. Um bom roteiro é seguir pela linha verde do Metrô até a estação Sacomã. No Terminal 4, pegar a linha 5031 – Vila Arapuã, que segue pela Estrada das Lágrimas. Basta pedir ao motorista para descer no ponto mais próximo da Rua da Mina, bem na esquina do Bar da Porcina.

De carro, o ideal é trafegar pela Avenida do Estado em direção à Via Anchieta e pegar a Estrada das Lágrimas até a altura 2000, virando à esquerda na Rua da Mina, sede da UNAS. Dali até a rádio é um pulinho.

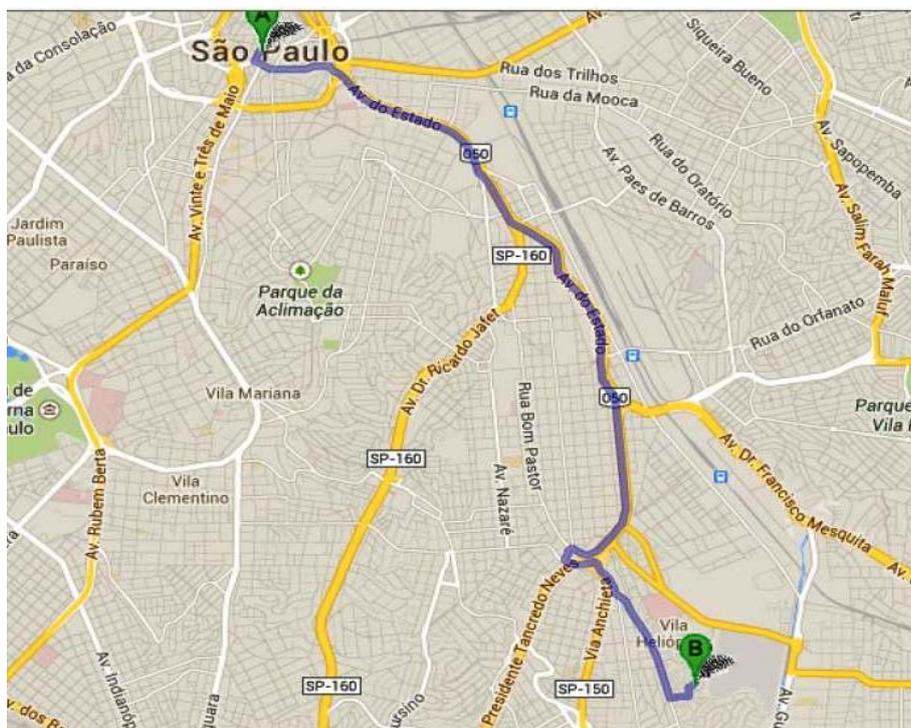


Figura 13 – Rota de carro para a Rua Paraíba, 76, Vila Heliópolis, no Sacomã.

Quem nos recebeu na sede da UNAS para a entrevista foi Reginaldo José Gonçalves, diretor da Associação e coordenador geral da Heliópolis FM.

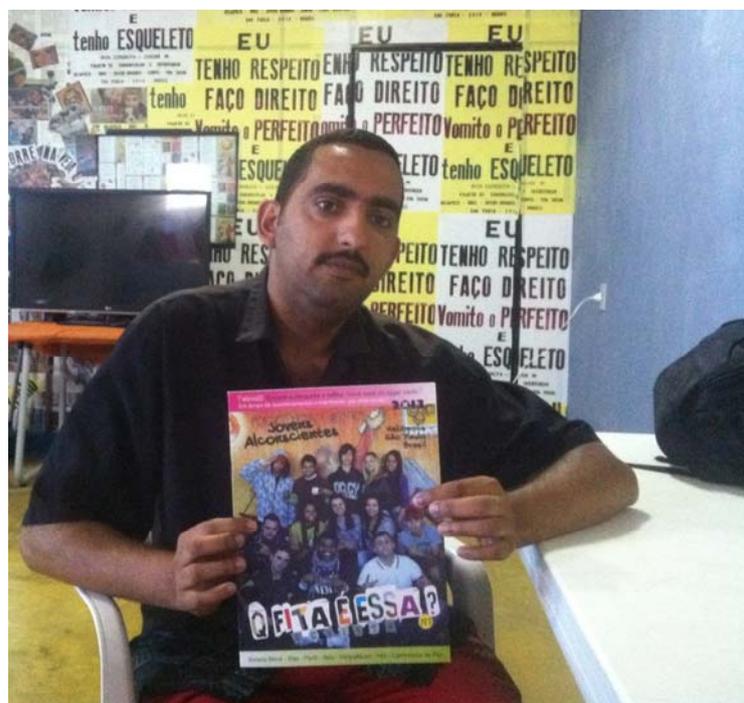


Foto 14 - Reginaldo José, o Régis, coordenador geral da Rádio Heliópolis FM.

Na reunião de conjuntura da Associação de Moradores da qual Reginaldo havia participado dias antes de nosso encontro, foi consenso entre os diretores de que Heliópolis obteve muitos avanços ao longo da década, mas ainda enfrentava problemas críticos, como a própria questão da moradia, a falta de espaços culturais e de lazer, a poluição sonora e a baixa qualidade do ensino nas escolas públicas da região.

Por isso, quando comecei nossa entrevista perguntando sobre os grandes problemas da comunidade, ele soltou logo um sorriso e me falou desse papo da diretoria. E foi já garantindo que a rádio tem tratado de todos esses assuntos na sua programação. *Hoje, todos os programas são voltados para discutir e debater os problemas da comunidade fazendo com que a população esteja bem informada e participe efetivamente do processo de organização em busca da melhoria da qualidade de vida da comunidade.*



Foto 15 – Sede da Rádio Heliópolis durante reforma.

A Heliópolis FM conta com uma equipe de 28 comunicadores, entre locutores, técnicos, coordenadores e colaboradores voluntários. Mantém dois estúdios: um para a produção e

gravação de spots, vinhetas, chamadas, jingles, e outro para a transmissão da programação, com equipamentos adquiridos de doações e de projetos.

Reginaldo conta que, atualmente, a rádio funciona das seis da manhã à meia-noite. *O computador não está aguentando funcionar 24 horas e nós não temos dinheiro para comprar outro. Ou seja, um para transmitir e outro para rodar de noite. Tudo é feito ao vivo, nada no automático, só quando o locutor da hora falta e a gente não consegue substituir, mas só nesses casos mesmo.*

Pergunto sobre a programação. *Nossa programação foi definida de acordo com a demanda da comunidade. As pessoas vinham procurar a rádio defendendo o seu estilo musical e aí gente pedia para participar da reunião para ver como a rádio funciona e para ver também todas as dificuldades. Isso porque as pessoas vêm procurar a rádio e acha que ah, não, eu vou lá, eu vou ficar famoso... vou vender o meu peixe... e quando eles vêm aqui e participam da reunião, percebem os bate-boca que a gente tem aqui, que são vários, né?. Então com isso eles já têm uma certa noção de como é e aí eles decidem se vão entrar ou não. Mas quando a gente fala dessa coisa da lei, que não pode ser assim, ou assado, entendeu, aí muita gente desanima e desiste, né? Agora, aqueles que vem com o interesse, com o intuito não só de defender o seu estilo musical mas, principalmente, de valorizar a comunidade, aí fica com a gente, tanto que o período que fica é enorme, dez, doze anos.*

Provoco com a velha questão: se ele acha que a rádio está ajudando a melhorar a vida da comunidade. Ele, claro, diz que sim. Mas o que me interessava era o que viria depois... *Ela teve várias participações na história de Heliópolis. A importância da rádio é que ela colabora para a nossa articulação e nossa mobilização. Eu me lembro que, quando o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) veio para Heliópolis, era uma verba do governo federal junto com o estadual e o municipal de 196 milhões, tudo investido aqui pra urbanização e habitação. Mas a gente não sabia como ia ser gasto esse dinheiro todo..E rolou aquele boato: ah, vão derrubar todas as casas da favela, e aí todo mundo começou a ficar bem preocupado. Aí a diretoria da UNAS se reuniu e disse que queria esse dinheiro para Heliópolis, mas antes queria saber como esse dinheiro seria investido. Porque se fosse só por gastar, dinheiro que é nosso, dinheiro que é da população, a gente não queria. A gente queria entender como seria gasto essa verba. Onde vai ser, vai ser na*

moradia? Como vai ser? Vai tirar o pessoal do córrego? Vai levar para onde? Não é só canalizar o córrego, vai precisar ver pra onde vão essas famílias que estão na beira do córrego. Por que se for tirar essas famílias para ir pra rua, também não é viável. Estão na beira do córrego, estão correndo risco, mas pelo menos eles têm uma casa. Tanto que nossa maior dificuldade, mais tarde, foi essa: convencer o pessoal a sair. Não, se a gente sair daqui não vai ter para onde ir. Então, o que a gente fez? Através da rádio a gente mobilizou a população, mostrou a importância que o PAC ia ter. A gente fez uma assembleia e convidou o prefeito, o secretário da habitação e tudo o mais. E foi em frente a rádio. Assembléia lotada, o prefeito chega, passa no meio da população, sobe no palco e fala: aqui em Heliópolis vai ser diferente. A gente vai fazer esse trabalho aqui junto com a população. Não vai ser eu que vou falar o que é melhor para vocês. Vocês que vão falar o que fazer aqui. E aí a gente começou esse processo, né. A gente ia de casa em casa junto com o pessoal da Prefeitura.

Como assim, Reginaldo, vocês acompanhavam as visitas?

A Prefeitura tinha uma metodologia de trabalho que era assim: ia tirar a pessoa do barraco, eles ofereciam a unidade habitacional. Primeiro a pessoa ia com bolsa aluguel, até ficar pronta a unidade. Também ofereciam uma carta crédito no valor de 60 mil para comprar uma casa. Sessenta mil não dava pra comprar nada, mas eles ofereciam isso. Mas aí ofereciam o pior de tudo: o valor de cinco mil pelo barraco – era pegar o dinheiro e ir embora pro norte, pro nordeste. Era assim. E aí a gente acompanhava as assistentes sociais e foi outra guerra também porque as assistentes sociais diziam que a gente estava interferindo no trabalho delas, na liberdade delas, e tal. E a gente achava o contrário, a gente tinha que estar ali porque os moradores não tinham a informação correta, né. A gente às vezes pegava uma senhora de idade que achava que com cinco mil reais ia resolver a vida dela. E a gente falava não, você não tá entendendo, não faz isso, você vai dar a sua casa por cinco mil reais... a Prefeitura queria que eles saíssem pegando os cinco mil. E aí a rádio ajudou muito porque levava o Manuel (trata-se de um dos primeiros moradores da favela, liderança comunitária importante e fundador dos movimentos de moradia que se espalharam pela cidade na década de 1970, 80) pra falar, levava antigos moradores, e tudo mais, e com isso o pessoal começava a ligar pra tirar as dúvidas e nisso a rádio contribuiu muito. Hoje, Heliópolis é considerado referência, um

bairro exemplo. Eu não chamo mais de favela porque Heliópolis já passou dessa fase, né. E a rádio contribuiu nesse processo. Não falo que foi tudo a rádio, mas ela estava presente em muitas ações que tivemos aqui.

Reginaldo lembra de mais uma situação recente para justificar a sua resposta: o incêndio nos barracos da Ilha, em meados de 2012. *Então, a última que chamou muito atenção foi quando pegou fogo nos barracos, na parte que a gente chama de Ilha. Eram seis da manhã e o pessoal ligou pra rádio avisando. Cheguei no estúdio às sete e os locutores já tinham se organizado na solidariedade. Fizemos chamamentos para doações e um show com artistas de forró, rap, reggae e samba; a entrada era mantimentos. A sala da rádio lotou com alimentos doados, chegou um caminhão lotado de alimentos da Bahia, chegou tanta coisa que a gente precisou distribuir pelas igrejas e pedir para parar de mandar comida e roupa, que agora só precisava mesmo era de material higiênico. Então, é o que eu falei: às vezes, a população não escuta a rádio mas sabe que tem um veículo de comunicação e que, quando precisa, sabe que pode contar com ela.*

Pergunto como anda o relacionamento deles com as outras emissoras comunitárias de São Paulo, uma vez que Heliópolis foi um local importante de encontros, reuniões e de experiências durante as lutas pela legalização aqui na capital. Inclusive havia um lema que, na época, cunhamos para mobilizar o grupo – “Mexeu com Heliópolis, mexeu com todas”. Eu havia participado intensamente deste momento, na época, por isso sabia bem o que significava essa pergunta para o Reginaldo, que ainda era garotão no meio de tanta briga de gente grande.... Ele me responde assim: *Ana, infelizmente, não temos tido contato com todas as rádios comunitárias, o que seria de suma importância para o fortalecimento da comunicação comunitária, principalmente nas periferias. Com algumas rádios temos uma certa proximidade, como a Rádio Cantareira, a Paraisópolis, a Navegantes, com quem trocamos informações e conhecimento.*

Então, antes de abordar a questão da audiência, me antecipo para indagar sobre o perfil dos ouvintes. Pergunto que tipo de ouvinte a rádio quer ter. Reginaldo ataca na resposta: de que o público alvo de Heliópolis é a população da comunidade e região, independente de gênero, idade, classe social, grau de escolaridade, religião ou crença: *acreditamos que todos são importante no processo de articulação e desenvolvimento de uma sociedade com igualdade de direitos e oportunidades.*

Pergunto se os ouvintes da rádio, além de ouvir, também falam. Reginaldo analisa que, atualmente, a direção da rádio mantém uma relação bem próxima com os ouvintes. *Além dos locutores, em sua maioria, serem moradores da comunidade, e com isso entenderem os problemas e demandas que temos no nosso dia dia, os ouvintes também participam efetivamente da programação, passando informações e fazendo críticas para a melhoria da programação da nossa rádio.*

Avanço na questão indagando de que maneira esses ouvintes falam, são ouvidos ou atendidos na emissora. E ele me responde: *Consideramos a rádio como a voz da comunidade. Temos a participação dos moradores através do telefone, das redes sociais e das visitas que fazem aos estúdios da rádio. Com isso, a troca de informação e conhecimento passa a fazer parte do cotidiano da comunidade.*

Segundo Reginaldo, os apoios culturais veiculados na programação são gravados em seus estúdios e buscam divulgar o comércio local, produtos e serviços. Os valores cobrados são destinados à manutenção dos equipamentos e ajudam na sustentação da emissora. *A rádio custa em torno de 1.800 reais por mês entre água, luz e manutenção dos equipamentos. Somos privilegiados. A gente consegue se manter por causa da UNAS e dos outros projetos daqui que dão suporte para a rádio. Ganhamos o prêmio Asas, do governo federal, que em 2010 premiou com 80 mil reais iniciativas culturais que valorizam a comunidade. Com parte dessa verba reformamos o estúdio da rádio, atualizamos nossa mesa de som, o espaço está adaptado para cadeirantes, tudo profissional.*

Entretanto, o coordenador reforça que a maior dificuldade que eles enfrentam ainda é a sustentabilidade da rádio. Diz com todas as letras que, se não há verba, não há como formar equipes, e sem equipes, não dá pra crescer. A política que adotam para quem vem cuidar de um programa e consegue fechar apoios culturais para a sua programação é ficar com metade do apoio para ele e deixar a outra metade para ajudar na manutenção da rádio. *Teve momentos em que a rádio teve muito apoio cultural e os locutores até conseguiam ganhar dinheiro. Só que o que aconteceu? Em 2010, quando saiu essa norma que definiu o que é um apoio cultural, aí complicou muito. Complicou porque antigamente tinha uma brecha na lei. Você tinha apoio cultural, mas não definia o que era de fato apoio cultural. Agora não. A rádio pode ter patrocínio sob a forma de apoio cultural desde que não veicule bens, produtos, serviços, condições de pagamento etc. Aí você chega no*

mercadinho e diz olha, você não pode falar da sua promoção que está tendo aqui, você não pode falar do seu produto. Tá, mas eu posso falar o quê? Pode falar que esse programa tem o apoio do mercado e fala o nome do mercado. Ah, não, mas então eu prefiro anunciar no carro de som, no jornalzinho da UNAS. Então, com isso a gente perdeu muito apoio. Por incrível que pareça, o pessoal quer anunciar na rádio, quer, só que esbarra na questão da lei. A gente não segue a lei ao pé da letra não, se eu falar pra você que a rádio tá, não tá não, a gente tem que sobreviver, a rádio tem que sobreviver. A gente só não coloca mesmo o valor e as promoções, o parcelamento, isso a gente não coloca. Por exemplo, o apoio do Magazine Luiza, que abriu aqui, fizeram uma mega loja. Eles querem ajudar, é a primeira loja virtual do Magazine Luiza na comunidade, eles já anunciam no jornal da UNAS e querem anunciar as promoções na rádio, mas a gente não pode aceitar porque não podemos falar dessas promoções deles dessa loja.

Com relação à grade de programação, a rádio tem hoje vinte programas: dez durante a semana e dez no final de semana. *Temos hoje 28 locutores na rádio, entre sonoplastas, telefonistas. Somos uma equipe que se divide – tem gente que faz tudo sozinho e tem gente que precisa de ajuda na mesa de som. O legal é que a gente agora conseguiu colocar o Fabinho dando suporte como operador das seis da manhã às duas da tarde. Ele é o nosso sonoplasta mor. Esses dias mesmo, eram seis da manhã, ligou o Jota Maria: ô Reginaldo, você tem que vim aqui na rádio porque deu pau. E você tem que vim mesmo porque eu já falei com o Fabinho e ele falou que a coisa é grave. Aí eu fui, desmontei o computador, arrumei e pronto. Então, primeiro fala com o Fabinho; se ele não resolver, aí me chama. Hoje também temos o Crisvaldo, que cuida do site, da internet, facebook, essa parte. É bom colocar que a média de tempo desses locutores da rádio é de dez anos no ar. Renatinho, Libera e eu somos, atualmente, da coordenação da rádio.*

Reginaldo conta que já fizeram diversas pesquisas de audiência antes. Mas, hoje, confessa que não conseguiria me responder exatamente o que pensa sobre isso. *A gente tem o site da rádio e dá pra saber qual é a audiência dos programas da internet, mas o nosso público não é a internet. Então, pra gente não é válido esses números. Como a gente anda muito aqui na comunidade, a gente tem uma noção de qual programa as pessoas têm escutado mais, né, qual a faixa etária.*

Fala que eu te escuto

Programação | Heliópolis FM

Segunda

00:00 - 05:59 - Madrugada Heliópolis
06:00 - 07:59 - Alvorada Sertaneja
08:00 - 09:59 - Roberto Carlos & Convidados
10:00 - 11:59 - Frequencia do Sucesso
12:00 - 12:59 - A voz da Unas
13:00 - 13:59 - Show da Tarde
14:00 - 15:59 - Forrozão da Heliópolis
16:00 - 17:00 - Show da Tarde segunda edição
17:00 - 18:59 - Clube Mix
19:00 - 20:00 - A Voz do Brasil
20:00 - 21:59 - Revolução Rap
22:00 - 23:59 - The Night Love

Terça

00:00 - 05:59 - Madrugada Heliópolis
06:00 - 07:59 - Alvorada Sertaneja
08:00 - 09:59 - Roberto Carlos & Convidados
10:00 - 11:59 - Frequencia do Sucesso
12:00 - 12:59 - A voz da Unas
13:00 - 13:59 - Show da Tarde
14:00 - 15:59 - Forrozão da Heliópolis
16:00 - 17:00 - Show da Tarde segunda edição
17:00 - 18:59 - Clube Mix
19:00 - 20:00 - A Voz do Brasil
20:00 - 21:59 - Revolução Rap
22:00 - 23:59 - The Night Love

Quarta

00:00 - 05:59 - Madrugada Heliópolis
06:00 - 07:59 - Alvorada Sertaneja
08:00 - 09:59 - Roberto Carlos & Convidados
10:00 - 11:59 - Frequencia do Sucesso
12:00 - 12:59 - A voz da Unas
13:00 - 13:59 - Show da Tarde
14:00 - 15:59 - Forrozão da Heliópolis
16:00 - 17:00 - Show da Tarde segunda edição
17:00 - 18:59 - Clube Mix
19:00 - 20:00 - A Voz do Brasil
20:00 - 21:59 - Revolução Rap
22:00 - 23:59 - The Night Love

Quinta

00:00 - 05:59 - Madrugada Heliópolis
06:00 - 07:59 - Alvorada Sertaneja
08:00 - 09:59 - Roberto Carlos & Convidados
10:00 - 11:59 - Frequencia do Sucesso
12:00 - 12:59 - A voz da Unas
13:00 - 13:59 - Show Da Tarde
14:00 - 15:59 - Forrozão da Heliópolis
16:00 - 18:59 - Clube Mix
19:00 - 20:00 - A Voz do Brasil
20:00 - 21:59 - Revolução Rap
22:00 - 23:59 - Água Para Beber
22:00 - 23:59 - The Night Love

Sexta

00:00 - 05:59 - Madrugada Heliópolis
06:00 - 07:59 - Alvorada Sertaneja
08:00 - 09:59 - Roberto Carlos & Convidados
10:00 - 11:59 - Frequencia Do Sucesso
12:00 - 12:59 - A voz da Unas
13:00 - 13:59 - Show Da Tarde
14:00 - 15:59 - Forrozão da Heliópolis
16:00 - 16:59 - Suplemento Musical
17:00 - 18:59 - Clube Mix
19:00 - 19:59 - A Voz do Brasil
20:00 - 21:59 - Revolução Rap
22:00 - 23:59 - Na Balada

Sábado

00:00 - 05:59 - Madrugada Heliópolis
06:00 - 08:59 - Show Da Manhã
09:00 - 11:00 - Estilo Musical
11:00 - 13:00 - Miguem Bezerra
13:00 - 14:59 - Tarde Do Babado
15:00 - 16:59 - Nas Quebradas Do Nordeste
17:00 - 18:59 - Mistura De Ritmos
22:00 - 23:59 - Água Para Beber

Domingo

00:00 - 05:59 - Madrugada Heliópolis
06:00 - 08:59 - Show Da Manhã
09:00 - 11:00 - Estilo Musical
11:00 - 13:00 - Miguem Bezerra
13:00 - 14:59 - Tarde Do Babado
15:00 - 16:59 - Nas Quebradas Do Nordeste
17:00 - 18:59 - Mistura De Ritmos
19:00 - 20:59 - Domingasso
22:00 - 23:59 - Água Para Beber

Quadro 6 – Programação da Rádio Heliópolis FM.

Peço que me dê um exemplo. Ele avança: *No período da manhã, é mais o público adulto que ouve mesmo, não tem jeito. Passo na rua e as pessoas me falam – diz lá pro Libera passar a música tal; fala pro Libera que depois passo lá, as pessoas mandam recado pra ele. Outro exemplo que está me surpreendendo muito é que a gente achava que jovem não escutava muito rádio, só o programa do Zóio, né [referindo-se ao Mano Zóio, do programa Revolução Rap]. O Zóio tem uma história e tal que todo mundo respeita, tanto que a marca dele aqui tá bombando.*

E continua falando sobre a nova programação jovem da rádio. *Mas como eu ia dizendo, a gente começou a fazer dois programas, o Fala Jovem e Jovens Alconscientes e isso deu uma reviravolta na nossa cabeça porque tá tendo muita aceitação aqui na comunidade, principalmente na juventude. Outra coisa que eu acho que foi muito rico é que hoje esses programas são bem politizados, eles discutem mesmo a questão política, a questão ideológica, que eu acho que isso faltava um pouco também na nossa rádio. E aí a gente colocou os jovens e os jovens levantaram essa bandeira. Então eles falavam das manifestações, o porquê das manifestações, né, o que isso afeta o cotidiano da população, o cotidiano de Heliópolis, e estão essas coisas a gente começou a discutir lá na rádio e a juventude começou a participar por telefone, por email. Mas mesmo assim a gente não tem noção, hoje, de quantos por cento da população de Heliópolis escuta a rádio. Tem uma discussão de que a gente tem muito retorno pela internet e pouco retorno da comunidade.*

Neste momento, o grupo de coordenadores discutem como fazer para estimular mais gente a sintonizar a Heliópolis FM. Para Reginaldo, a comunidade tem clareza da importância que a rádio tem. Por isso, planejam para o ano que vem uma campanha para conquistar mais ouvintes. *Não para ficarem 24 horas ouvindo a rádio, mas pelo menos fiquem dez minutos por dia sintonizados na rádio para saber as informações que estão acontecendo. Aí a gente consegue atingir maior público e tudo mais.*

Quando ele fala em atingir maior público, era o mote que eu precisava para abordar a radioweb e da possível mudança da programação de uma rádio que sai dos limites da comunidade e passa a transmitir para o mundo. Tentei a primeira vez: Regis, como foi pra vocês começar a fazer rádio na internet? Vocês discutiram se falar para a comunidade seria a mesma coisa que falar para o mundo? Teve essa discussão no grupo?



Foto 16 – Danilo Barreto, o Mano Zóio: herdeiro de Rappin Hood, comanda o programa Revolução Rap há mais de uma década na comunidade.

Ele dispara: *ah, sim. Vou contar bem desde o início porque acho isso importante. Quando a gente pensou em colocar a rádio na internet- eu particularmente queria muito, eu e a Claudinha também queria muito – a maioria era contra porque ao mesmo tempo para o mundo, que é bacana, é legal, a gente também está expondo as nossas fragilidades. Porque o programa que vai para a internet é o mesmo que vai para a nossa comunidade, não é uma programação diferenciada. E aí foi um quebra-pau porque tinha gente que falava assim: não, vamos colocar só os programas que já estão aptos para estar no ar na internet porque vão pro mundo inteiro. Outros falavam assim: não, vamos fazer uma programação gravada e a gente colocar no ar só essa programação gravada porque aí dá pra editar, dá pra você mexer e tudo o mais.*

Como assim? Começou a ter um critério de qualidade do que dá pra fazer ou não por causa da imagem? *É.. Porque o medo dos locutores era isso, né, de mostrar nossas fragilidades,*

nossos erros, eles não estavam preocupados em divulgar a comunidade pro mundo, eles estavam pensando no lado negativo, né, olha lá, eles estão falando português errado, sei lá. Ah, a gente nunca teve problemas com isso, com sotaque, tudo mais, a gente até valoriza, né? Ah, pintou essa conversa e foi um debate forte e na verdade eu fui teimoso e eu coloquei o meu programa no ar mesmo sem a maioria me apoiar. Quando eles viram, já estava no ar e aí não tinha como voltar atrás. E outra coisa também: eu não sabia como colocar no ar, eu não tinha esse conhecimento técnico. Aí tinha um rapaz aqui fazendo uma atividade na comunidade e me perguntou por que você não põe a rádio na internet? Eu falei não tem como! Aí ele me disse olha, eu tenho um camarada meu lá em Brasília que sabe fazer isso. Ele consegue colocar a rádio no ar de lá. Naquela época, 2009, 2010, eu fiquei meio sismado e fiz uma reunião com meus companheiros da diretoria. Olha, o cara falou assim assim assim, pode ser uma oportunidade isso aí. O pessoal falou olha, você é que sabe, porque depois quem vai assumir a pior é você, que é o coordenador geral da rádio... Então eu decidi assumir. Vou arriscar, vou confiar. E fizemos isso.

Como aconteceu isso? Foi assim, ele lá e eu aqui, mandou o contato IP do computador e de lá de Brasília o cara começou a mexer na configuração e colocou a rádio na internet. De graça, sem custo nenhum. E aí quando os locutores viram que estavam falando pro mundo inteiro, mudaram a opinião deles. Aí eu usei isso. Aí fui – agora a gente está falando não só pra comunidade. É uma responsabilidade a mais. Então a gente tem que melhorar muito mais a nossa programação, temos que tomar cuidado com o que a gente fala, com os nossos erros, nossas fragilidades, que a gente tem muito, e coisa e tal, e temos que fazer uma programação cada vez melhor para a nossa comunidade e para o mundo.

Perguntei sobre os novos ouvintes, se ele já tinha tido alguma surpresa com esse novo alcance da rádio. Ele tinha mais duas histórias. Nessa coisa da internet, para minha surpresa, começou a ligar o pessoal do norte e do nordeste para pegar informação daqui. Outro dia estava no programa do Zóio e ligou um cara dos Estados Unidos, da Califórnia. Aí falou ao vivo. Tem um ouvinte aí da Califórnia que tá falando comigo no MSN e eu vou colocar ele no ar, falou o Zóio. E colocou. E o cara falou. Eu estava lá e presenciei isso. Que loco, que legal, mano. Não deu dez minutos liga o pai dele pra rádio agradecendo a oportunidade de ouvir o filho. Outra coisa interessante que aconteceu foi

no programa do Rogerinho. Tava lá ele fazendo o programa e liga uma mulher, se eu não me engano do Piauí, desesperada, atrás da mãe. Ela tinha informação de que a mãe dela morava aqui em Heliópolis e queria que o Rogerinho anunciasse na rádio e ajudasse a encontrar a mãe. Eu dizia Rogerinho, cuidado, você fica dando esperança a ela, Heliópolis é muito grande, você nem sabe se a mãe dela mora mesmo aqui ou não. Bom, a gente só tinha o nome completo da mulher. Então ele fez contato com um amigo dele da Telefônica e aí esse cara levantou todos os nomes com os telefones que tinham aqui. Deu 42 nomes. Aí o Rogerinho me mostrou a lista e eu insistia - Rogerinho, hum, não fala isso aí pra mulher, vai dar esperança pra ela, e se for tudo em vão... E eu com medo. Mas aí o Rogerinho começou a ligar. Sabe o que aconteceu?

Ele achou a mulher!, É, achou. No terceiro número ele achou a mãe da moça. Só que a mulher desligou o telefone na cara dele. A mulher achou que era trote. A mulher não acreditou que era a mãe dela. Fazia 40 anos que uma não via a outra. Aí o Rogerinho ligou de novo e então a mulher acreditou porque insistiu, né? Aí a mulher começou a chorar e tal. Ele fez essa ponte. Eu falei pra ele: Rogerinho, isso dá uma matéria, vamos chamar a Record, a Globo, vamos chamar todo mundo pra fazer uma matéria e mostrar a importância que a nossa rádio tem. Porque foi uma coisa que nem eu mesmo tava acreditando e ele insistiu e conseguiu. Na época, a mulher precisava de R\$1.200,00 pra ir de SP pro Piauí. E a gente pensou vamos lá fazer a matéria e o pessoal da televisão dá o dinheiro pra ela reencontrar a mãe. Mas só a Record deu o retorno, só que não veio fazer a matéria. Aí depois de duas semanas a Record fez contato. Oi, a gente precisa fazer aquela matéria lá. Mas quando o Rogerinho ligou pra mulher, ela tinha vendido fogão, geladeira e já tinha ido pra lá já. O Rogerinho tirou as fotos com ela e tal pra mostrar um fato verídico. Então a internet possibilita isso também. Pra gente, foi importante colocar a rádio na internet. Só que a gente não perdeu nossa essência. Acho que o interessante foi isso, manter nossa essência. A nossa rádio está voltada para a comunidade e quem escutar a rádio, no mundo inteiro, vai escutar as informações do Heliópolis. É a maneira da gente também se valorizar e expor o que a gente tem de positivo.

Sabendo da grande atuação educativa da UNAS, em diversos projetos e programas, inclusive de reinserção de jovens em liberdade assistida, ações contra uso de drogas, DST

e AIDS, alcoolismo, estímulo ao primeiro emprego, esportes e artes, pergunto, de forma direta, se ele acha que a rádio Heliópolis educa os ouvintes através da sua programação.

Essa rádio educa, Régis? A nossa rádio educa, com certeza. Quando a gente fala em educar é um processo, né, não é uma coisa de uma hora pra outra e tudo mais. Mas eu conto com uma educação, desde os locutores que estão ali, as pessoas que trabalham diretamente na rádio, como o nosso público, indiretamente, que são os ouvintes. Então, tudo é um processo. Do locutor chegar na rádio e falar, por exemplo, agora, recentemente, a eleição do Conselho Participativo. É uma coisa nova, a maioria da população nem sabe o que o que é. Passa lá na televisão, passa na mídia, mas não explica a importância que tem. E aí pegamos os locutores pra fazer uma reunião e falar da importância do Conselho Participativo e depois o locutor ir lá repicar para a comunidade também entender a importância disso e tudo mais, a gente está educando também. A gente está educando esse morador, a gente está educando esse locutor pra todo mundo ser cidadão, a exercer a cidadania. E pra isso a gente não tem outros mecanismos, nem mesmo a escola. A escola não vai discutir um tema tão importante como esse, infelizmente. Tem muita coisa que nossos órgãos educacionais não discutem mas na rádio a gente tem essa liberdade de discutir, de debater, de envolver a população e mostrar o papel dela de cidadão de direitos e deveres. Se a rádio conseguir fazer isso – e não é em grande escala – consegue informar e formar.

Heliópolis conseguiu eleger, em meados de dezembro de 2013, dezenove dos quarenta e sete membros do Conselho Participativo do Distrito do Sacomã, cujo papel é definir como serão gastos os recursos orçamentários disponíveis para a região, inclusive as prioridades. Régis explica: *o Conselho Participativo é um órgão a nosso favor. Não temos o poder de executar, mas temos o poder de debater, discutir e definir o que é viável para a comunidade. Fui outro dia falar na rádio sobre o Conselho, a gente ia nas reuniões com os moradores discutir os projetos e eu dava um exemplo prático. Eu falava que na Estrada das Lágrimas, o ponto de ônibus é um poste em pé. E que de manhã, quem pega um ônibus às cinco, seis da manhã, em dia de chuva, toma toda aquela chuva, chega no trabalho todo molhado e tudo mais. Na região da Silva Bueno, Ipiranga, é tudo coberto, tudo bonito. Lá ninguém toma chuva. Aí eu perguntava: onde tem mais gente pegando ônibus, aqui ou lá? É aqui! Então. Por que não tem aqui e lá tem?*

A mais alta tecnologia à sua disposição! 87.5

RADIO COMUNITARIA
Radio Heliópolis FM 87,5 mhz
RO VIVO www.radioheliopolisfm.com.br

Roberto Carlos &

Principal

- O Seu Texto
- Rádio
- Rd Sat
- Unas
- Rádio On-line
- Ouvintes
- Equipa e Locutores
- Programas
- Vídeos
- Notícias
- Agenda
- Partes
- Indicações
- Peça sua música
- Bate-Papo
- Mural de Respostas
- Webcam
- Fale Conosco

TOP 10

- 1. CDY WEIAS & LINDINO **PEDIDO DE CASAMENTO**
- 2. LUIZ & LOBATO **360 GRAUS**
- 3. ERANDIO D. FERREIRA DE BEIAS **PRESENTINHO DE DEUS**
- 4. ALVARO FIRSI **A CHAVE E O SEU PERDÃO**
- 5. ANDRE **SOLEIRA**
- 6. GABRIEL OWA **SALA NA SOQUINHA**
- 7. PAULO **CASA VAZIA**
- 8. NACIONAL BOM **NIL FACES DE UM HOI MEM LEAL (CARLOS MARDELLA)**
- 9. RENA RODA **NO VAZIO DESTA CASA**
- 10. DANIEL **TANTINHO**

Assine no Twitter

BIBLIOTECA COMUNITARIA DE HELIOPOLIS

ANUNCIE AQUI
Conheça nossos planos semanais e mensais e divulgue-se para milhares de usuários em nosso site

UNAS
Heliópolis

Faça do nosso site a sua página inicial

RICRTEC
SOLUÇÕES EM INFORMÁTICA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM MICRO-COMPUTADORES, NETBOOKS, NOTEBOOKS E CONFIGURAÇÕES DE REDES
Atendimento no Local
Computador, Impressora, Scanner
2304-1309
99792-0004 98517-2544
RUA RICRTEC SUDOESTE COM - SP
Rua Tamuaá, 227 - São João Clima - SP

Mensagens de Usuários

<p>Nome: Jonathan Barros Cidade: Curitiba Estado: SP Mensagem: só se vai boiar no pra não pra estrimô garçagem em poder oca pra curtir... Postado dia: 19/11/2013 As: 20:42:04</p>	<p>Deixe seu recado</p> <p>Leia mais</p>
<p>Nome: Anderson Moraes Carlotz Cidade: São Paulo Estado: SP Mensagem: Não tem nada igual no anfitri Parabéns pela programação... Postado dia: 19/11/2013 As: 16:47:05</p>	<p>Deixe seu recado</p> <p>Leia mais</p>
<p>Nome: Jefferson de Souza Cidade: Gramma Estado: PE Mensagem: Estou aqui na Zona Rural de Gramma - Pernambuco ouvindo pela Internet a Rádio. Postado dia: 19/11/2013 As: 20:25:58</p>	<p>Deixe seu recado</p> <p>Leia mais</p>
<p>Nome: Snydne Sabarony Cidade: Presidente Prudente Estado: SP Mensagem: outro ano quer casar comigo <3... Postado dia: 19/11/2013 As: 19:02:16</p>	<p>Deixe seu recado</p> <p>Leia mais</p>

Coberturas



Rádio Heliópolis FM no Seminário
Local: Bateria do Paulo
 Data: 17/11/2013 - 6h (Atualizado)



Rádio Heliópolis FM no Seminário
Data: 17/11/2013 - 10 (Atualizado)

Rádio Heliópolis fm 87,5

AMARC

São Paulo - SP
 SEX - 22/11

20°C

Tem previsão com duas horas de antecedência em tempo real

Sala de + Ax451

RÁDIO.COM.BR

Baixe o APP RadiosNet em seu celular ou tablet e ouça nossa rádio em qualquer lugar.

No AR



PUBLICIDADE

RJR
Revendo Rd Set

FACULDADE CASPER LIBERO

CATRAÇA ALIVRE
A CIDADE NA SUA MÃO

OBORÉ
Trabalha Espiritual em Comunicações e Artes

Anuncie Aqui

Nossa Torre



VIDEO DESTAQUE
CAMINHADA DA PAZ

Clique aqui para ver o vídeo amparado

CAMINHADA DA PAZ HELIOPOLIS

Veja mais em nossa galeria de vídeos

GALERIA DE FOTOS

Rádio Heliópolis FM no Seminário
Data: 17/11/2013 - 10 (Atualizado)

CONTATOS

ADM DO SITE
 Departamento: Geral - www@radioheliopolis.com.br

DUVIDAS DO CONSUMIDOR Instituto Brasileiro De Defesa Do Consumidor - IDEC
 Departamento: Geral Idoc - radioheliopolis@idec.org.br

Rádio Heliópolis Fm 87,5 Fm (11) 2273 18 44 - Rua Paraíba 76 Heliópolis - São Paulo - Cep: 04231-390 - Telefone Deixar em no mundo de tal maneira que não o seu Filho se queira, para que todo o que todo o não parça, não tenha a vida eterna". João 3:16 Deixar Esta No Controla RD SAT - Todos os Direitos Reservados Revista RD SAT - WWW.RDSAT.COM.BR

Página carregada em: 1 segundo(s)

Figura 14 – Website da Rádio Heliópolis FM [www.radioheliopolisfm.com.br]

Porque lá eles estão mais articulados, a população cobra mais, é Alto do Ipiranga, população classe média alta, entendeu? E o mesmo direito que eles têm lá a gente tem aqui. Só que a gente não está tão organizado e articulado como eles. E o Conselho Participativo é o órgão que a gente tem para conseguir essa articulação e essa mobilização. A gente vai ser o representante da comunidade lá. E aí o pessoal começava a entender. Não, pode deixar que a gente vai votar e tudo o mais. E aí mudava o discurso deles porque muitos achavam que os conselheiros recebem salários para a função, o que não é fato. As reuniões são mensais e a atividade não é remunerada.

Ele passou a me contar outro exemplo, também muito interessante, de como entende que a rádio educa. *Quando estava acontecendo essa questão do PAC, de tirar os barracos daqui, todo mundo procurava a gente. Nessa época a rádio bombou porque vai muito da demanda, né? Estou precisando de informação e então vou escutar a rádio. Bom, tinha uma senhora que escutava o programa do Zenildo, o Forrozão da Heliópolis, e ela foi lá desesperada na rádio reclamar que fazia dois meses que a Prefeitura não pagava o aluguel social dela. Estava com o aluguel atrasado dois meses. Outras pessoas já tinham reclamado disso também e eu falei quer saber de uma coisa, vou lá no Plantão ver o que está acontecendo. Aí fui com ela no Plantão. No meio do caminho, encontramos o Zenildo. Vamo lá, eu vou vocês também. Aí fomos eu, o Zenildo e a senhora. Aí chegamos lá no Plantão e o pessoal já conhecia a gente das visitas, né. O que é que foi? Não, é que essa senhora já está com dois meses sem aluguel, isso não é brincadeira, vocês não podem fazer isso com as pessoas. Aí a assistente social já me mandou logo falar com a chefe dela. A chefe dela nunca ia lá no Plantão, mas naquele dia foi. Ô, Reginaldo, de novo você aqui? – porque eu já tive vários quebra-paus com ela, sabe. E ela nem falou com o Zenildo, falou direto comigo, deixou o Zenildo de escanteio. – Pô, e aí, você não tem o que fazer lá na UNAS, não? Eu tenho o que fazer lá na UNAS e é por isso que eu tô aqui, representando a comunidade. Ela foi me procurar porque faz dois meses que não recebe o aluguel. Pô, isso não é brincadeira, não. Aí é brincar com o povo, né? Vocês não podem fazer isso. E ela: mas vocês precisam entender que a gente tem diversas tarefas e tal, e não sei o que, a gente atrasou, mas a gente já explicou pra ela ... Nãaaa, não explicou pra ela não porque ela foi procurar a gente e foi por isso que eu vim aqui. Aí o Zenildo pegou e falou assim: Ô Sueli, eu sou o Zenildo, sou lá da rádio Heliópolis. Primeira vez que o Zenildo foi educado porque o Zenildo é daqueles caras bruto, sabe, sem filtro. Ele falava assim – Ô Sueli, eu queria marcar uma entrevista com você para*

explicar essas coisas. Desse jeito. Ela pegou a bolsa dela, ajeitou assim, e falou: Você acha que é assim? Tem que agendar comigo antes. Ou você acha que eu vou parar e ir? Não é assim não, tem que agendar, não é bagunçado assim. Vocês vêm aqui na hora que vocês querem, e tal, e não sei o quê. Aí o Zenildo já ... xi... Ah, é? Você não vai falar comigo não? Então eu vou chegar lá na rádio e vou descer a lenha, vou falar tudo o que está acontecendo aqui, essas maracutaias que você anda fazendo. E ele começou a falar alto, a gritar, agitou o pessoal que estava lá no Plantão, fez o maior bafafá, e a gente dizia calma, Zenildo, calma. Nisso a mulher já estava de pé. Ela estava desse jeito: pôs a bolsa assim, calma Zenildo, vamos conversar, eu tô pra depositar, sabe, mas aí vocês me complicam. Aconteceu isso, isso, isso, vamos sim marcar uma reunião com você, viu Zenildo? A gente vai explicar tudo. Só que depois disso, ela mudou totalmente a conversa: vamos ver o caso dela. E aí fez o pagamento da mulher, acredita? Aí eu só cheguei pra ela e falei caramba...

3.2.5 Rádio Nova Paraisópolis FM



Joildo Barreto dos Santos foi o primeiro diretor de comunicação da União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis, entidade criada em 1983 para evitar a remoção de cerca de 100 mil moradores da comunidade instalada em 800 mil metros quadrados em meio ao nobre bairro do Morumbi, zona sul de São Paulo. Entre as tarefas de Joildo estava a organização da rádio comunitária Nova Paraisópolis, que obteve liberação para funcionar em março de 2010, após muitos anos disputando um lugar ao sol.

Na Vila Andrade, que tem área de 10 km², convivem cerca de 130 mil pessoas, das quais 96 mil com mais de quinze anos. Desses, mais de cinco mil são analfabetos. Ali concentram-se dezesseis favelas. Das dezessete unidades de ensino instaladas na região, sete são escolas estaduais e dez são municipais, das quais duas creches e cinco de ensino fundamental (EMEF). Há um centro educacional unificado (CEU Paraisópolis), uma biblioteca pública e quanto unidades básicas de saúde (UBS).

A principal característica da Vila Andrade é a desigualdade social. Empreendimentos de alto padrão com grandes áreas verdes, como Panamby, cujos moradores concentram parte considerável do produto interno bruto paulistano, estão ao lado de Paraisópolis, com muitos moradores ainda em habitações irregulares e sem tratamento de água ou esgoto.

O crescimento desordenado trouxe problemas de trânsito e de infraestrutura. Entretanto, um dos maiores desafios da Vila Andrade é o combate à violência. De acordo com a Secretaria Municipal das Subprefeituras, o projeto de maior impacto da região é a urbanização da favela de Paraisópolis através de investimento público em conjuntos residenciais e saneamento básico.

A visita a Paraisópolis aconteceu na sede da Associação. No Largo da Batata, passa o Pinheiros – Paraisópolis, linha de ônibus 7040-10, que percorre o trajeto em cerca de uma hora, com parada na esquina do prédio da rádio.

Joildo Barreto, vice presidente da Associação dos Moradores e um dos criadores da rádio, foi quem me recebeu para conversar.

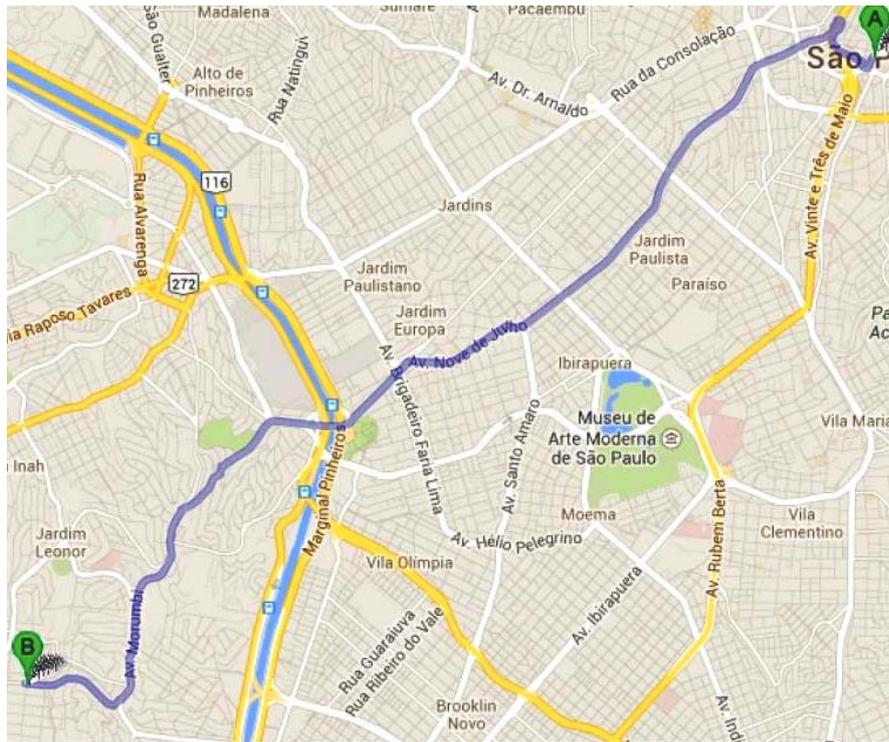


Figura 15 – Rota para a Rua Ernest Renam, 1366, na Vila Andrade.



Foto 17 – A sede da Nova Paraisópolis FM está localizada no andar superior do prédio da Associação de Moradores.

Segundo Joildo, durante a implantação da rádio, a maior dificuldade foi conscientizar os moradores do bairro sobre os benefícios que uma emissora traria para a comunidade. Mesmo com a concessão obtida em março de 2010, a rádio só entrou no ar em agosto daquele ano porque uma nova torre estava sendo construída para receber bem o sinal da antena.

Bem equipados, os estúdios da emissora foram montados sem doação alguma. Assim como Joildo, os outros colaboradores da União de Moradores e da rádio não recebem nenhum tipo de benefício financeiro, apenas quando há projetos pontuais patrocinados por algumas das sessenta entidades atuantes na comunidade, dentre as quais o Hospital Albert Einstein, a Bovespa, os Amigos de Paraisópolis e o Unidos da Paz, que junto a mais oito entidades, compõem o Conselho Comunitário, uma espécie de órgão regulador da rádio, e elegem seus representantes.

Na entrevista, ele relembra em detalhes como foi a reflexão do grupo que implantou a rádio sobre a questão gerencial, ou seja, iniciar o planejamento da programação e a montagem da equipe, além dos dilemas sobre a sustentação financeira da emissora.



Foto 18 - Joildo Barreto dos Santos durante entrevista no estúdio principal da Nova Paraisópolis FM.

Joildo, conta primeiro como foi organizar a programação da rádio?

A programação mesmo, bom, tem três anos e pouco que a rádio já existe, mas o que acontece é que a gente ainda está engatinhando. Porque o que acontece, diferente das outras rádios, que já operavam de forma não oficial, a gente só passou a operar depois de receber a autorização definitiva. Nem quando veio o ofício do Senado dizendo que tinha saído a nossa autorização, a gente não começou. A gente recebeu em maio de 2010 e só entrou no ar em agosto. A gente se preocupou muito com isso. Então, a gente teve que começar a criar uma cultura, fazer as pessoas procurarem a rádio. Aí teve uma discussão sobre a questão da audiência, da participação. Ah, por que eu vou fazer um programa se a rádio não tem audiência? Você vai ter audiência quando tiver um programa de qualidade, não o contrário, as pessoas vão fazer um programa de qualidade porque tem audiência. Essa discussão foi longa. E teve outra discussão também, que é a de remunerar ou não remunerar a equipe, porque o problema principal é esse – dinheiro. Se você pegar qualquer rádio que tenha programação fixa, o grosso da programação mesmo, pegando o caso de Heliópolis, por exemplo. Lá tem não sei quantos locutores, tem muitos locutores, mas lá eles existem há vinte e tantos anos. Então, é uma coisa em volta ali da rádio que já existe. É igual à Associação do bairro, quando começa ninguém está envolvido, mas depois começam a aparecer os trabalhos, a coisa pega visibilidade, aí as pessoas começam a se interessar e a disputar aquilo ali. Então, lá tem as pessoas que estão em volta da rádio, mas é que de alguma forma eles têm algum recurso pra se manter, seja através de algum apoio cultural que eles levaram, seja de alguma ajuda que a rádio dê pra eles, de patrocínios gerais que a rádio tem. Aí é que tá. Aqui, sempre a rádio dependeu da entidade. A gente quer depender? Quer que continue uma relação unida, mas o objetivo que a gente tem é fazer com que a rádio ande com as suas próprias pernas. Quer fazer um show? Então tá bom, faça um show, mas não vai atrapalhar o pagamento do salário da atendente da associação. Então, ainda hoje a gente tá com essa discussão.

A entrevista avança e pergunto sobre quais os grandes problemas da comunidade. Percebo que apesar da luta diária que já resultou em diversas realizações para o bairro, Paraisópolis ainda está longe de se tornar o local que todos sonham. *Aqui há cerca de doze mil analfabetos, começa Joildo. Muitas pessoas vivendo em condições precárias, colocando, assim, suas vidas em risco. Não há um hospital que possa fazer o atendimento geral dos moradores.*

E a rádio tem tratado desses assuntos na programação? *A Rádio Nova Paraisópolis é apenas um dos meios de comunicação da comunidade. Além de informar, deixa a população atualizada. A rádio também tem programa de debates, onde moradores e lideranças comunitárias recebem políticos eleitos e representantes do povo para uma discussão aberta e ao vivo com a população.*

Pergunto se eles já pensaram sobre o tipo de ouvinte a rádio quer ter. Joildo diz que não tem preferência de ouvintes. Quanto mais pessoas tiverem sintonizadas e ligadas, melhor. Diz apenas que a rádio atua em todas as áreas e procura atender a todas as necessidades do bairro. Pergunto, então, se os ouvintes da rádio, além de ouvir, também falam. Ele conta que há três formas de participação: via telefone, no ar ou não; via internet, pelo Facebook, site ou email, ou presença no estúdio, durante programas ou visitas.

Quanto ao relacionamento da rádio com as outras emissoras comunitárias de São Paulo, a Nova Paraisópolis participa do Fórum Democracia na Comunicação, entidade da qual são filiadas diversas emissoras comunitárias da capital.

Retomo a questão da gestão da emissora, pois me pareceu um ponto forte de Joildo, que é administrador de uma pequena empresa de comunicação e vice-presidente de uma associação comercial, a da comunidade. *Eu fiquei muito tempo diretor da rádio, o único diretor da rádio, e aí a gente tomou a decisão de eu me afastar dessa função porque tenho outras coisas na vida que demandam mais tempo e eu não tenho como dar atenção à rádio. Então, se fosse só a rádio, tudo bem, mas não é só a rádio. Tem o jornal, a vice-presidência da Associação, eu sou o tesoureiro de uma outra associação e ainda tenho uma empresa de comunicação. Aí você não consegue fazer tudo muito bem. Então, agora foi definido três pessoas para tocar o dia a dia da rádio: tem o Roberto, tem o Jeferson e tem o Adilson. Eles se dividem em horários, algumas vezes se encontram e em outros momentos fica um só. Então, na rádio sempre tem um deles. Eles tocam o dia a dia, recebem as demandas de programação, de quem quer fazer programa, analisam aquela proposta e já propõe para a pessoa também a questão da sustentabilidade. Porque uma rádio tem que abrir espaço para as pessoas, sim, mas também as pessoas precisam contribuir para a manutenção da rádio. Então, poucas pessoas conseguem trazer apoios culturais pra rádio porque não é uma coisa assim, obrigando o cara a pagar um horário pra estar lá, não, não tem isso aqui na nossa rádio, não. Tem vários relatos de que acontece isso hoje em dia em outras rádios, onde o pessoal encara a rádio como uma*

rádio comercial - é o seguinte, só entra se pagar – é igreja, é um monte de coisa. Até tem aqui um programa meio ecumênico, quase chegando no evangélico, mas que a gente tem muita restrição. Pode ser até que a gente dê uma brechada nisso pra não dar problema porque a gente já recebeu denúncia.

Era mais uma emissora com denúncia na Anatel. Insisti para saber do que se tratava: que tipo de denúncia, Joildo? *A gente já recebeu uma denúncia por ter atrasado a Voz do Brasil. E aí o negócio é o seguinte: o Ministério das Comunicações e a Anatel não nos dão meios de conseguir cumprir a legislação. É a mesma coisa da legislação eleitoral. Tem uma rádio bem famosa em São Paulo, uma rádio comunitária bem famosa em São Paulo, que não veicula propaganda eleitoral, nunca veiculou nem quando conseguiu a concessão. E a gente veiculava. Chega aqui a propaganda do PP, chega do PSDB, chega do PCdoB, chega do PSB, não chega do PT, não chega de tal, e aí eu não consigo ir atrás. São trinta e tantos partidos e eu não tenho como correr atrás de um por um para poder veicular.*

Mas se não veicular tem multa, retruco. *Sim, tem multa. Agora, na época da campanha eleitoral, esse é um problema pra gente, que tem que pegar sinal de outra rádio. Então, tem que entrar na internet para pegar o sinal online de outra rádio porque eu não tenho um técnico aqui que vai lá no transmissor, faz alguma coisa lá e pega o sinal que está sendo transmitido, eu não tenho esse meio. Ou seja, eu tenho um problema técnico para atender. Vai chegar julho de 2014, época de propaganda eleitoral, e é obrigado a passar propaganda eleitoral no rádio em dois horários: sete da manhã e uma da tarde. Então, às sete da manhã eu tenho que dar um jeito aqui de pegar a Globo, a Band, qualquer coisa que esteja passando a programação de São Paulo, a propaganda de São Paulo, para atender a legislação porque eu não sou transmissor original do que os partidos estão veiculando. Eu não consigo receber esse sinal. Então, é um problema. Como tá na lei, a gente é obrigada a transmitir. E não é porque eu não queira, eu estou aberto para isso, mas é porque eu não estou recebendo o sinal. Esse é um problema sério que a gente enfrenta.*

A rádio funciona das nove da manhã às dez da noite. Aos sábados, até nove da noite. Aos domingos, ela não abre. Hoje, são doze programas no ar, a maioria musical, dois com

entrevistas. Tem programa de rap, de funk, tem programa gospel, de MPB, e de forró. E tem um novo site que é www.radionovaparisopolis.org/

Pergunto de que forma a rádio está se sustentando. *Hoje, a gente está resolvendo assim: pega recursos de outros projetos para poder manter a rádio, manter essas três pessoas, manter o telefone, a internet e é isso. Hoje em dia é isso. A gente tem os apoios culturais pequenos da Eletropaulo, sobre a campanha de cuidado com a rede elétrica; o Santander inaugurou uma agência aqui e vão fazer um mês de veiculação na rádio, com possibilidade de prorrogação, e a gente começa a criar alguns parceiros, uma cultura. E mesmo que o cara ache assim - ah, tá bom, e tem audiência? - e é essa a discussão que a gente tem que fazer.*

Me fale sobre essa questão da audiência. Vocês medem? *Então, não. O cara chega e pergunta - e aí tem audiência? Eu falo assim - cara, eu não sei como medir. Não são todos, mas alguns estão, sim, preocupados com isso. Eu estou porque eu sei que a rádio não tem audiência. Eu não vou te falar - olha, tem cinco mil pessoas ouvindo. Se eu falar qualquer coisa aqui e abrir o microfone, não vai ter.*

Tempos atrás, houve aqui uma pesquisa sobre a rádio e perceberam que o público de internet da Nova Paraisópolis era grande. Você se lembra disso? *Sim, tinha muita gente fora, pelas estatísticas que eu tenho lá, 45 países diferentes acessaram a nossa rádio, mas principalmente gente de São Paulo. A gente viu que tem público para ouvir, as pessoas querem as informações da sua comunidade, querem se interar de tudo o que está acontecendo, mas aí tem um problema - a gente só consegue manter, por exemplo, uma equipe jornalística na rádio para fazer esse trabalho que é importante. Então, fazer programa jornalístico uma vez por semana, todo dia, como é, você consegue pagar esses caras? Porque até você conseguir pagar eles, tem que tirar esse recurso de algum lugar. Então essa é a grande incógnita, hoje. Deve ter algumas rádios que acabam tendo que vender horário para conseguir se manter mesmo. Então, o governo não faz publicidade oficial nas comunitárias, não faz, cria barreiras, cria meios de não fazer, e aí você fica refém. É um desafio. Inclusive com muita gente querendo ingerir, pessoas que não deveriam se envolver, é político, é a criminalidade, ih, deve ter muito por aí.*

Ao vivo: Programa: Uma nova história (das 20 às 22 h)

RADIO NOVA PARAISSOPOLIS FM

87,5

HOME A RÁDIO EQUIPE PROGRAMAÇÃO PROMOÇÕES PARCEIROS FALE CONOSCO

ENTREVISTAS NOTÍCIAS RECADOS MATÉRIAS EVENTOS GALERIA DE FOTOS VÍDEOS

PUBLICIDADE **CASA AF** *SOM PROFISSIONAL, SOM AMBIENTE E PROJETOS Especializada em Vendas e Reformas de Alto Falantes*

Programa **PAPO DE SAMBA** seg. à sex. às 18h
apresentação: **Adriano Marvillia**
acesse f 
Radio Nova Paraisópolis fm 87,5
nos escute pela Internet:
www.radionovaparaisopolis.org 
Programa Papo de Samba

Figura 16 – Website da Rádio Nova Paraisópolis FM [www.radionovaparaisopolis.org/]

Fala que eu te escuto

Programação | Nova Paraisópolis FM

Segunda-feira

09:00 - 10:30 | Forrozão c/ Jorge Matos
11:00 - 12:30 | Rock Atitude
13:00 - 15:00 | Pit Stop 87
17:00 - 18:00 | Encontro com deus
18:00 - 19:00 | papo de Samba
20:00 - 22:00 | Segue Sintonia

Terça-feira

09:00 - 10:30 | Forrozão com Jorge Matos
11:00 - 12:30 | Rock Atitude
13:00 - 15:00 | Pit Stop 87
18:00 - 19:00 | papo de Samba
20:00 - 21:00 | Plughin

Quarta-feira

09:00 - 10:30 | Forrozão c/ Jorge Matos
11:00 - 12:30 | Rock Atitude
13:00 - 15:00 | Pit Stop 87
18:00 - 19:00 | papo de Samba
20:00 - 22:00 | Segue Sintonia

Quinta-feira

09:00 - 10:30 | Forrozão com Jorge Matos
11:00 - 12:30 | Rock Atitude
13:00 - 15:00 | Pit Stop 87
16:00 - 18:00 | Grooving
18:00 - 19:00 | papo de Samba
20:00 - 22:00 | Programa: Uma nova história

Sexta-feira

09:00 - 10:30 | Forrozão com Jorge Matos
11:00 - 12:30 | Rock Atitude
13:00 - 15:00 | Pit Stop 87
17:00 - 18:00 | Encontro com deus
18:00 - 19:00 | Papo de Samba
20:00 - 22:00 | Segue Sintonia

Sábado

11:00 - 14:00 | Boas novas
14:00 - 15:00 | Idiotas Inferiores
15:00 - 17:00 | Grooving 2.0
18:00 - 22:00 | Programa PZS: Você no ritmo certo

Quadro 7 – Programação da Nova Paraisópolis FM

Vocês passaram por isso aqui? *Aqui, a gente não permitiu. Então, porque a rádio não está com tantos programas, com tantos apoios? É porque a gente também não aceitou o caminho fácil e paga um preço por isso. Ah, então tá bom, eu vou conseguir alguns comerciantes daqui pra te apoiar, mas você me entrevista uma vez por semana. Isso é um problema grave. O ideal seria ter concessionárias públicas que fizessem apoios que começassem a dar vida pra rádio. Então, hoje em dia a gente tem esse desafio, que é o da sustentabilidade mesmo. Se a gente tivesse apoios, aposto com você que teria muita gente querendo fazer programa. A legislação existe só pra atravancar, travar mais ainda, travar mais ainda. Talvez, se não mudar a legislação, daqui a alguns anos, essas rádios que estão aí vão se transformar em comerciais mesmo. Muda o estatuto, mexe nos termos, e o cara fica a via inteira o dono da rádio.*

Joildo, quanto custa manter a rádio, hoje? *Hoje, a rádio Paraisópolis custa uns cinco mil para a Associação, com tudo. Mas para manter a estrutura que a gente acha que deveria ter, tinha que ter uns quinze mil, mais ou menos. Porque aí teria uma ajuda de custo para cada locutor, que teria uma carga horária mínima, equipamentos novos que a gente teria que comprar e deixar tudo direitinho, brindes, e sem ter lucros para organizar, só para manter a rádio funcionando.*

Volto à pergunta sobre o critério que adotam para medição de audiência. Digo assim: Como vocês sabem quantas pessoas ouvem a rádio? Ele me responde: *Não vou chutar quantas pessoas estariam ouvindo a nossa rádio porque seria muito leviano da minha parte. Nós temos muita gente que ouve pela internet, é gente de fora de São Paulo, porque a rádio acaba sendo uma forma de a pessoa se conectar com o bairro – oh, eu sou lá da Bahia e a minha família tá aqui. Às vezes, a pessoa pede música pra tocar aqui. Tem o caso de uma moça que está procurando a mãe dela que há trinta anos veio para Paraisópolis e a gente não consegue descobrir onde a mulher está. Então, é um meio de comunicação para as pessoas de fora. Como a internet não tem essa barreira de 1 km, para vencer essa limitação da lei, para algumas organizações vale mais a pena ter uma radioweb. Porque na radioweb você faz a propaganda que você quiser, não tá refém de multa, de nada, tem a sua liberdade lá. Eu até falo assim pras pessoas: olha, você quer fechar um apoio? Fala que aqui na rádio o apoio cultural é assim, mas se ele quiser a gente também põe um banner dele no site. O site não tem nada a ver com a Anatel, com o Ministério, a rádio comunitária não é obrigada a ter site. Então, é isso. A gente conseguiu*

já mais dois apoios dessa forma. Consegue porque se o site tiver muito acesso, o anúncio consegue ficar mais visível porque fica permanente lá. A rádio, infelizmente, tem esse problema de não conseguir medir audiência. E eu vou botar uma equipe para perguntar para todos os moradores dos 17 mil domicílios daqui quantas vezes eles escutam a rádio? Não vou conseguir nunca! Vai cair naquela coisa do Ibope, onde os caras criam um número lá e pronto. Essa coisa da estatística.

Quase no final da entrevista, pergunto se ele acha que a rádio está, de fato, ajudando a melhorar a vida da comunidade. Ele é muito realista e me responde assim: *Acho que a rádio ainda vai fazer esse papel de ajudar a vida da comunidade. Como hoje em dia a audiência dela está muito restrita, ela não consegue interferir tanto na vida das pessoas. Hoje, o jornal tem mais impacto do que a rádio. Sempre teve, na verdade, dez, quinze mil exemplares. Aquela pilha de jornal ali já vai ser distribuída hoje, porta em porta.*

Me explica por quê você acha que jornal tem mais resultado. *É porque tem um caso assim absurdo que foi o seguinte: ano passado, 2012, a gente publicou a última vez em agosto. Aí a gente publicou de novo outra edição em julho de 2013, quase um ano depois. Em julho, as pessoas ainda estavam pegando o jornal de agosto do ano passado e ainda estavam vendo informações que eles não sabiam, ou seja, coisa nova para eles, mas que eram coisas de 2012. Então, para você ver como a informação não circula para essas pessoas. Como a vida delas é muito trabalho, elas saem muito cedo e chegam muito tarde, não tem tempo pra nada, se essa informação não chegar para elas, elas ficam sem. Elas não assistem o jornal na televisão, esse negócio de televisão é ligar para esperar a novela chegar, é isso. Ah, mas tem o Jornal Nacional. Tá bom, tem, mas o Jornal Nacional, ou o Jornal da Record, ou da Band, ou qualquer um, tá falando do quê, da realidade nacional. Quem fala de Paraisópolis, quem fala da região, só é os meios daqui. Então, o cara vai ver aqui que o prefeito não queria seguir com o programa de urbanização daqui, já na edição seguinte ele já viu que o prefeito teve que reverter a decisão e veio aqui, assumiu o compromisso de que manteria a obra. Ele não saberia disso por outros meios. Pra ele, a obra parou um pouquinho e depois voltou de novo e ele não sabe o motivo. Hoje, a rádio fala disso, os sites que a gente administra falam disso, e o jornal fala disso. Mas o ideal é que a rádio assuma esse papel porque o jornal impresso, daqui a pouco, vai acabar também, que é o que está acontecendo com os grandes jornais do Brasil, tá tudo indo*

para internet, tudo vira coisa digital. Então, a gente encara que daqui a pouco tende a diminuir um pouco a importância do impresso aqui. Vai mudar um pouquinho.

Pergunto como pretendem fazer essa transição. Joildo explica: *A gente está buscando criar uma equipe do jornal que apóie a rádio e produza conteúdo para o site. A gente reaproveita muita coisa do que a gente faz no jornal pra outras coisas. Temos um projeto que apresentamos para o governo do estado e prefeitura para realizar cursos de capacitação de jovens, oficinas para os jovens produzirem conteúdos e sempre se renovar. Dependendo do número de jovens que eu forme, e do desempenho deles, consigo manter ele na equipe. Esse é o nosso desafio de médio prazo para ter conteúdo jornalístico. Porque música, qualquer rádio tem. A gente também entende que não é só prá ter música. Então, a gente tem que levar informação e essa informação da comunidade é o que muda para o cara ouvir a rádio. Porque se o cara quiser ouvir música, ele põe em qualquer rádio e ouve. Mas se ele quiser ouvir notícia de Paraisópolis, banda de músicos de Paraisópolis, ouvir coisa da comunidade, ele vai ligar na nossa rádio. É aqui que ele busca. É isso.*



Figura 17 – Logomarca da Nova Paraisópolis FM - a voz da comunidade.

Pergunto se a rádio pode ser uma escola. Ele diz que sim. Insisto em saber o porquê. *Porque aqui você pode reunir pessoas de muitas áreas diferentes. A gente não está falando só com o cara que está no microfone, aqui. A gente pode trazer o poder público, criar discussões de políticas públicas, pode fazer muitas coisas. A rádio não precisa ser*

partidária, mas ela pode ser política. E ela tem um papel diferente até da Associação. A Associação, de certa forma, tem alguns alinhavos, coisa que a gente precisa fazer, mas nenhuma amarra a gente. Assim, a gente tem boa relação com o governo federal, com o governador e com o prefeito. Mas, por exemplo, queimou umas casas em Paraisópolis semana passada e a gente brigou com o Prefeito porque aí o alinhamento não é automático. É papel da Associação fazer isso. Então, a rádio é a voz das idéias que circulam na Associação e pode ser um espaço para formar pessoas nas diferentes áreas da comunicação. A gente tem que aproveitar esse espaço. Tem um projeto que a gente entregou no Proac (Programa de Incentivo Cultural do governo do Estado) para termos Rádio Cultura de Paraisópolis, que é para as pessoas se formarem em radiojornalismo e praticarem também em sites e outras áreas a partir da observação do que a comunidade está querendo e provocando a discussão sobre esse tema. Você vê, a gente abriu um programa chamado A Voz da Comunidade e nele a gente sai perguntando para as pessoas o que elas acham da comunidade. Tem uma fala de uma pessoa lá sobre as escolas. Ela disse o seguinte: que as escolas estão péssimas, que precisa mudar os professores porque eles faltam muito e não sei o quê. Tem uma parte de verdade nisso, mas tem outro lado – os alunos não estão estimulados com a escola, não é o professor que é o culpado. Mas não é porque eu não concordo com ela completamente que eu não publico o que ela falou. Tá lá escrito, o nome dela tá lá, tá gravado. Isso aí deveria ser a sessão de cartas, mas como a gente não recebia cartas, a gente decidiu ir lá na rua e perguntar pras pessoas. Daqui a pouco elas é que vão mandar a opinião delas. Então, a gente tem que fazer com que as pessoas se apropriem mais do que está acontecendo. É ballet, judô, orquestra, rugby, é muita coisa. Até a gente fazer essa coisa da comunicação andar sozinha, é uma coisa de louco.

Pergunto ainda mais uma coisa, sobre as perspectivas para o novo ano. Ele me conta que em 2014 serão doze edições do jornal – e mais notícia para a rádio. *É melhor ser criticado pelo que falou do que pelo que deixou de falar. Não é crítica pela crítica, a gente quer que as coisas andem. Ah, o parque não saiu, faz cinco anos prometidos e não saiu, tem verba no orçamento da prefeitura, a gente viu, a gente publicou que tinha verba, e por quê não saiu? Por quê não executou? O Prefeito não quer? Ah, ele quer, até está no plano dele, no Arco do Futuro, um dos parques que ele colocou no plano dele é o Parque Paraisópolis. Se o Prefeito anterior deixou verba para fazer esse parque, porque esse não fez? Tem coisas que nós, da Associação, estamos explicando para os técnicos da Prefeitura como*

fazer; eles perderam a memória administrativa das coisas e aí fica difícil. É uma gestão nova, com três anos pela frente, a gente quer que tudo ande mas tem coisas que a gente vai brigar...

No final de outubro, a diretoria da Associação dos Moradores anunciou mais um projeto de arrecadação de fundos com vistas à chegada dos turistas para a Copa do Mundo de 2014, a dada a proximidade da Vila Andrade com a região do estádio do Morumbi. Trata-se de uma excursão turística que tem por objetivo promover os principais pontos de referência da Vila Andrade ao custo de R\$ 150.

O passeio "Paraisópolis das Artes" começa na sede da União dos Moradores. Ali os visitantes tomam um café da manhã oferecido pela cooperativa de mulheres "Mãos de Maria" e participam de um bate-papo com diretores da entidade, que irão destacar a história de Paraisópolis e os principais projetos desenvolvidos na comunidade. Na quadra próxima, os turistas poderão assistir a uma apresentação de ballet infantil e juvenil de alunos da região (Ballet Paraisópolis) e passear por diversos pontos da comunidade, como o CEU Paraisópolis, a ETEC, os condomínios Vila Andrade B, C e F, e o Escadão de acesso à Rua Pasquale Gallupi, onde é possível fazer uma fotografia panorâmica da comunidade.

Além de conhecer ruelas, moradias e o comércio local, os turistas também terão a oportunidade de visitar os estúdios da Nova Paraisópolis FM, a oficina mecânica do Berbela, artista plástico que cria suas peças a partir de reciclados, a casa do Antenor, o artista da comunidade que construiu uma casa com garrafas pet, e a casa do Estevão Conceição, mais conhecido com o Gaudí de Paraisópolis.

3.2.6 Rádio Star Sul FM



Tudo começou com a distribuição de doces e brinquedos para crianças carentes da Vila Santa Catarina, na comemoração do dia das crianças de 1994. Após dois anos de trabalho comunitário na região de Jabaquara, surgiu a proposta de criar uma rádio comunitária para atender a população carente do entorno. Funcionando com liminar até que a lei 9612/98 fosse regulamentada, a Rádio Star Sul FM ficou alguns anos fora do ar, mas voltou a funcionar com a licença fornecida em 2010 pelo Ministério das Comunicações.

Nos 14 km² do atual distrito do Jabaquara vivem cerca de 225 mil pessoas. São 180 mil com mais de quinze anos, dos quais cinco mil analfabetos. Na região, de alta densidade demográfica, concentram-se 62 favelas. Dos 37 equipamentos educacionais, dezesseis são escolas estaduais e 21 municipais, das quais seis creches, oito centros de educação infantil (CEI), sete escolas de ensino fundamental (EMEF), além de um centro educacional unificado (CEU Caminho do Mar), duas bibliotecas públicas e oito unidades básicas de saúde (UBS).

Essa região é uma das mais importantes e populosas da cidade e foco de uma abrangente operação urbana, a Água Espreada. Além do prolongamento da avenida Jornalista Roberto Marinho, a iniciativa prevê a urbanização de várias das suas comunidades carentes, como a Imprensa e a Nova Minas Gerais. De acordo com a recente pesquisa DNA Paulistano (Datafolha, 2012), quem vive no Jabaquara enfrenta diariamente um verdadeiro nó na rede de transporte. Avenidas como a Bandeirantes e a Washington Luís estão quase sempre intransitáveis nos horários de pico, assim como as estações do Metrô e os terminais de ônibus.

De todas as outras visitas, esta foi a mais central, considerando o marco zero da cidade, uma vez que a Vila Santa Catarina dista cerca de 5 km do Aeroporto de Congonhas.



Figura 18 – Rota para a Avenida João Barreto de Menezes, 715 – Vila Santa Catarina.

A rádio completou 20 anos no ar com muitas campanhas do agasalho, shows beneficentes, entregas de cestas básicas, brinquedos, doces. E muita música. Quem conta essa história é Osmar Ribeiro, fundador da Associação, criador da rádio e seu diretor, desde então. Ele nos recebeu para a entrevista, sorridente, bem na porta de seu comércio.



Foto 19 – Osmar Ribeiro, diretor da Rádio Star Sul FM, na Vila Santa Catarina.

Subimos uma longa escada, ao lado da Avicultura e Casa de Umbanda, por onde se chega à rádio. Ele nos mostrou todas as instalações, a sala de reuniões, o estúdio e a sala de espera. Começamos a nossa conversa. Eu queria saber mais sobre como surgiu ideia de criar a rádio, dada a pouca documentação escrita sobre a emissora. Seu Osmar começa a falar, calmamente.



Foto 20 - A sede da Rádio Star Sul fica no andar superior do prédio da Avicultura e Casa de Umbanda Jurema.



Foto 21 – Junto das imagens de Yemanjá e de Jesus Cristo, o mascote da loja, o galo indiano Juvenal, transita pelo estabelecimento, pela rádio e é conhecido de todos que passam por ali.

Estou nesse local, nesse pedacinho aqui da Vila Santa Catarina, há quarenta anos. Conversando com amigos, surgiu a ideia, em 78, ou melhor, em 98, de montar uma rádio comunitária para ajudar a comunidade. Aí eu falei, puxa, mas como nós fazemos, vamos montar e ver quais são os caminhos que temos que fazer, né? Então nós montamos a rádio e continuamos a fazer esse trabalho social na região de ajudar as crianças com Síndrome de Down, como tem a Chama, que cuida de criança excepcional, como tem a Lares, que também cuida de criança excepcional, como tem a Casa do Caminho, que cuida de menor abandonado excepcional e a Cruz de Malta.

Pergunto como era esse trabalho. Ele explica: *a gente divulgava a Rede de Sacolão São Paulo e em troca ganhávamos, toda semana, uma perua com frutas e legumes que as donas de casa não queriam mais. Não que eles estivessem estragados, não, mas eram aquelas frutas que passou o tempo e estavam mais murchas, mais feinhas, a dona de casa não queria, eles não vendiam mais. Aí eles nos davam uma perua cheia e a gente levava isso para distribuição entre essas entidades. Então, começamos a fazer esse trabalho e logo veio a denúncia de que a gente era uma rádio pirata.*

Aí vocês pararam tudo... Aí veio a Polícia Federal com um mandato de busca e apreensão e perguntou quem era o dono da rádio. Eu disse que era eu e aí fecharam a rádio e levaram todos os equipamentos. Aí eu pequei um advogado e montei um dossiê com todos esses agradecimentos dessas entidades por todo o trabalho social e comunitário que a rádio fazia. Fora isso, promovíamos shows beneficentes, levávamos artistas para cantar na Sociedade Beneficente Equilíbrio de Interlagos, a SOBEI¹⁵, onde mantemos mais de quatro mil crianças órfãs de pai e mãe. Fazemos anualmente um churrasco para arrecadar fundos e ajudar na manutenção desse lugar, que além de crianças, abriga cerca de 250 idosos, velhinhos desamparados da região. Veja, sou fundador do Conseg

¹⁵ De acordo com informações extraídas do site www.sobei.org.br, a entidade foi fundada em 31 de março de 1984 por membros das Lojas Maçônicas Fé e Equilíbrio que, em 1989, deu início às atividades de educação infantil, atendendo crianças de famílias oriundas da região. Através de convênios firmados com a Prefeitura de São Paulo, a SOBEI pode ampliar suas atividades através de novos Centros de Educação Infantil (CEI). A entidade administra o CEI Jardim Leblon, na Cidade Dutra, o CEI Jardim das Imbuías, no Jardim das Imbuías, o CEI Jardim Bela Vista, o CEI Jardim dos Sabiás, em Parelheiros, o CEI Jardim das Acácias, no Grajaú, e o CEI Jardim das Orquídeas, em Vargem Grande, região de Parelheiros. Em 2000, iniciou as atividades do Núcleo de Convivência para Idosos (NCI). Atualmente, conta com nove unidades de trabalho, atendendo cerca de 4000 crianças, 120 adolescentes e 1600 idosos. Todos os assistidos recebem atendimento médico e odontológico emergências, através de voluntários.

[Conselho Comunitário de Segurança] aqui da Cidade Ademar, sou fundador da Associação Comercial Distrital Jabaquara e então esse apoio que temos dessas entidades, e mais do Rotary Club e do Lions Club, eu juntei tudo. Juntei foto de eventos, declaração, foto das crianças, dos velhinhos, juntei tudo no dossiê e o advogado entrou com o pedido de liminar e conseguimos. Eles devolveram a rádio. Somos a única rádio que conseguiu a liminar aqui em São Paulo. Conseguimos a liminar e nos devolveram nossos equipamentos até que saísse uma lei que regulamentasse as rádios comunitárias na cidade. Aí foi aquela luta!

E então, vocês continuaram no ar e aguardaram sair a autorização....? Sim, só que quando saiu, tudo piorou. Quando tinha a liminar, a rádio podia fazer anúncio sem ser apoio cultural. Tenho a loja de calçado, a loja podia falar da promoção do calçado – Aproveite a promoção da Calçados Morales e vá conhecer os nossos sapatos e sandálias a quarenta reais o par. Depois que eu sou regular, o que a gente pode fazer? Nada! Só o nome da loja e dizer que é apoio cultural. Não pode divulgar o preço. Então, o proprietário da loja de calçado não quer anunciar. Apoio cultural, calçados Morales. Ah... O magazine não pode, uma rede de supermercado que tem uma coisa em promoção, que a gente anunciava antes, não pode. Então, ao invés de melhorar, piorou.

Mas por quê? Só tem um jeito de fazer comerciais?, provoco. Mas ninguém quer fazer um anúncio numa rádio onde não pode divulgar o preço dos seus produtos, menina. Então, como é que a rádio vai viver? Tem aluguel. Tem IPTU, tem água, tem luz, tem taxa do Ministério das Comunicações, tem taxa da Anatel, tem telefone, tem internet, tem provedor de internet, tem equipamento que dá problema, tem que manter esse equipamento, tem antena, tem torre que precisa verificar se precisa de ajuste, tem sindicato das rádios, tem contador, tem imposto de renda...

Tem imposto de renda? Sim, tem imposto de renda. Aliás, se é sem fins lucrativos como é que o governo exige que se declare o imposto de renda? Então as rádios estão assim. Todo mês tenho que colocar mil reais do meu bolso para fechar as contas. A prefeitura não ajuda, o governo federal não ajuda. Aliás, o governo montou as rádios comunitárias só para benefício do governo. Não é? Eles não nos dão isenção da Anatel, da taxa do Ministério das Comunicações, somos obrigados a divulgar o trabalho social do governo,

somos obrigados a divulgar propaganda política dos partidos, somos obrigados a divulgar A Voz do Brasil.

Pergunto como a rádio está se mantendo. Ele se desculpa pelo tom da reclamação e justifica dizendo: *isso porque é a minha história. Apesar de tudo, não posso tirar dinheiro do bolso para continuar mantendo a rádio. Então, a atuação da rádio tá assim: temos aqui essa despesa em torno de dois mil reais por mês: aluguel, IPTU, telefone, internet, manter a webradio no ar. Além disso, tem contador, impostos, taxas anuais do Ministério e Anatel, então é complicado. Nós temos pouco apoio cultural, mas ainda temos. Eu ponho do bolso cerca de mil reais, todo mês. Eu já não parei por causa das crianças que a gente ajuda e por causa dos velinhos que precisam da gente. A gente que faz esse serviço comunitário sabe o quanto isso vale.*

Todo ano, seu Osmar ajuda a fazer distribuição de presentes de Natal em uma grande festa na SOBEI. São, ao todo, uns 60 voluntários que se vestem de Papai Noel. Para o seu Osmar, a recompensa é ver o brilho no rosto daquelas crianças: *isso é o pago que nós temos, a alegria, o olhar penetrante que parecem dois faróis que iluminam a gente. Isso é que é gratificante, é maravilhoso. Dá até emoção em falar. A gente sai de lá de alma lavada. O fato é que sempre encontro colegas de outras rádios e todo mundo tá bem desanimado. É preciso ter muita força de vontade para continuar com esse negócio. A minha maneira de pensar é que tudo nesse mundo é emprestado. Se todos fizessem um pouquinho para ajudar o próximo, o mundo não teria tanta miséria.*

Avanço para a questão dos programas. Seu Osmar me explica que a rádio funciona 24 horas com algumas atrações ao vivo. Pergunto sobre a programação detalhada e seu Osmar vai contando, uma a uma. Vou acompanhando na folha impressa que ele me entrega.

De manhã, temos o Manhã Sertaneja, das 6 às 8h. Das 8 às 10h temos um programa de forró ao vivo, A Hora do Forró, com o Luciano. Depois temos o Bom Dia, Cidade, das 10 ao meio-dia. Depois entra a Jennifer com o Na Pista, do meio-dia às duas da tarde. Das duas às quatro entra ao vivo, de novo, A Hora do Forró. Depois tem o Tarde Sertaneja, das quatro às sete.

Fala que eu te escuto

Programação | Star Sul FM

SEGUNDA A SEXTA:

06:00hs às 08:00hs Manhã Sertaneja - Sertanejo de Raiz, Catira e Folclórica Darlan
08:00hs às 10:00hs Programa Bom Dia Cidade Joelton Machado
10:00hs às 12:00hs Programa Show da Manhã Rodrigo Ribeiro
12:00hs às 13:00hs Especial Roberto Carlos
13:00hs às 15:00hs Super tarde Musical Mariano Rodrigues
15:00hs às 16:00hs As mais Pedidas Mariano Rodrigues
16:00hs às 19:00hs Tarde Sertaneja - Sertanejo de Raiz Darlan
19:00hs às 20:00hs Voz do Brasil
20:00hs às 06:00hs Músicas Variadas

SÁBADO:

06:00hs às 08:00hs Músicas Variadas
08:00hs às 10:00hs Show da Manhã Nelson Costa
10:00hs às 12:00hs Super Sábado Heloisa
12:00hs às 16:00hs Show da Tarde Joelton Machado
16:00hs às 19:00hs Forró da Star Sul Eraldo Melo
20:00hs às 06:00hs Músicas Variadas

DOMINGO:

06:00hs às 08:00hs Músicas Variadas
08:00hs às 12:00hs Domingo Especial Alessandra Olyver
12:00hs às 14:00hs Músicas Variadas
14:00hs às 16:00hs Clube da Música - Samba Rock Rogério Ribeiro
16:00hs às 19:00hs Músicas Variadas
19:00hs às 22:00hs Star Trips - Origem do Rock Metal Betão
22:00hs às 06:00hs Músicas Variadas

Quadro 8 – Programação da Rádio Star Sul FM

Aí entra A Voz do Brasil e depois entre o automático a noite toda até seis da manhã. Logo seis vem a Prece da Manhã com São Francisco de Assis e São Judas Tadeu, nosso padroeiro.



Foto 22 - Delegado participativo do orçamento municipal na gestão da Prefeita Marta Suplicy (2000-2004), Sr Osmar atuou também como Juiz de Paz no Jabaquara, Jardim América e Consolação durante quatorze anos. Hoje, cuida do seu comércio e dirige as atividades beneficentes da rádio.

Pergunto como foi definida a programação. Ele me adianta: *a programação foi definida pela vivência da gente, né. Há dezessete anos no ar... então nós pegamos um diretor de programação, ele se chama Jailton Machado, chamei esse rapaz, e ele faz a nossa programação. Temos aqui aproximadamente oito mil músicas, montadinhas, como qualquer rádio comercial.*

Pergunto sobre os ouvintes. Ele afirma que há uma interação legal com ouvintes no programa Na Pista, tocado pela Jennifer: *há meia hora de microfone aberto para a população pra que a rádio possa ser um posto de reclamação, de encaminhamento de reclamações da população local para a subprefeitura. Porque a gente também precisa fazer um filtro. O cara vai pro bar, toma uns goró e fica falando bobagem no ar, então tem que filtrar. Agora, só fala no ar autoridade. A gente só abre por causa disso. Tem também gente que só falava no ar para pedir música e aí punha mulher, filho, filha, irmão, empregada, papagaio, e aí não dá, né? Tem que limitar.*

Vocês sabem se a rádio tem bastante audiência?, pergunto. *Sim, temos uma grande audiência. Pra você ter uma ideia, ligam pra cá por dia cerca de duzentas pessoas e várias por causa da webrádio. Nós pegamos aqui num pedaço que tem uns 350 mil habitantes. O Jabaquara em si tem 250 mil, mas nós pegamos um pedaço de Santo Amaro, um pedaço do Jardim Miriam, da Cidade Ademar, Vila Messias, Jardim das Oliveiras, Jardim Prudência, até um pedaço do Aeroporto pega. Nós fizemos uma pesquisa e tem 25 países acessando a nossa rádio.*

RÁDIO STAR SUL ZYU 909
87,5 MHz FM
A Serviço da Comunidade!

DA INTERNET PARA O MUNDO

VOLUME: [] (R) MUSICA: player

AC VIVO HD

! Não está conseguindo escutar a nossa Rádio Web? Clique Aqui

PUBLICIDADE

JUREMA
Avicultura e Casa de Umbanda
Tel.: 5563-2636

Publiccompany
página pela arte!
www.publiccompany.com.br
11 3014 0933 | 9608 3033

CADONA'S
Restaurante e Pizzaria
Av. Cupecê, 1.185
Jd. Prudência - SP
Fone: 11 5563 - 6556

ADONAI TOPPER SPORTS
Av. Sta. Catarina 1.713
Vl. Mascote - SP
Tel: 5564 - 6501

DEPÓSITO ZONA SUL
Matéria para escuta

ANUNCIE AQUI

DESTAQUE
A dupla **João Neto e Frederico** agora são parceiros da rádio.

BEM-VINDO
A Rádio Star Sul 87,5 FM agradece a sua visita. Nosso trabalho social e comunitário completa 15 anos em 2011. [Clique aqui](#) e veja as fotos dos trabalhos realizados ao longo desta jornada...

AS MAIS PEDIDAS

- 01 O Que é que tem
Jorge e Mateus
- 02 Diamonds
Rihanna
- 03 Ousadia e Alegria
Thiaguinho
- 04 Esse Cara Sou Eu
Roberto Carlos
- 05 Cuidar Mais de Mim
Paula Fernandes
- 06 Vagalumes
Pollo

LOCUTORES

- Star Sul Fm
- Jenefer
- Darlan
- Luciano Melo
- Star Sul Fm
- Star Sul Fm
- Star Sul Fm
- Star Sul Fm
- Rogério Ribeiro

CONTATO
Entre em contato com a Rádio Star Sul preenchendo o formulário do site, [Clique aqui](#)
E-mail: contato@starsul.com.br

ATENÇÃO: Venha ser nosso parceiro, para que juntos possamos realizarmos grandes projetos sociais.
Ligue nos telefones:
11 5563-2636
11 5562-7089

MICHEL TELÓ GUSTAVO LIMA ADELE

Figura 19 – Front page do site da Star Sul FM [www.starsulfm.com.br]

3.3 Interpretando os dados

A partir dos percursos dessas emissoras, testemunhados e revelados por seus coordenadores, selecionamos temas recorrentes em todas as falas e criamos seis categorias comuns de análise. Para isso, baseamo-nos em Marcuschi (2003, p. 251), para quem a recorrência pode ser considerada um parâmetro fundador de categorias, uma vez que nossa expressão do mundo é mediada pelo conceito que se revela discursivamente. São elas: *Relação da rádio com a comunidade; Relacionamento com os ouvintes e a audiência; Ofertas de programação; O espaço educador da rádio, A rádio na internet e Questões de sustentabilidade.*

A título de observação geral, entretanto, iniciamos nossa análise registrando o tom de mágoa e revolta que permeou grande parte dos depoimentos de nossos entrevistados ao se recordarem dos momentos espinhosos pelos quais passaram. Referimo-nos, especialmente, à burocracia que cercou a longa espera pela autorização de funcionamento das emissoras, aos achaques e embargos que sofreram da Polícia Federal e Anatel e aos relatos das atuais dificuldades para se manterem no ar, limitados que estão em sua sustentação própria em função da perspectiva reduzida do apoio cultural, por exemplo.

Já citamos aqui o fato de os estudos sobre a memória serem um recurso importante de resgate da história, como afirma Ecléa Bosi (2003; 2007), para quem a diversidade do mundo social também pode chegar até nós através de depoimentos de sujeitos protagonistas de suas vidas e testemunhas de seu tempo. Também já ressaltamos que, para a pesquisadora, cada testemunha tem o seu jeito e o seu modo particular de lembrar, que pode ser percebido e compreendido no momento da narração de sua própria vida, já que entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado e reproduzi-lo. (BOSI, 2007, p. 90).

O depoimento abaixo é de seu Osmar, da Rádio Star Sul. Ao dele se segue a fala de Teca, diretora da Águia Dourada FM. Ambos foram visitados pela Polícia Federal e tiveram equipamentos apreendidos. Na rádio do Jardim Ângela, houve prisão de dirigentes. Em algumas lembranças, um pacto não verbalizado se instalava entre nós: falávamos de

uma rádio que não existia mais... ali, *nosso interesse comum era conservar o narrado e reproduzi-lo.*

Então começamos a fazer esse trabalho e logo veio a denúncia de que a gente era uma rádio pirata. Aí veio a polícia federal com um mandato de busca e apreensão e perguntou quem era o dono da rádio. Eu disse que era eu e aí fecharam a rádio e levaram todos os equipamentos. Aí eu pequei um advogado e montei um dossiê com todos esses agradecimentos dessas entidades por todo esse trabalho social e comunitário que a rádio fazia. [...] Conseguimos a liminar e nos devolveram nossos equipamentos até que saísse uma lei que regulamentasse as rádios comunitárias na cidade. Aí foi aquela luta! [...] (Osmar, coordenador da Rádio Star Sul FM)

Tem locutores que saíram daqui presos, algemados, você não tem noção. Em uma das vezes que a Polícia Federal entrou aqui, foi como tivessem entrando em uma favela em busca de bandidos criminosos mesmo. Entraram pela laje, arrombaram tudo e levaram todos os nossos equipamentos. Tínhamos CNPJ, tínhamos Inscrição Estadual, só não tínhamos ainda a autorização da Anatel. (Teca, diretora da Rádio Águia Dourada FM)

Entretanto, também alerta Ecléa Bosi (2004, p. 49) que depoimentos colhidos, por mais ricos que sejam, não substituem as teorias que elucidam estruturas e transformações econômicas ou expliquem um processo social. De fato, aqui, nossa análise tem assento na concepção de que a desigualdade do desenvolvimento está relacionada ao ritmo de alteração das estruturas sociais. Estas, por sua vez, são organizadas a partir das transformações possíveis dentro de um determinado contexto histórico.

Bosi ressalta ainda a importância do cotejamento das fontes: quanto mais o pesquisador entender o contexto histórico onde viveu e do qual lembra o depoente, cruzando informações e lembranças de outras fontes, mais se configura aos seus olhos os significados pré-formados no depoimento coletado. (idem, p.56).

Portanto, para compreender e fundamentar a natureza da fala de minhas testemunhas, recorri a alguns documentos e registros da época das legalizações que pudessem apontar a luta dessas rádios frente à burocracia institucional a fim de retirar as emissoras da clandestinidade. Neste caso, as fontes principais foram os arquivos da OBORÉ e os do Escritório D. Paulo Evaristo Arns, da PUCSP, que sistematizaram, à época, um dossiê

online (DOSSIE...) sobre a radiodifusão comunitária na capital, com permanente atualização, organizando e facilitando, desde aquela época, o acesso a pesquisadores e demais interessados no assunto. (GOMES, 2006, 2007b; 2007c; 2010).

A documentação revela, entre outras questões, que o processo de implementação do aviso de habilitação no município, conduzido pelo Ministério das Comunicações, apontou claramente os limites da atual legislação para o setor e deixou evidente a dificuldade em se obter, com a regulamentação técnica então em vigor, um resultado satisfatório para as rádios comunitárias e para a população paulistana. Mais que isso, evidenciou também a falta de compromisso de diversas esferas do poder público com o direito da população a ter meios próprios de comunicação.

Nossos entrevistados comentaram sobre as perseguições da Anatel e da Polícia Federal que ocorreram à época, papel reservado a ambas as organizações que, juntas, foram as responsáveis pelas diversas operações de apreensão de equipamentos, fechamento de emissoras e prisão de diretores e radialistas. Hoje, a Anatel penaliza as emissoras fiscalizando denúncias sobre atrasos na transmissão da Voz do Brasil, como foi o caso da Nova Paraíso FM:

A gente já recebeu uma denúncia por ter atrasado a Voz do Brasil. E aí o negócio é o seguinte: o Ministério das Comunicações, a Anatel, não dão meios de conseguir cumprir a legislação. É a mesma coisa da legislação eleitoral. [...] Chega aqui a propaganda do PP, chega do PSDB, chega do PCdoB, chega do PSB, não chega do PT, não chega de tal, e aí eu não consigo ir atrás. São trinta e tantos partidos e eu não tenho como correr atrás de um por um para poder veicular. Mas se não veicular, tem multa. Agora, na época da campanha eleitoral, esse é um problema pra gente, que tem que pegar sinal de outra rádio. Então, tem que entrar na internet para pegar o sinal online de outra rádio porque eu não tenho um técnico aqui que vai lá no transmissor, faz alguma coisa lá e pega o sinal que está sendo transmitido, eu não tenho esse meio. Ou seja, eu tenho um problema técnico para atender. Vai chegar julho de 2014, época de propaganda eleitoral, e é obrigado a passar propaganda eleitoral no rádio em dois horários: sete da manhã e uma da tarde. Então, às sete da manhã eu tenho que dar um jeito aqui de pegar a Globo, a Band, qualquer coisa que esteja passando a programação de São Paulo, a propaganda de São Paulo, para atender a legislação porque eu não sou transmissor original do que os partidos estão veiculando. Eu não consigo receber esse sinal. Então, é um problema. Como tá na lei, a gente é obrigada a transmitir. E não é porque eu não queira, eu estou aberto para isso, mas é porque eu não estou recebendo. Esse é um

problema que a gente enfrenta. (Joildo, diretor da Rádio Nova Paraisópolis FM)

O mesmo aconteceu com a Águia Dourada FM, que além de atrasar em dezenove segundos a transmissão de A Voz do Brasil, recebeu multa por irregularidades no apoio cultural pela divulgação de um pet shop que aceitava cartão de crédito na utilização de seus serviços:

Pra você ter ideia, tivemos que recorrer de uma multa porque a pessoa que estava no ar falou assim “aceitamos todos os cartões de crédito”. Eles estão fazendo essa fiscalização. Estou aqui com a multa de mil e vinte e oito reais. [...] Bom, recorremos e recebi essa resposta – advertência e multa também porque atrasamos o horário da transmissão do programa A Voz do Brasil - entrou dezenove segundos atrasado. É muito complicado para a nossa sobrevivência, isso é uma coisa para as pessoas que gostam do que fazem... (Teca, diretora da Rádio Águia Dourada FM)

Nesse sentido, a ordenação e a importância de certos temas e situações lembrados pelos depoentes nos fazem refletir sobre quais os motivos que levam o poder concedente a dificultar tanto uma concessão, a temer tanto uma pequena rádio de bairro, as vozes de pequenas rádios de bairro, os discursos do bairro, a palavra do povo. Em quê essas pequenas emissoras contrariam tanto os grandes meios de comunicação?

Um dos registros mais contundentes acerca dessas perseguições e apreensões de equipamentos na cidade de São Paulo refere-se a um ato público organizado pela Anatel com palco montado no hangar da VASP (Viação Aérea de São Paulo), no aeroporto de Congonhas, zona sul da capital paulista, na tarde de oito de abril de 2009. (GOMES, 2010).

Tendo como plateia o então prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, a vice-prefeita Alda Marco Antonio, secretários municipais, além de policiais federais e jornalistas convidados, entrou em cena um trator com rolo compressor e destruiu cerca de oito toneladas de equipamentos apreendidos em operações de fiscalização. Ao todo, 17 mil discos e cds, 750 transmissores, 70 antenas e dezenas de computadores e aparelhos de som viraram sucata.

A Anatel justificou a ação afirmando que todos os equipamentos destruídos não eram homologados e provocavam interferências no controle de tráfego aéreo e nas transmissões de emissoras comerciais. Eles teriam sido apreendidos nos últimos cinco anos, em todo o estado, e correspondiam a dois mil processos concluídos pela Justiça, que já havia autorizado sua destruição.



Foto 23 – O superintendente da Anatel em SP, Everaldo Gomes Ferreira, explica o motivo da destruição dos equipamentos apreendidos pela Polícia Federal. Ao fundo, a então vice-prefeita Alda Marco Antonio e o prefeito Gilberto Kassab. Foto de Lucas Krauss.

No depoimento concedido à imprensa pelo então gerente da regional paulista da Anatel, Everaldo Gomes Ferreira, essas emissoras eram acusadas de nunca terem buscado a legalização: “Até onde sei, o Ministério das Comunicações tenta localizar os responsáveis, manda correspondência para solicitar documentação mas essas pessoas não são localizadas”.

Em sua alocução, o prefeito Kassab disse que o material deveria ser destruído para mostrar que ali não haveria tolerância: “Nosso objetivo é fechar todas as rádios piratas e ilegais. Se é clandestina, tem que ser eliminada”, sentenciou.



Foto 24 – Rolo compressor destruiu 17 mil discos e cds, 750 transmissores, 70 antenas e dezenas de computadores e aparelhos de som. Foto de Lucas Krauss.

Não por acaso, dirigentes de entidades e de organizações sociais ligadas a movimentos de defesa da democratização dos meios de comunicação compararam o episódio às conhecidas práticas ditatoriais típicas de estados totalitários. E até mesmo aos hediondos espetáculos públicos organizados pelos mecanismos da Inquisição, cujo papel, tanto na esfera pública quanto na privada, era o de reprimir o comportamento desviante daquele estabelecido pela classe hegemônica, impossibilitando, sobretudo, a circulação da informação e do conhecimento.

Historicamente, são várias as nuances que envolvem as noções de interdição e censura. Costa (2006, p. 34) define a censura como “o controle das idéias e das manifestações de crença, sentimento e crítica”. Para Orlandi (1997, p.33), são todas as interdições da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas. Para Berg (2002, p. 53), “a

censura não é senão parte do complexo aparelho montado por aqueles que detêm o poder, para controle da sociedade.”

Factualmente, porém, o que ocorreu naquela tarde de abril, em São Paulo, nos ajuda a compreender porque foram se formando na opinião pública os discursos discriminatórios sobre as mídias populares, especialmente as rádios comunitárias, e legitimando, no cotidiano, preconceitos em todo e qualquer julgamento acerca de seus propósitos, relevância social, competência. Mas, sobretudo, de seu direito a existir.

Em abordagens distintas, mas complementares, Gomes (2007a, 2007b, 2010), Vila-Nova (2009) e Cabral & Cabral (2010) convergem para o fato de que o cotidiano de uma rádio comunitária é pautado por dificuldades e deficiências que são comuns à grande maioria das emissoras de baixa potência em operação no Brasil.

Vila-Nova (2009, p. 125-174), ao analisar o significado pragmático da ideia de serviço público aplicável à radiodifusão em geral, e em particular, ao setor de regulação institucional e social das rádios de baixa potência, faz uma avaliação crítica do conjunto das práticas institucionais existentes e o apontamento de alternativas para uma visão constitucionalmente adequada da radiodifusão comunitária.

Na análise de Cabral & Cabral (2010, p. 254), o processo de implantação do rádio digital no Brasil vai asfixiar ainda mais a existência dessas pequenas emissoras, que já vivem sob fogo cruzado, em vários níveis. Sobretudo porque, apontam os autores, o debate regulatório não contemplou uma transição tecnológica que considerou a situação real desses veículos e isso poderá determinar até a sua extinção.

Gomes (2007a, 2007b, 2010), por sua vez, refere-se, sobretudo, a questões que afloraram após a onda de legalizações para grande parte das emissoras da cidade de São Paulo, ocorrida entre os anos de 2010 e 2011, que é alvo de nosso interesse direto, neste estudo. Dentre essas limitantes, estão os enormes esforços para se sustentarem financeiramente, além da dificuldade de organizarem a sua programação de forma a manterem suas equipes devidamente estimuladas frente ao desafio de estarem no ar e, ao mesmo tempo, atraentes o suficiente para prenderem a atenção de seus ouvintes. Trata-se de repactuar, a todo

momento, os vínculos estabelecidos com a sua comunidade, sempre elástica e nova em função de escutas conquistadas da internet, sua nova forma de estar no mundo.

A partir de seu vasto repertório sobre o assunto em questão, Cicília Peruzzo (2006) aponta que a diversidade do caráter e função das emissoras de baixa potência, aliada ao fato de terem surgido, inicialmente, sem uma legislação específica, são reflexos das distorções no processo de concessão oficial, o que colaborou no quadro confuso e controverso em que questão está instalada, hoje. Mas, revisitando Alfredo Bosi (2010, p. 340), passamos a compreender que as várias formas de cultura popular são ignoradas ou exploradas em um sistema de classes regido por um Estado que oscila entre um liberalismo econômico e um autoritarismo político; as que são estimuladas e sobrevivem são a cultura tecnicista universitária e a indústria cultural.

Mas a pergunta continua: em quê essas pequenas emissoras contrariam tanto os grandes meios de comunicação?

Um dos terrenos em que o assunto pode ser avaliado é o da resistência das grandes emissoras, representadas pela ABERT, em dar espaço à atuação das pequenas, que respondem basicamente por informações de interesse locais, dando vez e voz aos interesses das comunidades onde operam. Outra antiga alegação da ABERT é de que as pequenas emissoras interferem na transmissão das grandes. Mais que isso: alegam que elas interferem na frequência dos aviões e das ambulâncias, causando riscos à população.

Mas precisamos ir além. A política de concessões praticada no Brasil privilegia senadores, deputados e políticos influentes de tendências ideologicamente conservadoras. As pequenas emissoras locais chegam como uma concorrente real das grandes rádios tradicionais. É a voz da comunidade questionando justamente essas políticas conservadoras expressas nesses meios de comunicação.

Entendemos, de fato, que as rádios comunitárias da capital foram ilegais durante tanto tempo não por opção, mas pela omissão do poder público. Vale aqui recuperar, novamente, que o principal motivo alegado, à época, pela Anatel e Ministério das Comunicações, para a demora em publicar aviso de habilitação para as pequenas rádios em São Paulo foi a falta de espaço no *dial* de FM para viabilizar a legalização.

De acordo com o documento *Rádios comunitárias na cidade de São Paulo: um balanço do processo de legalização*¹⁶ - produzido em 2008 por entidades da sociedade civil em apoio às emissoras de São Paulo e como forma de sugerir melhorias nos próximos avisos de habilitação – a capital paulista contava com 39 rádios comerciais ou educativas em operação. Dada a alta ocupação do espectro radioelétrico na cidade, por muito tempo a Anatel e o Ministério das Comunicações alegaram que não haver canais disponíveis para as comunitárias. Uma solução seria efetivar a fiscalização sobre as rádios já em operação pois, de acordo com o documento, das 39 rádios convencionais transmitindo para a capital, 22 delas tinham, à época, outorgas sediadas em outros municípios e 36 já estavam com suas licenças vencidas. Além do fato de que dois grupos detinham pelo menos cinco outorgas, o que contraria a legislação. Nessas, não se tem notícias de visita alguma da Polícia Federal.

Mas outros dados do texto também impressionam: a designação do canal 198 para utilização pelas comunitárias. Por operar na frequência 87,5 MHz, este canal fica localizado no extremo do *dial*. Em alguns aparelhos, simplesmente não pode ser sintonizado. Esta foi mais uma amostra do tratamento desigual que essas pequenas rádios recebem em relação às rádios comerciais.

Com as mídias sociais e o surgimento de novas plataformas e interfaces tecnológicas, por exemplo, muito se tem avançado no sentido de eleger outros protagonistas da informação em detrimento à grande mídia. A busca por informações locais, alternativas às divulgadas nos meios hegemônicos, tem ganhado terreno e este foi desbravado numa rádio de bairro, lugar de passagem da luta pela democratização da comunicação e dos meios.

Nesse sentido, é possível dizer que esses pequenos veículos de comunicação, voltados para um território fisicamente delimitado, continuam alternativos ao grande desenho rascunhado pela globalização. E podem, cada um do seu jeito, independentemente de sua vocação, colaborar para a melhoria da sua comunidade, do seu bairro, da sua região, haja vista a quantidade de problemas sociais acumulados ao longo das décadas e que o poder

¹⁶ Documento disponível no Observatório do Direito à Comunicação:
http://www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=559&Itemid=99999999

público não está conseguindo resolver sem a ajuda da sociedade civil minimamente organizada.

3.3.1 Compromissos com a comunidade

Já vimos que um dos critérios importantes utilizados para questionar a legitimidade de uma rádio comunitária – pelo menos se considerarmos o parâmetro fundador a que está umbilicalmente ligada – é o que se refere aos vínculos estabelecidos com a comunidade. (GOMES, 2007b).

Há vasta bibliografia dedicada a repensar o significado de comunidade a partir dos conceitos sociológicos clássicos (MOCELLIM, 2011), elaborados basicamente por Max Weber (1987) e Ferdinand Tönnies (1995). Em Peruzzo e Volpato (2009a) há referências a autores que discutem essa temática com o viés da Comunicação, como por exemplo, Robert A. Nisbet (1953), Talcott Parsons (1969), Martin Buber (1987), além de contribuições mais recentes como as de Zygmunt Bauman (2003), Gianni Vattimo (2007), Roberto Espósito (2007), Davide Tarizzo (2007), Manuel Castells (1999), Marcos Palácios (2001), Raquel Recuero (2003), Cicilia Peruzzo (2002) e Raquel Paiva (2003, 2007).

Segundo Max Weber (1987, p. 77), “chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo-ideal, baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes.” Ou seja, uma relação formada na solidariedade, no afeto e compartilhamento de tradições.

Para Ferdinand Tönnies (1995, p. 239), comunidade é uma rede de relações pessoais baseadas em laços de parentescos que desenvolveu-se no contato social direto a partir de três diferentes instâncias: o parentesco, a vizinhança e a amizade, ou seja, comunidade de sangue, comunidade de lugar e comunidade de espírito. Neste caso, as normas de convivência não são escritas e os indivíduos estão ligados numa teia de completa interdependência. Ou seja, para o sociólogo alemão, o conceito de comunidade é oposto ao de sociedade. Quem vive em comunidade, age de acordo com a tradição e os costumes locais. Tudo o que um indivíduo faz tem por objetivo garantir a sobrevivência do coletivo. Seria, em princípio, a vida típica do ambiente rural. Já na sociedade - característica da vida urbana - os indivíduos agem por seus objetivos próprios, ou seja, buscam satisfazer suas necessidades

e atingir as suas próprias metas. Numa sociedade, as ações são o resultado de uma obrigação externa.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2003, p. 67) nos ajuda a imantar de atualidade o conceito de comunidade apresentados por Weber e Tönnies. O autor reflete sobre o fato de que, hoje, em um mundo poroso, de laços transitórios e descartáveis – a modernidade líquida, segundo sua própria expressão - uma comunidade pode se definir e assim se manter quando consegue tecer entre seus membros uma rede de *responsabilidades éticas* e, portanto, de *compromissos a longo prazo*. Bauman refere-se, sobretudo, a vínculos que não se evaporam “quando os laços humanos realmente importam - no momento em que são necessários para compensar a falta de recursos ou a impotência do indivíduo”. (BAUMAN, 2003, p. 68). Certa garantia de certeza, segurança e proteção são vantagens do viver em comunidade – modelo de vida que os indivíduos não seriam capazes de reproduzir fora dela, isolados.

Raquel Paiva, uma das principais pensadoras brasileiras sobre comunicação comunitária, indaga sobre o que seria uma vida comunitária na atualidade com vistas a também contribuir na reatualização do termo. Para a pesquisadora, vida comunitária é aquela a partir da qual “ tem-se a possibilidade da experimentação dos laços e vínculos entre seres humanos, entre seres humanos e o território, entre seres humanos e sua história, entre seres humanos e a natureza, entre seres humanos e o cosmo.” (PAIVA, 2007, p. 136). Diz ainda a autora que o viés mais evidente desta vinculação está na produção comunicacional desta comunidade – os seus veículos de informação e mobilização, sejam eles jornal, boletim, site ou ainda rádio comunitária. A esse leque discursivo, Paiva denomina comunicação comunitária.

Buscamos também na obra *Dos Meios às Mediações*, de Jesús Martín- Barbero, algumas referências ao bairro popular enquanto lugar de reconhecimento, solidariedade, vínculos estéticos e simbólicos estabelecidos pelos setores populares e que até justificariam, atualmente, o uso, por similaridade, da expressão “comunitária” tanto ao tipo de vida ali fundado quanto aos recursos de comunicação ali empreendidos. Ou seja, o uso da expressão ‘comunidade’ seria perfeitamente justificável, nesse contexto do bairro, pelo

fato de que os moradores, representantes da cultura massivo-popular urbana, querem sobreviver enquanto comunidade.

De fato, Martin-Barbero (2001, p. 281) refere-se ao bairro popular como um lugar de interesse dos estudos da Teoria das Mediações: trata-se de mais um espaço de constituição de identidade e de produção de sentidos. “O bairro surge, então, como o grande mediador entre o universo privado da casa e o mundo público da cidade, um espaço que se estrutura com base em certos tipos específicos de sociabilidade”. (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 286).

Considerando, portanto, a constatação de Paiva (2007, p. 14) que não é unívoco o significado da palavra comunidade, e que estamos exercitando a tarefa da reinterpretação de um conceito sobre o qual pairam emergentes desejos alternativos, entendemos ser esta mais uma contribuição para a continuidade das reflexões sobre o tema.

Então, retomando a questão que nos move neste item, ou seja, compreender de que forma se dão os compromissos que a emissora porventura assume com os destinos do bairro, encontramos em Peruzzo (2007, p. 69-94) pistas de que “inexistem na prática grandes problemas conceituais no que diz respeito à relação da comunidade com a radiofonia, uma vez que a rádio comunitária se reconhece pelo trabalho que desenvolve”. (SODRÉ, 2007, p. 10). Disso podemos entender que é possível, então, reconhecer tal relação de compromisso pelo tipo de programação que cada uma apresenta aos seus ouvintes.

Lembramos que nas grandes cidades, como é o caso de São Paulo, muitas dessas emissoras estão instaladas em bairros grandes e populosos, com carências e demandas a resolver, e onde, em muitos casos, os movimentos populares ainda gestam lutas antigas. É por isso que, quando a rádio nasce da expressão da necessidade de mobilização desse grupo por melhoria das condições de vida da gente do lugar, as marcas da sua luta ficam evidentes na sua maneira de atuar, ou seja, na sua oferta de programação.

Nesse sentido, a Rádio Cantareira FM pode exemplificar a inserção e o compromisso a que nos referimos:

Porque nós andamos na comunidade, temos uma inserção nas comunidades do entorno aqui, nas diversas áreas. Temos um projeto de alfabetização de jovens e adultos aqui, onde temos cerca de 300 educandos nas salas de alfabetização. [...] Geralmente quem traz os problemas do bairro para a rádio são os ouvintes. Por exemplo, ano passado, tivemos um problema de água aqui na região. Nas partes altas dos morros, no Paulistano, no Guarani, no Damasceno, no alto do Elisa Maria. A Sabesp fechava e quando abria ficava sem água até 15 dias. Ligava e fechava e acabava a água. Aí a gente abriu esse debate aqui na rádio. Aí chamamos a Sabesp e cada dia se convocava um bairro para conversar. (Juçara, coordenadora da Rádio Cantareira FM).

E também a Heliópolis FM é um exemplo importante de como uma verba pública como a do PAC pode ser discutida com o prefeito e os moradores a partir de uma mobilização feita através da rádio:

Creio que a rádio está ajudando, sim, a melhorar a vida da comunidade. Ela teve várias participações na história de Heliópolis. A importância da rádio é que ela colabora para a articulação e mobilização da comunidade. Eu lembro que, quando veio o programa PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) para Heliópolis, 196 milhões destinados a Heliópolis, a gente não sabia como ia ser gasto esse dinheiro todo. Era uma verba do governo federal, junto com o estadual e o municipal, tudo investido aqui pra urbanização e habitação. E rolou aquele boato: ah, vai derrubar todas as casas da favela, vai não sei o que, e aí todo mundo começou a ficar bem preocupado, né. Aí a diretoria da Unas se reuniu. Não, a gente quer esse dinheiro para Heliópolis, mas a gente quer saber como esse dinheiro será investido. Porque se for gasto só por gastar, dinheiro que é nosso, dinheiro que é da população, a gente não quer. [...] Então, o que a gente fez? Através da rádio a gente mobilizou a população, mostrou a importância que o PAC ia ter e a gente fez uma assembleia e convidou o prefeito [...]. (Reginaldo, coordenador geral da Rádio Heliópolis FM).

No caso da Nova Paraisópolis FM, é interessante notar como a rádio está crescendo com a comunidade e pode tornar-se a principal matriz mobilizadora da região, em breve, na avaliação do coordenador Joildo. Este papel, hoje atribuído ao jornal do bairro, está sendo reavaliado.

Acho que a rádio ainda vai fazer esse papel de ajudar a vida da comunidade. Como hoje em dia a audiência dela está muito restrita, ela não consegue interferir tanto na vida das pessoas. Hoje o jornal tem mais impacto do que a rádio. Sempre teve, na verdade, dez, quinze mil exemplares. Aquela pilha de jornal ali já vai ser distribuída hoje, porta em porta. Hoje a rádio fala disso, os sites que a gente administra

falam disso, e o jornal fala disso. Mas o ideal é que a rádio assuma esse papel porque o jornal impresso, daqui a pouco, vai acabar também, que é o que está acontecendo com os grandes jornais do Brasil, tá tudo indo para internet, tudo vira coisa digital. Então, a gente encara que daqui a pouco tende a diminuir um pouco a importância do impresso aqui. (Joildo, diretor da Rádio Nova Paraisópolis FM).

Pudemos perceber que o funcionamento de uma emissora também está baseado em equipes atuando em regime de voluntariado ou escambo, ou seja, troca de serviços, favores ou até mesmo prestígio. No território do bairro, uma emissora não raro assume o papel de instância de solidariedade que dá suporte à população local menos favorecida. É o caso da Star Sul FM, com um programa tradicional - e consistente, diga-se de passagem, de assistência a crianças e idosos carentes que faz toda a diferença na zona sul de São Paulo.

Estou nesse local, nesse pedacinho aqui da Vila Santa Catarina, há 40 anos. Conversando com amigos, surgiu a idéia de montar uma rádio comunitária para ajudar a comunidade. [...] Então nós montamos a rádio e continuamos a fazer esse trabalho social na região de ajudar as crianças com Síndrome de Down, como tem a Chama, que cuida de criança excepcional, como tem a Lares, que também cuida de criança excepcional, como tem a Casa do Caminho, que cuida de menor abandonado excepcional e a Cruz de Malta. [...] Mantemos cerca de 4.000 crianças órfãs de pai e mãe, essas crianças recebem assistência médica, assistência odontológica. Fazemos anualmente um churrasco para arrecadar fundos e ajudar na manutenção desse lugar, que além de crianças abriga cerca de 250 idosos, velhinhos desamparados da região. (Osmar, diretor da Rádio Star Sul FM).

É o caso também da Águia Dourada FM, bem estruturada e com uma importante atuação no Jardim Ângela:

Antes da emissora, [meu pai] mexia com eventos, que nem o Frank Aguiar foi o meu pai que lançou, viajando pra baixo e pra cima com ele e fazendo esses shows aí. Mesmo sem a emissora ele já conseguia fazer esse trabalho fora, de doar cadeiras de rodas, cestas básicas para as pessoas carentes da região. Nós estamos centralizados aqui nessa região há muito tempo, a gente conhece praticamente todo mundo. Eu falo, se eu vou sair pra trabalhar, eu tenho que sair pelo menos uma hora antes porque se eu não sair eu não consigo subir a rua da minha casa porque todo mundo quer conversar comigo. Meu pai sempre gostou de ajudar o próximo, então, o sonho dele era ter uma rádio

para conseguir ajudar ainda mais porque tudo isso ele já conseguia antes de ter a rádio. (Teca, diretora da Rádio Águia Dourada FM).

Outras, como é o caso da Everest FM, atuam junto às lideranças políticas e funcionam como força auxiliar ou interlocutora; para os moradores, essas rádios são entendidas – e usadas – como despachante ou porta-voz. São, igualmente, espaços valiosos de mobilização e conquistas para os moradores e sua manutenção tem trazido muitos benefícios para a comunidade da zona leste.

Se a rádio está ajudando a melhorar a vida do bairro? Com certeza sim. Por quê? Porque quando alguém precisa de alguma coisa liga pra cá e a gente vai atrás. Antes a gente tinha um retorno mais rápido da nossa Subprefeitura. Então, algumas coisas a gente conseguia dessa forma, ligava pra Subprefeitura e procurava providenciar. Hoje, as coisas são mais demoradas e há serviços que são muito mais demorados e independe de quem peça. [...] A rádio é um poupatempo da população, um despachante. Eu falo com a rádio e a rádio corre atrás pra mim. (Maria Rita, diretora da Rádio Everest FM).

Como nosso objetivo, nesta pesquisa, não é classificar ou julgar a legitimidade das rádios e sim revelar como essas emissoras comunitárias estão operando no mundo real, assumimos nossa total concordância com aqueles que sugerem flexibilizar a classificação das emissoras comunitárias existentes - inclusive no seu aspecto religioso ou devocional - dada a diversidade de experiências, origens e rumos assumidos para a sua gestão.

Neste caso, a compreensão de como a emissora expressa o seu compromisso com os rumos da comunidade refere-se, sobretudo, à forma com que a rádio reflete a vida do bairro. Em outras palavras, que tipo de cobertura faz da vida do bairro.

Vimos que todas as emissoras, sem exceção, e cada uma do seu jeito, falam do bairro e refletem a vida do bairro em sua programação. Todas também fazem a auto-crítica de que precisam melhorar a qualidade desse acompanhamento, mas entendem que cumprem o papel que lhes coube ocupar na programação da emissora.

3.3.2 Relacionamento com ouvintes e aferição da audiência

Quando indagados sobre o tipo de ouvinte que querem conquistar ou manter, a maioria dos coordenadores das rádios nos descreveu um modelo de audiência exemplar. Para a *Cantareira FM*, o ideal é ter ouvintes que interagem com a programação da emissora, que estejam envolvidos com as lutas por melhoria e justiça social e que potencializem o debate sobre a comunicação popular alternativa. Para a *Águia Dourada*, os ouvintes bons são os que participam e divulgam os trabalhos da rádio na região. Já a *Everest FM* entende que os melhores são os ouvintes das classe B e C, a maioria na região, mas todas as classe sociais são bem vindas e importantes. Diz a *Heliópolis FM* que seu público é a população da comunidade e região, independente de gênero, idade, classe social, grau de escolaridade, religião ou crença; todos são importantes no processo de articulação e desenvolvimento de uma sociedade com igualdade de direitos e oportunidades. Para a *Nova Paraisópolis FM*, a rádio não tem preferência de ouvintes: quanto mais pessoas tiverem sintonizadas e ligadas na rádio, melhor, já que atende a todas as necessidades do bairro.

Perguntamos, para avançar nesta mesma linha de investigação, se os ouvintes da rádio, além de ouvir, também falam. Como resposta, a *Cantareira FM* afirmou que os seus ouvintes falam, participam da programação e oferecem músicas para os amigos e familiares. Na *Águia Dourada FM* também: os ouvintes têm um canal de participação e interação constantes. Na *Everest FM*, eles também falam quando querem. Na *Heliópolis FM*, os ouvintes participam da programação passando informações e fazendo críticas para a melhoria da programação. Na *Nova Paraisópolis*, a participação é por telefone ou pessoalmente. Na *Star Sul*, o programa *Na Pista* reserva meia hora de microfone aberto para receber reclamações da população e reencaminhar para a Subprefeitura. Foi nesta emissora que localizamos a existência de filtros para o atendimento aos ouvintes. Seu diretor, seu Osmar, refere-se claramente a isso em seu depoimento:

Porque a gente também precisa fazer um filtro. O cara vai pro bar, toma uns goró e fica falando bobagem no ar, então tem que filtrar. Agora, só fala no ar autoridade. A gente só abre por causa disso. Tem também gente que só falava no ar para pedir música e aí punha mulher, filho, filha, irmão, empregada, papagaio, e aí não dá, né? Tem que limitar. Porque temos uma grande audiência. Pra você ter uma idéia, ligam pra cá por dia cerca de 200 pessoas e várias por causa da webrádio. Nós pegamos aqui num pedaço que tem uns 350 mil habitantes. (Osmar, diretor da Rádio Star Sul FM).

Continuamos insistindo um pouco mais com os coordenadores das emissoras para compreender de que maneira esses ouvintes falam, são ouvidos ou atendidos nas rádios. Foi só então que cada um deles começou, de fato, a esclarecer os procedimentos internos utilizados para se relacionar com a sua audiência.

Na *Cantareira FM*, são diversos os canais de participação: ao vivo, presente no estúdio, pelo telefone, pelo skype, e-mail e cartas. Uma vez por mês acontece o encontro dos comunicadores e neles sempre há pessoas da comunidade que participam da avaliação da programação. Na *Águia Dourada FM*, os ouvintes são atendidos por telefone, site e rede sociais. Na *Everest FM*, o ouvinte dispõe de quatro canais oficiais: duas linhas telefônicas compartilhadas à disposição 24 horas, o próprio site da emissora, um e-mail do ouvinte e outro de uso comercial, da diretoria, mas que também pode ser usado. Há sempre um responsável na sede da emissora para esses atendimentos, como solicita a lei. Se necessário, o ouvinte entrar no ar via “linha direta” para expressar sua opinião, pedir música ou mandar um recado. Na *Rádio Heliópolis FM*, a participação da comunidade se dá através do telefone, das redes sociais e das visitas ao estúdio da rádio. No caso da *Rádio Nova Paraisópolis FM*, a participação pode ser feita por telefone, internet ou ainda pessoalmente.

Também foi possível apreender, neste trajeto múltiplo e variado, que a elaboração de métodos de aferição de audiência para as rádios comunitárias são demandas importantes na medida em que o uso de tais recursos podem ser passaportes que as habilitariam a viver no território formal da comunicação e ajudariam a viabilizar a sua sobrevivência.

Estão aqui transcritos os trechos de fala onde cada coordenador apresenta o seu modo de medir a audiência e a sua justificativa para tal, respaldada na experiência vivida com a sua comunidade. Isso nos permitiu uma síntese, ao menos aproximativa, dos diversos jeitos e formas de medição. Entretanto, todos são unânimes em reconhecer: falta-lhes método.

É da falta desse método que reclama o diretor da Nova Paraisópolis FM:

E o cara pergunta – e aí, tem audiência? Eu falo assim – cara, eu não sei como medir. Não são todos, mas alguns estão, sim, preocupados com isso. Eu estou porque eu sei que a rádio não tem audiência. Eu não vou te falar – olha, tem cinco mil pessoas ouvindo? Se eu falar qualquer

coisa aqui e abrir o microfone, não vai ter. [...] Então essa é a grande incógnita, hoje. O governo não faz publicidade oficial nas comunitárias. Não faz, cria barreiras, cria meios de não fazer, e aí você fica refém mesmo. É um desafio. Inclusive com muita gente querendo ingerir, pessoas que não deveriam se envolver, é político, é a criminalidade, ih, deve ter muito por aí. Aqui, a gente não permitiu. (Joildo, diretor da Rádio Nova Paraisópolis FM)

Também já citamos que as agências de publicidade que cuidam das campanhas oficiais dos governos não tratam as chamadas “mídias alternativas” da mesma forma que as demais - e nisso estão incluídas as rádios comunitárias. Isso por ainda não terem desenvolvido um método de aferição de resultados ou comprovação de audiência compatível às características especiais desses meios, evidentemente diferentes dos demais, especialmente dos de grande porte.

Outro aspecto está ligado ao hábito da informalidade. Até pouco tempo atrás, poucas emissoras comunitárias estavam habilitadas a emitir recibos de pagamento por prestação de serviços ou qualquer outro documento de comprovação fiscal. Isso dificultava a operação de contratação e, inclusive, a boa vontade, por parte das agências, de pensar em uma estratégia alternativa de aferição e de percentual de ganho sobre a veiculação, de praxe no trabalho de agenciamento de publicidade.

O fato é que nem as rádios nem as agências têm métodos consolidados. Cada uma tem o seu jeito, não há nada muito criterioso. Entretanto, cuidadosamente analisadas, as pistas tratadas nesses depoimentos podem ser traduzidas pelo mercado publicitário como possíveis dicas para uma nova régua aferidora de resultados. Vamos a elas:

Na Cantareira FM, eles não contam a audiência pelas ligações telefônicas nem pelos acessos feitos na internet. Para a coordenadora da Rádio, Juçara Zottis, o retorno de quem e quantos são os ouvintes vem da experiência de andar pela comunidade.

Pergunta difícil essa... Muita gente ouve a rádio mas não liga pra cá. Porque nós andamos na comunidade, temos uma inserção nas comunidades do entorno aqui, nas diversas áreas. Temos um projeto de alfabetização de jovens e adultos aqui, onde temos cerca de 300 educandos nas salas de alfabetização. Eles ouvem a rádio e não ligam para a rádio, nós sabemos que eles ouvem, são pessoas de mais idade, mas eles não ligam para a rádio. A gente vai nas comunidades, às

vezes nas celebrações, que a gente participa muito aqui, e aí o pessoal brinca: ah, a gente ouviu aquele chamado tá tá tá tá, eu digo quantos ouviram? Eles levantam o braço e muita gente ouviu, muita gente, mas eles não ligam, eles não tem essa cultura de ligar e falar na rádio, então a gente sabe que tá ouvindo, mas medir por quem está ligando a gente não consegue saber. [...] Já temos esse público mas ele é muito tímido, esse tipo de ouvinte - e aí é um desafio – interagir não só com música mas também com participação social mesmo, né? (Juçara, coordenadora da Rádio Cantareira FM)

O oposto acontece na Águia Dourada FM. Ali, o que conta mesmo são as ligações de ouvintes e os acessos na web por minuto. Entretanto, percebe-se um ‘bem bolado’ - eles não dispensam os comentários boca a boca na comunidade:

Com relação à audiência, eu avalio a participação por telefone e por internet. Por internet é possível fazer um levantamento mais preciso, né, tipo quantos ouvintes a gente consegue por minuto. E às vezes comentário, né? A gente vai passando na rua e sabe que o pessoal está ouvindo a rádio. Mas por quantidade de pessoas é difícil de fazer essa pesquisa. Nossa região tem 800 mil habitantes, nem todo mundo ouve a rádio mas eu trabalho com uma estimativa de cinco mil ouvintes por minuto. O pessoal aqui é fiel. Tem uma programação agora que vai começar às três da tarde, sertanejo raiz, o pessoal é ouvinte de carteirinha. A gente já conhece esse ouvinte, ele vem na rádio e traz até presente pra gente. O locutor atende o ouvinte no ar, já tem a lista de pessoas que fazem pedidos de música. O ouvinte de rádio comunitária gosta de uma programação ao vivo em que ele possa falar, em que ele liga e participa. Ele não gosta de nada mecanizado, de uma programação que grava e joga no ar, ele gosta de uma participação ali. E dá microfonia mesmo porque ele está com som alto, ele manda beijos, essas coisas. (Teca, diretora da Rádio Águia Dourada FM)

O diretor da Nova Paraisópolis FM, Joildo, é mais realista. Prefere não chutar; apenas sabe que o número de acessos na internet é grande, e que isso corresponde à audiência de fora da comunidade.

Não vou chutar quantas pessoas estariam ouvindo a nossa rádio porque seria muito leviano da minha parte. Nós temos muita gente que ouve pela internet, é gente de fora de São Paulo, porque a rádio acaba sendo uma forma de a pessoa se conectar com o bairro – oh, eu sou lá da Bahia e a minha família tá aqui. Às vezes, a pessoa pede música pra tocar aqui. Tem o caso de uma moça que está procurando a mãe dela que há trinta anos veio para Paraisópolis e a gente não consegue descobrir onde a mulher está. Então, é um meio de

comunicação para as pessoas de fora. (Joildo, coordenador da Rádio Nova Paraisópolis FM)

Interessante que a mesma experiência relacionada à audiência de pessoas consideradas externas à comunidade foi relatada pelo Reginaldo, coordenador geral da Heliópolis FM. Há a citação, em detalhes, de como a internet tem ajudado os reencontros entre famílias separadas há anos em decorrência da migração, por exemplo.

Nessa coisa da internet, para minha surpresa, começou a ligar o pessoal do norte e do nordeste para pegar informação daqui. Outro dia estava no programa do Zóio e ligou um cara dos Estados Unidos, da Califórnia. Aí falou ao vivo. [...] Eu estava lá e presenciei isso. Que loco, que legal, mano. Não deu dez minutos liga o pai dele pra rádio agradecendo a oportunidade de ouvir o filho. Outra coisa interessante que aconteceu foi no programa do Rogerinho. Tava lá ele fazendo o programa e liga uma mulher, se eu não me engano do Piauí, desesperada, atrás da mãe. Ela tinha informação de que a mãe dela morava aqui em Heliópolis e queria que o Rogerinho anunciasse na rádio e ajudasse a encontrar a mãe. [...] A mulher achou que era trote. A mulher não acreditou que era a mãe dela. Fazia 40 anos que uma não via a outra.[...] Então a internet possibilita isso também. (Reginaldo, coordenador Geral da Rádio Heliópolis FM)

Em Heliópolis, a questão da audiência está em pleno processo de discussão. Os coordenadores da emissora pensam em organizar uma ação para que, em 2014, a rádio seja ouvida pela gente da comunidade pelo menos dez minutos por dia. A ideia é habituar a escuta do público.

A gente já fez diversas pesquisas de audiência aqui antes. Hoje essa resposta eu não consigo dizer exatamente. A gente tem o site da rádio e dá pra saber qual é a audiência dos programas da internet, mas o nosso público não é a internet. Então, pra gente não é válido esses números. Como a gente anda muito aqui na comunidade, a gente tem uma noção de qual programa as pessoas tem mais escutado, né, qual a faixa etária. Por exemplo, no período da manhã, é mais o público adulto mesmo, não tem jeito. Passo na rua e as pessoas me falam – diz lá pro Libera passar a música tal; fala pro Libera que depois passo lá, as pessoas mandam recado pra ele. Outro exemplo que está me surpreendendo muito é que a gente achava que jovem não escutava muito rádio, só o programa do Zóio, né [referindo-se ao Mano Zóio, do programa Revolução Rap]. Mas como eu ia dizendo, a gente começou a fazer dois programas, o Fala Jovem e Jovens Alconscientes e isso deu

uma reviravolta na nossa cabeça porque tá tendo muita aceitação aqui na comunidade, principalmente na juventude. [...] E então essas coisas a gente começou a discutir lá na rádio e a juventude começou a participar por telefone, por email. Mas mesmo assim a gente não tem noção, hoje, de quantos por cento da população de Heliópolis escuta a rádio. Tem uma discussão de que a gente tem muito retorno pela internet e pouco retorno da comunidade. Estamos nessa discussão agora. Como é que a gente estimula mais a comunidade a escutar a rádio. A comunidade tem clareza da importância que a rádio tem, né. E aí agora, no ano que vem, a gente quer fazer uma campanha pra as pessoas ouvirem a rádio. Não para ficarem 24 horas ouvindo a rádio mas pelo menos dez minutos por dia sintonizar a rádio para saber as informações que estão acontecendo. Aí a gente consegue atingir maior público e tudo mais. (Reginaldo, coordenador geral da Rádio Heliópolis FM)

Na Rádio Nova Paraisópolis, Joildo ainda refere-se a uma questão importante relacionada à audiência: a exclusividade da programação. Ou seja, o que a rádio local tem e que nenhuma outra tem. Eles apostam nisso para crescer em audiência e se qualificarem perante os anunciantes, inclusive.

Porque música, qualquer rádio tem. A gente também entende que não é só pra ter música. Então, a gente tem que levar informação e essa informação da comunidade é o que muda para o cara ouvir a rádio. Porque se o cara quiser ouvir música, ele põe em qualquer rádio e ouve. Mas se ele quiser ouvir notícia de Paraisópolis, banda de músicos de Paraisópolis, ouvir coisa da comunidade, ele vai ligar na nossa rádio. É aqui que ele busca. É isso. (Joildo, coordenador da Rádio Nova Paraisópolis FM)

Finalmente, a Rádio Everest FM também tem seu jeito bem particular de saber quem são e quantos são os seus ouvintes. Maria Rita tem um caderno com todos os nomes anotados. Garante que chega a uma lista de trezentos ouvintes fiéis. Todos eles ligam para a rádio com regularidade. E tem também os ouvintes da internet...

Não temos como medir audiência. Não, isso a gente não tem como saber. Não temos equipamento que meça isso, pelo menos a gente precisaria estar pagando e como não temos recurso nem para outras coisas, que dirá para essa pesquisa. A gente, mesmo manual, tem uma lista de pessoas que nos ligam por telefone e são pessoas fiéis. São pessoas que podem me ligar uma vez por semana, duas, três vezes por semana ou uma vez por ano. Então, a gente tem isso. Tem pessoas que ligam e dizem – olha, eu já ouço essa rádio há uns dois anos mas eu nunca liguei pra vocês, mas é que eu gosto tanto de

ouvir porque tem o tipo de música que eu gosto. Então não é todo mundo que liga. Independente de gostar ou não, não tem como fazer. Então, medir a gente não consegue, mas tem uma quantia razoável, e é o que eu te falei, a gente tem pessoas que ouvem em uma empresa, no comércio, tem várias pessoas que ouvem no comércio, deixam ligado. Desses ouvintes fiéis, acho que somam uns 300. E depois temos os ouvintes da internet. Ontem eu tive aqui um seresteiro da região e ele tem a voz idêntica à voz do Nelson Gonçalves. Não é que ele imita, a voz dele é a voz do Nelson Gonçalves. Quando ele vem, é um desespero, o povo me liga o tempo todo. (Maria Rita, diretora da Rádio Everest FM).

Ao propor uma reflexão sobre a opinião, Ecléa Bosi (2004, p.121) recorre ao conceito de Adorno: “opinião é a posição de uma consciência subjetiva, tida como válida mas sem a universalidade da verdade. O conhecimento é a opinião verificada”. Para o frankfurtiano, passamos da opinião para o conhecimento relacionando sujeito e objeto através da prática reflexiva e do teste de realidade. No dia a dia nem sempre é possível transformar opinião em conhecimento, e aí a verdade fica sendo a opinião comum, o senso-comum: “O mundo é opaco para a consciência ingênua que se detém nas primeiras camadas do real”, sintetiza Bosi. (Idem, p. 122).

Em outro texto, denominado “Entre a opinião e o estereótipo”, Bosi (1977; 2004) sintetiza algumas ideias de Walter Lippmann sobre o ponto de vista. Ressalta que nossa percepção das coisas é mais que uma recepção, é uma construção, uma tarefa sobre o mundo. E que conseguimos reconhecer o real de acordo com a nossa atenção, nosso trabalho perceptivo. Essa “colheita perceptiva” é uma relação de trabalho e de escolha entre o sujeito e o seu objeto; essa percepção pode ser facilitada por aspectos do real já recortados e confeccionados pela cultura – e aí é que se dá o processo de estereotipia.

A autora fala também de um importante conceito de Asch (Ibidem) em que a percepção social falsa forma-se pelo excesso de complexidade dos objetos sociais. Portanto, a simplificação da realidade é a primeira etapa no conhecimento do ambiente. É o momento do “senso-comum”. Repousar nela mata a percepção do indivíduo e, assim, restringe e estreita o seu campo mental. A mudança de atitude exige uma reorientação intelectual, um rompimento com os vínculos sociais até então apreendidos e uma reestruturação da experiência passada.

Tais reflexões são importantes na medida em que nos fornecem argumentos para a possibilidade de ordenar, pelas vias do conhecimento, dados de audiência antes desconhecidos. Hoje, ao menos algumas pistas estão dadas. Cumpre-nos testar o seu circuito e não repousar na superficialidade do já existe, que se mostra insuficiente para dar conta de um problema real no campo da comunicação alternativa. Portanto, nunca é demais repetir: esses possíveis novos recursos de medição de audiência podem ajudar a viabilizar a sobrevivência não apenas das rádios comunitárias, mas dos veículos produzidos sob a égide da comunicação comunitária, ao menos no que tange à venda dos apoios culturais via agências de publicidade.

3.3.3 Ofertas de programação

Neste item em especial, nosso interesse é verificar de que forma os responsáveis pela condução das emissoras comunitárias estariam respondendo ao desafio concreto de organizar a programação da rádio do bairro e de mantê-la no ar, conferindo-lhe identidade própria.

Grosso modo, vimos que a definição e a construção das grades de programação de rádios comunitárias referem-se a práticas imitativas e reiterativas balizadas pelo mercado radiofônico comercial. Em geral, o apelo popular tem lugar certo e garantido na grade.

Lopes (2001, p. 63-70) nos atenta para o fato de que, em uma sociedade com grandes desníveis sociais, o popular é geralmente contraposto ao moderno e reconhecido não por sua origem nas classes subalternas, mas por elas adotado, usado e consumido. Destaca que a participação popular no mercado cultural brasileiro manteve-se encoberta enquanto fenômeno de comunicação de massa até a década de setenta. Desprezada tanto pela elite intelectual quanto pelos mecanismos formais de pesquisa de mercado, foram poucos os estudos sobre as reapropriações ou decodificações que as classes populares faziam dos produtos da indústria cultural.

Apenas com o país respirando ares da redemocratização, empreende-se uma renovação nessas pesquisas. É o período em que a perspectiva gramsciana e sua questão maior, a hegemonia, passa a se afirmar nos estudos sobre Cultura e Comunicação no Brasil,

abrindo caminho para a leitura crítica dos meios, os estudos de telenovela, lazer e cotidianidade, usos populares dos meios, culturas urbanas e temas afins.

Aqui, o gosto popular deixa suas marcas nas programações estudadas. Trata-se de um movimento circular: o repertório da comunidade alimenta a rádio do bairro, que retroalimenta a sua audiência.

No depoimento do seu Osmar, da Star Sul FM, ele refere-se, orgulhoso, ao fato de a emissora manter um acervo de oito mil músicas bem variadas, forró, sertanejo raiz, MPB, “montadinhas, como qualquer rádio comercial”:

A rádio funciona 24 horas e tem alguns programas ao vivo. De manhã, temos o Manhã Sertaneja, das 6 às 8h. Das 8 às 10h temos um programa de forró ao vivo, A Hora do Forró, com o Luciano. Depois temos o Bom Dia Cidade, das dez ao meio-dia. Depois entra a Jennifer com o Na Pista, do meio-dia às duas da tarde. Das duas às quatro entra ao vivo, de novo, A Hora do Forró. Depois tem o Tarde Sertaneja, das quatro às sete. Aí entra A Voz do Brasil e depois entre o automático a noite toda até seis da manhã. Logo seis vem a Prece da Manhã com São Francisco de Assis e São Judas Tadeu, nosso padroeiro. A programação foi definida pela vivência da gente, né. Há dezessete anos no ar... então nós pegamos um diretor de programação, ele se chama Jailton Machado, chamei esse rapaz, e ele faz a nossa programação. Temos aqui aproximadamente oito mil músicas, montadinhas, como qualquer rádio comercial. (Osmar, diretor da Rádio Star Sul FM)

Na Águia Dourada, emissora do Jardim Ângela, três pessoas gerenciam a rádio - Teca Magalhães, enfermeira nutróloga, diretora; Gleysson Reis, webdesigner, desenvolvedor de sites e aplicativos, assistente geral, e José Alves, criador da rádio e presidente da Associação. Apenas um operador cuida de toda a parte técnica e cerca de vinte comunicadores circulam pelos estúdios durante a semana. O acervo musical é bem variado: sertanejo contemporâneo, romântico, samba, sertanejo raiz, forró, forró universitário, forró do Pajeú, brega. “Coisa do momento”, na definição do Gleysson, o programador.

A rádio trabalha 24h. Começa às sete da manhã com Bom Dia, Alegria. Das sete às onze, um programa de variedades, com música e informação. É sertanejo contemporâneo – passa Daniel, Zezé de

Camargo, tem horóscopo, informações locais da região, notícias. Esse programa tem muita participação. Depois às onze tem Amor, eterno amor. É um programa romântico que a gente pensou no pessoal que está almoçando nos restaurantes da região, uma coisa mais tranquila. Depois tem o Pagodeando, que é o que está tocando agora, um programa mais agitado. Depois tem o É Hora de Música, sessenta minutos só de música, sem intervalo, músicas atualizadas do momento, como Claudinha Leite, Fernando e Sorocaba, samba, bem diverso. Depois tem o programa do Felisberto, que é um programa mais raiz, sertanejo, que começa agora às três e vai até às cinco. Depois tem o Comitativa Universitária [...] que é o forró universitário, atender o ouvinte no ar, bem interativo. [...] Domingo também é diferente. Tem o forró do Pajeú. Veja, o Forró do Pajeú, por exemplo, é um programa que eu particularmente não gosto. É um programa regional, é forró, bem nordestino mesmo, mas eu fico aqui atendendo o telefone e o telefone não para. É um forró bem diferenciado mesmo. Ele tem os ouvinte dele aí, que fala do feijão de corda, de não sei de onde, eu falo gente... nesse programa os apoios que ele consegue são de coisas da região norte, nordeste, como o da Casa do Norte, são essas pessoas que anunciam. Como diz o ditado, o que seria do abacaxi se todos gostassem da melancia, né? (Teca, diretora da Rádio Águia Dourada FM)

Na Everest FM existe uma programação musical dedicada aos anos 50 e 60 e que privilegia a música brasileira. Nela tem lugar o sertanejo, o samba, a canção popular, e também música devocional. A programação da rádio começou a ser definida a partir do gosto musical de cada um dos diretores, que logo perceberam, pelos pedidos dos ouvintes, que precisariam fazer uma certa reorientação no *playlist*. As pessoas ligavam, pediam certo tipo de música e eles iam tirando conclusões. Tudo para conquistar audiência. Maria Rita conta que dois locutores provocam até uma briga no ar ... e os ouvintes adoram.

Funcionamos 24 horas. Temos programas ao vivo das oito ao meio dia, todos os dias. São cerca de seis horas de programação ao vivo por dia, na média. A programação é formada por 27 programas diferentes ao longo da semana. Batucada Everest é um programa musical, fica no automático. O Bem Bolado é musical e é ao vivo, sempre tem informação, tem algum comentário, doação de sangue, esse tipo de serviço. Bonde Musical fica da meia-noite às cinco, é automático. Brasileiríssimo é ao vivo. Café Brasil e Siga Bem Caminhoneiro são programas de variedades, Musical Sertanejo e Rancho do JC são ao vivo, Cantando o Evangelho é ao vivo, é devocional. Tem também a Palestra da Fraternidade, que é uma transmissão ao vivo que a gente faz. O meu programa é Variedades Everest, tem música e comentários também. Entre meia noite e cinco da manhã fica sempre no automático. [...] Nós ensinamos o pessoal a operar os equipamentos, mexer é muito simples, é apertar um botãozinho. Por exemplo, parece brincadeira, mas o JC, ele não quer aprender a mexer. Então tem uma briga dele todo sábado entre ele e Marina. Entendeu? [...] No sábado ele chega aqui, só

que ele quer que a Marina fique junto com ele no estúdio, batendo papo! Aí eles começam a brigar e isso dá audiência. Entendeu? Então eles ficam o tempo todo brigando. Na nossa programação, passamos a missa católica e temos um programa evangélico. A única coisa que pedimos é que os programas religiosos sejam no horário noturno. Isso porque a gente tem algumas pessoas que deixam a rádio ligada em ambiente de trabalho, tem pessoas que deixam a rádio ligada em caixas de som na frente de lojas e fica tocando música o dia inteiro e programa o dia inteiro. (Maria Rita, diretora da Rádio Everest FM)

Há casos, como o da própria Rádio Everest, em que a sobrevivência implica em locação de espaço na grade de programação. Neste caso, a definição do conteúdo é de responsabilidade do dono do horário.

E com relação aos programas, foram os locutores que vieram nos procurar com suas propostas e nós cobramos pelo espaço que eles ocupam na rádio. A decisão sobre o conteúdo geral dos programas é de responsabilidade de cada locutor. Desde que atenda os requisitos da Anatel e do Ministério das Comunicações, não damos palpite. (Maria Rita, diretora da Rádio Everest FM)

A Rádio Nova Paraisópolis é coordenada por três diretores - Roberto, Jeferson e Adilson, que se dividem nas atividades diárias de gestão, tais como receber e avaliar as demandas de programação, propostas de programas e prospecção dos apoios culturais. A programação musical ocupa grande parte da grade da emissora e é bem variada:

A rádio aqui funciona das 9 às 22h. Aos sábados, até 21h. Aos domingos não abre. Hoje temos doze programas, a maioria musical, dois com entrevistas, mas principalmente programa musical. Tem programa de rap, de funk, tem programa gospel, tem de MPB, tem de forró. E tem um novo site que é paraisopolis.org (Joildo, coordenador da Rádio Nova Paraisópolis FM)

A maioria dos radialistas da Heliópolis FM está no ar há mais de dez anos. Atualmente, são 28 locutores e a equipe se divide nas atividades de estúdio e atendimento aos ouvintes pelo telefone, internet ou mesmo pessoalmente. Os programas mesclam música e informação e são todos feitos ao vivo.

Hoje a rádio funciona das seis da manhã à meia-noite. O computador não está aguentando funcionar 24 horas e nós não temos dinheiro para comprar outro. Ou seja, um para transmitir e outro para rodar de noite. Tudo é feito ao vivo, nada no automático, só quando o locutor da hora falta e a gente não consegue substituir, mas só nesses casos mesmo. A rádio tem hoje vinte programas: dez durante a semana e dez no final de semana. E aí são pessoas diferentes que fazem os programas. Temos hoje 28 locutores na rádio, entre sonoplastas, telefonistas. Somos uma equipe que se divide – tem gente que faz tudo sozinho e tem gente que precisa de ajuda na mesa de som. [...] Hoje também temos o Crisvaldo, que cuida do site, da internet, Facebook, essa parte. Renatinho, Libera e eu somos, atualmente, da coordenação da rádio. Nossa programação foi definida de acordo com a demanda da comunidade. As pessoas vinham procurar a rádio defendendo o seu estilo musical e aí gente pedia para participar da reunião para ver como a rádio funciona e para ver também todas as dificuldades. Isso porque as pessoas vem procurar a rádio e acha que ah, não, eu vou lá, eu vou ficar famoso... vou vender o meu peixe... e quando eles vem aqui e participam da reunião, percebem os bate-boca que a gente tem aqui na reunião que são vários, né?. Então com isso eles já tem uma certa noção de como é que é e aí eles decidem se vão entrar ou não. Mas quando a gente fala dessa coisa da lei, que não pode ser assim, ou assado, entendeu, aí muita gente desanima e desiste, né? Agora, aqueles que vem com o interesse, com o intuito não só de defender o seu estilo musical mas principalmente de valorizar a comunidade, aí fica com a gente. Tanto que o período que fica é enorme, dez, doze anos. (Reginaldo, coordenador geral da Rádio Heliópolis FM)

Na Brasilândia, os ouvintes da Cantareira FM têm 24 horas de programação que mescla música e informação do bairro, da cidade, do país e do mundo. Hoje, a emissora mantém 24 programas apresentados ao vivo e cerca de 40 pessoas em sua equipe fixa.

[...] Das 8 às 22h temos programas ao vivo, geralmente nos finais de semana, de duas em duas horas. Durante a semana, todas as noites, das 20 às 22h, programas ao vivo e temos também todas as manhãs, das oito ao meio-dia. O das 8 às 10h é sertanejo e o das 10 ao meio-dia é um programa que se chama Comunidade em Foco, sendo que cada dia ele é apresentado por uma pessoa diferente – na segunda é Ana Tércia, na terça é Daniela, na quarta é Fátima, na quinta sou eu na sexta é o Zé Eduardo. É um programa aberto pra comunidade, as pessoas vem e participam e é um programa ao vivo. Nós temos às segundas-feiras à tarde um programa ao vivo que vai até às 18h e aí entra um gravado e depois entra A Voz do Brasil. Sexta-feira o dia inteiro é programa ao vivo. Temos de manhã cedo o sertanejo, depois um programa chamado Samba na Brasa, só de sambas de São Paulo, e depois um programa nordestino de forró apresentado por um jovem, o Márcio, que é só forró pé de serra. A gente tem uma programação boa, são só algumas horas da semana que não tem programa ao vivo. Quando não tem programa ao vivo, a gente produz, a gente não deixa só musical, não. Por exemplo, nas terças, que não tem programas ao vivo à tarde, a gente passa m

programa da Pastoral da Criança, tem meia hora de programete e depois tem música ligada à Pastoral e dicas – isso na terça e na quinta. Nas quartas à tarde a gente reprise o Samba na Brasa. Nós temos quatro programas que vão ao ar aos sábados que é Meu Caro Amigo, Oficina Instrumental, Brasilândia Encanta, que é ao meio-dia, e no domingo ainda tem Um Toque a mais, que são dicas de saúde que a gente faz reprise ao vivo durante a semana. Então, só temos algumas horas mesmo que não é ao vivo. (Juçara, coordenadora da Rádio Cantareira).

Inclusive há um critério interno na emissora de não rodar músicas que agridam a mulher, que façam apologia às drogas, mas que contribuam na formação de um outro horizonte cultural e musical para as pessoas.

[...] isso é um conflito até aqui porque os outros ouvintes ligam e pedem uma música lá brega, que tem um monte de gírias e aí alguns comunicadores já conseguem avançar e dialogar com o ouvinte, pá pá pá e mostrar o que aquela música diz, até toca um pouquinho e consegue dialogar com o ouvinte. [...]E isso acaba sendo sempre um problema nas nossas reuniões porque tem que tocar essas músicas por causa da audiência, e tal. [...] Vira e mexe tem uns sertanejos, que a gente chama de ‘sertanejos’, né, eu falo disso aqui – vocês estão gastando música, vocês estão gastando espaço, estragando os nossos equipamentos pra tocar essa porcaria! Vocês não acreditam nos ouvidos das pessoas? (Juçara, coordenadora da Rádio Cantareira FM)

3.3.4 A rádio na internet

Stuart Hall (1999), pesquisador ligado aos estudos culturais ingleses e com reflexões importantes na área das identidades culturais, analisa que tanto o liberalismo quanto o marxismo, em suas diferentes formas, davam a entender que o apego ao local e ao particular dariam gradualmente vez a valores e identidades mais universalistas e cosmopolitas. De acordo com essas metanarrativas da modernidade, os apegos irracionais ao local e ao particular, à tradição e às raízes, aos mitos nacionais e às ‘comunidades imaginadas’ seriam gradativamente substituídos por identidades mais racionais e universalistas. Entretanto, diz o estudioso que os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios, uma vez que a globalização não produziu nem o triunfo do global nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do local.

Foi exatamente esse duplo movimento de abraçar o global sem se desligar do local, a que se refere Hall, que vivenciou a Rádio Heliópolis ao criar a sua programação na webrádio. No depoimento de seu coordenador geral, Reginaldo, há referência ao fato de que foi importante para eles manter a essência da comunidade:

Pra gente, foi importante colocar a rádio na internet. Só que a gente não perdeu nossa essência. Acho que o interessante foi isso, manter nossa essência. A nossa rádio está voltada para a comunidade e quem escutar a rádio, no mundo inteiro, vai escutar as informações da comunidade. É a maneira da gente também se valorizar e expor o que a gente tem de positivo. (Reginaldo, coordenador Geral da Rádio Heliópolis FM)

Além de garantir a preservação da marca local, referida pelo coordenador da emissora, a entrada no mundo da internet suscitaria outras questões, como proteger a imagem do grupo e legitimar um discurso “para o outro”. Havia também a dificuldade técnica a ser resolvida. Tais dilemas foram descritos por Reginaldo:

Quando a gente pensou em colocar a rádio na internet - eu particularmente queria muito, eu e a Claudinha também queria muito – a maioria era contra porque ao mesmo tempo para o mundo, que é bacana, é legal, a gente também está expondo as nossas fragilidades. Porque o programa que vai para a internet é o mesmo que vai para a nossa comunidade, não é uma programação diferenciada, e tudo mais. E aí foi um quebra-pau porque tinha gente que falava assim: não, vamos colocar só os programas que já estão aptos para estar no ar na internet porque vão pro mundo inteiro. Outros falavam assim: não, vamos fazer uma programação gravada e a gente colocar no ar só essa programação gravada porque aí dá pra editar, dá pra você mexer e tudo o mais. Começou a ter um critério de qualidade do que dá pra fazer ou não por causa da imagem... Porque o medo dos locutores era isso, né, de mostrar nossas fragilidades, nossos erros, eles não estavam preocupados em divulgar a comunidade pro mundo, eles estavam pensando no lado negativo, né, olha lá, eles estão falando português errado, sei lá, não sei o que. Ah, a gente nunca teve problemas com isso, com sotaque, tudo mais, a gente até valoriza, né? Ah, pintou essa conversa e foi um debate forte. Na verdade eu fui teimoso e eu coloquei o meu programa no ar mesmo sem a maioria me apoiar. Quando eles viram, já estava no ar e aí não tinha como voltar atrás. [...] E aí quando os locutores viram que estavam falando pro mundo inteiro, mudaram a opinião deles. Aí eu usei isso. Aí fui – agora a gente está falando não só pra comunidade. É uma responsabilidade a mais. Então a gente tem que melhorar muito mais a nossa programação, temos que tomar cuidado com o que a gente fala, com os nossos erros,

nossas fragilidades, que a gente tem muito, e coisa e tal, e temos que fazer uma programação cada vez melhor para a nossa comunidade e para o mundo. (Reginaldo, coordenador Geral da Rádio Heliópolis FM)

No caso da Rádio Nova Paraisópolis FM, a internet significou, entre outras coisas, a possibilidade de se libertar das amarras impostas pela lei, já que um site não está na órbita da legislação. Joildo refere-se a uma brecha legítima que pode garantir a sobrevivência de muitas emissoras, inclusive a dele:

Como a internet não tem essa barreira de 1 km, e com essa limitação da lei, para algumas organizações vale mais a pena ter uma radioweb. Porque na radioweb você faz a propaganda que você quiser, não tá refém de multa, de nada, tem a sua liberdade lá. Eu até falo assim pras pessoas: olha, você quer fechar um apoio? Fala que aqui na rádio o apoio cultural é assim, mas se ele quiser a gente também põe um banner dele no site. O site não tem nada a ver com a Anatel, com o Ministério, a rádio comunitária não é obrigada a ter site. Então, é isso. A gente conseguiu já mais dois apoios dessa forma. Consegue porque se o site tiver muito acesso, o anúncio consegue ficar mais visível porque fica permanente lá. A rádio, infelizmente, tem esse problema de não conseguir medir audiência. E eu vou botar uma equipe para perguntar para todos os moradores dos 17 mil domicílios quantas vezes ele escuta a rádio? Não vou conseguir. Vai cair naquela coisa do Ibope, Datafolha, onde os caras criam um número lá e pronto. Estatística. (Joildo, coordenador da Rádio Nova Paraisópolis)

O pesquisador espanhol Mariano Cebrián Herreros (2001), ao analisar as transformações impostas pela internet na ambiência radiofônica, aponta a mudança no perfil da audiência, que passa de ouvinte a usuário de conteúdos, o sinal mais evidente da complexidade gerada pela convergência das tecnologias.

A Juçara, da Cantareira FM, vem percebendo essa mudança: muita gente ouvindo a rádio pelos aplicativos de celular e pelo computador. E muito ouvinte no exterior, a maioria jovem.

Agora a gente tem muito internauta. E com essa coisa de smartphone então, os aplicativos para celular, é meio a meio, metade do pessoal ouve pela internet e metade ouve pelo computador mesmo. Aí a gente foi fazer uma estatística e a maioria desse que usa pelo smartphone é jovem; os mais velhos ouvem pelo computador e muita gente ouve mesmo é pelo rádio. E tem assíduos ouvintes do Japão, da Argentina, uma galera do México, passou por aqui a juventude da Venezuela

durante a Jornada Mundial, e aí esses jovens mandam recadinho pelo Face, pá pá pá pá. Tem aqui um pessoal de Portugal que mora no Morro Grande e eles fazem assim: o pessoal deles em Portugal sintoniza a rádio na internet e o pessoal daqui manda recado pela rádio! (Juçara, coordenadora da Rádio Cantareira FM).

A percepção de que a juventude pode renovar a cara da rádio a partir de uma programação mais engajada e tecnicamente mais atual surpreende positivamente a direção da Rádio Heliópolis FM, onde a média de idade dos locutores é de quarenta anos, com cerca de dez de atuação nos microfones da emissora. Ou seja, um grupo etário que, naturalmente, oferece resistência a mudanças e certas dificuldades em assimilar as contínuas renovações tecnológicas.

Outro exemplo que está me surpreendendo muito é que a gente achava que jovem não escutava muito rádio, só o programa do Zóio, né [referindo-se ao Mano Zóio, do programa Revolução Rap]. Mas como eu ia dizendo, a gente começou a fazer dois programas, o Fala Jovem e Jovens Alconscientes e isso deu uma reviravolta na nossa cabeça porque tá tendo muita aceitação aqui na comunidade, principalmente na juventude. (Reginaldo, coordenador Geral da Rádio Heliópolis FM)

Teca, diretora da Águia Dourada FM, refere-se a mudanças que precisou fazer na programação da rádio em função de um novo público, mais jovem e com outro perfil, inclusive de gosto musical diferente. Isso exigiu dos programadores e radialistas novas habilidades técnicas na web.

Como a rádio está na internet, acho que mudou sim a programação. O público da internet é mais jovem e o pedido de música é mais jovem. Para conseguir atender esse ouvinte, às vezes é mais difícil. Outro dia ligou pra cá uma mulher de outro estado e pediu uma música, acho que chamava Rosas, cantada por um cantor peruano, se não me engano. E pra eu conseguir essa música? Precisei pesquisar na internet um tempão, baixar, converter, mas ela queria ouvir aquela música porque era a música que marcou o casamento dela. Então, vamos procurar a música, oras. E aí as pessoas te cobram mais porque está na internet. E o que elas cobram? Aconteceu bem no começo, quando eu entrei aqui na rádio, eu recebi email que dizia olha, você tem que tomar cuidado com a programação porque essa rádio tá indo pro mundo todo, ela não é mais uma rádio de bairro, ela é além de uma rádio de bairro, ela já tá uma rádio profissional, é uma coisa que a gente tem que tomar cuidado em algumas coisas. Qualidade, de boas rádios comunitárias que tá no ar, a

gente tá entre elas. Em termos de qualidade, de gravação de spots, de produção, pelo menos a rádio aqui não deixa a desejar nenhuma rádio, não. (Teca, diretora da Rádio Aguiá Dourada FM).

Vale destacar que Luiz Artur Ferrareto (2010, p. 49), ao refletir sobre as formas de uso do rádio no início do século XXI, retoma o conceito da multiplicidade de ofertas proposto por Valério Cruz Brittos, localiza as possibilidades assumidas atualmente pelo veículo, cada vez mais versátil e presente tanto no espaço real quanto no virtual, e cujo ouvinte agora *surfa* entre as várias modalidades e plataformas disponíveis graças às novas tecnologias.

Para o pesquisador, entretanto, há uma distinção a fazer quanto ao uso dos recursos tecnológicos: “fora do rádio comercial, as emissoras educativas e as comunitárias usam as inovações tecnológicas de forma bem mais restrita” (FERRARETO, 2010, p. 45). De fato, em termos de tecnologia, os anos oitenta no Brasil inauguraram certa convivência entre os meios de massa, a telefonia fixa, a tv por assinatura, a telefonia móvel e a internet. Da década seguinte para cá, as experiências radiofônicas passam a englobar a radiodifusão comunitária, webrádios, serviços de podcastings ou músicas por estilo em portais de provedores de internet, configurando-se “um amplo quadro de possibilidades de miscigenação entre o que antes parecia ser definido com base em limites claros e precisos”. (FERRARETO, 2010, p. 39).

A título de curiosidade, lembramos que quando a Rádio Heliópolis foi inaugurada, em 1992, o aparato tecnológico de que dispunham era um transmissor, uma antena, uma mesa de som, um aparelho de CD, uma vitrola, um microfone e várias cornetas espalhadas pela comunidade. Protagonista de uma das grandes experiências brasileiras de comunicação comunitária, apenas em 1997 passou a operar como rádio: ganhou um pequeno estúdio, computador, dois microfones e uma mesinha de som de três canais. Passaram-se doze anos para que surgisse a sua primeira versão na internet.

Tal situação aponta, novamente, para questões de sobrevivência desses pequenos meios, agora a médio prazo. A digitalização em pauta nas rádios comerciais acelerou a necessidade de adaptação, principalmente das emissoras regionais e locais, a esta nova realidade. Foi necessário discutir conteúdos e formatos de programação mais amigáveis aos ouvintes e elaborar estratégias mais sofisticadas de faturamento. A depender de como

as rádios comunitárias se estruturarem para o enfrentamento desta nova etapa do mundo do rádio – do qual agora, formalmente, fazem parte – haverá ou não lugar para todos. Apenas lembrando o professor Cebrián-Herreros (2001, p. 22), “ou o rádio busca a personalização da informação, a interatividade e o autosserviço, ou perderá a capacidade de penetração na nova sociedade”.

3.3.5 Um espaço educador

Na pesquisa, tínhamos especial interesse em saber se as emissoras estariam se reconhecendo enquanto espaço educador. Trata-se de uma questão delicada, pois cada um tem para si um conceito, um modo de entender como se pode fazer educação em uma rádio.

No caso da Águia Dourada, o conceito foi compreendido como transmissão de conhecimento:

Acho que a rádio é um lugar cem por cento de educação. A gente tem que estar educando as pessoas que estão lá fora. As pessoas tem que ter informação. Eu mesma sou locutora do programa Amor eterno amor mas nos intervalos das músicas eu estou falando de pressão alta, do diabetes, da água, dos malefícios do refrigerante, da coca-cola - se coca-cola fosse bom não usava pra desentupir pia! Então assim, a gente passa essas informações. Hoje no meu trabalho recebi um monte de gente com pressão alterada e então falo disso no ar; vamos falar de queimadura de sol, de gente que corta limão e sai no sol e aí vai encher a mãozinha de bolha – tem gente que não sabe, oras, então eu falo. Sabe, eu acho que um dos melhores meios de educação é uma rádio porque que nem as pessoas que confiam na Teca Magalhães, lá fora, elas vão ouvir o programa para saber as informações que eu estou trazendo hoje. Quem confia no Roberto Moraes vai ouvir o programa dele todo sábado às dez da manhã para saber com quem ele vai conversar. A gente já conseguiu fazer um link ao vivo com o Prefeito Haddad dentro do Terminal Guarapiranga aqui uma vez, falando sobre condução; outra quando ele estava inaugurando uma UBS aqui na região também. Outro dia teve um evento no Hospital do M’Boi Mirim e a rádio foi cobrir, então é informativo. Teve cortes de cabelo pra comunidade e a gente foi lá fazer ao vivo. Outro dia fui no CEU Guarapiranga agendar uma consulta de hidroginástica pra minha mãe e vi uns formulários da Secretaria da Saúde sobre castração de animais. Aí pedi para levar e divulgar porque era no colégio aqui do lado, de graça, é uma informação importante pra população, ninguém sabe dessas coisas. (Teca, diretora da Rádio Águia Dourada FM).

Para Maria Rita, diretora da Rádio Everest, o espaço da educação na rádio estaria relacionado diretamente às atividades e disciplinas formais.

A gente procura, na medida do possível, educar, falando mais sobre as coisas, como história, arquitetura, sobre os feriados, meio ambiente, lixo, cidadania. Só não tem mais porque não tenho mais ninguém que me ajude. Temos um projeto de formar estudantes de ensino fundamental e médio a mexer com rádio. Fizemos um acordo com uma escola particular aqui da região e começamos a trabalhar mas os alunos desanimaram. Nosso projeto era ter gente especializada para ensinar esses alunos a pesquisar na internet nos lugares certos. Porque eles começaram a ver a rádio como uma obrigação. Na segunda e terça elas vinham para fazer pesquisa, na quarta para fazer a programação e na quinta para discutir os erros e na sexta para pensar o programa da semana seguinte. Começou a ficar maçante para eles. (Maria Rita, diretora da Rádio Everest FM)

De todo modo, o que está em questão é o que esses comunicadores entendem por Educação.

Paulo Freire, no clássico *Extensão ou Comunicação* (2002, p. 69) diz que *"A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados"*. Disso decorre um aspecto conceitual importante: quando lidamos com comunicação e com educação, nossas práticas nunca são solitárias, são sempre partilhadas.

Nesse sentido, a experiência das comunidades de Heliópolis em atividades educativas são intensas, especialmente as que relacionam educação, direitos e cidadania. A rádio, que é parte dos projetos da União de Núcleos, Associações e Sociedades de Heliópolis e São João Clímaco, acaba refletindo o entendimento que a direção tem das ações de formação que praticam. Inclusive formação de quadros políticos, em âmbito interno.

A rádio educa, com certeza. Quando a gente fala em educar é um processo, né, não é uma coisa de uma hora pra outra e tudo mais. Mas eu conto com uma educação, desde os locutores que estão ali, as pessoas que trabalham diretamente na rádio, como o nosso público, indiretamente, que são os ouvintes. Então, tudo é um processo. Do locutor chegar na rádio e falar, por exemplo, agora, recentemente, a

eleição do Conselho Participativo. É uma coisa nova, a maioria da população nem sabe o que o que é. Passa lá na televisão, passa na mídia, mas não explica a importância que tem. E aí pegamos os locutores pra fazer uma reunião e falar da importância do Conselho Participativo e depois o locutor ir lá repicar para a comunidade também entender a importância disso e tudo mais, a gente está educando também. A gente está educando esse morador, a gente está educando esse locutor pra todo mundo ser cidadão, a exercer a cidadania. E pra isso a gente não tem outros mecanismos, nem mesmo a escola. A escola não vai discutir um tema tão importante como esse, infelizmente. Tem muita coisa que nossos órgãos educacionais não discutem mas na rádio a gente tem essa liberdade de discutir, de debater, de envolver a população e mostrar o papel dela de cidadão de direitos e deveres. Se a rádio conseguir fazer isso – e não é em grande escala – consegue informar e formar. (Reginaldo, coordenador geral da Rádio Heliópolis FM)

Ao destacar o caráter plural de uma rádio que se denomina educativa, o coordenador da Nova Paraisópolis FM propõe algumas reflexões sobre o caráter político da educação e aponta o viés cultural como importante para expressar a identidade de uma comunidade:

A rádio pode ser uma escola porque aqui você pode reunir pessoas de muitas áreas diferentes. A gente não está falando só com o cara que está no microfone, aqui. A gente pode trazer o poder público, criar discussões de políticas públicas, pode fazer muitas coisas. A rádio não precisa ser partidária, mas ela pode ser política. E ela tem um papel diferente até da Associação. A Associação, de certa forma, tem alguns alinhavos, coisa que a gente precisa fazer mas nenhuma amarra a gente. Assim, a gente tem boa relação com o governo federal, com o governador e com o prefeito. Mas, por exemplo, queimou umas casas em Paraisópolis semana passada e a gente brigou com o Prefeito porque aí não quer dizer alinhamento automático. É papel da Associação fazer isso. Então, a rádio é a voz das idéias que circulam na Associação e pode ser um espaço para formar pessoas nas diferentes áreas da comunicação. A gente tem que aproveitar esse espaço. Tem um projeto que a gente entregou no Proac que é a Rádio Cultura de Paraisópolis, que é para as pessoas se formarem em radiojornalismo e praticarem também em sites e outras áreas a partir da observação do que a comunidade está querendo e provocando a discussão sobre esse tema. Você vê, a gente abriu um programa chamado A voz da Comunidade e nele a gente sai perguntando para as pessoas o que ela acha da comunidade. Tem uma fala de uma pessoa lá sobre as escolas. Ela disse o seguinte: que as escolas estão péssimas, que precisa mudar os professores porque eles faltam muito e não sei o quê. Tem uma parte de verdade nisso, mas tem outro lado – os alunos não estão estimulados com a escola, não é o professor que é o culpado. Mas não é porque eu não concordo com ela completamente que eu não publico. Tá lá escrito, o nome dela tá lá, tá gravado. Isso aí deveria ser a sessão de cartas, mas como a gente não recebia cartas, a gente decidiu ir lá na rua e perguntar pras pessoas. Daqui a pouco elas é que vão mandar a opinião delas. Então, a gente tem que fazer com que as pessoas se apropriem mais do

que está acontecendo. É ballet, judô, orquestra, rugby, é muita coisa. Até a gente fazer essa coisa da comunicação andar sozinha, é uma coisa de louco. (Joildo, diretor da Rádio Nova Paraisópolis FM).

A Rádio Cantareira abrigou, no último ano, as atividades do Ponto de Cultura do governo federal e, portanto, privilegiou em sua grade atividades de ordem cultural. Nesse sentido, explica Juçara que educação e cultura perpassaram a programação da emissora.

Vamos pegar o programa “O Brasil Canta”. É um programa que traz para o rádio, aos sábados, os artistas, as pessoas da região. Ele não traz qualquer artista. Eles trazem as pessoas que tem um trabalho que contribui na formação do povo. Isso tem a ver com a educação, isso na área musical. Agora, nós temos também todos os spots que a gente tenta baixar sobre questões do meio ambiente, sobre a coleta coletiva de lixo, dos entulhos, então, também são coisas educativas que fazemos permanentemente. Até nossos bloquinhos que a gente tem de 25 em 25 minutos para executar a programação da rádio, dentro do bloquinho tem isso e o pessoal gosta. Esse é um critério que nós assumimos: para montar uma programação de duas horas, já tem vinte minutos comprometida com os bloquinhos de informação que você tem que largar, E a gente garante com os comunicadores que você tem essas informações que tem que dar, você não vem aqui só para tocar música. Então, basicamente, você tem hoje só um ou dois programas só musicais, que só toca ou oferece música. (Juçara, coordenadora da Rádio Cantareira FM).

Gomes (2007a) refere-se à tendência crescente da valorização local como elemento importante para estimular o compromisso cultural e de transformação que têm as rádios comunitárias na proposta de sua programação, no conteúdo de seus programas e no envolvimento com os assuntos de interesse público. “Elas funcionam como um organizador coletivo e porta-voz dos anseios dos cidadãos da *pólis*.” (GOMES, 2007a, p.80). Por isso, destaca a importância de ações que ajudem a ampliar o repertório informativo e simbólico dos radialistas. Por serem membros da comunidade, estão imbuídos de legitimidade para falar em nome de sua gente e por ela serem ouvidos. Trata-se de mais um movimento de ajudar a florescer o educador que existe em todo comunicador, como sempre defendeu Paulo Freire.

Nesse sentido, é importante ressaltar a experiência recolhida na Rádio Cantareira quanto ao viés educativo embutido no processo de arregimentação de suas equipes. Sabemos que raras são as vezes em que os comunicadores são estimulados a refletir sobre o seu papel educador, da sua emissora e dos conteúdos que elegem para a composição da sua programação. No caso da Cantareira FM, a regra é participar dos cursos de formação:

A gente oferece três cursos aqui: o de locução, o de programas – e aqui entra toda a questão da legislação, das orientações que temos sobre o que pode, o que não pode – e o curso de edição de áudio e mexer com o software que a gente usa aqui. Isso porque quem vem fazer programa com a gente tem que se virar, os próprios comunicadores tem que fazer a sua técnica e fazer o programa ir para o ar. Então, o pessoal tem que aprender. É um pouco sofrido no início, mas depois que aprendeu, fica saboroso. (Juçara, coordenadora da Rádio Cantareira FM)

Juçara Zottis comenta sobre esse processo de formação que eles adotaram para qualificar tanto as equipes quanto a programação.

Bom, a gente sempre teve como princípio que para você ter um programa de rádio você primeiro precisa passar por um processo de formação. Então, geralmente as pessoas que hoje estão na rádio passaram por cursos antes. Aí tem alguns programas que são frutos dos cursos. ‘Brasilândia Encanta’ é um deles. Terminando o curso de produção de programas, o pessoal monta um pilotinho, junta algumas pessoas e apresenta o projeto para fazer um programa de rádio. Então esse é um projeto piloto que deu certo e que está até hoje. [...] Outro é que o pessoal apresenta projeto e leva isso em discussão que a gente tem mensalmente, com todos os comunicadores, apresenta a proposta, fala o que é que a gente vai fazer, e questiona, e sugere também, reconstrói às vezes o projeto, e aí é aprovado, ele faz o piloto, passando aí pelo nosso diretor de operações, que dá uma olhada, vê se está de acordo com a parte técnica, e fica no ar um mês. Todos os comunicadores avaliam e o próprio grupo que propôs também avalia se está dando certo. A gente não aceita nenhum programa que não passe pela avaliação do grupo. (Juçara, coordenadora da Cantareira FM).

Diante do relato de experiências variadas que aproximam, misturam e trançam ações de comunicação com práticas educativas, reforçamos nosso entendimento do rádio como um espaço naturalmente fomentador de diálogos voltados à aprendizagem, vocação que inaugurou suas transmissões no Brasil. Também reconhecemos nos meios de comunicação alavancas facilitadoras de novos modos de conhecer, o que ajuda a completar nossa formação, tal como o fazem a escola e a família, importantes agências de socialização, como aponta Baccega (2011). Nesse sentido, a maioria das rádios comunitárias aqui

estudadas comporta-se como espaço educativo ao dialogar com suas comunidades a partir de valores e referenciais socioculturais que se expressam, sobretudo, em suas programações.

3.3.6 Questões de sustentabilidade

Neste item, consta de nossa cesta de interesses analisar de que forma as emissoras vêm resolvendo a sua sobrevivência, especialmente a financeira. Trataremos também da questão das alianças políticas visando estratégias para a garantia de pontos comuns na luta por sobrevivência no território da cidade. Quanto à esfera tecnológica, esta foi tratada no item 5.4, aos nos referirmos às questões suscitadas na ambiência da internet, no quadro da convergência multimídia de base interativa.

Já ressaltamos nosso entendimento de que as emissoras comunitárias estudadas continuaram marginalizadas e estigmatizadas enquanto veículos de comunicação, mesmo depois de legalizadas. Proibidas de veicular publicidade comercial, apenas estão autorizadas a receber apoio cultural de entidades localizadas na área de cobertura de suas antenas, ou seja, veiculando apenas o nome, o endereço físico e eletrônico e o telefone do patrocinador.

A reclamação é geral: faltam recursos e a regra do apoio cultural não se encaixa na realidade da emissora.

Ninguém quer fazer um anúncio numa rádio onde não pode divulgar o preço dos seus produtos. Então, como é que a rádio vai viver? Tem aluguel. Tem IPTU, tem água, tem luz, tem taxa do Ministério das Comunicações, tem taxa da Anatel, tem telefone, tem internet, tem provedor de internet, tem equipamento que dá problema e tem que manter esse equipamento, tem antena, tem torre que precisa verificar se precisa de ajuste, tem sindicato das rádios, tem contador, tem imposto de renda. Aliás, se é sem fins lucrativos, como é que o governo exige que se declare o imposto de renda? Então, as rádios estão assim. Todo mês tenho que colocar mil reais do meu bolso para fechar as contas. (Osmar, coordenador da Rádio Star Sul FM).

A maior dificuldade é a básica de todas: não poder ter propaganda. É a questão do apoio cultural, não poder passar

aquilo que o cliente quer falar. (Juçara, coordenadora da Rádio Cantareira FM).

Eu não tenho apoio cultural, aqui na região ninguém faz, como é que eu vou sobreviver? Na prática, a teoria não cabe, a lei não encaixa. Eu preciso vender espaço na programação. (Maria Rita, diretora da Rádio Everest FM).

A gente não pode cobrar comerciais. Os apoios culturais que temos do comércio da região, a gente não pode falar que eles aceitam cartão de crédito. Não podemos falar que eles têm os melhores preços da região, nada disso pode ser falado no ar. É muito limitado. (Teca, diretora da Rádio Águia Dourada FM)

A gente só consegue se manter por causa da Unas e dos outros projetos daqui que dão suporte para a rádio. Quando saiu essa norma que definiu o que é um apoio cultural, aí complicou muito. Complicou porque antigamente tinha uma brecha na lei. Aí você chega no mercadinho e diz olha, você não pode falar da sua promoção que está tendo aqui, você não pode falar do seu produto. Tá, mas eu posso falar o quê? Pode falar que esse programa tem o apoio do mercado e fala o nome do mercado. Ah, não, mas então eu prefiro anunciar no carro de som, no jornalzinho da Unas. Então, com isso a gente perdeu muito apoio. (Reginaldo, coordenador geral da Rádio Heliópolis FM)

Alguns coordenadores até sugerem alternativas, como Joilson, da Nova Paraisópolis, para quem o ideal seria o apoio formal de concessionárias públicas para ao menos criar as condições mínimas e iniciais de sobrevivência. O risco, na opinião de Joildo, é o da emissora se descaracterizar por falta de recursos.

A legislação existe só pra atravancar, travar mais ainda. Talvez, se não mudar a legislação, daqui a alguns anos, essas rádios que estão aí vão se transformar em comerciais mesmo. Muda o estatuto, mexe nos termos, e o cara fica a via inteira o dono da rádio. [...] Poucas pessoas conseguem trazer apoios culturais pra rádio porque não obrigamos o cara a pagar um horário pra estar lá. Não, não tem isso aqui na nossa rádio, não. Tem vários relatos que acontece isso hoje em dia em outras rádios, onde o pessoal encara a rádio como uma rádio comercial - é o seguinte, só entra se pagar - é igreja, é um monte de coisa. [...] Porque o que acontece, o problema principal é esse - dinheiro. Aqui, sempre a rádio dependeu da entidade. A gente quer depender? Quer que continue uma relação unida, mas o objetivo que a gente quer é que a rádio ande com as suas próprias pernas. Quer fazer um show? Então tá bom, faça um show, mas não vai atrapalhar o pagamento do salário da atendente da associação. Então, hoje em dia a gente tá com essa discussão. (Joildo, coordenador da Rádio Nova Paraisópolis FM)

Mesmo legalmente registradas como pessoa jurídica, as associações mantenedoras cultivam hábitos típicos da economia informal: a maior parte funciona à base de trabalho voluntário ou troca de serviços, atua como interlocutora da população junto às forças políticas locais e poucas estão habilitadas a emitir nota fiscal, o que dificulta enormemente a contratação de qualquer tipo de anúncio ou apoio fruto de campanha conduzida por agências de publicidade, por exemplo. Outra questão importante e limitadora é que as grandes agências ainda não valorizam sua relação com as chamadas “mídias alternativas” por ainda não terem desenvolvido um método para aferir resultados ou comprovar audiência compatível às características especiais desses meios.

É evidente que ainda restam muitas discussões a respeito de como atacar esse ponto nevrálgico que compromete, no curto prazo, a existência das emissoras de baixa potência. O que pudemos perceber é que cada emissora tem encontrado a sua própria solução e está, de algum jeito, pagando um preço por isso.

Referimo-nos, por fim, à esfera das alianças. Lembramos a importante luta de apoiadores do movimento de radiodifusão comunitária em São Paulo – que ficou conhecido como *Cadê Canal para Capital?* – que durante quase uma década articulou e mobilizou forças políticas distintas e conseguiu aprovar o Projeto de Lei nº 145/01, que se converteu na Lei nº 14.013, de 23 de junho de 2005, sancionado pelo então prefeito José Serra e que dispunha sobre a exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária no Município de São Paulo. (DIAS, 2005; GOMES DA SILVA, 2005). Em seu artigo oitavo, referia-se à possibilidade de a emissora admitir patrocínio ou publicidade para sua própria manutenção.

Art. 8º As prestadoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária poderão admitir patrocínio, sob a forma de apoio cultural ou inserção publicitária para os programas transmitidos, priorizando os estabelecimentos situados na área da comunidade atendida.

Parágrafo único. Os recursos advindos de patrocínios deverão ser, obrigatoriamente, revertidos para a própria emissora, para o seu funcionamento, manutenção e aperfeiçoamento, conforme os seus objetivos, e serão administrados pela entidade responsável. (LEI 14.013/2005).

Em resumo, a lei não foi implementada: a ABERT entrou com uma ação direta de inconstitucionalidade e os procuradores da Prefeitura perderam o prazo regulamentar para defesa. Resta dizer que a experiência foi importante na consolidação do movimento na capital porque dava coerência e consequência ao artigo 266 do Plano Diretor Estratégico da cidade, de 2003. Dele fazia parte a exigência de que a Prefeitura implementasse um plano diretor de radiodifusão comunitária, contemplando inclusive as questões de sustentabilidade das emissoras.

O fato é que ainda no primeiro semestre em 2014 entrará em vigor na cidade um novo Plano Diretor Estratégico por mais dez anos. Há clima favorável no Legislativo Municipal para que essa discussão seja retomada. Entretanto, caberá às rádios e seus representantes, mais uma vez, retomar as alianças e o protagonismo dessa mobilização.

CONCLUSÃO

CAMINHOS DA RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA NA CIDADE DE SÃO PAULO

por mais que diga
e porque disse
sempre restará
no dito o mundo
o por dizer
já que não é da linguagem
dizer tudo

Ferreira Gullar

Nosso objetivo, nesta pesquisa, foi recuperar e contextualizar os caminhos da radiodifusão comunitária na cidade de São Paulo tendo como foco uma amostra de seis emissoras do município que, entre os anos de 2010 e 2011, obtiveram suas autorizações de funcionamento expedidas pelo Ministério das Comunicações e ratificadas pelo Congresso Nacional. São elas: Rádio Águia Dourada FM, do Jardim Ângela; Rádio Cantareira FM, na Brasilândia; Rádio Everest FM, na Vila Prudente; Rádio Heliópolis FM, em Sacomã; Nova Paraisópolis FM, na Vila Andrade, e Rádio Star Sul FM, na Vila Santa Catarina.

Para subsidiar a investigação, três técnicas de coletas de dados foram utilizadas: pesquisa documental, visitas *in loco* e entrevistas em profundidade. A *pesquisa documental* compreendeu levantamento histórico das associações mantenedoras, informações sobre a criação das rádios e dados sobre os bairros onde estão instaladas - o que de imediato estabeleceu a relação de importância mútua entre veículo e comunidade local, delimitando os laços da emissora com a comunidade e, ao mesmo tempo, apresentando sua face local ao mundo global. As *visitas in loco* possibilitaram registros fotográficos das instalações das emissoras e do entorno, o acompanhamento de pelo menos uma de suas equipes durante a programação e o funcionamento do dia a dia das rádios. As *entrevistas em profundidade* com os coordenadores das seis emissoras, aqui nossas testemunhas, possibilitaram localizar os procedimentos adotados para definir e organizar a programação das rádios, identificar como se relacionam com o ouvinte e verificar como estão

resolvendo a questão da sustentabilidade financeira. Outro dado importante da pesquisa, viabilizado pelas entrevistas, foi a reflexão provocada sobre o quanto cada rádio destina à Educação, aqui compreendida como um processo educativo informal.

Configuramos um sistema de hipóteses baseado na percepção de que a grande maioria das emissoras de baixa potência em operação na cidade de São Paulo havia perdido o fôlego que as animava em função das restrições formais que comprometiam sua sobrevivência, basicamente impostas pela lei da radiodifusão comunitária, de 1998. Verificamos que as sérias dificuldades que vêm enfrentando, nesta fase, dizem respeito à sustentação financeira pelo fato de só poderem receber apoios culturais, além de ressentirem-se de não estarem incluídas nas campanhas publicitárias oficiais dos governos, em âmbito federal, estadual e municipal - compromisso assumido por vários dirigentes de diversas gestões e que ainda não se realizou. Percebemos também que, depois de legalizadas, cada emissora está tentando forjar uma nova identidade, ainda em construção.

Orientador do desenho e da estratégia da pesquisa, nosso conjunto de hipóteses nos guiou pelas grades de programação aferidas e nos relatos dos radialistas entrevistados a fim de analisar três aspectos dessa programação, e com isso cumprir-se enquanto ligação entre teoria e prática. Foram eles: (1) como os conteúdos são definidos, organizados e por que se optou por esta programação; (2) tipo de interlocução que a emissora mantém com os seus ouvintes e forma com que isso é avaliado, na prática, e (3) como a emissora expressa o seu compromisso com os rumos da comunidade.

Em termos gerais, constatamos que as rádios comunitárias que operam na cidade de São Paulo e aqui pesquisadas transitam em universos absolutamente particulares e únicos, com gênese, trajetória, vínculos políticos históricos com a cidade e o bairro e, acima de tudo, forjaram-se a partir de condições e oportunidades diferentes e particulares, o que por si só já é um forte elemento distintivo de suas naturezas. Disso decorre que ficam enfraquecidas e frágeis as tentativas de classificação corporativas ou acadêmicas acerca dessas emissoras pois, ao contrário de revelar como operam no cotidiano, cobrem de certezas universos ainda em construção.

Tal assertiva não implica, evidentemente, na impossibilidade de detectar e categorizar experiências comuns – o que, aliás, acabou gerando grande parte das análises e reflexões

deste estudo. O que encontramos foram rádios lutando contra inúmeras dificuldades e também contra deficiências típicas de movimentos populares para sobreviver financeira, técnica e politicamente. Todas querem se desenvolver e se firmar como referência cultural e política para a população local, ultrapassando a barreira do isolamento social.

Em síntese, nosso empenho nesta pesquisa foi tentar responder de que forma os responsáveis pela condução dessas rádios estariam respondendo ao desafio concreto de organizar a programação da emissora do bairro e de mantê-la no ar, conferindo-lhe identidade própria. Após um longo trajeto investigativo, apresentamos abaixo os resultados.

Entendemos que para definir e construir as suas grades de programação, as rádios comunitárias pesquisadas recorreram a experiências já testadas pelo mercado radiofônico comercial. Em geral, o apelo popular tem lugar certo e garantido. O acervo musical utilizado é tão variado quanto as próprias emissoras: sertanejo contemporâneo, romântico, samba, sertanejo raiz, forró, forró universitário, “coisas do momento”. Uma delas dedicasse, sobretudo, a músicas dos anos 50 e 60, especialmente a canção brasileira, mas sem deixar de lado o sertanejo, o samba e a música devocional. Há casos em que a sobrevivência implicou em locação de horário na programação. A maioria das emissoras é coordenada por três dirigentes, que se dividem nas atividades diárias de gestão. Neste caso, recebem e avaliam as demandas de programação, propostas de programas e prospecção dos apoios culturais.

Quando indagados sobre o tipo de ouvinte que querem conquistar ou manter, a maioria dos coordenadores das rádios nos descreveu um modelo de audiência exemplar: querem ter ouvintes que interagem com a programação, que estejam envolvidos com as lutas por melhoria e justiça social e que potencializem o debate sobre a comunicação popular alternativa. Os ouvintes bons são os que participam e divulgam os trabalhos da rádio na região. Mas todos são considerados importantes no processo de articulação e desenvolvimento de uma sociedade com igualdade de direitos e oportunidades. Há rádios que não tem preferência de ouvintes, pois quanto mais pessoas estiverem sintonizadas, melhor. Aliás, em geral os ouvintes falam, participam da programação, oferecem músicas para os amigos, familiares e pessoas da comunidade. Em algumas emissoras, os ouvintes

têm um canal de participação e interação constantes. Em outras, eles participam da programação passando informações e fazendo críticas para a melhoria da grade.

Também foi possível apreender, neste trajeto variado, que a elaboração de métodos de aferição de audiência para as rádios comunitárias são demandas importantes pois, na medida em que o uso de tais recursos podem ser passaportes que as habilitariam a viver no território formal da comunicação, também ajudariam a viabilizar a sua sobrevivência. Isso nos permitiu uma síntese, ao menos aproximativa, dos diversos jeitos e formas de medição. Para uma das rádios, o retorno de quem e quantos são os ouvintes vem da experiência de andar pela comunidade; para outra, o que conta mesmo são as ligações de ouvintes e os acessos na web por minuto. Em duas delas, a questão da audiência está em pleno processo de discussão. Em outra ainda há um caderno com nomes de ouvintes que fazem contato com a rádio com certa regularidade. Entretanto, todos são unânimes em reconhecer: falta-lhes um método. Nesse sentido, entendemos que esses possíveis novos recursos de medição de audiência podem ajudar a viabilizar a sobrevivência não apenas das rádios comunitárias, mas dos veículos produzidos sob a égide da comunicação comunitária, ao menos no que tange à venda dos apoios culturais via agências de publicidade.

Vimos também que a entrada das rádios no mundo da internet ocorreu em tempos distintos e de diferentes formas. Em um dos casos, além de garantir a preservação da marca local, suscitaria outras questões, como proteger a imagem do grupo, legitimar um discurso “para o outro” e enfrentar as dificuldades técnicas. Em outro caso, a internet significou também a possibilidade de se libertar das amarras impostas na lei da radiodifusão comunitária e atuar, legitimamente, em mais uma brecha do sistema para garantir a sobrevivência. Em outros dois casos, a tecnologia renovou a programação e a audiência e exigiu dos programadores e radialistas novas habilidades técnicas na web. Tal situação apontou, novamente, para questões de sobrevivência desses pequenos meios se considerarmos a digitalização do FM como o mais novo desafio a ser enfrentado, a médio prazo, inclusive em termos de concorrência com as emissoras comerciais locais e regionais.

Quanto aos laços estabelecidos com a comunidade, reiteramos que nosso objetivo aqui não foi classificar ou julgar a legitimidade das rádios, e sim revelar como estão operando no mundo real. Neste caso, a compreensão de como a emissora expressa o seu compromisso com os rumos da comunidade referiu-se, sobretudo, ao tipo de cobertura que faz da vida

do bairro. Pudemos perceber que todas as emissoras, sem exceção, e cada uma do seu jeito, falam do bairro e refletem o cotidiano local em suas programações. Da mesma forma, todas fazem a sua auto-crítica de que precisam melhorar a qualidade desse acompanhamento, mas entendem que cumprem o papel que lhes coube ocupar na programação da emissora.

Expressamos novamente o nosso entendimento de que as emissoras comunitárias estudadas continuaram marginalizadas e estigmatizadas enquanto veículos de comunicação, mesmo após tornarem-se legalizadas. Proibidas de veicular publicidade comercial, apenas estão autorizadas a receber apoio cultural de entidades localizadas na área de cobertura de suas antenas. Nesse sentido, a reclamação é geral: a regra do apoio cultural não se encaixa na realidade da emissora. Percebemos ainda que, mesmo legalmente registradas como pessoa jurídica, as associações mantenedoras das rádios cultivam hábitos típicos da economia informal: a maior parte funciona à base de trabalho voluntário ou troca de serviços e assume o papel de interlocutora da população junto às forças políticas locais. Poucas estão habilitadas a emitir nota fiscal de serviços, o que dificulta enormemente a contratação de qualquer tipo de anúncio ou apoio fruto de campanha conduzida por agências de publicidade, por exemplo. Outra questão importante e limitadora é que as grandes agências ainda não valorizam o trabalho com as chamadas “mídias alternativas” - e aqui se incluem as rádios comunitárias - por ainda não terem desenvolvido um método de aferição de resultados ou comprovação de audiência compatível às características especiais desses meios, diferentes dos demais, especialmente dos de grande porte. Nesse sentido, ainda restam muitas discussões a respeito de como atacar esse ponto nevrálgico que compromete, no curto prazo, a existência das emissoras de baixa potência. Notamos que cada emissora tem encontrado a sua própria solução de sobrevivência e está, de algum jeito, pagando um preço por isso.

Sobre como estão se consolidando também enquanto espaço educativo, a pesquisa mostrou que esse reconhecimento é bem diverso. O conceito foi compreendido como transmissão de conhecimento, prática de atividades disciplinares formais em estúdio, mas também espaço de formação cultural e política – tanto para a audiência quanto para as próprias equipes.

Diante do relato de experiências variadas que aproximam, misturam e trançam ações de comunicação com práticas educativas, reforçamos nosso entendimento dos meios de comunicação como alavancas facilitadoras de novos modos de conhecer, o que ajuda a completar nossa formação - tal como o fazem, secularmente, a escola e a família, agentes de socialização – e do rádio como um espaço naturalmente fomentador de diálogos voltados à aprendizagem, vocação que inaugurou suas transmissões no Brasil.

Por fim, constatamos que desse mergulho investigativo muitas facetas do rádio comunitário real, que segue operando em território paulistano, vieram à tona. Mas questões importantes - e sérias – ainda permanecem sem respostas, dentre elas a perspectiva futura dessas pequenas e corajosas emissoras. Se hoje elas exprimem resistências e lutas que recolocam no seu lugar as identidades solapadas e as cidadanias mutiladas pelos grandes meios, quais caminhos mais conseguirão percorrer para continuar ocupando o espaço a que têm direito no *dial*?

“Precisamos dar notícias do nosso tempo”, nos desafia Alfredo Bosi ao dirigir-se poética e metaforicamente aos arqueólogos do futuro, aqueles que deverão estudar os ecos do nosso mundo, as façanhas do nosso tempo. (BOSI, 2013, p. 396-399). Se um pedaço do espírito de nossa época foi aqui abordado, que muitos outros momentos da radiodifusão comunitária também o sejam em pesquisas vindouras, tensionadas pela importância do pleno acesso do povo a meios próprios de comunicação, sem os quais ninguém será, de fato, livre, autônomo e sobretudo, cidadão por inteiro. Que o fenômeno das rádios comunitárias continue fazendo história e nos abastecendo delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, Liara. **O rádio educativo no Brasil: de Roquette-Pinto a Luis Inácio Lula da Silva**. Artigo apresentado no II Encontro da Rede Alçar – GT História da Mídia Educativa. Florianópolis, SC, 15 a 17 de abril de 2004. Disponível em << <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/2o-encontro-2004-1/O%20Radio%20Educativo%20no%20Brasil.doc>>> Acesso em: 6 mar. 2013.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In CITELLI, Adilson e COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BARTLETT, Frederic. **Remembering**. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.

BERG, Creuza de Oliveira. **Mecanismos do silêncio: expressões artísticas e censura no regime militar** (1964-1984). São Carlos: EDUFSCAR, 2002.

BERGSON, Henri. **Matière et mémoire**, in Henri Bergson, **Oeuvres**. Paris, PUF, 1959.

BLOIS, Marlene. **Rádio educativo no Brasil: uma história em construção**. Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Sonora da Intercom durante o XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte (MG), setembro de 2003. Disponível em << http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP06_blois.pdf >>. Acesso em 10 mai. 2013.

BOLLE, Willi. “A idéia de formação na modernidade”. In: GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo (org). **Infância, Escola e Modernidade**. São Paulo: Cortêz; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997, p.9-32.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 4ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Ao arqueólogo do futuro. In: Bosi, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 396-399.

BOSI, Ecléa. A opinião e o estereótipo. In **Contexto** (2): 97-104. São Paulo: Hucitec, 1977.

_____. **O tempo vivo da memória**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

_____. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 14ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e **comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 15-30.

ESPOSITO, Roberto. Nihilismo e Comunidade. In: PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 15-30.

CABRAL, Adilson Vaz e CABRAL, Eula Dantas Taveira. A digitalização como repressão tecnológica: o impasse das rádios comunitárias. In: MAGNONI, Dino e CARVALHO, Juliano Maurício (orgs.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

CEBRIÁN-HERREROS, Mariano. **La radio em la convergencia multimedia**. Barcelona: Gedisa, 2001.

CITELLI, Adilson Odair e COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CITELLI, Adilson Odair. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Comunicação e Educação – a linguagem em movimento**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

_____. Comunicação e educação: convergências educacionais. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, vol.7, n. 19, 2010. - p. 67-85. Disponível em: <<<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/286>>>. Acesso em: 13 mar. 2011.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Censura em cena: teatro e censura no Brasil: Arquivo Miroel Silveira**. São Paulo: Edusp; Fapesp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

CUNHA, Rodrigo. Rádios Universitárias: potencial a ser explorado para divulgação da ciência. *Cienc. Cult.* [online]. 2010, vol.62, n.1, pp. 12-13. ISSN 0009-6725.

DEL ROIO, Marcos. Gramsci e a educação do educador. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 26, n. 70, dez. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622006000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 abr. 2012.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da Comunicação: rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERRARETTO, Luiz Artur. Roquette-Pinto e o ensino pelo rádio. In: MEDITSCH, Eduardo e ZUCULOTO, Valci. **Teorias do Rádio – textos e contextos**. Florianópolis: Insular, Vol.II, 2008.

_____. O rádio e as formas do seu uso no início do século XXI: uma abordagem histórica. In: In: MAGNONI, Dino e CARVALHO, Juliano Maurício (orgs.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

FERRARETTO, Luiz Artur. (Org.). **E o rádio? Novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2010. Vol. 1.

FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FREINET, Célestin, **A Leitura pela Imprensa na Escola**. Lisboa, Dinalivros, 1977.

_____. **Para uma Escola do Povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2001, 42ª ed.

_____. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002, 12ª ed.

_____. **Educação e Atualidade Brasileira**. São Paulo: Cortez/IPF, 2003, 3ª ed.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação das políticas públicas na Educação**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, 2006.

GOMES, Ana Luisa Zaniboni e GOMES, Sergio. **Tecendo redes no Brasil Rural**: a comunicação como ferramenta de desenvolvimento local. Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural - Nead / Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável / Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2003. 72 p. (Debates e Ação – Vol. 3).

_____. **Redes Temáticas de Rádio**: a parceria e a cooperação como ferramenta de gestão. 2001. 165 f. Monografia (Especialização) - Curso de Gestão de Processos Comunicacionais, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Escutar e ouvir. In **Revista Cultura e Pensamento**. Brasília, Ministério da Cultura, nº 01, pp. 76-81, maio/junho 2007a.

_____. **Formação de radialistas na era da inclusão discursiva**: uma reflexão sobre a condição comunicativo-educativa do rádio no campo das políticas públicas. 2006. 189f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007b.

_____. **Na boca do rádio: o radialista e as políticas públicas**. São Paulo: Hucitec/OBORE, 2007c.

_____. **Gritos parados no ar: uma reflexão sobre processos de interdição em rádios comunitárias**. Trabalho apresentado no X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação - GP Rádio e Mídia Sonora, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em setembro de 2010, em Caxias do Sul, RS. Disponível em <<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0201-1.pdf>>>. Acesso em: 02 jan. 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991, 8ª ed.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris, PUF, 1956.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KAPLÚN, Mário. **El comunicador popular**. Quito: CIESPAL, 1985.

_____. **A la educación por la comunicación**. Chile: UNESCO, 1992

_____. Processos educativos e canais de comunicação. In: **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

LEVI, Carlo. **Il futuro ha un cuore antico**. Turim: Einaudi, 1956.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2001, 5ª ed.

_____. Pesquisas de recepção e educação para os meios. In: CITELLI, Adilson Odair e COSTA, Maria Cristina (org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes (org.). **Produção de sentido: estudos transdisciplinares**. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001, 2ª ed.

_____. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adilson Odair e COSTA, Maria Cristina (org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MARX, Karl, e ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1983.

MOCELLIM, Alan Delazeri. A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, pp.105-125, 2011. Disponível em << http://www.fflch.usp.br/ds/plural/edicoes/17_2/v17n2_05.pdf >>. Acesso em: 04 jan. 2014, às 18h27min.

MOREIRA, Sonia Virginia. **O Rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

_____. **Roquette-Pinto, empreendedor da mídia educativa**. Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, evento componente do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em setembro de 2002, em Salvador, BA. Disponível em << <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1962a8c3a844d03484ff31d50b06bede.pdf> >> Acesso em: 6 abr. 2013.

_____. **A porção carioca do rádio brasileiro**. REVISTA USP, São Paulo, n.56, p. 42-47, dezembro/fevereiro 2002-2003. Disponível em: << <http://www.usp.br/revistausp/56/07-sonia.pdf> >> Acesso em: 15 abr. 2013.

NISBET, R. A. **The question of community**. Nova York: Oxford Univ. Press, 1953.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio no Movimento dos Sentidos**. Campinas, Unicamp, 1997.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **La investigación en Comunicación desde la Perspectiva Cualitativa**. La Plata: Un. Nacional de la Plata, 1997.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

PAIVA, Raquel. Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: PAIVA, Raquel. (org). **O retorno da comunidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PERUZZO, Cicília M. Krohling, VOLPATO, Marcelo de Oliveira. **Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferenças**. II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação. São Paulo, 01 a 03 de abril de 2009a. Disponível em << <http://www.espm.br/ConhecaAESPM/Mestrado/Documents/COLOQUIO%20BXM/S1/cecilia%20krohling%20e%20marcelo%20volpato.pdf>. >>. Acesso em: 04 jan. 2014, às 17h33min.

PERUZZO, Cílicia Maria Krohling. O rádio educativo e a cibercultur@ nos processos de mobilização comunitária. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 18, nº 3, p.933-958, set/dez 2011.

_____. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009b.

_____. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Revista do Pensamento Comunicacional Latino-Americano – PCLA**. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO de Comunicação da UMESP/ALAIC, vl. 4, n. 1, out./nov./dez. 2002. Disponível em << <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm>>>. Acesso em: 06 jan. 2014, às 20h50.

_____. Rádios comunitárias: Educomunicação e Desenvolvimento. In: PAIVA, Raquel. (org). **O retorno da comunidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. Rádios comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão. In: MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (org). **Mídia Cidadã, utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

_____. **Comunicação nos movimentos populares – a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PLEKHÂNOV, G.V. **Os Princípios Fundamentais do Marxismo**. Trad: Sonia Rangel. São Paulo:Hucitec,1978.

PRADO PIMENTEL, Fábio. **O rádio educativo no Brasil , uma visão histórica**. Rio de Janeiro: Soarmec Editora, 2004.

PALÁCIOS, Marcos. O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos. In: RUBIM, A. A. (org.). **Idade mídia**. Salvador: UFBA, 2001.

PARSON, Talcott. Las estructuras principales de La comunidad: un punto de vista Raquel (org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 31-62.

RECUERO, Raquel. **Comunidade virtuais**: uma abordagem teórica. Trabalho apresentado no V Seminário Internacional de Comunicação, PUC/RS, 2003. Disponível em: << <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf>>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

RIBEIRO, Adriana Gomes. **“Ensinar para educar; educar para servir à Pátria”**: a Rádio-Escola Municipal do Rio de Janeiro (PRD5), motivações, influências e técnicas de comunicação. Trabalho apresentado ao VII Encontro Nacional de História da Mídia – Rede Alcar – Fortaleza, CE, agosto de 2009. Disponível em: << <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/Ensinar%20para%20educar> >>. Acesso em: 6 abr. 2013.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. **O Rádio Educativo no Brasil: uma reflexão sobre suas possibilidades e desafios**. Trabalho apresentado ao NP Comunicação Educativa do VI Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão Comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. In **Revista Comunicação & Educação**, ano VIII, jan-abril 2002a, p. 16-25.

_____. Metodologias da Educação para a Comunicação e a Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In BACCEGA, M. A. **Gestão de Processos Comunicacionais**. SP, Atlas, 2002b, p. 113-132.

_____. **Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Educomunicação: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina. In: LIMA, João Cláudio Garcia R; MELO, José Marques de. (org.). **Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2012/2013**. Vol. 4 - Memórias. Brasília: Ipea, 2013, p. 169 – 202. Disponível em: << http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_panoramadacomunicacao2012_2013_vol04.pdf >>. Acesso em: 30 set. 2013, às 20h35.

SODRÉ, Muniz. Prefácio. In: PAIVA, Raquel. (org.). **O retorno da comunidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

STERN, William. **Psicologia general**. Buenos Aires: Paidós, 1957.

TARIZZO, Davide. Filósofos em comunidade. Nancy, Espósito, Agamben. In: PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 31-62.

VATTIMO, Gianni. O belo como experiência comunitária. In: In: PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 63-68.
TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade. In: Miranda, Orlando de. **Para ler Ferdinand Tönnies**. 1. ed. São Paulo: EdUSP, 1995. p. 231-352.

VILA-NOVA, Daniel Augusto. **Rádios comunitárias, serviços públicos e cidadania: uma nova ótica constitucional para a crise dos sistemas de telecomunicações no Brasil**. São Paulo, LTr, 2009.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de Sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. **Rev. USP**, São Paulo, n. 66, ago. 2005. Disponível em << http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892005000300025&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

Bibliografia documental

11 MILHÕES em favelas. **Folha de S. Paulo**, edição de 26 de dezembro de 2011. Caderno Opinião, p. A2 – Editoriais. Disponível em << <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/16879-11-milhoes-em-favelas.shtml> >>. Acesso em: 26 dez. 2011, às 10h30.

AGORA é Lei!. **OBORÉ**. Disponível em << <http://www.obore.com.br/aconteceIntegra.asp?cd=738> >> Acesso em: 18 dez. 2013, às 22h46.

BRANCATELLI, Rodrigo. Por que SP ainda tem 2.627 favelas? **O Estado de S. Paulo**, edição de 28 de novembro de 2011. Caderno Cidades / Metrópole, página C8. Disponível em << <http://www.estadao.com.br/especiais/por-que-sp-ainda-tem-2627-favelas,153696.htm> >>. Acesso em: 28 dez. 2011, às 19h09.

BRASIL. Ministério das Comunicações. **Caderno da 1ª Conferência Nacional de Comunicação**. Disponível em << http://www.secom.gov.br/sobre-a-secom/publicacoes/confecom/confecom-14_10_2010.pdf >>. Acesso em: 31 jan. 2012, às 00h05.

BRASIL. Ministério das Comunicações. **Resumo das Realizações. Relatório de Atividades Exercício 2004/2005**. Disponível em:<< http://www.mc.gov.br/resumo_realizacoes/relatorio_.pdf>>. Acessos em: 13 abr. 2006 e 16 nov. 2011, às 22h35.

DIAS, Lia Ribeiro. Nova lei reacende o debate. **A Rede**, ano 1, nº4, p.44-46, jul.2005.

DOSSIÊ Radiodifusão comunitária. **OBORÉ**. Disponível em << http://www.obore.com.br/cms-conteudo/104_radiocomunitaria.asp >> Acesso em: 18 dez. 2013, às 23h22.

FOLHA DE S. PAULO. **DNA Paulistano - a mais abrangente pesquisa de opinião sobre a relação dos paulistanos com a sua cidade**. São Paulo: Publifolha, 2012.

GÓIS, Antonio e MENCHEN, Denise. País tem 11 milhões de pessoas em favelas. **Folha de S. Paulo**, edição de 22 de dezembro de 2011. Caderno Cotidiano, p. C6. Disponível em << <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/16340-pais-tem-11-milhoes-de-pessoas-em-favelas.shtml> >>. Acesso em 22 dez. 2011, às 8h15.

GOMES, Ana Luisa Zaniboni e BRUNO, Terlânia Maria Teixeira. Pelo Direito de Nascer – I. Artigo retrospectivo sobre o movimento da radiodifusão comunitária na cidade de São Paulo, parte integrante do documento Dossiê Radiodifusão Comunitária. **OBORÉ**. Disponível em << <http://www.obore.com.br/utilitarios/editor2.0/UserFiles/File/PELO%20DIREITO%20DE%20NAS CER%20I.pdf> >>. Acesso em: 12 nov. 2013.

GOMES DA SILVA, Sergio. Carta aberta à mídia. **A Rede**, ano 1, nº4, Opinião, p.50, jul.2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Aglomerados Subnormais no Censo 2010**. Documento completo disponível em: << <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000006923512112011355415675088.pdf> >>. Acesso em 26 dez. 2012. 19h25.

LEAL, Luciana Nunes e WERNECK, Felipe. . Ocupações têm indicadores melhores que área rural. **O Estado de S. Paulo**, edição de 22 de dezembro de 2011. Caderno Metrópole, página C4. Disponível em << <http://estadao.br.msn.com/ultimas-noticias/ocupa%c3%a7%c3%b5es-t%c3%aam-indicadores-melhores-que-%c3%a1rea-rural> >>. Acesso em 28 dez 2011, às 18h12.

MARIANO, Ricardo. **Em marcha, a transformação demográfica religiosa do país**. Folha de S. Paulo, 30 jun.2012, p. A16.

RÁDIO Cantareira – um sonho que se tornou realidade. **Pastoral da Comunicação da Brasilândia**. Disponível em << <http://braspascom.blogspot.com.br/2010/07/radio-cantareira-um-sonho-que-se-tornou.html> >>. Acesso em: 05 jun. 2013, às 12h30.

RÁDIO Heliópolis volta ao ar com autorização da Anatel. **Observatório do Direito à Comunicação**. Disponível em << http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=1094 >> Acesso em: 06 dez. 2013, às 18h42.

RÁDIOS comunitárias na cidade de São Paulo: um balanço do processo de legalização. **Observatório do Direito à Comunicação**. Disponível em << http://www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=559&Itemid=99999999 >>. Acesso em: 06 jan. 2014, às 16h50.

REVISTA A Rede. **OBORÉ**. Disponível em << <http://www.obore.com.br/aconteceIntegra.asp?cd=760> >> Acesso em: 18 dez. 2013, às 23h02.

SÃO PAULO. Câmara Municipal de São Paulo. Presidência. Vereador Police Neto. **Bairro Vivo**. Disponível em <http://www.policeneto.com.br/bairro-vivo/> >>. Acesso em: 07 jun 2013, às 16h.

SÃO PAULO. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Educação. **Pesquisa de escolas**. Disponível em <<<http://escola.edunet.sp.gov.br/> >>. Acesso em: 07 jun. 2013, às 16h58.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal de São Paulo. Infocidade. **Domicílios segundo Número de Moradores. Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais.** Disponível em << http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_domicilios_segundo_numero_de_moradores_2010_459.html>>. Acesso em: 07 jun. 2013, às 16h40.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal de São Paulo. Infocidade. **População Recenseada e Taxas de Crescimento. Município de São Paulo, Regiões e Distritos Municipais.** Disponível em << http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseada_e_taxas_de_crescime_1980_702.html>>. Acesso em: 07 jun. 2013, às 16h40.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal de São Paulo. Infocidade. **Distribuição das Favelas. Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais.** Disponível em << http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/9_distribuicao_das_favelas_2008_516.html>>. Acesso em: 07 jun 2013, às 16h50.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal de São Paulo. Infocidade. **População Total e Analfabeta de 15 Anos e Mais e Taxa de Analfabetismo. Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais.** Disponível em << http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/8_populacao_total_e_analfabeta_de_15_anos_2000_1_0517.html>>. Acesso em: 07 jun. 2013, às 16h55.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria Municipal das Subprefeituras. **Dados demográficos dos Distritos pertencentes às Subprefeituras.** Disponível em << http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758>>. Acesso em: 07 jun. 2013, às 16h02.

TOLEDO, José Roberto de. Estudo indispensável para qualquer candidato em 2012. **O Estado de S. Paulo**, edição de 22 de dezembro de 2011. Caderno Metrópole, página C4. Disponível em << <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso.estudo-indispensavel-para-qualquer-candidato-em-2012-,814056,0.htm>>>. Acesso em: 28 dez. 2011, às 18h20.

Sites

<http://radiomaisfm.com>
www.radiocantareira.org
www.radioagapefm.com.br
www.radiourbanos.com
www.radioshow.com.br
www.starsulfm.com.br
www.ideiafm.com.br
www.aguiadouradafm.com.br
www.heliopolisfm.com.br
www.everestfm.com.br
www.radionovaparisopolis.org

ANEXOS

- ANEXO 1 Roteiro de entrevista | Pré-teste
- ANEXO 2 Roteiro de entrevista | Entrevista semi estruturada com coordenadores de seis rádios comunitárias de SP
- ANEXO 3 Formulário | Dados das emissoras pesquisadas
- ANEXO 4 Íntegra das entrevistas | Transcrição
- ANEXO 5 Revista A Rede | Matéria publicada em 22 de julho de 2005 em <http://www.obore.com.br/aconteceIntegra.asp?cd=760>
- ANEXO 6 Relação de entidades autorizadas a operar Rádios Comunitárias no município de São Paulo | Ministério das Comunicações | Serviço de Radiodifusão Comunitária.

Roteiro de entrevista (pré-teste)

Aplicado em Dez/2011

- 1. O senhor / senhora sempre viveu neste bairro?**
Conte um pouco da sua relação com o bairro...
Fale um pouco sobre a sua vida aqui no bairro...
- 2. Como foi que se interessou por uma rádio comunitária?**
Como a comunidade / bairro se interessou por uma rádio?
A ideia mobilizou as pessoas? Como?
- 3. O sr / sra participou e acompanhou da luta pela legalização da rádio?**
Foi muito tempo de espera, não foi ?
Como foi essa luta?
- 4. A rádio já entrou no ar?**
Como vocês estão se preparando para entrar no ar?
Como está essa organização?
Vocês estão sendo apoiados pela comunidade?
- 5. Como está pensada a sua programação?**
Quem está pensando os conteúdos de programação?
Como a equipe está sendo montada?
- 6. Quais as maiores dificuldades que vocês estão enfrentando, agora, para a rádio funcionar legalmente?**
Como vocês estão lidando com essas dificuldades?
Procuraram algum tipo de ajuda?
- 7. Qual é o papel do senhor / senhora nesta nova fase da rádio?**

ANEXO 2

Roteiro de entrevista

Entrevista semi estruturada com coordenadores de seis rádios comunitárias de SP:

- **Águia Dourada FM**
- **Cantareira FM**
- **Everest FM**
- **Heliópolis FM**
- **Nova Paraisópolis FM**
- **Star Sul FM**

PARTE 1 - RECUPERAÇÃO DA HISTÓRIA DA RÁDIO ATRAVÉS DOS COMUNICADORES

- 1 Como surgiu a ideia de ter uma rádio na comunidade?
- 2 Em que ano a rádio entrou legalmente no ar pela primeira vez?
- 3 Como vocês se prepararam para entrar no ar?
- 4 Como a equipe foi montada?
- 5 Como a primeira programação foi organizada?
- 6 Como os ouvintes reagiram?

PARTE 2 - SOBRE A CONSTRUÇÃO DA PROGRAMAÇÃO E A SUA CONFIGURAÇÃO ATUAL

- 7 Como está hoje a grade de programação?
[Recolher em detalhes o relato sobre o formato da grade de programação]
- 8 Como foi definida essa programação da rádio?
- 9 Houve algum critério para montar a equipe?
- 10 E para construir a grade de programação?
- 11 Como foi feita a divisão dos horários dessa grade?

12 Quem decidiu sobre o conteúdo geral da programação?

13 Quem decidiu sobre os conteúdos de cada programa?

14 O tema da Educação tem espaço na programação da rádio? De que forma ele aparece?

PARTE 3 - REFLEXÕES SOBRE A GESTÃO GERAL DA EMISSORA

15. Quanto custou para montar a rádio e quanto custa mantê-la, mês a mês?

16. Como vocês estão mantendo a rádio? Há apoio cultural local? De quem? De que forma?

17. Há eventos para arrecadação de fundos?

18. Quais as maiores dificuldades que vocês estão enfrentando, neste momento, para manter a rádio funcionando?

19. Como vocês estão resolvendo essas dificuldades?

20. Como vocês conseguem saber quantas e que tipo de pessoas estão ouvindo a rádio?

21. Você sabe se as pessoas que acompanham a rádio gostam da programação?

22. Quando alguém tem alguma proposta de programa, o que deve fazer?

23. Quem decide sobre essa proposta?

PARTE 4 - REFLEXÕES SOBRE O SENTIDO SOCIAL, CULTURAL, POLÍTICO E EDUCATIVO DA RÁDIO

24. Quais os grandes problemas da sua comunidade / do seu bairro?

25. Como a rádio tem tratado desses assuntos na programação?

26. Que tipo de ouvinte a rádio quer ter?

27. Os ouvintes da rádio, além de ouvir, também falam?

28. De que maneira esses ouvintes falam, são ouvidos ou atendidos na rádio?

29. Como está o relacionamento da rádio com as outras emissoras comunitárias de São Paulo?

ANEXO 3

Formulário | dados das emissoras pesquisadas

DADOS DA EMISSORA	
Emissora	Everest FM
Endereço	R Oratório, 6022
Zona Sul	Bairro Vila Prudente
Distrito	Vila Prudente
Telefone da rádio	(11) 2702-8720 2702-8726
Endereço da rádio na web	www.everestfm.com.br
Coordenador	Maria Rita Paes Falcone
Telefone para contato do coordenador	(11) 97117.2755
Email do coordenador	diretoria@everestfm.com.br

DADOS DA EMISSORA	
Emissora	Heliópolis FM
Endereço	R Paraíba, 76
Zona Sul	Bairro Vila Heliópolis
Distrito	Sacomã
Telefone da rádio	(11) 2273-1844
Endereço da rádio na web	www.radioheliopolisfm.com.br
Coordenador	Reginaldo José Gonçalves
Telefone para contato do coordenador	(11) 97221-6766
Email do coordenador	revolucaorap@hotmail.com ;

DADOS DA EMISSORA	
Emissora	Cantareira FM
Endereço	R Jorge Pires Ramalho, 71
Zona Norte	Bairro Vila Brasilândia
Distrito	Brasilândia
Telefone da rádio	(11) 3921-7586
Endereço da rádio na web	www.radiocantareira.org
Coordenador	Juçara Zottis
Telefone para contato do coordenador	(11) 99336-7639
Email do coordenador	juzottis@gmail.com

DADOS DA EMISSORA	
Emissora	Nova Paraisópolis FM
Endereço	R. Ernest Renam, 1366
Zona Sul	Bairro Vila Andrade
Distrito	Morumbi
Telefone da rádio	(11) 3501-3039
Endereço da rádio na web	www.radionovaparisopolis.org
Coordenador	Joildo Barreto dos Santos
Telefone para contato do coordenador	(11) 98823-4370
Email do coordenador	joildo@paraisopolis.org ; radio@paraisopolis.org

DADOS DA EMISSORA	
Emissora	Águia Dourada FM
Endereço	R Paulo da Fonseca, 20
Zona	Sul Bairro Jardim Figueira Grande
Distrito	Jardim Angela
Telefone da rádio	(11) 3929-5089
Endereço da rádio na web	www.aguiadouradafm.com.br
Coordenador	Maria Aparecida Magalhães (Teka)
Telefone para contato do coordenador	(11) 98189-5115
Email do coordenador	aguiadouradafm@hotmail.com ; glayson3@hotmail.com

DADOS DA EMISSORA	
Emissora	Star Sul FM
Endereço	Av João Barreto de Menezes, 715 sala 2
Zona	Sul Bairro Vila Santa Catarina
Distrito	Jabaquara
Telefone da rádio	11) 5563-2636 (11) 5562-7089
Endereço da rádio na web	www.starsulfm.com.br
Coordenador	Osmar Francisco Ribeiro
Telefone para contato do coordenador	(11) 98540-4593
Email do coordenador	osmar.starsul@ig.com.br

ANEXO 4

Íntegra das entrevistas | Transcrição

Juçara Terezinha Zottis
Diretora Coordenadora da Rádio Cantareira FM

Me explica do que trata essa programação?

A Rádio Cantareira funciona 24 horas, das 8 às 22h com programas ao vivo, geralmente nos finais de semana, de duas em duas horas. Durante a semana, todas as noites, das 20 às 22h, programas ao vivo e temos também todas as manhãs, das oito ao meio-dia. O das 8 às 10h é sertanejo e o das 10 ao meio-dia é um programa que se chama Comunidade em Foco, sendo que cada dia ele é apresentado por uma pessoa diferente – na segunda é Ana Tércia, na terça é Daniela, na quarta é Fátima, na quinta sou eu na sexta é o Zé Eduardo. É um programa aberto pra comunidade, as pessoas vem e participam e é um programa ao vivo. Nós temos às segundas-feiras à tarde um programa ao vivo que vai até às 18h e aí entra um gravado e depois entra A Voz do Brasil. Sexta-feira o dia inteiro é programa ao vivo. Temos de manhã cedo o sertanejo, depois um programa chamado Samba na Brasa, só de sambas de São Paulo, e depois um programa nordestino de forró apresentado por um jovem, o Márcio, que é só forró pé de serra. A gente tem uma programação boa, são só algumas horas da semana que não tem programa ao vivo. Quando não tem programa ao vivo, a gente produz, a gente não deixa só musical, não. Por exemplo, nas terças, que não tem programas ao vivo à tarde, a gente passa um programa da Pastoral da Criança, tem meia hora de programete e depois tem música ligada à Pastoral e dicas – isso na terça e na quinta. Nas quartas à tarde a gente reprisa o Samba na Brasa. Nós temos quatro programas que vão ao ar aos sábados que é Meu Caro Amigo, Oficina Instrumental, Brasilândia Encanta, que é ao meio-dia, e no domingo ainda tem Um toque a mais, que são dicas de saúde que a gente faz reprise ao vivo durante a semana. Então, só temos algumas horas mesmo que não é ao vivo.

Como foi definida a programação?

Como foi definida a programação? Bom, a gente sempre teve como princípio que para você ter um programa de rádio você primeiro precisa passar por um processo de formação. Então, geralmente as pessoas que hoje estão na rádio passaram por cursos antes. Aí tem alguns programas que são frutos dos cursos. ‘Brasilândia Encanta’ é um deles. Terminando o curso de produção de programas, o pessoal montou um pilotinho, juntaram algumas pessoas e apresentaram o projeto para fazer um programa de rádio. Então esse é um projeto piloto que deu certo e que está até hoje. Outros também entraram mas o pessoal não teve perseverança, Outro é que o pessoal apresenta projeto e leva isso em discussão que a gente tem mensalmente, com todos os comunicadores, apresenta a proposta, fala o que é que a gente vai fazer, e questiona, e sugere também, reconstrói às vezes o projeto, e aí é aprovado, ele faz o piloto, passando aí pelo nosso diretor de operações, que dá uma olhada, vê se está de acordo com a parte técnica, e fica no ar um mês. Todos os comunicadores avaliam e o próprio grupo que propôs também avalia se está dando certo. A gente não aceita nenhum programa que não passe pela avaliação do grupo. Então, às vezes as pessoas ficam até chateadas e quando a gente sente que a pessoa tá chegando mas não tem, assim, esse espírito comunitário, então o Marcos é uma

testemunha dessas, a gente pede para eles ficarem namorando um tempo um programa. Você encosta num programa que você se identifica mais, você ajuda, conhece o projeto, vem pras reuniões, compõe a equipe, né, e aí depois sim você assume um programa. Tem uns que ficam, apresentam o seu projeto e depois ficam com a gente, tem uns que já percebem que tem muitos compromissos, que você tem que estar muito presente, que tem uma linha editorial que você tem que seguir, e aí desaparece, né? É um pouco assim que funciona a aceitação de programas aqui na rádio.

Quais critérios utilizam para montar equipe?

Um dos critérios é você fazer os cursos de formação. A gente oferece três cursos aqui: o de locução, o de programas – e aqui entra toda a questão da legislação, das orientações que temos sobre o que pode, o que não pode – e o curso de edição de áudio e mexer com o software que a gente usa aqui. Isso porque quem vem fazer programa com a gente tem que se virar, os próprios comunicadores tem que fazer a sua técnica e fazer o programa ir para o ar. Então, o pessoal tem que aprender. É um pouco sofrido no início, mas depois que aprendeu, fica saboroso. Hoje, temos 24 programas que são apresentados ao vivo e temos entre 38 e 40 pessoas que compõe a equipe mais fixa da rádio e que estão sempre aqui. Então, tem um programa da noite, o Magia Musical, eles são em cinco pessoas; outros programas são em dupla, outros só um faz, varia muito.

E a divisão dos horários, como foi definida, quem fez?

Quando a gente montou, a gente abriu a grade, né, e alguns já vinham de programas de antes da gente habilitar a rádio e era um pouco isso: da disponibilidade da pessoa e do espaço que tinha em aberto. E alguns dos programas, a gente olhou um pouco para a questão da característica deles porque tinha certos horários que aquele programa não ia rolar, né? Então foi negociado, houve troca, no início teve assim uns acertos de horário. Isso foi tranquilo, o pessoal votou, percebendo que dois programas românticos, por exemplo, não poderiam ficar um na sequência do outro na grade. Essas coisinhas assim.

E o conteúdo geral da programação, existe alguém que faz algum controle?

A gente tenta confiar nos comunicadores. Por isso é que a gente faz a formação. A gente dá sempre aquela vigiada, né, uma olhada, sempre acompanha, chama a atenção - olha, o que você falou, você poderia ter falado diferente. Isso reforça, vamos dizer, a linha musical nossa. A gente tem um critério de não rodar músicas, por exemplo, as músicas eu estão na mídia e que agridem a mulher, que fazem apologia às drogas, essas coisas, né, e sim pensar em músicas que sejam sim músicas que estejam na mídia mas sejam músicas que ajudem na formação, que contribuam na formação, que levem um pouco a questão cultural para você não ficar à mercê do que a música passa hoje, e sim que a gente possa ter um outro horizonte musical. Inclusive isso é um conflito até aqui porque os outros ouvintes ligame pedem uma música lá brega, que tem um monte de gírias e aí alguns comunicadores já conseguem avançar e dialogar com o ouvinte, pá pá pá pá e mostrar o que aquela música diz, até toca um pouquinho e consegue dialogar com o ouvinte. Outros ainda não alcançaram esse estágio, né. Então, diz, aí, a gente não toca essa música aqui, então tem todas essas questões implicadas. E isso acaba sendo sempre um problema de pau nas nossas reuniões porque tem que tocar essas músicas por causa da audiência, e tal. Então a questão da audiência, do que tocar, do que rodar na rádio... mas isso é aos poucos, tem uns que tem mais habilidade, outros menos. Vira e mexe tem uns sertanejos, que a

gente chama de ‘sertanejos’, né, eu falo disso aqui – vocês estão gastando música, vocês estão gastando espaço, estragando os nossos equipamentos pra tocar essa porcaria! Vocês não acreditam nos ouvidos da pessoas? Eu brinco assim. Você precisa aproveitar esse espaço da rádio comunitária para colocar coisas mais... porque a gente não tem, assim, crivo, por isso eu falo, esse trabalho que a gente faz com toda a equipe, a gente costuma dizer que todo mundo é responsável pelo horário. Então, assim, se o colega do programa tal fez e eu escutei, eu vou ligar pra ele e vou conversar com ele. Nós já tivemos algumas questões mais problemáticas que acaba reunindo uma espécie de coordenação que a gente, com os envolvidos, se encontra para resolver o assunto. Se não é esse o caráter comunitário, alguém vai mandar, e não é assim.

O tema educação tem espaço na rádio?

A educação e a cultura perpassam a programação da emissora. Se você vai olhar, por exemplo, vamos pegar o programa “O Brasil Canta”. É um programa que traz para o rádio, aos sábados, os artistas, as pessoas da região. Ele não traz qualquer artista. Eles trazem as pessoas que tem um trabalho que contribui na formação do povo. Isso tem a ver com a educação, isso na área musical. Agora, nós temos também todos os spots que a gente tenta baixar sobre questões do meio ambiente, sobre a coleta coletiva de lixo, dos entulhos, então, também são coisas educativas que fazemos permanentemente. Até nossos bloquinhos que a gente tem de 25 em 25 minutos para executar a programação da rádio, dentro do bloquinho tem isso e o pessoal gosta. Esse é um critério que nós assumimos: para montar uma programação de duas horas, já tem vinte minutos comprometida com os bloquinhos de informação que você tem que largar, E a gente garante com os comunicadores que você tem essas informações que tem que dar, você não vem aqui só para tocar música. Então, basicamente, você tem hoje só um ou dois programas só musicais, que só toca ou oferece música. O pessoal traz conteúdos, notícias, coisas que acontecem no dia a dia... Outra coisa que a gente também orienta aqui é que a gente tem uma lista de sites e de portais que a gente favorece para que eles peguem notícias. Por exemplo, a gente tem aqui o jornalzinho da manhã, que é o Jornal da CUT, que fala das coisas de São Paulo e das nacionais também. A gente tem aqui coisas da Agência Radioweb, que são produzidas fora, da NP, da Adital, da Carta Maior. Então, quando eles querem dar notícia, que não fiquem ligados nos grandes jornais mas se liguem nesses veículos e valorizem essas agências alternativas.

O fato de vocês estarem com a rádio também na internet interferiu no tipo de programação da emissora?

Agora a gente tem muito internauta. E com essa coisa de smartphone então, os aplicativos para celular, é meio a meio, metade do pessoal ouve pela internet e metade ouve pelo computador mesmo. Aí a gente foi fazer uma estatística e a maioria desse que usa pelo smartphone é jovem; os mais velhos ouvem pelo computador e muita gente ouve mesmo é pelo rádio. E tem assíduos ouvintes do Japão, da Argentina, uma galera do México, passou por aqui a juventude da Venezuela durante a Jornada Mundial, e aí esses jovens mandam recadinho pelo Face, pá pá pá pá. Tem aqui um pessoal de Portugal que mora no Morro Grande e eles fazem assim: o pessoal deles em Portugal sintoniza a rádio na internet e o pessoal daqui manda recado pela rádio! O rádio serve de trampolim. Nos programas ao vivo, todos tem participação de ouvinte. Tem muita participação e eles fazer contato para pedir música e oferecer. Esse é o ponto forte do ouvinte do FM. A Casa de Cultura da Brasilândia participa toda semana da nossa programação e também o Centro Cultural da

Juventude do Cachoeirinha Ruth Cardoso, do governo do estado, ainda é tímida, mas é pontual. Toda semana eles passam ao vivo a programação deles pela rádio. A gente tinha uma boa parceria com os CEUS, a gente gravava e punha no ar, mas agora é ao vivo e está muito difícil porque eles trocam muito o pessoal da Comunicação lá, então tá complicado fazer. Seria importante mas tá difícil.

Quanto custou para montar e quanto custa para manter a rádio por mês?

Investimos nessa rádio nesses últimos três anos, porque a gente teve que retomar nossos equipamentos, outros foram roubados, praticamente todo o recurso do Ponto de Cultura aqui, 48 mil reais. Então, montar uma rádio comunitária hoje, deixar ela redondinha, funcionando, você precisa hoje de uns 20 mil reais, sem contar o espaço físico, que você precisa ter ele montado. Eu fiz um orçamento outro dia para um projeto porque estamos pensando em apresentar, se eu fosse pagar hoje todos os voluntários, uma ajuda de custo assim, mínima, para transporte, combustível pro cara vir pra cá e voltar, e alimentação, pra ele comer uma vez, sem registro, sem CLT ou pagamento com nota fiscal, sem nada disso, a gente precisaria pelo menos de 20 mil reais, por baixo. Nós gastamos aqui hoje, com toda precariedade e todo esse trabalho voluntário, 1.800 reais quando não tem nenhum problema. Esse dinheiro é usado para pagar os dois meninos que ficam na técnica aqui pela manhã, despesa de internet, água, luz, limpeza, não dá pra ter a rádio com menos que isso, não dá, não tem como.

Como vocês estão se mantendo?

Até agosto deste ano a gente se manteve com recurso do Ponto de Cultura e de agosto pra cá a gente tá tentando usar o dinheiro que a gente reservou no caixa da entidade porque sabia que ia ficar sem recursos. E a gente tem alguns colaboradores. A gente abriu um projeto no site e hoje temos já oito pessoas físicas que estão contribuindo mensalmente com o nosso projeto, todo mês colocam dinheiro na nossa conta. Então um pouco vem da instituição, e também o próprio pessoal da rádio está ajudando. Tem também a ideia de investir nos bem bolados, mas ainda não deu tempo pra fazer isso e não tem ninguém que faça isso também. Bem bolado é colocar na programação da internet o anúncio na íntegra e coloca na FM o que é permitido, só o apoio cultural. Por exemplo, se você tiver um Plano de Saúde que quer te apoiar, não temos como dizer para um Plano de Saúde que a Rádio Comunitária tem o apoio cultural do Plano de Saúde tal. Você tem que dizer que esse plano oferece mas a rádio não pode fazer isso. Então você tem que ter outra alternativa, como por exemplo, você manda consultar detalhes no site. Isso é permitido. Quanto a eventos, não fizemos. Só fizemos uma rifa para comprar uma nova mesa de som. Conseguimos arrecadar a metade do preço da mesa e agora estamos correndo atrás para conseguir o resto.

Atualmente, qual a maior dificuldade para vocês?

A maior dificuldade é a básica de todas: não poder ter propaganda. É a questão do apoio cultural, não poder passar aquilo que o cliente quer falar. Outra grande dificuldade, eu estava vendo agora, o Governo do Estado de São Paulo vai gastar 31 milhões de reais em propaganda, não tem nenhum centavo destinado às mídias alternativas, às rádios comunitárias. Na Prefeitura de São Paulo, estamos desde julho numa maratona, de secretaria em secretaria, pra que seja destinado parte dos recursos que hoje são destinados diretamente para a grande mídia para as rádios comunitárias. Agora teve uma pequena

sinalização e parece que duas rádios conseguiram encaminhar a documentação a tempo e a agência responsável pela comunicação da Câmara Municipal conseguiu duas rádios para veicular a campanha dos orçamentos participativos. O que eu sei até agora é que talvez a partir de fevereiro outras também consigam. São duas que correram com os documentos a tempo, por isso conseguiram.

Vocês conseguem saber quantas e que tipo de pessoas ouvem a rádio?

Pergunta difícil essa... Muita gente ouve a rádio mas não liga pra cá.

Por quê, como você sabe?

Porque nós andamos na comunidade, temos uma inserção nas comunidades do entorno aqui, nas diversas áreas. Temos um projeto de alfabetização de jovens e adultos aqui, onde temos cerca de 300 educandos nas salas de alfabetização. Eles ouvem a rádio e não ligam para a rádio, nós sabemos que eles ouvem, são pessoas de mais idade, mas eles não ligam para a rádio. A gente vai nas comunidades, às vezes nas celebrações, que a gente participa muito aqui, e aí o pessoal brinca: ah, a gente ouviu aquele chamado tá tá tá tá, eu digo quantos ouviram? Eles levantam o braço e muita gente ouviu, muita gente, mas eles não ligam, eles não tem essa cultura de ligar e falar na rádio, então a gente sabe que tá ouvindo, mas medir por quem está ligando a gente não consegue saber.

A rádio está sintonizada com os problemas do bairro?

Geralmente quem traz os problemas do bairro para a rádio são os ouvintes. Por exemplo, ano passado, tivemos um problema de água aqui na região. Nas partes altas dos morros, no Paulistano, no Guarani, no Damasceno, no alto do Elisa Maria. A Sabesp fechava e quando abria ficava sem água até 15 dias. Ligava e fechava e acabava a água. Aí a gente abriu esse debate aqui na rádio. Aí chamamos a Sabesp e cada dia se convocava um bairro para conversar. Então eles mesmos se ligavam, eles mesmos se organizaram, eles mesmo e ficaram uma grande manifestação aqui na entrada do Elisa Maria. Choveu de gente. Veio Polícia, veio Exército, foi feio o negócio. Foi feio. Mas a gente tentava fazer o pessoal da Sabesp dizer porque estava assim. E os ouvintes pra dizer porque assim; A gente nunca vai resolver o problema, Pedir, pede. Esses dias mesmo, eu falava no ar sobre o roteiro do Cata Bagulho nesse final de ano. Ligou pra cá um ouvinte pedindo para eu ligar na Prefeitura e pedir para o Cata Bagulho passar também no Damasceno. Eu falei não, olha, o telefone da Prefeitura tá aqui, se organizem numas dez pessoas, liguem pra lá e peçam que o Cata Bagulho passe no Damasceno também. Porque a gente tem que empoderar as lideranças, as pessoas, e não fazer por elas, não é? É um pouco esse o sentido. Agora, em umas coisas que a gente pode fazer. Tem um programa aqui à noite chamado Magia Musical. Eles entrevistam bandas de pagode, de sambas e queriam fazer uma ação cidadã no programa pra alguém e vieram me perguntar. Aí eu falei mas que tipo de ação? Ah, a gente queria que o grupo que viesse ser entrevistado trouxesse uma cesta básica para ser doada a alguém necessitado. Aí eu sei que tem uma entidade em Perus ligada à Pastoral do Menor que está precisando de comida. Eles tem cerca de 500 crianças lá e precisam de ajuda. Então, toparam: todas as cestas que chegam via entrevistados no programa segue para Perus, é uma coisa bem coordenada. Também tem esse lado. Ano passado a gente fez uma campanha para uma mulher que o barrado dela queimou no Elisa Maria. A gente fez uma campanha no ar e o pessoal mandou tijolo, telha, ficou no ar direto. Então, a gente

faz isso ; não que a gente faça por ela mas a gente faz a nossa parte de comunicar, entendeu?

Que tipo de ouvinte a rádio quer ter?

Temos ouvintes que tem esse lado cidadão, e temos ouvintes que só escutam a rádio mesmo, que acha até bacana, mas que não conseguem interagir nessa questão social. Acho que o desejo da rádio comunitária é ter uma gama de ouvintes mais cidadãos. Um pessoal que possa interagir e colaborar com a programação. Acho que esse é o desejo que a gente tem. Já temos esse público mas ele é muito tímido, esse tipo de ouvinte - e aí é um desafio – interagir não só com música mas também com participação social mesmo, né?

Vocês ainda se relacionam com as outras rádios comunitárias de São Paulo?

Em São Paulo mesmo não temos mais nenhuma outra participação porque os segmentos que estão aí a gente não comungam muito. As rádios que estão aí no entorno da gente também a gente não tem uma afinidade de projeto cultural, então a gente não tem ligação. A gente tem ligação só com algumas rádios, com pessoas, com projetos, mas não temos uma articulação , um relacionamento mais. A gente tá tendo, assim, algumas coisas mais pontuais, por exemplo, esse trabalho que a gente tá tendo na Câmara, agora, que é garantir recurso para rádios comunitárias, a gente não constituiu isso porque acha que não é o momento. A gente tem feito algumas comissões e tem visitado algumas secretarias e aí são diversos setores da sociedade que vão nisso. Da comissão que eu participo, a gente tem o pessoal de Heliópolis, o pessoal de Tremembé, que abriu mas já fechou, tem uma rádio na zona leste que eu não me lembro o nome, então assim, é muito diferente o que cada um quer, mas aí tem um objetivo, é recurso para manter as rádios. E aí a gente não entra em detalhe com é cada um, a programação de cada um, o segmento de cada um. Essa rádio da zona leste, por exemplo, tem música evangélica dia e noite, está na Comissão, quer recurso também, eles têm direito - é uma rádio que foi legalizada pelo Ministério e Anatel, ué, agora, se o Ministério e a Anatel estão conseguindo acompanhar e fiscalizar a programação é outra história. Então, assim, o relacionamento que temos com as outras emissoras é mais pontual, em vista de algo. Entretanto, dentro do Fórum Paulista dos Pontos de Cultura é que a gente tem se aproximado mais de algumas rádios do interior e que estão no ponto de cultura, dentro do projeto. Aí eles já tem um outro foco que é a questão mais cultural da rádio. Onde são as coisas que se afinam mais com a gente. Essa é a diferença, né, é um outro caminho. E anexado a isso a gente tem um foco mais com as rádios ligadas á Abraço, Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária, que também são poucas as rádios que conseguem, ainda, manter um projeto comunitário, que tem uma entidade por trás para manter a rádio. Já são raros os grupos de pessoas que tentam sobreviver aí e sabe o que quer com a rádio...

Osmar Francisco Ribeiro
Diretor da Rádio Star Sul FM

Como o senhor se interessou por rádio?

Estou nesse local, nesse pedacinho aqui da Vila Santa Catarina, há 40 anos. Conversando com amigos, surgiu a ideia, em 78, ou melhor, em 98, de montar uma rádio comunitária para ajudar a comunidade. Aí eu falei, puxa, mas como nós fazemos, vamos montar e ver quais são os caminhos que temos que fazer, né? Então nós montamos a rádio e continuamos a fazer esse trabalho social na região de ajudar as crianças com Síndrome de Down, como tem a Chama, que cuida de criança excepcional, como tem a Lares, que também cuida de criança excepcional, como tem a Casa do Caminho, que cuida de menor abandonado excepcional e a Cruz de Malta. Então nós fizemos esse trabalho e aqui a gente divulgava a Rede de Sacolão São Paulo e em troca eles nos davam, toda semana, uma perua com frutas e legumes que as donas de casa não queriam mais. Não que eles estivessem estragados, não, mas eram aquelas frutas que passou o tempo e estavam mais murchas, mais feinhas, a dona de casa não queria, eles não vendiam mais, eles nos davam uma perua cheia e a gente levava para essas entidades para distribuição. Então começamos a fazer esse trabalho e logo veio a denúncia de que a gente era uma rádio pirata.

Vocês foram fechados? O senhor se lembra como isso aconteceu?

Sim, claro! Aí veio a polícia federal com um mandato de busca e apreensão e perguntou quem era o dono da rádio. Eu disse que era eu e aí fecharam a rádio e levaram todos os equipamentos. Aí eu pequei um advogado e montei um dossiê com todos esses agradecimentos dessas entidades por todo esse trabalho social e comunitário que a rádio fazia. Fora isso, fazíamos shows beneficentes, levava artistas para cantar no Sobei, onde mantemos 4.600 crianças órfãs de pai e mãe, essas crianças recebem assistência médica, assistência odontológica, fazemos anualmente um churrasco para arrecadar fundos e ajudar na manutenção desse lugar, que além de crianças abriga cerca de 250 idosos, velhinhos desamparados da região. Veja, sou fundador do Conseg aqui da Cidade Ademar, sou fundador da Associação Comercial Distrital Jabaquara e então esse apoio que temos dessas entidades, e mais do Rotary Club e do Lions Club eu juntei tudo. Juntei foto de eventos, declaração, foto das crianças, dos velhinhos, juntei tudo no dossiê e o advogado entrou com o pedido de liminar e conseguimos. Eles devolveram a rádio. Somos a única rádio que conseguiu a liminar aqui em São Paulo. Conseguimos a liminar e nos devolveram nossos equipamentos até que saísse uma lei que regulamentasse as rádios comunitárias na cidade. Aí foi aquela luta!

Atualmente, qual a maior dificuldade para vocês?

Nós continuamos fazendo o nosso trabalho e ficamos aguardando sair a concessão. Só que quando saiu, tudo piorou. Quando tinha a liminar, a rádio podia fazer anúncio sem ser apoio cultural. Tenho a loja de calçado, a loja podia falar da promoção do calçado – Aproveite a promoção da Calçados Morales e vá conhecer os nossos sapatos e sandálias a 40,00 o par. Depois que eu sou regular, o que a gente pode fazer? Nada! Só o nome da loja e dizer que é apoio cultural. Não pode divulgar o preço. Então, o proprietário da loja de

calçado não quer anunciar. Apoio Cultural, Calçados Morales. Ah... O magazine não pode, uma rede de supermercado que tem uma coisa em promoção, que a gente anunciava antes, não pode.

Então, ao invés de melhorar, piorou. Por quê?

Ninguém quer fazer um anúncio numa rádio onde não pode divulgar o preço dos seus produtos. Então, como é que a rádio vai viver? Tem aluguel. Tem IPTU, tem água, tem luz, tem taxa do Ministério das Comunicações, tem taxa da Anatel, tem telefone, tem internet, tem provedor de internet, tem equipamento que dá problema, tem que manter esse equipamento, tem antena, tem torre que precisa verificar se precisa de ajuste, tem sindicato das rádios, tem contador, tem imposto de renda, aliás, se é sem fins lucrativos como é que o governo exige que se declare o imposto de renda, então as rádios estão assim. Todo mês tenho que colocar mil reais do meu bolso para fechar as contas. A prefeitura não ajuda, o governo federal não ajuda. Aliás, o governo montou as rádios comunitárias só para benefício do governo. Não é? Eles não nos dão isenção da Anatel, da taxa do Ministério das Comunicações, somos obrigados a divulgar o trabalho social do governo, somos obrigados a divulgar propaganda política dos partidos, somos obrigados a divulgar A Voz do Brasil. Eu fui eleito, na gestão da Marta prefeita, delegado participativo do orçamento municipal e minha luta foi por escola, creche e hospital. Como juiz de paz, fiz mais de dez mil casamentos em catorze anos de juizado que fiquei aqui, depois fui pro Jardim América, depois pra Consolação, então eu falo isso porque é a minha história. Apesar de tudo, não posso tirar dinheiro do bolso para continuar mantendo a rádio. Então, a atuação da rádio tá assim: temos aqui essa despesa em torno de dois mil reais por mês: aluguel, IPTU, telefone, internet, manter a webrádio no ar. Além disso, tem contador, impostos, taxas anuais do Ministério e Anatel, então é complicado. Nós temos pouco apoio cultural, mas ainda temos. Eu ponho do bolso cerca de mil reais, todo mês. Eu já não parei por causa das crianças que a gente ajuda e por causa dos velhinhos que precisam da gente. A gente que faz esse serviço comunitário sabe o quanto isso vale. Fazemos todo ano essa distribuição de presentes de natal em uma grande festa; somos uns 60 voluntários que se vestem de Papai Noel e nossa recompensa é ver o brilho no rosto daquelas crianças. Isso é o pago que nós temos. A alegria, o olhar penetrante que parecem dois faróis que iluminam a gente é que é gratificante, é maravilhoso. Dá até emoção em falar. A gente sai de lá de alma lavada. O fato é que sempre encontro colegas de outras rádios e todo mundo tá bem desanimado. É preciso ter muita força de vontade para continuar com esse negócio. A minha maneira de pensar é que tudo nesse mundo é emprestado. Se todos fizessem um pouquinho para ajudar o próximo, o mundo não teria tanta miséria.

Como está hoje a grade de programação da Star Sul?

A rádio funciona 24 horas e tem alguns programas ao vivo. De manhã, temos o Manhã Sertaneja, das 6 às 8h. Das 8 às 10h temos um programa de forró ao vivo, A Hora do Forró, com o Luciano. Depois temos o Bom Dia, Cidade, das 10 ao meio-dia. Depois entra a Jennifer com o Na Pista, do meio-dia às duas da tarde. Das duas às quatro entra ao vivo, de novo, A Hora do Forró. Depois tem o Tarde Sertaneja, das quatro às sete. Aí entra A Voz do Brasil e depois entre o automático a noite toda até seis da manhã. Logo seis vem a Prece da Manhã com São Francisco de Assis e São Judas Tadeu, nosso padroeiro. A programação foi definida pela vivência da gente, né. Há dezessete anos no ar... então nós pegamos um diretor de programação, ele se chama Jailton Machado, chamei esse rapaz, e

ele faz a nossa programação. Temos aqui aproximadamente oito mil músicas, montadinhas, como qualquer rádio comercial.

Vocês sabem quem são os ouvintes da rádio? Eles participam da programação?

Há uma interação legal com ouvintes no programa Na Pista, tocado pela Jennifer. Há meia hora de microfone aberto para a população pra que a rádio possa ser um posto de reclamação, de encaminhamento de reclamações da população local para a subprefeitura. Porque a gente também precisa fazer um filtro. O cara vai pro bar, toma uns goró e fica falando bobagem no ar, então tem que filtrar. Agora, só fala no ar autoridade. A gente só abre por causa disso. Tem também gente que só falava no ar para pedir música e aí punha mulher, filho, filha, irmão, empregada, papagaio, e aí não dá, né? Tem que limitar. Porque temos uma grande audiência. Pra você ter uma idéia, ligam pra cá por dia cerca de 200 pessoas e várias por causa da webradio. Nós pegamos aqui num pedaço que tem uns 350 mil habitantes. O Jabaquara em si tem 250 mil, mas nós pegamos um pedaço de Santo Amaro, um pedaço do Jardim Miriam, da Cidade Ademar, Vila Messias, Jardim das Oliveiras, Jardim Prudência, até um pedaço do Aeroporto pega. Nós fizemos uma pesquisa e tem 25 países acessando a nossa rádio.

Maria Aparecida (Teca) Magalhães
Diretora da Rádio Águia Dourada FM

Como começou a sua história com essa rádio? Você cuida dela como o seu pai?

Sempre foi um sonho do meu pai, José Alves, montar uma rádio comunitária prá tá ajudando as pessoas. Ele é de Canaã, Minas Gerais, e veio para São Paulo quando tinha 18 anos. Eu tinha seis meses e minha mãe veio grávida da minha irmã. Antes da emissora, ele mexia com eventos, que nem o Frank Aguiar foi o meu pai que lançou, viajando pra baixo e pra cima com ele e fazendo esses shows aí. Mesmo sem a emissora ele já conseguia fazer esse trabalho fora, de doar cadeiras de rodas, cestas básicas para as pessoas carentes da região. Nós estamos centralizados aqui nessa região há muito tempo, a gente conhece praticamente todo mundo. Eu falo, se eu vou sair pra trabalhar, eu tenho que sair pelo menos uma hora antes porque se eu não sair eu não consigo subir a rua da minha casa porque todo mundo quer conversar comigo. Meu pai sempre gostou de ajudar o próximo, então, o sonho dele era ter uma rádio para conseguir ajudar ainda mais porque tudo isso ele já conseguia antes de ter a rádio. Eu estava chegando um dia do meu plantão, na minha casa, e eles estavam montando os equipamentos na garagem da casa, uma garagem fechada, meu pai com um rapaz que é o locutor oficial da rádio ABC, o Toni Vieira, e aí eu passei e ele falou ah, vem aqui no microfone e fala aí. Na época, era a rádio Manchester, estava operando em caráter experimental. Eu falei – eu? Não vou fazer isso nunca! Não, mas tem que falar, oras, porque a gente tem que sair com o carro para ver como está chegando o sinal por aí e tal, e é só um teste. Com isso, estou há 16 anos experimentando... Foi assim que surgiu a nossa emissora. A partir desse momento que eu falei experimental, eu ficava na emissora das quatro da manhã à meia-noite. Eu dormia embaixo do balcão, que era toca-disco ainda, tinha um LP branco, Sunshine Band, um LP que tinha nove minutos de música, todo dia eu adorava tocar essa música, que era o horário que eu dormia lá embaixo. E assim fomos levando, fomos começando, sentindo a aceitação do nosso público. Até uma vez eu saí e fiquei olhando – gente, como é que pode, eu tenho as fotos – faixa no meio da rua, nossa locutora Teca Magalhães, da Rádio Águia Dourada FM. Eu falei, gente, mas o que é isso? Entrei numa loja e a moça me pediu um autógrafo e eu nunca mais queria sair de casa. Então a aceitação no bairro foi muito legal, foi muito legal. E a gente poder ajudar as pessoas é muito bom. A Associação, na realidade, a gente montou em 1998 para conseguir mais fácil a autorização da emissora. E assim a gente tá indo, um ajudando o outro em busca de, acho que cada um tem o nosso dom...

Você trabalha com o quê?

Eu trabalho em hospital há 25 anos, então, né, você sabe, quem trabalha em hospital tá ali pra ajudar o ser humano.

Vocês foram fechados várias vezes, não? Você se lembra como foram essas visitas ?

Entre a rádio ter sido criada e a sua oficialização foram pelo menos três visitas da Polícia Federal. Todas as vezes eles levaram tudo – todos os equipamentos. Depois que a rádio foi oficializada, eles devolveram, mas tudo quebrado, uma coisa pra lá e outra pra cá, a gente conseguiu recuperar, mas foi difícil. Foi muito difícil conseguir segurar, só quem tem

muita vontade mesmo, quer muito isso, sonha muito com isso, senão desiste no meio do caminho, como várias pessoas desistiram mesmo. Na nossa época, foram muitas muitas rádios comunitárias que tentaram começar junto com a gente, que faziam reuniões, iam pra Brasília, todo mundo, aquela galera junto para tentar. A maioria desistiu no meio do caminho. Só o seu José Alves mesmo, que é firme e forte, que queria porque queria, que acabou conseguindo a concessão, pois mesmo a gente já nem acreditava mais que ia conseguir, que é muita batalha, muito difícil.

Como vocês estão se sustentando?

A maior dificuldade que a emissora tem é a financeira e está enfrentando isso com doações de amigos que acreditam na rádio. O nosso sonho é tentar apoios para manter a rádio com as próprias pernas. Desde que recebemos nossa legalização a gente tenta trabalhar sempre dentro da rotina que foi estabelecida por eles. A gente já teve colegas que disseram ah, vamos aumentar a potência desse transmissor porque nós vamos pegar na loja lá em Santo Amaro e vai ser melhor pra gente porque vamos ter mais apoio. Eu disse não, gente, tem tanto lugar para explorar aqui na nossa região, porque a gente vai trabalhar ilegal, buscando uma potência maior se a gente não pode fazer isso? Então a gente prefere trabalhar sempre na legalidade, trabalho honesto é sempre melhor. Nós temos alguns comerciantes da região que nos apóiam, que estão com a gente desde a época que nós não éramos legalizados. Então temos essa boa equipe que está com a gente desde o início com o apoio cultural. Se a gente fosse pagar aluguel, água, luz e telefone - porque meu pai é que cede isso para nós, o prédio é dele - pra ser sincera, a gente nunca fez essa conta. Tudo o que tem aqui foi a gente que trouxe, é doação de nós mesmos. Tem essa árvore de natal que eu trouxe de casa e fiquei sem árvore, todos trabalhamos de forma voluntária, temos outros trabalhos fora daqui, por exemplo, eu sou enfermeira no Hospital São Luiz, então parte da minha vida também é aqui. A condução eu pago do meu bolso, cada um que vem pra rádio traz uma coisa, tudo doação, esse levantamento na ponta do lápis a gente ainda não fez. A gente não pode cobrar comerciais. Os apoios culturais que temos do comércio da região, a gente não pode falar que eles aceitam cartão de crédito, não podemos falar que eles tem os melhores preços da região, nada disso pode ser falado no ar. É muito limitado. Pra você ter idéia, tivemos que recorrer de uma multa porque a pessoa que estava no ar falou assim “aceitamos todos os cartões de crédito”. Eles estão fazendo essa fiscalização. Estou aqui com a multa de mil e vinte e oito reais. Engraçado que em outras rádios que a gente visita, porque a gente terceiriza a produção de vinhetas, chamadas, e boa parte delas estão falando isso nos apoios e não foram multados. Bom, recorremos e recebi essa resposta – advertência e multa também porque atrasamos o horário da transmissão do programa A Voz do Brasil, entrou dezenove segundos atrasado. É muito complicado para a nossa sobrevivência, isso é uma coisa para as pessoas que gostam do que fazem...

E a audiência? Como vocês avaliam?

Com relação à audiência, eu avalio a participação por telefone e por internet. Por internet é possível fazer um levantamento mais preciso, né, tipo quantos ouvintes a gente consegue por minuto. E às vezes comentário, né? A gente vai passando na rua e sabe que o pessoal está ouvindo a rádio. Mas por quantidade de pessoas é difícil de fazer essa pesquisa. Nossa região tem 800 mil habitantes, nem todo mundo ouve a rádio mas eu trabalho com uma estimativa de cinco mil ouvintes por minuto. O pessoal aqui é fiel. Tem uma programação

agora que vai começar às três da tarde, sertanejo raiz, o pessoal é ouvinte de carteirinha. A gente já conhece esse ouvinte, ele vem na rádio e traz até presente pra gente. O locutor atende o ouvinte no ar, já tem a lista de pessoas que fazem pedidos de música. O ouvinte de rádio comunitária gosta de uma programação ao vivo em que ele possa falar, em que ele liga e participa. Ele não gosta de nada mecanizado, de uma programação que grava e joga no ar, ele gosta de uma participação ali. E dá microfonia mesmo porque ele está com som alto, ele manda beijos, essas coisas. Eu saí daqui outro dia, programei as músicas e fui até uma loja. Aí cheguei lá e pensei gente, essas músicas fui eu que programei. Dali a pouco entrou a vinheta Águia Dourada FM. Dá uma emoção! Principalmente pra gente que batalhou muito, dá uma emoção, você não tem noção, tem locutores que saíram daqui presos, algemados, você não tem noção. Uma das vezes que a Polícia Federal entrou aqui é como se tivessem entrando em uma favela em busca de bandidos criminosos mesmo. Entraram pela laje, arrombaram tudo e levaram todos os nossos equipamentos. Tínhamos CNPJ, tínhamos Inscrição Estadual, só não tínhamos ainda a autorização da Anatel. Nós, que passamos por tudo isso, é muito gratificante ouvir a música da nossa rádio. É um sonho realizado.

Como está a rádio hoje, quem cuida dela?

Ao todo, a rádio abriga umas 20 pessoas. Somos em três gerentes, podemos assim dizer, e um só operador. Quando alguém tem uma proposta de programa, encaminha para a direção – Teca Magalhães, enfermeira nutróloga, diretora da rádio; Gleisson, webdesigner, desenvolvedor de sites e aplicativos, assistente geral da rádio e José Alves, criador da rádio e presidente da Associação. A gente sempre vê qual é a proposta do programa, se é uma programação que não vai ofender ninguém, se é uma proposta adequada e dentro daquilo que a gente busca, né. A orientação da rádio comunitária é abrir espaço para todo mundo mas a gente tem que ter um certo rigor para saber qual o profissional que vai falar. A gente sempre conversa juntos para decidir sobre a programação – eu, o Gleysson e o meu pai. A gente nunca decide uma coisa sozinho.

Falando da programação, como vocês construíram essa programação?

A gente na verdade tentou mesclar horários. A rádio trabalha 24h. Começa às sete da manhã com Bom Dia, Alegria. Das sete às onze., um programa de variedades, com música e informação. É sertanejo contemporâneo – passa Daniel, Zezé de Camargo, tem horóscopo, informações locais da região, notícias. Esse programa tem muita participação. Depois às onze tem Amor, eterno amor. É um programa romântico que a gente pensou no pessoal que está almoçando nos restaurantes da região, uma coisa mais tranquila. Depois tem o Pagodeando, que é o que está tocando agora, um programa mais agitado. Depois tem o É Hora de Música, sessenta minutos só de música, sem intervalo, músicas atualizadas do momento, como Claudinha Leite, Fernando e Sorocaba, samba, bem diverso. Depois tem o programa do Felisberto, que é um programa mais raiz, sertanejo, que começa agora às três e vai até às cinco. Depois tem o Comitativa Universitária, que eu faço, que é o forró universitário, atender o ouvinte no ar, bem interativo, passo informação, e eu gosto de interagir não só aqui mas puxar o pessoal para a internet para aprender a conhecer o nosso site, o nosso facebook, os vídeos que temos no Youtube. Então são coisas que o pessoal vai ver a rádio funcionando na internet. Todos os pedidos de música podem ser feitos pelo site da rádio. A pessoa manda o nome, email, a música e

o alô dela, clica em enviar e pronto. Ela assiste o programa pelo site porque tem uma câmara que fica no estúdio e ouvinte também vê tudo. É quase uma TV também. Bom, depois do meu programa tem a oração, às 18h, com o padre Valdo, às 19h tem A Voz do Brasil, e depois só música. Como não é locutor fixo, a programação é mista. Das onze à meia noite tem o pastor que vem fazer a programação no estúdio. Depois disso é tudo no automático até às sete da manhã. Aí recomeça. Aos sábados, já muda algumas coisas. Com o a gente diz, tem que abrir pra todo mundo: tem evangélico, tem padre. Tem um programam, o Cidadania Legal, que aborda muito assunto comunitário e é bem educativo, mesmo porque estimula nós, cidadão, a buscar nossos direitos. Sempre chamamos advogados, pessoas da sociedade, que possam trazer algum assunto que ele é especializado para poder estar abordando. Domingo também é diferente. Tem o forró do Pajeú. Veja, o Forró do Pajeú, pro exemplo, é um programa que eu particularmente não gosto. É um programa regional, é forró, bem nordestino mesmo, mas eu fico aqui atendendo o telefone e o telefone não para. É um forró bem diferenciado mesmo. Ele tem os ouvinte dele aí, que fala do feijão de corda, de não sei de onde, eu falo gente... nesse programa os apoios que ele consegue são de coisas da região norte, nordeste, como o da Casa do Norte, são essas pessoas que anunciam. Como diz o ditado, o que seria do abacaxi se todos gostassem da melancia, né? No programa Cidadania Legal, que passa aos sábados, as pessoas participam bastante através de email, pelo site, redes sociais. E se no momento do programa alguém ficou com dúvida, depois a equipe entra em contato e esclarece. É um programa realmente voltado a tirar todas as dúvidas que a comunidade tem. Nesse sentido, posso dizer que a rádio está sintonizada com os problemas da comunidade.

Com a rádio na internet, mudou a programação?

Como a rádio está na internet, acho que mudou sim a programação. O público da internet é mais jovem e o pedido de música é mais jovem. Para conseguir atender esse ouvinte, às vezes é mais difícil. Outro dia ligou pra cá uma mulher de outro estado e pediu uma música, acho que chamava Rosas, cantada por um cantor peruano, se não me engano. E pra eu conseguir essa música? Precisei pesquisar na internet um tempão, baixar, converter, mas ela queria ouvir aquela música porque era a música que marcou o casamento dela. Então, vamos procurar a música, oras. E aí as pessoas te cobram mas porque está na internet. E o que elas cobram? Aconteceu bem no começo, quando eu entrei aqui na rádio, eu recebi email que dizia olha, você tem que tomar cuidado com a programação porque essa rádio tá indo pro mundo todo, ela não é mais uma rádio de bairro, ela é além de uma rádio de bairro, ela já tá uma rádio profissional, é uma coisa que a gente tem que tomar cuidado em algumas coisas. Qualidade, de boas rádios comunitárias que tá no ar, a gente tá entre elas. Em termos de qualidade, de gravação de spots, de produção, pelo menos a rádio aqui não deixa a desejar nenhuma rádio não.

Você acha que a rádio é lugar de educação?

Acho que a rádio é um lugar cem por cento de educação. A gente tem que estar educando as pessoas que estão lá fora. As pessoas tem que ter informação. Eu mesma sou locutora do programa Amor eterno amor mas nos intervalos das músicas eu estou falando de pressão alta, do diabetes, da água, dos malefícios do refrigerante, da coca-cola - se coca-cola fosse bom não usava pra desentupir pia! Então assim, a gente passa essas

informações. Hoje no meu trabalho recebi um monte de gente com pressão alterada e então falo disso no ar; vamos falar de queimadura se sol, de gente que corta limão e sai no sol e aí vai encher a mãozinha de bolha – tem gente que não sabe, oras, então eu falo. Sabe, eu acho que um dos melhores meios de educação é uma rádio porque que nem as pessoas que confiam na Teça Magalhães, lá fora, elas vão ouvir o programa para saber as informações que eu estou trazendo hoje. Quem confia no Roberto Moraes vai ouvir o programa dele todo sábado às dez da manhã para saber com quem ele vai conversar. A gente já conseguiu fazer um link ao vivo com o Prefeito Haddad dentro do Terminal Guarapiranga aqui uma vez, falando sobre condução; outra quando ele estava inaugurando uma UBS aqui na região também. Outro dia teve um evento no Hospital do M'Boi Mirim e a rádio foi cobrir, então é informativo. Teve cortes de cabelo pra comunidade e a gente foi lá fazer ao vivo. Outro dia fui no CEU Guarapiranga agendar uma consulta de hidroginástica pra minha mãe e vi uns formulários da Secretaria da Saúde sobre castração de animais. Aí pedi para levar e divulgar porque era no colégio aqui do lado, de graça, é uma informação importante pra população, ninguém sabe dessas coisas.

Joildo Santos

Vice-Presidente da União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis

Coordenador da Rádio Nova Paraisópolis

Como está hoje a equipe de gestão da rádio? Você me contava que estava fora da coordenação por falta de tempo, mas pelo visto não conseguiu ficar longe dela...

Eu fiquei muito tempo diretor da rádio, o único diretor da rádio, e aí a gente tomou a decisão de eu me afastar dessa função porque tenho outras coisas na vida que demandam mais tempo e eu não tenho como dar atenção à rádio. Então, se fosse só a rádio, tudo bem, mas não é só a rádio. Tem o jornal, a vice-presidência da Associação, eu sou o tesoureiro de uma outra associação e ainda tenho uma empresa de comunicação. Aí você não consegue fazer tudo muito bem. Então, agora foi definido três pessoas para tocar o dia a dia da rádio: tem o Roberto, tem o Jeferson e tem o Adilson. Eles se dividem em horários, algumas vezes se encontram e em outros momentos fica um só. Então, na rádio sempre tem um deles. Eles tocam o dia a dia, recebem as demandas de programação, de quem quer fazer programa, analisam aquela proposta e já propõe para a pessoa também a questão da sustentabilidade. Porque uma rádio tem que abrir espaço para as pessoas, sim, mas também as pessoas precisam contribuir para a manutenção da rádio. Então, poucas pessoas conseguem trazer apoios culturais pra rádio porque não é uma coisa assim, obrigando o cara a pagar um horário pra estar lá, não, não tem isso aqui na nossa rádio, não. Tem vários relatos que acontece isso hoje em dia em outras rádios, onde o pessoal encara a rádio como uma rádio comercial - é o seguinte, só entra se pagar - é igreja, é um monte de coisa. Até tem aqui um programa meio ecumênico, quase chegando no evangélico, mas que a gente tem muita restrição. Pode até dar uma breca pra não dar problema porque a gente já recebeu denúncia.

E as dificuldades, como estão lidando com isso?

A gente já recebeu uma denúncia por ter atrasado a Voz do Brasil. E aí o negócio é o seguinte: o Ministério das Comunicações, a Anatel não dão meios de conseguir cumprir a legislação. É a mesma coisa da legislação eleitoral. Tem uma rádio bem famosa em São Paulo, uma rádio comunitária bem famosa em São Paulo, que não veicula propaganda eleitoral, nunca veiculou nem quando conseguiu a concessão. E a gente veiculava. Chega aqui a propaganda do PP, chega do PSDB, chega do PCdoB, chega do PSB, não chega do PT, não chega de tal, e aí eu não consigo ir atrás. São trinta e tantos partidos e eu não tenho como correr atrás de um por um para poder veicular. Mas se não veicular tem multa. Agora, na época da campanha eleitoral, esse é um problema pra gente, que tem que pegar sinal de outra rádio. Então, tem que entrar na internet para pegar o sinal online de outra rádio porque eu não tenho um técnico aqui que vai lá no transmissor, faz alguma coisa lá e pega o sinal que está sendo transmitido, eu não tenho esse meio. Ou seja, eu tenho um problema técnico para atender. Vai chegar julho de 2014, época de propaganda eleitoral, e é obrigado a passar propaganda eleitoral no rádio em dois horários: sete da manhã e uma da tarde. Então, às sete da manhã eu tenho que dar um jeito aqui de pegar a Globo, a Band, qualquer coisa que esteja passando a programação de São Paulo, a propaganda de São Paulo, para atender a legislação porque eu não sou transmissor original do que os partidos estão veiculando. Eu não consigo receber esse sinal. Então, é um problema. Como tá na

lei, a gente é obrigada a transmitir. E não é porque eu não queira, eu estou aberto para isso, mas é porque eu não estou recebendo. Esse é um problema que a gente enfrenta.

Como funciona a vida da rádio, em termos de programação e equipe?

A rádio aqui funciona das 9 às 22h. Aos sábados, até 21h. Aos domingos não abre. Hoje temos doze programas, a maioria musical, dois com entrevistas, mas principalmente programa musical. Tem programa de rap, de funk, tem programa gospel, tem de MPB, tem de forró. E tem um novo site que é paraisopolis.org

A programação mesmo, bom, tem três anos e pouco que a rádio já existe, mas de certa forma, o que acontece é que a gente ainda está engatinhando. Porque o que acontece, diferente das outras rádios, que já operavam de forma não oficial, a gente só passou a operar depois de receber a autorização definitiva. Nem quando veio o ofício do Senado dizendo que tinha sido aprovado a gente não começou. A gente recebeu em maio de 2010 e só entrou no ar em agosto. A gente se preocupou muito com isso. Então a gente teve que começar a criar uma cultura, fazer as pessoas procurarem a rádio. Aí tem uma discussão sobre a questão da audiência, da participação. Ah, por que eu vou fazer um programa se a rádio não tem audiência? Você vai ter audiência quando tiver um programa de qualidade, não o contrário, as pessoas vão fazer um programa de qualidade porque tem audiência. Essa discussão foi longa. E tem outra discussão também, que é a de remunerar ou não remunerar, porque o problema principal é esse – dinheiro. Se você pegar qualquer rádio que tenha programação fixa, o grosso da programação mesmo, pegando o caso de Heliópolis, por exemplo, lá tem não sei quantos locutores, tem muitos locutores, mas lá eles existem há vinte e tantos anos. Então é uma coisa em volta ali da rádio que já existe. É igual à Associação do bairro, quando começa ninguém está envolvido, mas depois começam a aparecer os trabalhos, a coisa pega visibilidade, aí as pessoas começam a se interessar e a disputar aquilo ali. Então, lá tem as pessoas que estão em volta da rádio, mas é que de alguma forma eles têm algum recurso pra se manter, seja através de algum apoio cultural que eles levaram, seja de alguma ajuda que a rádio dê pra eles, de patrocínios gerais que a rádio tem. Aí é que tá. Aqui, sempre a rádio dependeu da entidade. A gente quer depender? Quer que continue uma relação unida, mas o objetivo que a gente quer é que a rádio ande com as suas próprias pernas. Quer fazer um show? Então tá bom, faça um show, mas não vai atrapalhar o pagamento do salário da atendente da associação. Então, hoje em dia a gente tá com essa discussão.

Como estão resolvendo a questão da sustentabilidade?

Hoje, a gente está resolvendo assim: pega recursos de outros projetos para poder manter a rádio, manter essas três pessoas, manter o telefone, a internet e é isso. Hoje em dia é isso. A gente tem os apoios culturais pequenos da Eletropaulo, sobre a campanha de cuidado com a rede elétrica; o Santander inaugurou uma agência aqui e vão fazer um mês de veiculação na rádio, com possibilidade de prorrogação, e a gente começa a criar alguns parceiros, uma cultura. E mesmo que o cara ache assim - ah, tá bom, e tem audiência? - e é essa a discussão que a gente tem que fazer – o cara pergunta – e aí tem audiência? Eu falo assim – cara, eu não sei como medir. Não são todos, mas alguns estão, sim, preocupados com isso. Eu estou porque eu sei que a rádio não tem audiência. Eu não vou te falar – olha, tem cinco mil pessoas ouvindo. Se eu falar qualquer coisa aqui e abrir o microfone, não vai ter. Tempos atrás fizemos uma pesquisa e o que tinha era muita participação de

internet. Tinha muita gente fora, pelas estatísticas que eu tenho lá, 45 países diferentes acessaram a nossa rádio, mas principalmente gente de São Paulo. A gente viu que tem público para ouvir, as pessoas querem as informações da sua comunidade, querem se interar de tudo o que está acontecendo mas aí tem um problema – a gente só consegue manter, por exemplo, uma equipe jornalística na rádio para fazer esse trabalho que é importante. Então fazer programa jornalístico uma vez por semana, todo dia, como é, você consegue pagar esses caras? Porque até você conseguir pagar eles, tem que tirar esse recurso de algum lugar. Então essa é a grande incógnita, hoje. Deve ter algumas rádios que acabam tendo que vender horário para conseguir se manter mesmo. Então, o governo não faz publicidade oficial nas comunitárias, não faz, cria barreiras, cria meios de não fazer, e aí você fica refém mesmo. É um desafio. Inclusive com muita gente querendo ingerir, pessoas que não deveriam se envolver, é político, é a criminalidade, ih, deve ter muito por aí. Aqui, a gente não permitiu. Então, porque a rádio não está com tantos programas, com tantos apoios? É porque a gente também não aceitou o caminho fácil e paga um preço por isso. Ah, então tá bom, eu vou conseguir alguns comerciantes daqui pra te apoiar mas você me entrevista uma vez por semana. Isso é um problema grave. O ideal seria ter concessionárias públicas que fizessem apoios que comesçassem a dar vida pra rádio. Então, hoje em dia a gente tem esse desafio que é o da sustentabilidade mesmo. Se a gente tivesse apoios, aposto com você que teria muita gente querendo fazer programa. A legislação existe só pra atravancar, travar mais ainda, travar mais ainda. Talvez, se não mudar a legislação, daqui a alguns anos, essas rádios que estão aí vão se transformar em comerciais mesmo. Muda o estatuto, mexe nos termos, e o cara fica a via inteira o dono da rádio. Hoje, a rádio Paraisópolis custa uns cinco mil para a Associação, com tudo. Mas para manter a estrutura que a gente acha que deveria ter, tinha que ter uns quinze mil, mais ou menos. Porque aí teria uma ajuda de custo para cada locutor, que teria uma carga horária mínima, equipamentos novos que a gente teria que comprar e deixar tudo direitinho, brindes, e sem ter lucros para organizar, só para manter a rádio funcionando.

E a audiência, vocês já tem como medir isso? Me parece um problema...

Não vou chutar quantas pessoas estariam ouvindo a nossa rádio porque seria muito leviano da minha parte. Nós temos muita gente que ouve pela internet, é gente de fora de São Paulo, porque a rádio acaba sendo uma forma de a pessoa se conectar com o bairro – oh, eu sou lá da Bahia e a minha família tá aqui. Às vezes, a pessoa pede música pra tocar aqui. Tem o caso de uma moça que está procurando a mãe dela que há trinta anos veio para Paraisópolis e a gente não consegue descobrir onde a mulher está. Então, é um meio de comunicação para as pessoas de fora. Como a internet não tem essa barreira de 1 km, e com essa limitação da lei, para algumas organizações vale mais a pena ter uma radioweb. Porque na radioweb você faz a propaganda que você quiser, não tá refém de multa, de nada, tem a sua liberdade lá. Eu até falo assim pras pessoas: olha, você quer fechar um apoio? Fala que aqui na rádio o apoio cultural é assim, mas se ele quiser a gente também põe um banner dele no site. O site não tem nada a ver com a Anatel, com o Ministério, a rádio comunitária não é obrigada a ter site. Então, é isso. A gente conseguiu já mais dois apoios dessa forma. Consegue porque se o site tiver muito acesso, o anúncio consegue ficar mais visível porque fica permanente lá. A rádio, infelizmente, tem esse problema de não conseguir medir audiência. E eu vou botar uma equipe para perguntar para todos os moradores dos 17 mil domicílios quantas vezes ele escuta a rádio? Não vou conseguir. Vai cair naquela coisa do Ibope, Datafolha, onde os caras criam um número lá e pronto. Estatística.

A rádio está ajudando a comunidade?

Acho que a rádio ainda vai fazer esse papel de ajudar a vida da comunidade. Como hoje em dia a audiência dela está muito restrita, ela não consegue interferir tanto na vida das pessoas. Hoje o jornal tem mais impacto do que a rádio. Sempre teve, na verdade, 10, 15 mil exemplares. Aquela pilha de jornal lá já vai ser distribuída hoje, porta em porta. E tem um caso assim absurdo que foi o seguinte: ano passado, 2012, a gente publicou a última vez em agosto. Aí a gente publicou de novo outra edição em julho de 2013, quase um ano depois. Em julho, as pessoas ainda estavam pegando o jornal de agosto do ano passado e ainda estavam vendo informações que eles não sabiam, ou seja, nova para eles, mas que eram coisas de 2012. Então, para você ver como a informação não circula para essas pessoas. Como a vida delas é muito trabalho, elas saem muito cedo e chegam muito tarde, não tem tempo pra nada, se essa informação não chegar para elas, elas ficam sem. Elas não assistem o jornal na televisão, esse negócio de televisão é ligar para esperar a novela chegar, é isso. Ah, mas tem o Jornal Nacional. Tá bom, tem mas o Jornal Nacional, ou o Jornal da Record, ou da Band, ou qualquer um, tá falando do quê, da realidade nacional. Quem fala de Paraisópolis, quem fala da região, só é os meios daqui. Então, o cara vai ver aqui que o prefeito não queria seguir com o programa de urbanização daqui, já na edição seguinte ele já viu que o prefeito teve que reverter a decisão e veio aqui, assumiu o compromisso de que manteria a obra. Ele não saberia disso por outros meios. Pra ele, a obra parou um pouquinho e depois voltou de novo e ele não sabe o motivo. Hoje a rádio fala disso, os sites que a gente administra falam disso, e o jornal fala disso. Mas o ideal é que a rádio assuma esse papel porque o jornal impresso, daqui a pouco, vai acabar também, que é o que está acontecendo com os grandes jornais do Brasil, tá tudo indo para internet, tudo vira coisa digital. Então, a gente encara que daqui a pouco tende a diminuir um pouco a importância do impresso aqui. Vai mudar um pouquinho. A gente está buscando criar uma equipe do jornal que apóie a rádio e produza conteúdo para o site. A gente reaproveita muita coisa do que a gente faz no jornal pra outras coisas. Temos um projeto que apresentamos para o governo do estado e prefeitura para realizar cursos de capacitação de jovens, oficinas para os jovens produzirem conteúdos e sempre se renovar. Dependendo do número de jovens que eu forme, e do desempenho deles, consigo manter ele na equipe. Esse é o nosso desafio de médio prazo para ter conteúdo jornalístico. Porque música, qualquer rádio tem. A gente também entende que não é só pra ter música. Então, a gente tem que levar informação e essa informação da comunidade é o que muda para o cara ouvir a rádio. Porque se o cara quiser ouvir música, ele põe em qualquer rádio e ouve. Mas se ele quiser ouvir notícia de Paraisópolis, banda de músicos de Paraisópolis, ouvir coisa da comunidade, ele vai ligar na nossa rádio. É aqui que ele busca. É isso.

A Paraisópolis tem vocação para ser uma escola ?

A rádio pode ser uma escola porque aqui você pode reunir pessoas de muitas áreas diferentes. A gente não está falando só com o cara que está no microfone, aqui. A gente pode trazer o poder público, criar discussões de políticas públicas, pode fazer muitas coisas. A rádio não precisa ser partidária, mas ela pode ser política. E ela tem um papel diferente até da Associação. A Associação, de certa forma, tem alguns alinhavos, coisa que a gente precisa fazer mas nenhuma amarra a gente. Assim, a gente tem boa relação com o governo federal, com o governador e com o prefeito. Mas, por exemplo, queimou umas casas em Paraisópolis semana passada e a gente brigou com o Prefeito porque aí

não quer dizer alinhamento automático. É papel da Associação fazer isso. Então, a rádio é a voz das idéias que circulam na Associação e pode ser um espaço para formar pessoas nas diferentes áreas da comunicação. A gente tem que aproveitar esse espaço. Tem um projeto que a gente entregou no Proac que é a Rádio Cultura de Paraisópolis, que é para as pessoas se formarem em radiojornalismo e praticarem também em sites e outras áreas a partir da observação do que a comunidade está querendo e provocando a discussão sobre esse tema. Você vê, a gente abriu um programa chamado A voz da Comunidade e nele a gente sai perguntando para as pessoas o que ela acha da comunidade. Tem uma fala de uma pessoa lá sobre as escolas. Ela disse o seguinte: que as escolas estão péssimas, que precisa mudar os professores porque eles faltam muito e não sei o quê. Tem uma parte de verdade nisso, mas tem outro lado – os alunos não estão estimulados com a escola, não é o professor que é o culpado. Mas não é porque eu não concordo com ela completamente que eu não publico. Tá lá escrito, o nome dela tá lá, tá gravado. Isso aí deveria ser a sessão de cartas, mas como a gente não recebia cartas, a gente decidiu ir lá na rua e perguntar pras pessoas. Daqui a pouco elas é que vão mandar a opinião delas. Então, a gente tem que fazer com que as pessoas se apropriem mais do que está acontecendo. É ballet, judô, orquestra, rugby, é muita coisa. Até a gente fazer essa coisa da comunicação andar sozinha, é uma coisa de louco.

Planos para o ano que vem?

Ano que vem teremos 12 edições do jornal – e mais notícia para a rádio - porque é melhor ser criticado pelo que falou do que pelo que deixou de falar. Não é crítica pela crítica, a gente quer que as coisas andem. Ah, o parque não saiu, faz cinco anos prometidos e não saiu, tem verba no orçamento da prefeitura, a gente viu, a gente publicou que tinha verba, e por que não saiu? Por que não executou? O Prefeito não quer? Ah, ele quer, até está no Plano dele, um dos parques que ele colocou no Plano dele é o Parque Paraisópolis. Se o Prefeito anterior deixou verba para fazer esse parque, porque esse não fez? Tem coisas que nós, da Associação, estamos explicando para os técnicos da Prefeitura como fazer; eles perderam a memória administrativa das coisas e aí fica difícil. É uma gestão nova, com três anos pela frente, a gente quer que tudo ande mas tem coisas que a gente vai brigar...

Me fale da programação atual; vocês mudaram?

Com relação à grade de programação, a rádio tem hoje vinte programas: dez durante a semana e dez no final de semana. E aí são pessoas diferentes que fazem os programas. Temos hoje 28 locutores na rádio, entre sonoplastas, telefonistas. Somos uma equipe que se divide – tem gente que faz tudo sozinho e tem gente que precisa de ajuda na mesa de som. O legal é que a gente agora conseguiu colocar o Fabinho dando suporte como operador das seis da manhã às duas da tarde. Ele é o nosso sonoplasta mor. Esses dias mesmo, eram seis da manhã, ligou o Jota Maria: ô Reginaldo, você tem que vim aqui na rádio porque deu pau. E você tem que vim mesmo porque eu já falei com o Fabinho e ele falou que a coisa é grave. Aí eu fui, desmontei o computador, arrumei e pronto. Então, primeiro fala com o Fabinho; se ele não resolver, aí me chama. Hoje também temos o Crivaldo, que cuida do site, da internet, facebook, essa parte. É bom colocar que a média de tempo desses locutores da rádio é de dez anos no ar. Renatinho, Libera e eu somos, atualmente, da coordenação da rádio.

Qual o período de funcionamento da rádio?

Hoje a rádio funciona das seis da manhã à meia-noite. O computador não está aguentando funcionar 24 horas e nós não temos dinheiro para comprar outro. Ou seja, um para transmitir e outro para rodar de noite. Tudo é feito ao vivo, nada no automático, só quando o locutor da hora falta e a gente não consegue substituir, mas só nesses casos mesmo. Nossa programação foi definida de acordo com a demanda da comunidade. As pessoas vinham procurar a rádio defendendo o seu estilo musical e aí gente pedia para participar da reunião para ver como a rádio funciona e para ver também todas as dificuldades. Isso porque as pessoas vem procurar a rádio e acha que ah, não, eu vou lá, eu vou ficar famoso... vou vender o meu peixe... e quando eles vem aqui e participam da reunião, percebem os bate-boca que a gente tem aqui na reunião que são vários, né?. Então com isso eles já tem uma certa noção de como é que é e aí eles decidem se vão entrar ou não. Mas quando a gente fala dessa coisa da lei, que não pode ser assim, ou assado, entendeu, aí muita gente desanima e desiste, né? Agora, aqueles que vem com o interesse, com o intuito não só de defender o seu estilo musical mas principalmente de valorizar a comunidade, aí fica com a gente, tanto que o período que fica é enorme, dez, doze anos.

Quanto custa para manter a rádio por mês? Vocês têm esses custos?

A rádio custa em torno de 1.800 reais por mês entre água, luz e manutenção dos equipamentos. Somos privilegiados. A gente consegue se manter por causa da Unas e dos outros projetos daqui que dão suporte para a rádio. Ganhamos o prêmio Asas, do governo federal, que em 2010 premiou com 80 mil reais iniciativas culturais que valorizam a comunidade. Com parte dessa verba reformamos o estúdio da rádio, atualizamos nossa mesa de som, o espaço está adaptado para cadeirantes, tudo profissional. Mas a maior dificuldade mesmo é a sustentabilidade da rádio. Se a rádio não tem verba a gente não consegue formar equipe e a gente não consegue crescer. Quem vem para cuidar de um programa e fecha apoios

culturais para o seu programa fica com metade do apoio para ele e a outra metade fica para manter a rádio. Teve momentos em que a rádio teve muito apoio cultural e os locutores até conseguiam ganhar dinheiro. Só que o que aconteceu? Em 2010, quando saiu essa norma que definiu o que é um apoio cultural, aí complicou muito. Complicou porque antigamente tinha uma brecha na lei. Você tinha apoio cultural, mas não definia o que era de fato apoio cultural. Agora não. A rádio pode ter patrocínio sob a forma de apoio cultural desde que não veicule bens, produtos, serviços, condições de pagamento etc. Aí você chega no mercadinho e diz olha, você não pode falar da sua promoção que está tendo aqui, você não pode falar do seu produto. Tá, mas eu posso falar o quê? Pode falar que esse programa tem o apoio do mercado e fala o nome do mercado. Ah, não, mas então eu prefiro anunciar no carro de som, no jornalzinho da Unas. Então, com isso a gente perdeu muito apoio. Por incrível que pareça o pessoal quer anunciar na rádio, quer, só que esbarra na questão da lei. A gente não segue a lei ao pé da letra não, se eu falar pra você que a rádio tá, não tá não, a gente tem que sobreviver, a rádio tem que sobreviver. A gente só não coloca mesmo o valor e as promoções, o parcelamento, isso a gente não coloca. Por exemplo, o apoio do Magazine Luiza, que abriu aqui, fizeram uma mega loja. Eles querem ajudar, é a primeira loja virtual do Magazine Luiza na comunidade, eles já anunciam no jornal da Unas e querem anunciar as promoções na rádio e a gente não pode aceitar porque não podemos falar dessas promoções deles dessa loja.

E quanto às pesquisas de audiência, vocês ainda fazem? Como estão contabilizando os ouvintes?

A gente já fez diversas pesquisas de audiência aqui antes. Hoje essa resposta eu não consigo dizer exatamente. A gente tem o site da rádio e dá pra saber qual é a audiência dos programas da internet, mas o nosso público não é a internet. Então, pra gente não é válido esses números. Como a gente anda muito aqui na comunidade, a gente tem uma noção de qual programa as pessoas tem mais escutado, né, qual a faixa etária. Por exemplo, no período da manhã, é mais o público adulto mesmo, não tem jeito. Passo na rua e as pessoas me falam – diz lá pro Libera passar a música tal; fala pro Libera que depois passo lá, as pessoas mandam recado pra ele. Outro exemplo que está me surpreendendo muito é que a gente achava que jovem não escutava muito rádio, só o programa do Zóio, né [referindo-se ao Mano Zóio, do programa Revolução Rap]. O Zóio tem uma história e tal que todo mundo respeita, tanto que a marca dele aqui tá bombando. Mas como eu ia dizendo, a gente começou a fazer dois programas, o Fala Jovem e Jovens Alconscientes e isso deu uma reviravolta na nossa cabeça porque tá tendo muita aceitação aqui na comunidade, principalmente na juventude. Outra coisa que eu acho que foi muito rico é que hoje esses programas são bem politizados, eles discutem mesmo a questão política, a questão ideológica, que eu acho que isso faltava um pouco também na nossa rádio. E aí a gente colocou os jovens e os jovens levantaram essa bandeira. Então eles falavam das manifestações, o porquê das manifestações, né, o que isso afeta o cotidiano da população, o cotidiano de Heliópolis, e estão essas coisas a gente começou a discutir lá na rádio e a juventude começou a participar por telefone, por email. Mas mesmo assim a gente não tem noção, hoje, de quantos por cento da população de Heliópolis escuta a rádio. Tem uma discussão de que a gente tem muito retorno pela internet e pouco retorno da comunidade. Estamos nessa discussão agora. Como é que a gente estimula mais a comunidade a escutar a rádio. A comunidade tem clareza da importância que a rádio tem, né. E aí agora, no ano que vem, a gente quer fazer uma campanha pra as pessoas ouvirem a rádio. Não para

ficarem 24 horas ouvindo a rádio mas pelo menos dez minutos por dia sintonizar a rádio para saber as informações que estão acontecendo. Aí a gente consegue atingir maior público e tudo mais.

Como vocês entraram na internet? Eu me lembro que foi uma discussão longa...

Vou contar bem desde o início porque acho isso importante. Quando a gente pensou em colocar a rádio na internet- eu particularmente queria muito, eu e a Claudinha também queria muito – a maioria era contra porque ao mesmo tempo para o mundo, que é bacana, é legal, a gente também está expondo as nossas fragilidades. Porque o programa que vai para a internet é o mesmo que vai para a nossa comunidade, não é uma programação diferenciada, e tudo mais. E aí foi um quebra-pau porque tinha gente que falava assim: não, vamos colocar só os programas que já estão aptos para estar no ar na internet porque vão pro mundo inteiro. Outros falavam assim: não, vamos fazer uma programação gravada e a gente colocar no ar só essa programação gravada porque aí dá pra editar, dá pra você mexer e tudo o mais. Começou a ter um critério de qualidade do que dá pra fazer ou não por causa da imagem... Porque o medo dos locutores era isso, né, de mostrar nossas fragilidades, nossos erros, eles não estavam preocupados em divulgar a comunidade pro mundo, eles estavam pensando no lado negativo, né, olha lá, eles estão falando português errado, sei lá, não sei o que. Ah, a gente nunca teve problemas com isso, com sotaque, tudo mais, a gente até valoriza, né? Ah, pintou essa conversa e foi um debate forte e na verdade eu fui teimoso e eu coloquei o meu programa no ar mesmo sem a maioria me apoiar. Quando eles viram, já estava no ar e aí não tinha como voltar atrás. E outra coisa também: eu não sabia como colocar no ar, eu não tinha esse conhecimento técnico. Aí tinha um rapaz aqui fazendo uma atividade na comunidade e me perguntou por que você não põe a rádio na internet? Eu falei não tem como! Aí ele me disse olha, eu tenho um camarada meu lá em Brasília que sabe fazer isso. Ele consegue colocar a rádio no ar de lá. Naquela época, 2009, 2010, eu fiquei meio sismado, né, e fiz uma reunião com meus companheiros da diretoria. Olha, o cara falou assim assim assim, pode ser uma oportunidade isso aí. O pessoal falou olha, você é que sabe, porque depois quem vai assumir a pior é você, que é o coordenador geral da rádio... Então eu decidi assumir. Vou arriscar, vou confiar. E fizemos isso. Ele lá e eu aqui, mandou o contato IP do computador e de lá de Brasília e o cara começou a mexer na configuração e o cara colocou a rádio na internet. De graça, sem custo nenhum. E aí quando os locutores viram que estavam falando pro mundo inteiro, mudaram a opinião deles. Aí eu usei isso. Aí fui – agora a gente está falando não só pra comunidade. É uma responsabilidade a mais. Então a gente tem que melhorar muito mais a nossa programação, temos que tomar cuidado com o que a gente fala, com os nossos erros, nossas fragilidades, que a gente tem muito, e coisa e tal, e temos que fazer uma programação cada vez melhor para a nossa comunidade e para o mundo.

Tem muita audiência na internet?

Nessa coisa da internet, para minha surpresa, começou a ligar o pessoal do norte e do nordeste para pegar informação daqui. Outro dia estava no programa do Zóio e ligou um cara dos Estados Unidos, da Califórnia. Aí falou ao vivo. Tem um ouvinte aí da Califórnia que tá falando comigo no MSN e eu vou colocar ele no ar, falou o Zóio. E colocou. E o cara falou. Eu estava lá e presenciei isso. Que loco, que legal, mano. Não deu dez minutos liga o pai dele pra rádio agradecendo a oportunidade de ouvir o filho. Outra coisa

interessante que aconteceu foi no programa do Rogerinho. Tava lá ele fazendo o programa e liga uma mulher, se eu não me engano do Piauí, desesperada, atrás da mãe. Ela tinha informação de que a mãe dela morava aqui em Heliópolis e queria que o Rogerinho anunciasse na rádio e ajudasse a encontrar a mãe. Eu dizia Rogerinho, cuidado, você fica dando esperança a ela, Heliópolis é muito grande, você nem sabe se a mãe dela mora mesmo aqui ou não. Bom, a gente só tinha o nome completo da mulher. Então ele fez contato com um amigo dele da Telefônica e aí esse cara levantou todos os nomes com os telefones que tinham aqui. Deu 42 nomes. Aí o Rogerinho me mostrou a lista e eu insistia - Rogerinho, hum, não fala isso aí pra mulher, vai dar esperança pra ela, e se for tudo em vão... E eu com medo. Mas aí o Rogerinho começou a ligar. Sabe o que aconteceu? No terceiro número ele achou a mãe da moça. Só que a mulher desligou o telefone na cara dele. A mulher achou que era trote. A mulher não acreditou que era a mãe dela. Fazia 40 anos que uma não via a outra. Aí o Rogerinho ligou de novo e então a mulher acreditou porque insistiu, né? Aí a mulher começou a chorar e tal. Ele fez essa ponte. Eu falei pra ele: Rogerinho, isso dá uma matéria, vamos chamar a Record, a Globo, vamos chamar todo mundo pra fazer uma matéria e mostrar a importância que a nossa rádio tem. Porque foi uma coisa que nem eu mesmo tava acreditando e ele insistiu e conseguiu. Na época, a mulher precisava de R\$1.200,00 pra ir de SP pro Piauí. E a gente pensou vamos lá fazer a matéria e o pessoal da televisão dá o dinheiro pra ela reencontrar a mãe. Mas só a Record deu o retorno, só que não veio fazer a matéria. Aí depois de duas semanas a Record fez contato. Oi, a gente precisa fazer aquela matéria lá. Mas quando o Rogerinho ligou pra mulher, ela tinha vendido fogão, geladeira e já tinha ido pra lá já. O Rogerinho tirou as fotos com ela e tal pra mostrar um fato verídico. Então a internet possibilita isso também. Pra gente, foi importante colocar a rádio na internet. Só que a gente não perdeu nossa essência. Acho que o interessante foi isso, manter nossa essência. A nossa rádio está voltada para a comunidade e quem escutar a rádio, no mundo inteiro, vai escutar as informações da comunidade. É a maneira da gente também se valorizar e expor o que a gente tem de positivo.

E o papel articulador e mobilizador da rádio? A rádio está ajudando a comunidade?

Creio que a rádio está ajudando, sim, a melhorar a vida da comunidade. Ela teve várias participações na história de Heliópolis. A importância da rádio é que ela colabora para a articulação e mobilização da comunidade. Eu lembro que, quando veio o programa PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) para Heliópolis, 196 milhões destinados a Heliópolis, a gente não sabia como ia ser gasto esse dinheiro todo. Era uma verba do governo federal, junto com o estadual e o municipal, tudo investido aqui pra urbanização e habitação. E rolou aquele boato: ah, vai derrubar todas as casas da favela, vai não sei o que, e aí todo mundo começou a ficar bem preocupado, né. Aí a diretoria da Unas se reuniu. Não, a gente quer esse dinheiro para Heliópolis, mas a gente quer saber como esse dinheiro será investido. Porque se for gasto só por gastar, dinheiro que é nosso, dinheiro que é da população, a gente não quer. A gente quer entender como vai ser gasta essa verba. Onde vai ser, vai ser na moradia, como vai ser? Vai tirar o pessoal do córrego? Vai levar para onde? Não é só canalizar o córrego, vai precisar ver pra onde vão essas famílias que estão na beira do córrego. Por que se for tirar essas famílias para ir pra rua, pra nós também não é viável. Estão na beira do córrego, estão correndo risco, mas pelo menos eles tem uma casa. Tanto que nossa maior dificuldade, mais tarde, foi essa: convencer o pessoal a sair. Não, se a gente sair daqui não vamos ter para onde ir.

Então, o que a gente fez? Através da rádio a gente mobilizou a população, mostrou a importância que o PAC ia ter e a gente fez uma assembleia e convidou o prefeito, o secretário da habitação e tudo o mais. E foi em frente a rádio. Assembleia lotada, o prefeito chega, passa no meio da população, sobe no palco e fala: aqui em Heliópolis vai ser diferente. A gente vai fazer esse trabalho aqui junto com a população. Não vai ser eu que vou falar o que é melhor para vocês, vão ser vocês que vão falar o que fazer aqui. E aí a gente começou esse processo, né. A gente ia de casa em casa junto com o pessoal da Prefeitura. A Prefeitura tinha uma metodologia de trabalho que era assim: ia tirar a pessoa do barraco, eles ofereciam a unidade habitacional, né, primeiro a pessoa ia com bolsa aluguel, até ficar pronta a unidade. Também ofereciam uma carta crédito no valor de 60 mil para comprar uma casa. Sessenta mil não dava pra comprar nada mas eles ofereciam isso. Mas aí ofereciam o pior de tudo: o valor de cinco mil pelo barraco – era pegar o dinheiro e ir embora pro norte, pro nordeste. Era assim. E aí a gente acompanhava as assistentes sociais e foi outra guerra também porque as assistentes sociais diziam que a gente estava interferindo no trabalho delas, na liberdade delas, e tal. E a gente achava o contrário, a gente tinha que estar ali porque os moradores não tinham a informação correta, né. A gente às vezes pegava uma senhora de idade que achava que com cinco mil reais ia resolver a vida dela. E a gente falava não, você não tá entendendo, não faz isso, você vai dar a sua casa por cinco mil reais... a Prefeitura queria que eles saíssem pegando os cinco mil. E aí a rádio ajudou muito porque levava o Manuel (um dos primeiros moradores da região, líder comunitário e dos movimentos de moradia de SP) pra falar, levava antigos moradores, e tudo mais, e com isso o pessoal começava a ligar pra tirar as dúvidas e nisso a rádio contribuiu muito. Hoje Heliópolis é considerado referência, um bairro exemplo. Eu não chamo mais de favela porque Heliópolis já passou dessa fase, né, e a rádio contribuiu nesse processo. Não falo que foi tudo a rádio, mas a rádio estava presente em todas as ações que teve aqui.

A última que chamou muito atenção aqui foi quando pegou fogo nos barracos aqui, na parte que a gente chama de Ilha. Eram seis da manhã e o pessoal ligou pra rádio avisando. Cheguei no estúdio às sete e os locutores já tinham se organizado na solidariedade. Fizemos chamamentos para doações e um show com artistas de forró, rap, reggae e samba; a entrada era mantimentos. A sala da rádio lotou com alimentos doados, chegou um caminhão lotado de alimentos da Bahia, chegou tanta coisa que a gente precisou distribuir pelas igrejas e pedir para parar de mandar comida e roupa, que agora só precisava mesmo era de material higiênico mesmo. Então, é o que eu falei: às vezes, a população não escuta a rádio mas sabe que tem um veículo de comunicação e que, quando precisa, sabe que pode contar com ela.

Você acha que essa rádio educa?

A rádio educa, com certeza. Quando a gente fala em educar é um processo, né, não é uma coisa de uma hora pra outra e tudo mais. Mas eu conto com uma educação, desde os locutores que estão ali, as pessoas que trabalham diretamente na rádio, como o nosso público, indiretamente, que são os ouvintes. Então, tudo é um processo. Do locutor chegar na rádio e falar, por exemplo, agora, recentemente, a eleição do Conselho Participativo. É uma coisa nova, a maioria da população nem sabe o que o que é. Passa lá na televisão, passa na mídia, mas não explica a importância que tem. E aí pegamos os locutores pra fazer uma reunião e falar da importância do Conselho Participativo e depois o locutor ir lá repicar para a comunidade também entender a importância disso e tudo mais, a gente está educando também. A gente está educando esse morador, a gente está educando esse

locutor pra todo mundo ser cidadão, a exercer a cidadania. E pra isso a gente não tem outros mecanismos, nem mesmo a escola. A escola não vai discutir um tema tão importante como esse, infelizmente. Tem muita coisa que nossos órgãos educacionais não discutem mas na rádio a gente tem essa liberdade de discutir, de debater, de envolver a população e mostrar o papel dela de cidadão de direitos e deveres. Se a rádio conseguir fazer isso – e não é em grande escala – consegue informar e formar.

(Heliópolis conseguiu eleger, em meados de dezembro de 2013, 19 dos 47 membros do Conselho Participativo do Distrito do Sacomã, cujo papel é definir como serão gastos os recursos orçamentários disponíveis para a região, inclusive as prioridades). O Conselho Participativo hoje é um órgão a nosso favor. Não temos o poder de executar, mas temos o poder de debater, discutir e definir o que é viável para a comunidade. Fui outro dia falar na rádio sobre o Conselho, a gente ia nas reuniões com os moradores discutir os projetos e eu dava um exemplo prático. Eu falava que na Estrada das Lágrimas, o ponto de ônibus é um poste em pé. E que de manhã, quem pega um ônibus às cinco, seis da manhã, em dia de chuva, toma toda aquela chuva, chega no trabalho todo molhado e tudo mais. Na região da Silva Bueno, Ipiranga, é tudo coberto, tudo bonito. Lá ninguém toma chuva. Aí eu perguntava: onde tem mais gente pegando ônibus, aqui ou lá? É aqui! Então. Por que não tem aqui e lá tem? Porque lá eles estão mais articulados, a população cobra mais, é Alto do Ipiranga, população classe média alta, entendeu? E o mesmo direito que eles têm lá a gente tem aqui. Só que a gente não está tão organizado e articulado como eles. E o Conselho Participativo é o órgão que a gente tem para conseguir essa articulação e essa mobilização. A gente vai ser o representante da comunidade lá. E aí o pessoal começava a entender. Não, pode deixar que a gente vai votar e tudo o mais. E aí mudava o discurso deles porque muitos achavam que os conselheiros recebem salários para a função, o que não é fato. As reuniões são mensais e a atividade não é remunerada.

Dou outro exemplo também muito bacana. Quando estava acontecendo essa questão de tirar os barracos daqui, todo mundo procurava a gente. Nessa época a rádio bombou porque vai muito da demanda, né? Estou precisando de informação e então vou escutar a rádio. Bom, tinha uma senhora que escutava o programa do Zenildo, o Forroço da Heliópolis, e ela foi lá desesperada na rádio reclamar que fazia dois meses que a Prefeitura não pagava o aluguel dela. Estava com o aluguel atrasado dois meses. Outras pessoas já tinham reclamado disso também e eu falei quer saber de uma coisa, vou lá no Plantão ver o que está acontecendo. Aí fui com ela no Plantão. No meio do caminho encontramos o Zenildo. Vamo lá que eu vom vocês também. Aí fomos eu, o Zenildo e a senhora. Aí chegamos lá no Plantão e o pessoal já conhecia a gente das visitas, né. O que é que foi? Não, é que essa senhora já está com dois meses sem aluguel, isso não é brincadeira, vocês não podem fazer isso com as pessoas não. Aí a assistente social já me mandou logo falar com a chefe dela. A chefe dela nunca ia lá no Plantão mas naquele dia foi. Ô, Reginaldo, de novo você aqui? – porque eu já tive vários quebra-paus com ela, sabe. E ela nem falou com o Zenildo, falou direto comigo, deixou o Zenildo de escanteio. – Pô, e aí, você não tem o que fazer lá na Unas, não? Não, eu tenho o que fazer lá na Unas e é por isso que eu tô aqui. Tô aqui representando a comunidade. Ela foi me procurar porque faz dois meses que não recebe o aluguel. Pô, isso não é brincadeira, não. Aí é brincar com o povo, né? Vocês não podem fazer isso. E ela: mas vocês precisam entender que a gente tem diversas tarefas e tal, e não sei o que, a gente atrasou mas a gente já explicou pra ela ... Nãao, não explicou pra ela não porque ela foi procurar a gente e foi por isso que eu vim aqui. Ela foi procurar a gente. Aí o Zenildo pegou e falou assim: O Sueli, eu sou o Zenildo, sou lá da rádio Heliópolis - primeira vez que o Zenildo foi educado porque o Zenildo é daqueles caras bruto, sabe, sem filtro, é – então, eu queria marcar uma entrevista com você para

explicar essas coisas. Desse jeito. Ela pegou a bolsa dela, ajeitou, assim, e falou: Você acha que é assim? Tem que agendar comigo antes. Você acha que eu vou parar e ir? Não é assim não, tem que agendar. Não é bagunçado assim. Vocês vem aqui a hora que vocês querem, e tal, e não sei o que. Aí o Zenildo já ... xi... Ah, é? Você não vai falar comigo não? Então eu vou chegar lá na rádio e vou descer a lenha, vou falar tudo o que está acontecendo aqui, essas maracutaias que você tá fazendo aqui. E ele começou a falar alto, a gritar, agitou o pessoal que estava lá no Plantão, fez o maior bafafá, e a gente dizia calma, Zenildo, calma. Nisso a mulher já estava de pé. Ela estava desse jeito: pôs a bolsa assim, calma Zenildo, vamos conversar, eu tô pra depositar, sabe, mas aí vocês me complicam. Aconteceu isso, isso, isso, vamos sim marcar uma reunião com você, viu Zenildo, a gente vai explicar. Só que aí mudou totalmente a conversa: vamos ver o caso dela, e tal. E aí fez o pagamento da mulher. E eu só cheguei pra ela e falei caramba...

**Maria Rita Paes Falcone, vice presidente da Associação e
Diretora da Rádio Everest FM.**

Fale um pouco sobre o início da rádio...

Nós ficávamos os sábados e domingos aqui até nove, dez horas da noite. O que eu já cheirei de cola aqui, gente, você não faz ideia. O dia inteiro, colando esse carpete. O Marco tem algumas aptidões maiores, ele gosta de marcenaria, então ele montou as mesas e a gente foi construindo isso aqui pedacinho por pedacinho. O Marco trabalhava em uma empresa que substituiu os seus equipamentos por outros mais modernos e ele comprou e trouxe. Não são de última geração mas fazem o serviço que precisamos. Então eu tenho duas salas, quatro computadores, mesa, cadeira, essas coisas.

Como estão resolvendo a questão da sustentabilidade?

Nós tínhamos uma parceria com um Centro Espírita aqui do bairro que tinha a intenção de divulgar a doutrina espírita. Nosso acordo era que eles pagavam o meu salário, que gerencio a rádio e fico aqui o dia todo, e o salário da Luzmarina Botelho, que é zeladora da rádio e cuida do noturno e finais de semana. Como contrapartida, passávamos os programas deles na emissora. Mas essa parceria terminou esse mês e agora não sabemos como fazer. Conversei com algumas pessoas e estamos aguardando resposta. Alguma coisa tem que acontecer. O Marco não pode pagar os nossos salários do bolso dele todos os meses, entendeu. Porque temos aqui uma verba que é suficiente para pagar as despesas, mas se quebrou o ar condicionado, se quebrou o computador, a gente tem que falar com o Marco. Eu não tenho apoio cultural, aqui na região ninguém faz, como é que eu vou sobreviver? Na prática, a teoria não cabe, a lei não encaixa. Eu preciso vender espaço na programação. Por mais que isso me doa, já disse pro Marco que não posso ficar aqui de graça. E se eu não puder ficar, o Marco vai ter que fechar...

E a programação, como está?

Funcionamos 24 horas. Temos programas ao vivo das 8 ao meio dia, todos os dias. São cerca de seis horas de programação ao vivo por dia, na média. A programação é formada por 27 programas diferentes ao longo da semana. Batucada Everest é um programa musical, fica no automático. O Bem Bolado é musical e é ao vivo, sempre tem informação, tem algum comentário, doação de sangue, esse tipo de serviço. Bonde Musical fica da meia-noite às cinco, é automático. Brasileiríssimo é ao vivo. Café Brasil e Siga Bem Caminhoneiro são programas de variedades, Musical Sertanejo e Rancho do JC são ao vivo, Cantando o Evangelho é ao vivo, é devocional. Tem também a Palestra da Fraternidade, que é uma transmissão ao vivo que a gente faz. O meu programa é Variedades Everest, tem música e comentários também. Entre meia noite e cinco da manhã fica sempre no automático, mas fica sempre a Luzmarina aqui, que é a zeladora da rádio e toma conta de tudo na parte da noite, durante a semana e aos sábados. Somos duas pessoas que tomam conta da rádio, ela e eu, que sou a diretora. O pessoal que vem fazer o programa chega, entra, e faz. Ao todo, são 18 pessoas que circulam na emissora, sendo que dois fazem funcionar a rádio e mais o Marco, presidente da Associação e diretor geral. Nós ensinamos o pessoal a operar os equipamentos, mexer é muito simples, é apertar um

botãozinho. Por exemplo, parece brincadeira, mas o JC, ele não quer aprender a mexer. Então tem uma briga dele todo sábado entre ele e Marina. Entendeu? Mas ele não aprende porque ele não quer. Eu já monto o programa para ele, ele escolhe as músicas que ele vai querer, ele passa pra mim e eu já monto e coloco na pastinha dele porque ele faz o programa no sábado. No sábado ele chega aqui, só que ele quer que a Marina fique junto com ele no estúdio, batendo papo! Aí eles começam a brigar e isso dá audiência. Entendeu? Então eles ficam o tempo todo brigando. Na nossa programação, passamos a missa católica e temos um programa evangélico. A única coisa que pedimos é que os programas religiosos sejam no horário noturno. Isso porque a gente tem algumas pessoas que deixam a rádio ligada em ambiente de trabalho, tem pessoas que deixam a rádio ligada em caixas de som na frente de lojas e fica tocando música o dia inteiro e programa o dia inteiro. Quando dividíamos a programação com outra emissora, tivemos problemas porque eles tinham a reza do terço várias vezes e então o pessoal desligava a rádio e aí depois não volta mais. Então, por esses dois exemplos, a gente preferiu deixar os programas religiosos para a parte noturna. Se bem que tem gente que liga e fala olha, eu tava ouvindo e tem músicas muito boas na madrugada. Então, independente disso, né, sempre tem quem ouça. Os porteiros do condomínio, que sempre ouvem nossa programação, ligam pra gente, então achamos por bem deixar assim.

Quem definiu a programação da rádio?

A princípio começou pelo gosto de cada um, em seguida começamos a ver pelos pedidos dos ouvintes. As pessoas ligavam e pediam certos tipos de música e a gente ia tirando as conclusões. Aqui na região, são músicas mais antigas. Acho que, na verdade, rádio tem um público não tão jovem. Acho que juvenzinho não é público de rádio, acho que público de rádio tem mais idade, principalmente os idosos. Os menininhos que ficam nos mp3, nos mps da vida aí, querem só música, né? E com relação aos programas, foram os locutores que vieram nos procurar com suas propostas e nós cobramos pelo espaço que eles ocupam na rádio. A decisão sobre o conteúdo geral dos programas é de responsabilidade de cada locutor. Desde que atenda os requisitos da Anatel e do Ministério das Comunicações, não damos palpite.

Vocês medem a audiência?

Não temos como medir audiência. Não, isso a gente não tem como saber. Não temos equipamento que meça isso, pelo menos a gente precisaria estar pagando e como não temos recurso nem para outras coisas, que dirá para essa pesquisa. A gente, mesmo manual, tem uma lista de pessoas que nos ligam por telefone e são pessoas fiéis. São pessoas que podem me ligar uma vez por semana, duas, três vezes por semana ou uma vez por ano. Então, a gente tem isso. Tem pessoas que ligam e dizem – olha, eu já ouço essa rádio há uns dois anos mas eu nunca liguei pra vocês, mas é que eu gosto tanto de ouvir porque tem o tipo de música que eu gosto. Então não é todo mundo que liga. Independente de gostar ou não, não tem como fazer. Então, medir a gente não consegue, mas tem uma quantia razoável, e é o que eu te falei, a gente tem pessoas que ouvem em uma empresa, no comércio, tem várias pessoas que ouvem no comércio, deixam ligado. Desses ouvintes fiéis, acho que somam uns 300. E depois temos os ouvintes da internet. Ontem eu tive aqui um seresteiro da região e ele tem a voz idêntica à voz do Nelson Gonçalves. Não é que ele imita, a voz dele é a voz do Nelson Gonçalves. Quando ele vem, é um desespero, o povo

me liga o tempo todo. E por acaso esse seresteiro veio com a neta dele, e sem ninguém esperar, a neta pediu para cantar para ele e fazer uma homenagem pro avô. Nossa, foi uma emoção! Teve também uma dupla que veio tocar aqui, que ta começando, porque a gente procura dar oportunidade por grupos da região, né? E os patrocinadores deles são uma fábrica de alumínio e eles trouxeram um jogo de panelas para sortear. Então uma ouvinte da rádio, de 92 anos, que me liga três vezes por semana, veio aqui buscar o seu brinde. A emoção foi grande porque nós nos conhecemos nesse dia. É bem legal!...

A rádio está em sintonia com a vida do bairro?

Se a rádio está ajudando a melhorar a vida do bairro? Com certeza sim. Por que? Porque quando alguém precisa de alguma coisa liga pra cá e a gente vai atrás. Antes a gente tinha um retorno mais rápido da nossa Subprefeitura. Então, algumas coisas a gente conseguia dessa forma, ligava pra Subprefeitura e procurava providenciar. Hoje, as coisas são mais demoradas e há serviços que são muito mais demorados e independe de quem peça. Nós conseguimos um ponto de ônibus, coisa de dois anos atrás, cobertura de ponto de ônibus para a praça do Samba que ainda não foi instalado. Já falei com vereador, com Subprefeitura, com o SPTrans. Agora, o vereador falou que já vai sair, que já estava na lista de prioridades deles. A rádio é um poupa tempo da população, um despachante. Eu falo com a rádio e a rádio corre atrás pra mim. Uma vez veio uma ouvinte aqui que estava um problema de rato na casa das pessoas aqui da rua de baixo. Aí eu liguei pra lá e eles vieram e quem me contou foi a vizinha. Com três dias vieram, dedetizaram tudo aqui, tudo certo. Então, são contatos que a gente tem. Mas tem contato que a gente tem mas tem problemas que nunca vão ser resolvidos assim, que é problema de fila no posto de saúde, problema com a família, coisa que eu não posso fazer nada, não vou conseguir resolver. Temos um problema com a Unidade Básica de Saúde 1, que fica atrás de um mercado, na baixada. Então, fazer uma subida, para uma pessoa de idade, é bem complicado, é um lugar de saúde e pra chegar é difícil. Já falei com um monte de gente e tem que ter uma linha de ônibus que passe por ali. São coisas que ninguém fica sabendo mas que são valiosas para a comunidade.

Para você, a rádio é lugar de educação?

A gente procura, na medida do possível, educar, falando mais sobre as coisas, como história, arquitetura, sobre os feriados, meio ambiente, lixo, cidadania. Só não tem mais porque não tenho mais ninguém que me ajude. Temos um projeto de formar estudantes de ensino fundamental e médio a mexer com rádio. Fizemos um acordo com uma escola particular aqui da região e começamos a trabalhar mas os alunos desanimaram. Nosso projeto era ter gente especializada para ensinar esses alunos a pesquisar na internet nos lugares certos. Porque eles começaram a ver a rádio como uma obrigação. Na segunda e terça elas vinham para fazer pesquisa, na quarta para fazer a programação e na quinta para discutir os erros e na sexta para pensar o programa da semana seguinte. Começou a ficar maçante para eles.

ANEXO 5

Revista A Rede

matéria publicada em 22 de julho de 2005

<http://www.obore.com.br/aconteceIntegra.asp?cd=760>

A revista A Rede - edição de julho - traz a reportagem de Lia Ribeiro Dias (Diretora Editorial) **Nova Lei reacende o debate** sobre a sanção da lei 14.013 que dá ao Executivo paulista o poder de autorizar o funcionamento de rádios comunitárias no município. Sancionada em 23 de junho pelo Prefeito José Serra, a nova lei deverá ser regulamentada no prazo de 90 dias, a contar da data de sua publicação no Diário Oficial.



No terraço do edifício Copan, a comemoração das entidades que lutaram pela aprovação da lei: Sergio e Rafael, com a faixa (OBORÉ); William Okubo (Biblioteca Monteiro Lobato), Geronino Barbosa (Rádio Heliópolis), Ana Luisa (OBORÉ), Afonso Celso (Copan), Cristina (OBORÉ), Paulo Gallo (Faculdade de Saúde Pública/USP), Terlânia (Sindicato dos Jornalistas / OBORÉ) e Wellington (OBORÉ). Faltou o Padre Romano (Igreja da Consolação) que está em Roma. Foto – Cia da Foto.

A reportagem aborda a questão da constitucionalidade da lei, defendida pelo juiz federal Paulo Fernando Silveira, autor do anteprojeto da lei, e contestada pelas emissoras comerciais que já sinalizaram a intenção de mover ação direta de inconstitucionalidade junto ao Ministério Público Estadual.

E enumera, de acordo com a tese de Silveira, as razões para que a questão da radiodifusão comunitária seja resolvida no âmbito do município: "1) a pequena potência, em watts, das ondas de rádio, de modo a não ultrapassar a fronteira do município; 2) a definição de contorno, em virtude da quantidade de dBm (decibéis) da emissora, de modo a evitar interferência em outros serviços locais; 3) a especificação da área de cobertura de cada emissora, ou seja, abrangência de todo o território municipal ou limitada a um bairro, vila ou setores; 4) o relevo do município, a fim de determinar a altura da antena e sua exata posição e direcionamento, visando contornar os obstáculos físicos existentes em cada município."

Outro destaque da reportagem é o movimento "Cadê canal?" que pressionou a Anatel a definir uma frequência para as rádios comunitárias da cidade de São Paulo. Em março de 2004, a Anatel destinou o canal 198 para a radiodifusão comunitária, mas até hoje, não houve o chamamento do Ministério das Comunicações para que as entidades paulistanas (associações e fundações) manifestem seu interesse em obter a outorga.

Na seção Opinião, Sergio Gomes, diretor da OBORÉ, escreve a **Carta aberta à mídia** (leia texto abaixo) sobre notícias que a imprensa insiste em ignorar: o artigo 266 do Plano Diretor da Capital de São Paulo que determina que o Executivo desenvolva o Plano Diretor de Radiodifusão Comunitária, a ser incorporado ao Plano Diretor Estratégico (PDE) quando de sua revisão em 2006; a Lei 13.941 que institui o projeto Educomunicação pelas Ondas do Rádio que dotou 272 escolas municipais de Ensino Fundamental de equipamentos de rádios, diminuindo a violência e a depredação dos prédios escolares; a Lei 14.013, das rádios comunitárias; e o movimento "Cadê Canal?", responsável por apressar a Anatel em definir um canal para as rádios comunitárias de São Paulo.

Carta Aberta à mídia

Sergio Gomes

Jornalista, diretor da OBORÉ, Escritório Paulista da AMARC/Brasil - Associação Mundial das Rádios Comunitárias e Cidadãs

Estava faltando uma publicação como ARede para tratar, simultaneamente, do que está na "ponta" das novas tecnologias e do que acontece no porão do velho navio chamado Brasil; para contar histórias de pessoas que insistem, persistem e não desistem e dar dicas que podem funcionar como pauta para outros veículos.

Vamos ao fatos que não mereceram uma linha sequer nos últimos meses e que apontam para vitórias na área da democratização da comunicação.

O Plano Diretor da Capital de São Paulo (Lei 13 885) aprovado pela Câmara em agosto e sancionado pela Prefeita Marta Suplicy em setembro , determina no seu artigo 266 : *O Executivo deverá desenvolver o Plano Diretor de Radiodifusão Comunitária, a ser incorporado ao Plano Diretor Estratégico (PDE) quando de sua revisão (2006)*.

Nenhuma cidade do mundo ostenta, até hoje, algo parecido.

Dia 28 de dezembro de 2004, o Diário Oficial do Município, publicou a Lei 13.941 que institui o Projeto Educomunicação Pela Ondas do Rádio. Desenvolvido ao longo de três anos e meio pela Secretaria Municipal da Educação junto com o Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da USP, capacitou mais de 10 mil pessoas, dotou 272 escolas municipais de Ensino Fundamental de equipamentos de rádio , reduziu de forma extraordinária a violência contra/entre as crianças e baixou quase a zero os índices de depredação dos prédios escolares. Trabalho tão importante que a nova administração do Prefeito José Serra / Secretário José Pinotti não só decidiu dar-lhe continuidade como ampliá-lo para alcançar a vizinhança, as famílias.

Após quatro anos de tramitação foi aprovado pela Câmara Municipal , dia 11 de maio deste ano, e sancionado pelo prefeito José Serra, no dia 23 de junho, o projeto de lei 145 (agora, Lei 14.013), que garante a auto-sustentação das rádios comunitárias. Um duro golpe nas pretensões do narcotráfico, das religiões fundamentalistas e dos políticos padrão Roberto Jefferson. Só o fato de a iniciativa ter partido de 2 vereadores destacados (Ricardo Montoro - PSDB e Carlos Neder-PT), que pertencem a partidos distintos, já mereceria destaque na imprensa.

O Ministério das Comunicações e a Anatel deixaram escorrer mais de 6 anos sem conceder a São Paulo (capital e 32 municípios vizinhos) o direito de dispor de um canal exclusivo para o funcionamento das rádios comunitárias, conforme prevê a Lei Federal. Foi preciso reunir Deus e todo mundo, no dia 23 de setembro de 2003 : do Sindicato dos Jornalistas ao Itaú Cultural, da Câmara Municipal à Faculdade de Direito da PUC, das Rádios (na ilegalidade) aos artistas consagrados, do povo da Saúde às melhores escolas municipais, e todas as entidades de coordenação do Movimento de Radiodifusão Comunitária, para arrancar, das autoridades federais, finalmente, a resposta à campanha **Cadê Canal ?** Desde o dia 22 de março de 2004 (Resolução 355 da Anatel) está garantido o canal 198 (frequência 87,5 / 87,7) para o funcionamento legal das rádios comunitárias na Grande São Paulo. Até hoje, nenhuma das 294 associações que entraram com os papéis em Brasília (desde 98) foi chamada para ocupar, legalmente, uma posição no *dial*. E dá-lhe perseguição a Heliópolis ! E fecha-se a Rádio Guadalupe, em Osasco! E mantenha-se o silêncio da imprensa sobre o que se passa nessa área do porão do navio Brasil.

ANEXO 6

Relação de entidades autorizadas a operar Rádios Comunitárias no município de São Paulo | Ministério das Comunicações | Serviço de Radiodifusão Comunitária



Ministério das Comunicações

Secretaria de Serviços de Comunicação Eletrônica

Coordenação Geral de Radiodifusão Comunitária - CGRC

Radiodifusão Comunitária - RADCOM

Relação de Entidades Autorizadas

Unidade Federativa: Todas

Ano do Aviso: Todos

Quantidade de processos: 4.601

UF	Município	Processo N°	Aviso	Status	Entidade	Latitude	Longitude	Portaria	Data DOU	Representante
SP	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	538300029861998	7	LDE	ASSOCIACAO COMUNITARIA SAO JOSE	20S5019	49W2242	2246	30/10/2002	Mario Kenji Tamura
SP	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	530000489862007	24	LDE	ASSOCIACAO COMUNITARIA CULTURAL DE MUSICA E CINEMA	23S1131	45W5231	28	05/02/2010	Ana Lídia Nunes de Matos Ferreira
SP	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	530000341792005	24	LDD	ASSOCIACAO DE MORADORES DO JARDIM CRISTINA, OURO PRETO E PORTAL DE MINAS	23S0929	45W5321	447	31/07/2009	Saulo Almeida de Abreu
SP	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS	530000520272004	24	LDA	ASSOCIACAO CULTURAL COMUNITARIA MORUMBI	23S1804	45W5351	743	30/08/2010	ANTONIO PEREIRA DE BARROS
SP	SÃO JOÃO DA BOA VISTA	538300018011998	2	LDE	ASSOCIACAO COMUNITARIA SHEKNAH FM	21S5835	46W4904	121	24/02/2005	Liberato Félix de Oliveira Filho
SP	SÃO JOÃO DA BOA VISTA	538300016931998	1	LDE	ASSOCIACAO COMUNITARIA CULTURAL DE COMUNICACAO ESPERANCA EVIDA	21S5900	46W4646	318	14/07/2000	
SP	SÃO LUÍS DO PARAITINGA	538300007481999	5	LDE	ASSOCIACAO CULTURAL PARA DIFUSAO DAS TRADICOES E HABITOS LUIZENSES	23S1328	45W1827	218	18/06/2003	César de Gouvêa César
SP	SÃO MANUEL	538300030231998	4	LDE	ASSOC. CULT. ARTIST. E SOC. DE INTEGR. COMUN. S.MANUEL	22S4637	48W3440	1494	15/08/2002	Antônio Ribeiro de Brito
SP	SÃO MANUEL	538300019701998	1	LDE	ASSOCIACAO ASSISTENCIAL E EDUCATIVA COMUNIDADE SOLIDARIA DE SAO MANUEL	22S4340	48W3339	315	21/06/2007	Antônio Carlos de Oliveira
SP	SÃO MIGUEL ARCANJO	538300019751998	4	LDE	ASSOCIACAO RADIO ALIANCA FM DE SAO MIGUEL ARCANJO	23S5227	47W5944	214	18/06/2003	Braz Alves Munhoz
SP	SÃO PAULO	538300029721998	22	LDD	ASSOCIACAO COMUNITARIA DE COMUNICACAO E CULTURA DO TUCURUVI	23S2821	46W3622	837	18/12/2008	
SP	SÃO PAULO	538300019901998	22	LDE	ASSOCIACAO CANTAREIRA	23S2739	46W4157	845	18/12/2008	Maria Margaret da Silva
SP	SÃO PAULO	538300026931998	22	LDE	ASSOCIACAO BRASILEIRA DE QUALIFICACAO E ENSINO PRO-RADIO	23S3427	46W3656	863	28/10/2009	
SP	SÃO PAULO	538300028701998	22	DEC	UNIAO SOCIAL DO JD SANTANA E ADJACENCIAS	23S3012	46W2610	458	21/05/2010	Aparecida de Jesus Dias
SP	SÃO PAULO	538300008451999	22	LDE	ASSOCIACAO CULTURAL COMUNITARIA TERNURA DE PERUS	23S2427	46W4430	843	18/12/2008	
SP	SÃO PAULO	538300012002000	22	LDE	ASSOCIACAO CULTURAL COMUNITARIA PRINCESA ISABEL	23S3307	46W2508	839	18/12/2008	
SP	SÃO PAULO	538300012361999	22	LDE	UNIAO DE NUC ASSOC SOC MORAD HELIOPOLIS E S J CLIMACO	23S3659	46W3526	92	13/03/2008	Nazareno Antonio da Silva
SP	SÃO PAULO	538300012542000	22	LDE	ASSOCIACAO CULTURAL COMUNITARIA EVEREST	23S3638	46W3128	831	18/12/2008	JOÃO BEZERRA TORRES



Ministério das Comunicações

Secretaria de Serviços de Comunicação Eletrônica

Coordenação Geral de Radiodifusão Comunitária - CGRC

Radiodifusão Comunitária - RADCOM

Relação de Entidades Autorizadas

Unidade Federativa: Todas

Ano do Aviso: Todos

Quantidade de processos: 4.601

UF	Município	Processo N°	Aviso	Status	Entidade	Latitude	Longitude	Portaria	Data DOU	Representante
SP	SÃO PAULO	538300006462000	22	LDE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL AMIGOS DO BROOKLIN	23S3619	46W4130	838	18/12/2008	MAURO DE FREITAS TORELLO
SP	SÃO PAULO	538300029701998	22	LDE	SOCIEDADE CULTURAL CIVICA BRASILEIRA	23S3033	46W4027	836	18/12/2008	
SP	SÃO PAULO	530000151812007	22	DEC	ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMUNITARIA INTEIRA AÇÃO	23S3423	46W3202	828	18/12/2008	Roberto Pereira de Araújo
SP	SÃO PAULO	538300014261999	22	LDE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMUNITARIA ZONA SUL	23S4440	46W4138	827	18/12/2008	
SP	SÃO PAULO	538300009232001	22	LPE	ASSOCIAÇÃO VIDEOMAKER DO BRASIL	23S3151	46W2746	861	28/10/2009	Paulo Augusto Ferraz Simões
SP	SÃO PAULO	530000152592007	22	LDE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMUNITARIA ASA DOURADA	23S4145	46W4519	835	18/12/2008	Marcos Alves Coutinho
SP	SÃO PAULO	53830000502002	22	LDE	ASSOCIAÇÃO E MOVIMENTO COMUNITARIO BENEFICENTE EDUCATIVA CULTURAL SAUDE	23S3752	46W3738	847	18/12/2008	
SP	SÃO PAULO	538300004612000	22	LDE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMUNITARIA MILENIO	23S3013	46W2347	850	28/10/2009	Zenaide Nunes Nogueira
SP	SÃO PAULO	530000199482005	22	LPE	ASSOCIAÇÃO RADIO COMUNITARIA CAMINHO PARA A VIDA	23S3712	46W2639	853	28/10/2009	Almir Ribeiro dos Santos
SP	SÃO PAULO	530000151782007	22	LDE	ASSOCIAÇÃO DE DIFUSÃO DOS AMIGOS DE VILA ALPINA	23S3503	46W3420	834	18/12/2008	Wanderlei Antônio Melato
SP	SÃO PAULO	530000212902003	22	LDE	UNIAO DOS MORADORES E DO COMÉRCIO DE PARAISÓPOLIS	23S3657	46W4349	833	18/12/2008	José Rolim da Silva
SP	SÃO PAULO	530000150212007	22	LDD	ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE RADIODIFUSÃO DE VILA DALILA	23S3208	46W3100	846	18/12/2008	Washington Luis Pereira de Souza
SP	SÃO PAULO	538300018761998	22	LDE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL RADIO LIVRE COMUNITARIA STUDIO 100 FM	23S2944	46W4243	829	18/12/2008	JOSÉ LUIS ALVES
SP	SÃO PAULO	538300028631998	22	LDE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMUNITARIA DA PAZ	23S4643	46W4051	840	18/12/2008	
SP	SÃO PAULO	538300004841999	22	LDE	ASSOCIAÇÃO MENSAGEM DE ESPERANÇA	23S3157	46W3807	842	18/12/2008	Juscelino Humberto R. L. S. Leite
SP	SÃO PAULO	530000142392007	22	LDE	ASSOCIAÇÃO CIDADADA	23S3435	46W4440	832	18/12/2008	Juan Alexandre Caetano dos Santos
SP	SÃO PAULO	530000697132006	22	LDD	INSTITUTO MARIA JOSE AMORIM - IMJA	23S2921	46W4522	859	28/10/2009	MARIA REGINA CORTEZ
SP	SÃO PAULO	530000244272003	22	LDE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMUNITARIA L.B.R.	23S2702	46W4513	826	18/12/2008	JOSÉ ROQUE DA COSTA JÚNIOR
SP	SÃO PAULO	538300020181998	22	DEC	COMUNIDADE SPICILEGIUM DEI DE AMPARO SOCIAL E CRISTAO	23S2921	46W2822	956	24/11/2009	Márcia Aparecida Silva



Ministério das Comunicações

Secretaria de Serviços de Comunicação Eletrônica

Coordenação Geral de Radiodifusão Comunitária - CGRC

Radiodifusão Comunitária - RADCOM

Relação de Entidades Autorizadas

Unidade Federativa: Todas

Ano do Aviso: Todos

Quantidade de processos: 4.601

UF	Município	Processo N°	Aviso	Status	Entidade	Latitude	Longitude	Portaria	Data DOU	Representante
SP	SÃO PAULO	530000060752007	22	LDE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMUNITARIA PRO DESENVOLVIMENTO INFANTIL DE PARELHEIROS	23S4952	46W4422	852	28/10/2009	João Roberto Fernandes
SP	SÃO PAULO	538300010231999	22	LDE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMUNITARIA LIBERTAÇÃO	23S3409	46W2923	830	18/12/2008	IRAI EVANGELISTA DE OLIVEIRA
SP	SÃO PAULO	538300008441999	22	LDE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMUNITARIA STAR SUL	23S3859	46W3939	565	18/08/2009	
SP	SÃO PAULO	530000151792007	22	LDD	ASSOCIAÇÃO CULTURAL RADIO COMUNITARIA TIRADENTES-FM	23S3509	46W2418	844	18/12/2008	Tomé Hítalo Alves Maciel
SP	SÃO PAULO	530000143632007	22	EFL	ASSOCIAÇÃO CASA DA CIDADE	23S3307	46W4134	457	21/05/2010	
SP	SÃO PAULO	538300012442000	22	LDE	ASSOCIAÇÃO DE COMUNICAÇÃO COMUNITARIA ALVORADA DO BAIRRO DE PEDREIRA - SAO PAULO	23S4134	46W4007	862	28/10/2009	Izildinha Carolina de Farias
SP	SÃO PAULO	538300022001998	22	LDE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMUNITARIA DO IMIRIM	23S2946	46W3810	841	18/12/2008	
SP	SÃO PEDRO	538300006421999	4	LDD	ASSOCIAÇÃO COMUNITARIA DE ARTE, CULTURA E INFORMACAO DE SAO PEDRO	22S3250	47W5416	1581	20/08/2002	Clarice Zezza Matarazzo
SP	SÃO PEDRO DO TURVO	538300000462002	19	LDE	ASSOCIAÇÃO COMUNITARIA DE DIFUSAO CULTURAL TRADICIONAL	22S4445	49W4438	756	24/12/2007	Adãozinho Gonçalves
SP	SÃO ROQUE	538300002502000	7	LDE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMUNITARIA EDUCACIONAL	23S3212	47W0752	17	26/01/2006	
SP	SÃO SEBASTIÃO	538300009082002	16	LDE	ASSOCIAÇÃO COMUNITARIA COSTA SUL - ACCS	23S4701	45W3723	220	10/05/2004	JUVENAL MARQUES LUIZ JUNIOR
SP	SÃO SEBASTIÃO DA GRAMA	538300024921998	4	LDE	ASSOCIAÇÃO COMUNITARIA RADIO, JORNAL E TELEVISÃO GRAMENSE	21S4238	46W4812	459	31/08/2001	
SP	SÃO SIMÃO	538300016581998	4	LDE	ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMUNITARIA SIMONENSE	21S2723	47W3303	314	14/07/2000	
SP	SÃO VICENTE	538300020541998	17	LDE	SOCIEDADE CULTURAL E DESPORTIVA VICENTINA	23S5757	46W2245	155	19/04/2007	
SP	TABAPUÁ	538300018621998	4	LDE	ASSOCIAÇÃO COMUNITARIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE TABAPUA	20S5811	49W0158	383	10/08/2000	
SP	TABATINGA	538300019151998	4	LDE	ASSOCIAÇÃO COMUNITARIA, CULTURAL E BENEFICENTE - CENTENARIO	21S4403	48W4115	550	18/09/2001	José Roberto Colombo
SP	TACIBA	538300007311999	5	LDE	ASSOCIAÇÃO A SERVIÇO DA VIDA E DA VERDADE	22S2323	51W1705	575	24/04/2002	Benedito da Silva
SP	TAGUÁI	530000044142006	20	LDE	ASSOCIAÇÃO COMUNITARIA DE COMUNICAÇÃO E CULTURA DE TAGUAI	23S2708	49W2442	619	23/09/2008	